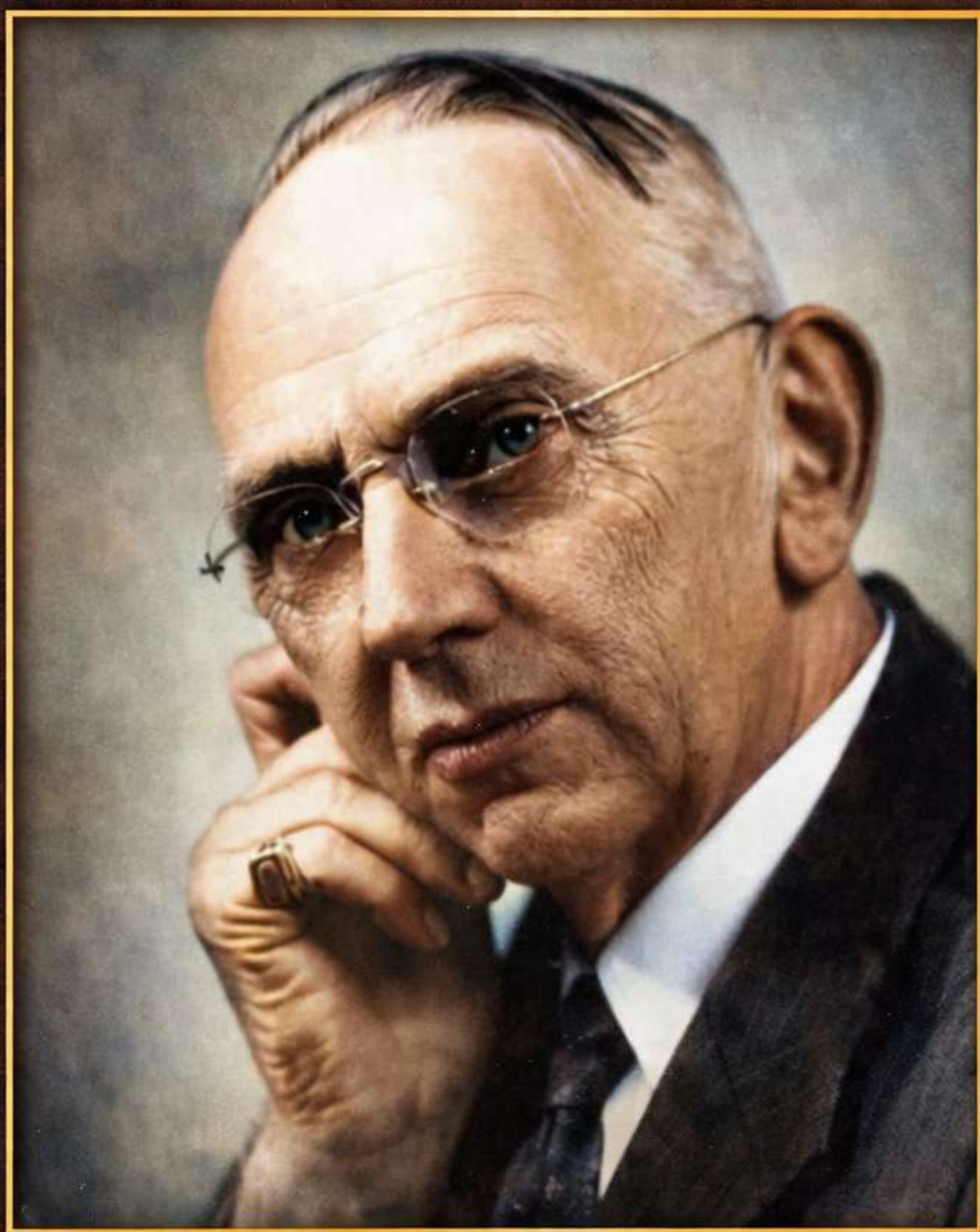


O UNIVERSO DE EDGAR CAYCE II

DOROTHÉE KOEHLIN DE BIZEMONT

Tradução: Amadeu António



Novos métodos de cura:
A oração e a imposição das mãos
O Apocalipse como instrumento terapêutico.
O Carma dos povos de língua francesa.

© Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 1987

Índice

Agradecimentos

Introdução

I

Novos métodos de cura:

a oração e a imposição das mãos

1 A cura dos seres que sofrem

Cayce continuou a transmitir mensagens após a sua morte - Antes que a Terra bascule... - Regresso à «Lei do Um»: a unidade com os animais, as plantas e a Terra, e a unidade entre os homens

2 A explicação racional das curas «psi»

O antepassado dos grupos de cura pela oração - A reencarnação - A «Lei do Um»: Há um só Deus, é Ele quem cura - Devem utilizar-se, para curar, certas fórmulas, e quais? - Antes de qualquer abordagem terapêutica, colocar-se sob uma proteção espiritual - A importância essencial das glândulas endócrinas ou «chakras» - Abrir os chakras para curar - Não abrir a porta a qualquer pessoa - O verdadeiro texto do Pai-Nosso - O salmo do Bom Pastor para «fechar» os centros glandulares - O Pai-Nosso e os sete centros glandulares - Salmo 22 (ou 23) «O Senhor é meu pastor» - Texto hebraico - Meditação e oração - O silêncio - Que método se deve utilizar para curar? - Antes de mais, vencer o medo - A força do grupo - Como decorre um grupo de cura pela oração? - Como escolher um local para o grupo de cura - Da influência dos perfumes na meditação.

3 O Apocalipse como instrumento terapêutico

O Apocalipse é uma lição de medicina - Se está pouco familiarizado com a Bíblia - A grande Babilónia, o Cordeiro e as bestas - As sete Igrejas e as glândulas endócrinas - Pequeno quadro recapitulativo das correspondências entre o Apocalipse e o sistema das glândulas

endócrinas, segundo Cayce - A correspondência entre o Zodíaco, os planetas e as glândulas endócrinas (ou chakras) no Apocalipse - A cada chakra — ou glândula endócrina — a sua cor específica - A correspondência dos versículos do Pai-Nosso com as glândulas endócrinas ou chakras.

II

O Carma da França

1 Edgar Cayce e as encarnações francesas

2 Os Atlantes nos Pirenéus

Os Pirenéus - Os Refugiados de Poséidia - A Air France já existia... - Os nomes de lugares e de pessoas nunca foram dados «por acaso» - Como perdemos a oportunidade de ter pirâmides...

3 Os nossos antepassados, os Gauleses

A fundação de Lutécia - Sempre os invasores: Cartagineses e Romanos - Ainda os invasores: o Baixo Império e as grandes invasões - E de onde vêm os Celtas — e os nossos Gauleses?

4 As Cruzadas

O enquadramento histórico - A verdadeira causa das Cruzadas - O regresso de um grupo «psi» - O «Djihad» dos cristãos - Mil e uma razões para partir em cruzada... - O reverso da cruzada - O ponto de vista dos vencidos - O regresso do guerreiro - As que foram esquecidas... - E os Cátaros? - Tancredo de Hauteville, a tomada de Jerusalém e Luís XVII... - O caso do cruzado feminista (e pacifista!) - O Carma da Segunda Cruzada.

5 Joana d'Arc

Uma donzela que vem de longe... - As companheiras de Joana d'Arc

6 Francisco I e o Renascimento

Francisco I, banqueiro indiano

7 «No tempo dos Luís»

Richelieu e Luís XIII - O exílio de Carlos II em França - Cayce como neto dos reis de França e de Inglaterra, nada menos! - Edgar Cayce como pequeno negro real? - Um drama sob a Regência? - Luísa de La Vallière entre Fouquet e Luís XIV em Virginia Beach... - A vida no tempo de Luís

XIV - O Bem-Amado em pessoa... - À volta de Luís XV - O paraíso das artes e das letras.

8 Luís XVI, Maria Antonieta e a Revolução

A faraona Maria Antonieta - O rei de Roma era Luís XVI! - Uma boa notícia: Luís XVII conseguiu realmente fugir do Templo... - O carcereiro de Luís XVII - O mistério de Madame Royale - O encontro falhado de Varennes - O bom anjo de Luís XVI na prisão: Madame Élisabeth - Mirabeau-Tonnerre - O círculo de Luís XVI e de Maria Antonieta - A cada um a sua verdade - O Inca Marat.

Agradecimentos

Este Tomo II não teria podido ver a luz do dia sem a colaboração de um grupo de amigos que foram especialmente colocados no meu caminho para me ajudarem. Foram conduzidos até mim por Edgar Cayce e pelo meu pai Philippe Kœchlin-Schwartz.

Estou intimamente convencida da presença espiritual «invisível», mas tão atuante, dessas duas «entidades». Em tudo o que pude dizer publicamente ou escrever, fui encorajada e inspirada por eles.

Por exemplo, quando fui dar uma conferência a Aix-les-Bains sobre Cayce, não me sentia bem antes de começar. Uma amiga médium tranquilizou-me: «Tudo correrá bem. Dir-te-ão o que deves dizer.»

Efetivamente, durante toda a conferência, ouvi uma voz que me soprava, ideia após ideia, frase após frase, aquilo que devia dizer. Eis o que uma ouvinte — que eu não conhecia — me escreveu depois:

«O que não ousei confessar-lhe foi que, atrás de si, havia uma espécie, como dizer?, de ser de luz.» Era uma forma regular, desenhando uma cabeça e um corpo, com a mesma luminosidade que a sua aura, mas diferente. Essa forma era mais imprecisa do que seria a silhueta do seu corpo. Vi aquilo durante algum tempo, depois nada mais! Depois, tudo me pareceu escuro. Essa “luz” estava a mais de cinquenta centímetros atrás de si; depois afastou-se e desapareceu na parede. Não tenho qualquer dom particular de clarividência, sabe, e não sei que importância atribuir a isto.» E a leitora insistia no facto de essa silhueta luminosa ser distinta da aura, que via muito bem (aliás, as auras estão perto do corpo, é fácil vê-las).

Esta carta encheu-me de alegria. Confirmava que não trabalhamos sozinhos, mas sempre auxiliados por assistências invisíveis quando desejamos avançar num caminho de progresso. Nada teria feito de bom sem o apoio constante destes dois supostos «mortos» — bem vivos, na verdade, e até por vezes visíveis. A eles vai, antes de mais, a minha profunda gratidão.

Agora quero agradecer aos amigos «vivos» que partilham o meu trabalho quotidiano. Antes de mais, a tripulação do Navio Argo, que reúne num ambiente de grande amizade os amigos francófonos de Edgar Cayce. Devo também muito a Ludovica Grisi Délia Piè, a Eglé de Beauregard, a Arielle Fonrojet, a Nadine Kobylko e a Dominique Bruneau, que colocaram tanto entusiasmo e dedicação na sua tarefa por vezes ingrata de secretárias e colaboradoras. Um enorme obrigada a Luisa Bass, que dactilografou o manuscrito — trabalho quão fastidioso!

Obrigada às minhas duas primas, Madeleine Fabre-Kœchlin e Julia de Comminges, cuja vasta cultura, generosidade e grande experiência de vida tantas vezes me ajudaram neste trabalho que é uma verdadeira aventura (como a expedição dos «Argonautas», no célebre mito grego!).

Obrigada às minhas assessoras de imprensa Patricia Bornic e Denise Fouin, que acreditaram, contra ventos e marés, no sucesso de Edgar Cayce.

A Louis Viel, antigo piloto de linha aérea que não receou tornar-se geobiólogo, para curar casas doentes, com a sua mulher Pomme.

Obrigada ainda a Joël e Anne Kerros, que se deram ao trabalho de me trazer de Virginia Beach caixas de documentos para me permitir continuar a escrever sobre Cayce, e à sua filha Odile Rullier-Kerros.

Desejo também agradecer à ordem rosacruz A.M.O.R.C., cuja visão do mundo coincide plenamente com a de Cayce — visão oriunda da sabedoria egípcia antiga. As conferências que aí proferi (199 bis, rue Saint-Martin, 75003 Paris) permanecem na minha memória marcadas por um ambiente de amizade absolutamente excepcional.

Muitos outros me ofereceram a sua simpatia e amizade; lamento não poder citá-los a todos e a todas!

Introdução

Há vários meses que ouço interiormente a voz de Cayce a pedir-me que traduza mais textos seus.

São necessários, diz-me ele, e tens de retomar isso agora. Eu resmungo, procuro todas as ocasiões para fugir da minha mesa de trabalho; arranjo coisas bem mais urgentes para fazer noutro lado. É que não se trata de uma tradução comum.

Claro que sou capaz de traduzir do inglês de forma normal, sendo bilingue desde a infância. Mas tive, entretanto, a experiência de uma tradução «ditada» diretamente em francês por uma voz do outro mundo, a do autor falecido.

Experiência extraordinária, que é uma forma de transe mediúnico. Isso aconteceu-me, primeiro, com essa autora excecional que foi Gina Cerminara.

Tinha-a conhecido — em carne e osso — em Virginia Beach. Entregara-me o manuscrito de *Many Lives, Many Loves*, que dava continuidade ao excelente *Muitas Mansões* [1]. Aceitei traduzi-lo para francês e regressei a Paris. Durante o verão, soube que ela acabara de morrer. Ora, facto estranho, a partir desse dia a minha tradução começou a avançar a toda a velocidade. Escapava-me apesar de mim. Sentava-me diante da minha máquina de escrever e ouvia a voz clara de Gina a ditar-me frases em francês, numa língua impecável e sem anglicismos. Em vida, Gina era uma mulher culta que tinha noções de francês. Mas ali era mais do que «noções»: era uma verdadeira tradução profissional, uma maravilha de elegância e precisão. Quando relia a página dactilografada, dizia para comigo: «Não é possível, não fui eu que escrevi isto... Não sou capaz de fazer tão bem e tão depressa.» Sim, era «ela». Mas Gina não era uma pessoa qualquer: era uma grande amiga de Edgar Cayce.

Consegui terminar a tradução num tempo recorde: pouco mais de um mês. Foi publicada pela Adyar com o título: *De nombreuses vies, de nombreuses amours*.

Depois, nos meses seguintes, regressei a Virginia Beach para traduzir outros textos, desta vez de Cayce. E aí o fenómeno recomeçou: uma voz ditava-me o que devia escrever.

Tinha contado em *A Astrologia Cármica* [2] como escrevera esse livro em colaboração com um «morto», o meu pai. Desta vez, era outra voz masculina, com um timbre diferente: a de Edgar Cayce. Escusado será dizer que uma tradução «ditada» de forma mediúnica é mais rápida do que uma tradução comum. É melhor, muito mais fiel ao pensamento do autor e em bom francês! (Felizmente, porque os textos de Cayce desesperam os especialistas pelo seu estilo filiforme... Querido Edgar, obrigada!)

«E como sabe que foi ele quem lhe falou?», perguntam os céticos.

Qualquer médium profissional responder-lhe-á que reconhece a voz de uma entidade que lhe fala ao ouvido interior. É o meu caso, e distingo muito bem essas vozes; caso contrário, não teria exercido a profissão (arriscada) de «vidente», mais precisamente de «clariaudiente» — como diz Allan Kardec para designar os *channels*, que «ouvem» ao mesmo tempo que «veem». (Cf. o excelente livro de Érik Pigani, *Channels, les médiums du Nouvel Age*[3], que ajudará o leitor a compreender melhor estes fenómenos.)

Channel é o termo inglês usado por Edgar Cayce para designar o vidente. Significando «canal» (no mesmo sentido do latim *medium*: meio), descreve bem o fenómeno em que o vidente é utilizado como instrumento de transmissão, como via de comunicação. O Homem é visto como um «canal» entre as Forças Cósmicas e a Terra: as energias circulam de cima para baixo e de baixo para cima ao longo do seu eixo, constituído pelo escalonamento vertical das glândulas endócrinas. É o que veremos neste livro.

I
**NOVOS MÉTODOS DE CURA:
A ORAÇÃO E A IMPOSIÇÃO DAS MÃOS**

1
A cura dos seres que sofrem

Cayce continuou a transmitir mensagens após a sua morte

Disse-se que Cayce se calara para sempre. Que os médiuns que afirmavam «sintonizar-se» com ele eram charlatães, etc.

Ora, eu conheço em Paris quatro médiuns sérios — e reputados — que, na minha presença, captaram a voz de Cayce. Sendo eu própria médium profissional, não tenho qualquer dúvida quanto à autenticidade das mensagens «em direto» que também eu ouvi «interiormente», alguns segundos antes de o médium, em transe, as exprimir em voz alta.

Uma dessas mensagens dizia: A minha obra é a cura dos seres que sofrem. Devemos trabalhar nisso todos juntos. O tempo urge agora, não temos muito tempo, trabalhem todos juntos comigo. Eu sou Edgar Cayce.

Antes que a Terra bascule...

Porque é que Cayce, na sua mensagem, diz que o tempo urge? Que não temos muito tempo para trabalhar? Provavelmente foi-nos concedida uma trégua antes de um período de grandes mudanças. O próprio Cayce fala da Nova Ordem das coisas que vai chegar (ver Tomo I e *As Profecias de Edgar Cayce*, nas Edições do Rocher e na J'ai lu), com uma nova Terra. Há também todas essas aparições marianas, cujas mensagens repetitivas suplicam aos homens que se melhorem «antes que seja demasiado tarde». E, nas fantásticas mensagens recebidas em Findhorn por David Spangler, diz-se que estamos a chegar ao fim de um ciclo; que o mundo «novo», sintonizado com as energias de amor e de luz do Cristo Cósmico, se vai separar pouco a pouco do mundo «antigo».

Este é caracterizado por «elementos vibratórios de conflito e de caos, de negação e de falta de responsabilidade». Será abandonado a essas energias destrutivas que ele próprio segregou. «Nenhum homem é impedido de juntar-se ao novo Céu e à nova Terra, mas virá um tempo em que, tendo o fosso ficado demasiado largo, a mudança será irrevogável. E aqueles que não tiverem dado o salto, a junção, ver-se-ão repelidos [4].»

A mensagem diz que eles não estarão «perdidos», mas que a sua libertação será adiada para muito mais tarde e, portanto, atravessarão ainda muitos sofrimentos que poderiam ter poupado. Segundo as revelações recebidas por David Spangler — que vão no mesmo sentido que Cayce — esta evolução vai fazer-se muito depressa. E aqueles que já estão sintonizados com o Amor infinito e a Verdade, e portanto, já pertencem ao Cristo dos tempos que hão de vir, Cristo Cósmico ou Cristo de Aquário, esses desejam partilhar essa alegria e essa luz com o maior número de pessoas.

Ao curar os seres que sofrem, como diz Cayce, os liberta-se do medo, da angústia, das trevas, e os encaminha-se para essa libertação muito mais rapidamente. Numerosas profecias anunciam o grande abalo geológico que será provocado pela inclinação do eixo dos polos, de que fala Cayce, *the shifting of the poles*. Ele dá várias vezes uma data-chave: 1998. Menciona erupções vulcânicas, maremotos, terremotos, o afundamento de regiões inteiras que acompanham esse acontecimento [apresentei as leituras importantes sobre isto no Tomo I de *O Universo de Edgar Cayce* (Ed. J'ai lu, n.º 2786) e em *As Profecias de Edgar Cayce* (Ed. J'ai lu, n.º 2978)].

Vários videntes trazem informações complementares, dizendo que a inclinação do eixo dos polos trará tempestades com ventos de uma violência inaudita, que varrerão tudo à sua passagem (salvo os que se tiverem refugiado em cavernas e vales). Muitos seres vivos, homens e animais, morrerão congelados pela mudança súbita de clima! Cayce fala muito disso e, aliás, o fenómeno já ocorreu. Os *bonebeds*, constituídos por milhares de animais congelados vivos na Sibéria e no Canadá, terão sido certamente provocados por uma mudança brusca de clima. Chegou-se mesmo a encontrar no esófago e no estômago de renas, mamutes e outras vítimas ervas ainda reconhecíveis que estavam a comer e que nem sequer tiveram tempo de digerir, coitados!...

Também nós, na Europa, temos muitas profecias sobre os famosos «Grandes Acontecimentos» vindouros, incluindo os três dias de trevas (durante os quais o «Grande Monarca» reunirá as Suas tropas), as grandes trovoadas, o despertar dos vulcões da Auvérnia, as grandes epidemias, a fome [5], etc.

Aliás, Cayce diz claramente: Quem tiver possibilidade de comprar uma quinta no campo, é uma sorte, compre-a [...], se não quiser sofrer de fome nos tempos que vêm aí. (Leitura 3620, 27 de janeiro de 1944.)

As profecias que temos em França acrescentam, em geral, a todas estas calamidades naturais, a Terceira Guerra Mundial, a invasão russa na Europa Ocidental, a crise económica geral e a poluição total... Em suma, um período-charneira, um período de violentas convulsões. Cayce, por seu lado, pensa que, graças à oração, as guerras — a Terceira Guerra Mundial [6] — são evitáveis. Em contrapartida, o desprezo pela Natureza foi tão longe, a Terra sofre tanto, que a inclinação do eixo dos polos lhe parece inevitável; seria um processo de autolimpeza da própria Terra para se regenerar, para se purificar das poluições impostas pelo Homem.

De acordo com Cayce, o conjunto dos videntes situa o ponto de viragem por volta de 1998. A Terra aproximar-se-ia pouco a pouco, na sua evolução, do «ponto central» do Universo, isto é, do «lugar» onde reside Deus. À espera da vinda do Cristo de Aquário, as vibrações da Terra estão a mudar, para entrarem em uníssono com essas Forças Cósmicas. Devemos trabalhar para nos sintonizarmos (*tune in*, diz Cayce) com essas vibrações elevadas. Isso faz-se pela oração e pela meditação, e pelo desejo real de colaborar com as Leis Cósmicas, isto é, divinas — leis que trabalham no sentido da paz, da harmonia, do amor.

Todos os que, por volta de 1998, tiverem recusado essa evolução, esse trabalho sobre si mesmos, e que estiverem agarrados a vibrações negativas, serão eliminados. Já não terão lugar nesta nova Terra e serão vítimas quer das guerras, quer das calamidades naturais. E, dizem vários videntes, como então haverá poucos homens na Terra, as almas atrasadas terão poucas possibilidades de reencarnar; terão de esperar muito mais tempo por essa ocasião de se aperfeiçoarem...

Germana Grosso, em Itália, acrescenta que os «bons extraterrestres» que nos visitam o fazem para tomar medidas a fim de salvar uma parte dos seres vivos ameaçados por esses cataclismos. Falou-se sobretudo dos extraterrestres «simpáticos», silenciando pudicamente a existência dos «outros». Germana Grosso, ela, corajosamente, ousa falar dos extraterrestres negativos em termos bastante terríveis (Germana Grosso e Ugo Sartorio, *I nostri amici extra-terrestri*, Casa Editrice M.E.B., Torino, Itália) [7]. Em suma, estamos numa fase aguda da luta milenar entre as forças do Bem e as do Mal. Não é altura de adormecer!

Tudo o que pudermos fazer para ajudar os homens a curarem-se física e mentalmente ajudá-los-á a evitar a guerra e a proteger-se dos cataclismos. Os

que tiverem evoluído espiritualmente serão finalmente libertos da obrigação de reencarnar e avançarão gloriosamente para o seu destino de homem-deus, de que fala Cayce. *Godly Man*, o homem divino, diz ele:

Pois sois deuses em fabricação. (Leitura 262-67 e 699-1.)

Pois, disse o Mestre, sois deuses. (Leitura 262-6-1.)

A alma de cada entidade é um corpúsculo no Corpo de Deus. (Leitura 5367-1.)

Sabe que, no teu foro interior, és uma entidade individual, que contém interiormente todo um universo, com potencialmente todos os poderes e todas as faculdades da Divindade (bem como potências infernais!). (Leitura 5332-1.)

A alma de cada indivíduo é uma porção do Todo, com, por direito divino, dado pelas Forças Criadoras desde o nascimento, o poder de se tornar cocriadora com o Pai, de trabalhar com Ele. À medida que esse direito de nascimento se manifesta, o ser avança no seu crescimento. Mas, se permanecer egoísta, daí resultam atrasos nesse crescimento. (Leitura 1549-1.)

Por outras palavras, o lento processo de regresso do Homem ao seu estado divino acelera-se nestes tempos! Eis por que Cayce disse que o tempo urge.

Ao reler estas páginas que eu tinha escrito em 1986, devo acrescentar algumas revelações recentes feitas *post mortem* por Edgar Cayce. Ele tinha dito, em várias das suas leituras, que se tinha reencarnado muito frequentemente na mesma época que o Cristo Cósmico (ver Tomo I). Contava certas encarnações crísticas de civilizações passadas — mencionando a presença dele, «a entidade Cayce», no séquito do Cristo. Para o fim deste século, anunciou tantas vezes o Regresso do Cristo Cósmico (em que os americanos sintonizados acreditam piamente, chamando-lhe *The Second Coming*) que é legítimo supor que ele, Cayce, tenciona também voltar. E, por mais estranho que isso possa parecer, é esse o sentido das mensagens captadas pelos médiuns da minha equipa do Navire Argo.

Pessoalmente, hoje oiço cada vez mais raramente a voz de Cayce e tenho a percepção de que ele se está a preparar para uma nova encarnação (nesse caso, já não se pode contactá-lo diretamente). Estou convencida de que ele vai regressar em breve ao plano terrestre (escrevo em 1992). É certo que há trabalho a fazer para gente corajosa...

Regresso à «Lei de Um» (*Deus Uno*): a unidade com os animais, as plantas, a Terra, e a unidade entre os homens

Cayce não nos disse: a cura das pessoas que sofrem, mas dos seres que sofrem. Sendo a palavra muito mais ampla, inclui todos os seres vivos. Assim, todos os que se empenham em aliviar o sofrimento animal realizam uma obra de libertação urgente e necessária, como tão bem diz Jean Prieur no seu livro *A Alma dos Animais*[8].

Por fim, Cayce, pela voz do médium, repetiu várias vezes a palavra *juntos*, trabalhemos juntos. Ora, precisamente, este é o ponto difícil: não nos dividirmos por causa das nossas divergências de sensibilidade. A Lei de Um: integrar sempre as diferenças numa visão comum positiva, que as harmonize. Cayce teve de enfrentar este problema, a que nenhum agrupamento humano escapa, mesmo os cuja razão de ser é um caminho espiritual: a tentação de se dividir.

«A cura dos que sofrem» — foi, de facto, a isso que Cayce se dedicou durante toda a vida, mas com que dificuldades para reunir um pequeno grupo de amigos em torno desse trabalho!

Foi assim que mandou construir o seu hospital em Virginia Beach, destinado a tratar os doentes segundo os tratamentos específicos (e heréticos!) indicados por esses extraordinários diagnósticos médicos que dava quando estava adormecido (as famosas «leituras»).

O hospital teve de fechar portas por causa de desacordos com o financiador, que retirou os seus capitais.

Contudo, uma outra criação de Cayce estava destinada a ter maior alcance: os grupos de cura pela oração.

Se, segundo Cayce, todos os males da humanidade provêm do medo (leitura 1439-31), existe um remédio soberano contra todas as formas de angústia: a oração.

Quando chegares ao ponto de começares a preocupar-te... pára e reza! Pois por que razão haverias de te inquietar, se podes rezar? Pois não se troça de Deus. Ele lembra-se de ti na [medida da] tua sinceridade e vê o teu objetivo. (Leitura 2823-3.)

Lembra-te deste aviso: é inútil angustiastes-te enquanto fores capaz de rezar. No dia em que já não conseguires rezar, aí, poderás começar a

preocupar-te. Porque, aí, terás realmente uma boa razão para te inquietares... (Leitura 3569-1.)

A oração é, pois, o único meio de voltar a coordenar o corpo, a alma e o espírito, de reconstituir a sua unidade interior — o que traz de novo a saúde.

Como dizia também o Dr. Edward Bach: «A causa fundamental da doença é a falta de harmonia entre a personalidade e a alma. Devemos ter consciência da Divindade em nós e, por conseguinte, do nosso poder sobre o mal. O medo não tem lugar no Homem, pois a Divindade em nós, que somos nós mesmos, é invencível e imortal.»

O Dr. Bach, que morreu incompreendido em Inglaterra, estava muito próximo de Edgar Cayce no seu pensamento (com uma finura europeia a mais!). Ver a revista *Les Amis du Dr Bach*, 7, route de Fournes, Escobecques 59320 Haubourdin, consagrada a esta forma espiritual de medicina: a cura pelas macerações florais.

2

A explicação racional das curas «psi»

A maioria dos grupos de cura pela oração que existem hoje na América e na Europa deve a sua origem ao grupo fundado, há mais de sessenta anos, por Edgar Cayce. Mesmo que a maior parte das pessoas o ignore — incluindo nesses grupos! —, os que, entre nós, se intitulam «carismáticos» encontraram a sua inspiração no Canadá, onde a influência de Cayce é forte. Os que praticam (muitas vezes com bons resultados) aquilo a que chamam «harmonização» ignoram geralmente a filiação da sua doutrina, que remonta a Edgar Cayce, através dos contactos América-Europa. Não se imagina até que ponto Cayce foi plagiado, pilhado, roubado!

Já tinha falado disso no Tomo I de *O Universo de Edgar Cayce*. Mas é um aspeto tão importante da sua obra que é necessário voltar a ele. Recebo todos os dias cartas de leitores que manifestam um vivo interesse por esta forma de terapia a que se chama *healing* em americano. Muitos, em França, na Suíça, na Bélgica, no Canadá, dizem-me estar apaixonados por este aspeto do ensinamento de Edgar Cayce. Têm a maturidade espiritual que lhes permite compreender de imediato do que se trata. Quando vêm aos meus

grupos, progridem muito depressa, e os resultados que obtêm em poucas sessões são surpreendentes.

Cayce não inventou as técnicas do *healing*, que existiam antes dele: renovou-as numa época em que quase tinham desaparecido. Algumas raras igrejas protestantes e certos rosacrucianos praticavam-nas, mas, enfim, não era tão difundido como hoje. Claro que, nos primeiros séculos do cristianismo, essénios, druidas, adeptos dos Mistérios persas e egípcios impunham frequentemente as mãos enquanto rezavam. A prática perdeu-se, e os iniciados mantiveram-na (como os cátaros, tal como conta o Dr. Arthur Guirdham [9]).

Sempre me perguntei por que razão os padres não curavam impondo as mãos, já que Cristo e os Seus discípulos o faziam. Imitam muito mal o seu modelo ao não trabalharem também para curar os corpos doentes!

Cayce não só deu um método e técnicas, como ainda fez uma análise racional, que explica o mecanismo do que se chama curas «psi».

O antepassado dos grupos de cura pela oração

Em outubro de 1931, Edgar Cayce teve um sonho em que via sete pessoas designadas para formar um grupo especial de estudos sobre a cura pela oração e pela meditação.

Este pequeno grupo recebeu de Edgar Cayce sessenta e duas «leituras» (vidências mediúnicas), com instruções especiais sobre a forma de proceder. A primeira leitura foi dada em 5 de outubro de 1931, e a última em 14 de maio de 1944. Vinte e quatro delas, excepcionais, interpretavam o *Apocalipse* como um ensinamento sobre as glândulas endócrinas. Estas leituras, especialmente dadas para o grupo, eram constituídas por perguntas e respostas que explicavam como se pode usar a oração para curar: sempre que surgia um problema, Gertrude Cayce interrogava Edgar adormecido. Assim, pouco a pouco, ao longo dos meses e depois dos anos, graças às indicações fornecidas, o método foi-se apurando.

O grupo de cura pela oração sobreviveu a Cayce. Continua ainda hoje na Fundação Cayce, em Virginia Beach. O número de pessoas presentes varia de sessão para sessão: de quinze a trinta, quarenta por vezes. A qualidade do silêncio, a intensidade da oração pareceram-me notáveis. Beneficiei ali, várias vezes, de uma melhoria súbita da saúde: recordo-me em particular de uma

imposição de mãos que cortou de imediato uma febre gripal forte de que eu sofria há dois dias!

A oração e a meditação pareceram-me mais fáceis, sustentadas pelas vibrações intensas do grupo.

No entanto, dentro dos edifícios, a poluição elétrica criada pelo ar condicionado (considerado nos Estados Unidos como o *nec plus ultra* da arte de viver, infelizmente!) produz uma tensão e um cansaço nocivos à oração. É um fator importante de agressividade e de doença em todo o lado nos Estados Unidos (e seremos nós assim tão idiotas para os imitar!). Apesar desse fator negativo, este grupo de Virginia Beach obtém muitas vezes bons resultados.

Não existem atualmente testemunhos médicos sobre as inúmeras curas obtidas por este grupo, porque não se fizeram estatísticas. Contudo, conservaram-se muitas cartas de testemunho, atestando a alegria dos doentes curados. A extrema discricção é regra, para evitar quaisquer consequências desagradáveis. Adotámos a mesma discricção perante as curas que constatámos entre nós, nos nossos grupos em França [10].

O método de Cayce assenta em alguns princípios essenciais, que lhe eram caros: a reencarnação, a «Lei de Um», a importância dos chakras, que Cayce situa nas glândulas endócrinas maiores, a terapia pela voz, etc. Vejamos estes princípios, um a um.

A reencarnação

Na visão cayciana, o trabalho do grupo de cura apoia-se na ideia de reencarnação. É inútil participar nele se se recusa esta ideia. A primeira instrução dada por Cayce ao pequeno grupo que formara esclarece esta noção: na leitura 281-1, Cayce declarou que as sete pessoas desse grupo tinham sido levadas a reencontrar-se para cumprir um trabalho cármico. Algumas tinham o dever de aprender a curar para se libertarem de um Carma antigo. Tinham adquirido em vidas anteriores o dom de curar e, outrora, tinham trabalhado juntas desse modo. Outras tinham anteriormente sido curadas assim. E quase todas já tinham conhecido Cayce noutra encarnação.

Cayce dizia, nessa leitura, que, quando um indivíduo obedece a uma lei espiritual de que toma consciência, é conduzido, como «por acaso», às circunstâncias de que necessita. É pouco a pouco levado a encontrar as pessoas de que precisa para o seu desenvolvimento espiritual.

A reencarnação de grupo é um fenómeno que atua constantemente nos encontros humanos. As almas que trabalharam juntas outrora são levadas a reencarnar juntas para retomar o mesmo trabalho, e isso é especialmente verdadeiro quando se trata de um trabalho de serviço e de cura (física ou espiritual). Uma parte da eficácia do grupo vem certamente do facto de os seus membros se conhecerem há séculos...

Por outro lado, a reencarnação vista por Edgar Cayce implica também a reencarnação do Cristo Cósmico: Entidade Crística, ou Consciência Crística. Esta Entidade, diz Cayce, já se terá encarnado cerca de trinta vezes na Terra (ver sobre esta questão o capítulo III do Tomo I).

Ora, segundo Edgar Cayce, em cada uma das Suas vidas, o Cristo Cósmico encarnado teria sido o fundador (ou reformador) de uma religião. Todas as grandes religiões da História teriam sido fundadas por Ele numa ou noutra das Suas encarnações.

As religiões não são, portanto, senão adaptações locais e temporárias da «Lei de Um», religião do Deus Único, que teria sido a da Atlântida e do Egito antigo. Esta «Lei de Um» voltará a ser a única religião na era de Aquário.

Cayce, levantando-se energicamente contra todo o espírito de campanário, todo o particularismo religioso, considera que o judaísmo, o islão, o cristianismo, o zoroastrismo, as grandes religiões antigas, o druidismo, o budismo, o hinduísmo, etc., foram todos ensinados pelo Cristo Cósmico numa das Suas reencarnações. É, pois, a Ele, a essa Consciência Crística, que nos dirigimos para curar.

A «Lei de Um»: há um só Deus — é Ele que cura

Os cristãos conhecem, em geral, apenas a Sua última encarnação enquanto Jesus Cristo. Mas terão eles o direito de impor àqueles que O conhecem através dos Seus ensinamentos noutras religiões?

Pois, diz Cayce, há uma única lei sobre a qual se constroem todas as grandes religiões do mundo, e é esta: Deus é único. Ele é Um. Amar-Lo-ás com todas as tuas forças e com toda a tua alma, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Leitura 364-9.)

Cayce chama a esta lei universal a Lei de Um. Diz que a base do ensinamento da Lei de Um — e é isso que acreditam todos os verdadeiros

crentes sinceros — é o contacto pessoal com esse Deus único. Ora, é esse contacto que permite curar, seja qual for a religião ou a técnica utilizada.

Para não fechar o seu ensinamento aos não cristãos, Cayce usa outras palavras além de Deus para dizer «Deus». Diz: a(s) Força(s) Criadora(s), as Forças Cósmicas, as Energias Universais, ou Cósmicas, a Alma-Consciência Universal, o Criador, etc. Para designar a Entidade Crística, diz: a Consciência Crística (*the Christ Consciousness*), que tem a seu cargo o Carma da Terra.

Daí esta oração que Cayce recomenda dizer antes de operar qualquer cura em si mesmo ou em outrem:

Que se eleve em mim esta Consciência Crística que traz ao meu corpo, ao meu espírito, à minha alma, tudo o que lhes é necessário para satisfazer cada uma das suas necessidades. (Leitura 281-7.)

Um budista, um muçulmano, um judeu são, pois, tão capazes como um cristão de se «sintonizar» com as Forças Criadoras que são Deus. Cada um lhes chama por outro nome na sua língua e na sua religião, mas é a mesma realidade cósmica. É por isso que a cura pela oração sempre foi obtida por crentes sinceros de todas as religiões que existiram e que ainda existem.

A única condição exigida ao crente é a retidão do coração e o desejo sincero de amar («Paz a todo o homem de boa vontade»). Todo o homem de fé, honesto e desejoso de servir, é portanto capaz de trazer a cura. É o que se constata um pouco por todo o mundo, onde curandeiros locais obtêm resultados notáveis — sejam filipinos, indianos... ou gauleses!

Nas religiões em que não se chama «Cristo» ao Cristo, os crentes têm conhecimento de um grande mediador unido ao Pai universal, vindo trazer as Leis divinas à Terra. O grande mediador, diz Cayce, é justamente esse Cristo Cósmico de que falámos acima. A sua obra foi ajudar os homens a sintonizarem-se melhor com a Energia de Deus: é essa a utilidade primeira de qualquer fundador de religião!

Trata-se, pois, de sintonizar os nossos três corpos (físico, mental e espiritual), isto é, corpo, espírito e alma, com essa Energia Criadora que é a própria Vida, diz Cayce. (Leitura 282-7.)

Quando Cayce usa maiúscula é porque fala ou de Deus ou do Cristo Jesus, última encarnação do Cristo Cósmico. Jesus, diz ele, só se tornou Cristo ao pôr-se no mesmo comprimento de onda do Pai. Pois foi apenas enquanto

Jesus Cristo — a Sua última encarnação — que liquidou totalmente o Carma que tinha criado enquanto Adão (com Eva, a Sua alma gêmea, reencarnada em Maria). Sei bem que é uma noção difícil de admitir para o crente formado no pensamento católico do século XIX. Mas é preciso saber que Cayce não inventou esta teoria das múltiplas encarnações do Cristo. Se alguém se desse ao trabalho de reler sem preconceitos certos Padres da Igreja muito antigos, teria surpresas...

Devemos, pois, à imagem do Cristo, reencontrar a nossa divindade perdida e, portanto, reencontrar os poderes divinos. Estes são a perfeita Conhecimento e o perfeito Amor que nos devolverão o perfeito equilíbrio dos nossos três corpos — por outras palavras, aquilo a que chamamos «saúde»:

Trata-se de entrar em uníssono com o Pai, pois, enquanto a Lei é Amor, o Amor é a Lei. Ora, o *healing* está em contradição com muitas leis feitas pelo Homem — leis humanas que estão também em contradição com as leis do Universo —, e a última reconquista será a própria Morte. Ela será vencida como Ele a venceu. Daí a ordem dada a Pedro para dizer: «Em Seu Nome, isso será feito; em Seu Nome, eu te dou o que desejas.» Pois Ele é a Lei, Ele é o Destino, Ele é o Amor.

Eis porque a Consciência da Sua presença deve estar na base de toda a cura. (Leitura 281-3.)

Aprendam a sintonizar-se com estas Energias que foram feitas por Ele, de modo que a cura vá buscar a sua força à Sua Energia. [...] Os princípios de base, as causas primeiras, são que toda a Vida está n'Ele e que o indivíduo não faz senão ajudar aquele que procura tomar consciência disso no seu íntimo; porque o Reino [com os seus atributos] está dentro de nós mesmos.

À medida que rezamos e meditamos n'Ele, isso desperta no outro a consciência de que a cura pode vir. Pois, para que a cura se realize noutra pessoa, é preciso fazer subir, a partir do interior de nós mesmos, e deixar escoar para o exterior a «Virtude» [no sentido latino da palavra: força, energia], a qual é Conhecimento e Inteligência. (Leitura 281-10.)

Deve-se usar, para curar, certas fórmulas — e quais?

Por conseguinte, os participantes do grupo de cura pela oração fundado por Cayce rezam segundo a religião que conhecem e compreendem. Não há que «converter» seja quem for. Eis porque utilizamos relativamente poucas

fórmulas cristãs: apenas o Pai-Nosso (oração egípcia muito mais antiga do que o judaico-cristianismo) e o salmo do Bom Pastor.

O «Aum» indiano é dado por Cayce sob a sua forma egípcia antiga «A-r-e-i-o-um» («e» lê-se «i» em inglês): *Faz subir em ti mesmo esta encantação Ar-ar-r-r-r-e-e-o-o-m-m-m e assim te aproximarás da presença do teu Criador.* (Leitura 282-28.)

O «Aum» indiano é o equivalente do *Amen* hebraico e do «Awenn» gaulês. Analisei longamente outras leituras de Cayce sobre este *mantra* no Tomo I e sobretudo em *Edgar Cayce, curar pela música*[11]. O seu impacto é extremamente forte e de uma grande potência terapêutica.

UMA PERGUNTA: QUER DIZER, SENHOR CAYCE, QUE TODOS NÓS, NESTE GRUPO, DEVERÍAMOS DIZER AS MESMAS ORAÇÕES, E DA MESMA FORMA?

Resposta de Cayce:

Cada um tem a sua forma pessoal, mas o essencial é estarmos unidos no mesmo objetivo, no mesmo desejo de estarmos unidos de coração.

Pois, como já dissemos, cada um tem necessidades diferentes: para uns, é a música das esferas[12] que lhes é necessária; para outros, é a beleza do pôr do sol; outros precisam de contemplar a água, etc.; contudo, todos reconhecem o poder do Cristo [Cósmico] a agir nas energias da Natureza, da Vida, na própria matéria. (Leitura 281-8.)

Eis porque Cayce dá uma escolha de orações que são dele e não pertencem a nenhuma religião precisa, embora a ideia seja expressa em todas as religiões.

Antes de qualquer démarche terapêutica, colocar-se sob uma proteção espiritual

Tratar do mal de outrem não é isento de perigo, sobretudo quando se toca o corpo do outro ao colocar-se no seu diapasão vibratório. Pode haver uma transferência da doença que se instala no curador. Por isso Cayce considera essencial colocar-se nominalmente sob uma proteção espiritual.

Os curadores conhecem todos este fenómeno que consiste em sentir em si mesmos a dor do doente que vem pedir para ser curado. Os médicos, os psicólogos, os médiuns, todos os que têm por ofício aliviar a humanidade sofredora — física ou moralmente — sabem que se estabelece uma troca de

energia com o consulente: o terapeuta toma sobre si o stress ou a dor deste e dá-lhe, em troca, a sua força vital. Eis porque, se um terapeuta é bom, o doente sai de sua casa a sentir-se muito melhor, enquanto o terapeuta, esse, sente uma grande fadiga.

Os médiuns e os curadores mediúnicos conhecem particularmente bem o fenómeno. As ondas de doença e de stress emitidas pelo consulente acabam por os stressar a eles próprios. É assim que muitos médiuns, curadores (e também psicólogos e médicos, médiuns sem o saber!) sofrem de problemas circulatórios e cardíacos causados pelo stress. Que melhor exemplo do que o próprio Cayce, que morreu de um ataque, consequência de um excesso de trabalho na sua atividade de médium? As «leituras» que pedira para si mesmo não cessavam de o avisar: *Não mais do que duas leituras por dia! Uma de manhã, uma à noite, basta!* Mas Cayce, de uma compaixão extrema e de uma generosidade sem limites, não queria recusar nada àqueles que lhe suplicavam que os curasse. Chegou mesmo a dar seis leituras por dia! O que provocou rapidamente um primeiro ataque. E, alguns meses depois, um segundo, que lhe foi fatal.

O outro grande vidente americano deste século, o reverendo Arthur Ford, morreu de um acidente cardíaco (em 1971). Mais perto de nós, no Canadá, Ian Borts acaba igualmente de morrer de excesso de trabalho — em plena maturidade. Dava «leituras» como Cayce.

Outro exemplo de médium-curador morto ao serviço: o Mestre Philippe de Lyon. As suas últimas fotografias, pouco antes da morte, mostram um homem sofredor, com no rosto os sintomas de uma grande fadiga cardíaca[13].

Eis porque a maior parte dos médiuns e curadores deve absolutamente purificar-se depois de cada doente: lavar as mãos e os antebraços, tomar duche, ficar alguns minutos em silêncio.

A minha amiga Danielle Verne, que é médium, muda de roupa depois de cada consulente, porque sente que estas, ao mesmo tempo que lhe servem de ecrã protetor, se impregnam das ondas do visitante.

Assim, o trabalho de curador e de médium não sendo isento de perigo, Cayce deu fórmulas de proteção, que utilizamos no início de cada sessão:

Pai, enquanto eu me abro às Forças invisíveis que rodeiam o Teu Trono de Graça, de Beleza e de Poder, coloco a minha pessoa sob a proteção do Cristo.

Constato regularmente, no grupo de *healing* que animo, que aqueles participantes que se esquecem ou negligenciam dizer esta oração de proteção (ou outra!) são os que «apanham» males estranhos ao impor as mãos! Nada disso acontece quando se diz uma oração de proteção.

O meu amigo Dr. Gérard Pilloud, que é um maravilhoso curador, diz-me que recita a oração de Maimónides:

«Salvador de todos, chamaste-me para velar pela vida e pela saúde das Tuas criaturas.

«Que o amor, em todo o tempo, me guie.

«Que nem avareza, nem sede de dinheiro, de glória ou de reputação deturpem o meu coração, pois os inimigos da verdade e do amor poderiam facilmente enganar-me e fazer-me esquecer o meu objetivo: fazer bem aos teus filhos.

«Que eu nunca veja no doente outra coisa que não uma criatura que sofre.

«Dá-me a força, o tempo e a ocasião de corrigir sem cessar o que adquirir e de alargar constantemente o seu âmbito. O conhecimento não tem fim e posso, hoje, descobrir os erros de ontem e, amanhã, obter uma clareza nova sobre aquilo de que me julgo firmemente seguro.

«Dá-me a Luz. Ilumina-me na escuridão de outrem, para que, obrigado a penetrar no segredo dos corpos e das almas, eu não erre o caminho e não fira nada ao passar.

«Dá-me o amor, para que, carregado da minha própria pena e muitas vezes sem refúgio para mim mesmo, eu encontre sempre em mim doçura, abrigo, força para o desesperado que me espera.

«Dá-me a graça, para que, no meu pior momento, na minha incerteza, na minha fraqueza de homem, no meu sobressalto, eu permaneça sempre suficientemente sábio, suficientemente bom, suficientemente puro, digno da doçura sagrada que a fé me concedeu.

«Dá-me fidelidade na misericórdia, para que eu não esqueça nem abandone jamais o menor dos miseráveis que em mim confiam.

«Dá-me força, ó meu Deus, para que o peso de todos não venha demasiado esmagar-me, para que a aflição que carrego não atinja a minha alegria, para que a ferida que penso não me faça mal. Ámen...»
(segundo Maimónides, médico judeu do século XII).

A importância essencial das glândulas endócrinas ou «chakras»

Quantos de nós não balbuciámos o Pai-Nosso nos bancos do catecismo? Rotina insípida que desgosta as crianças desta oração. Que pena que os nossos dedicados catequistas, que se aborreciam tanto quanto os seus alunos, não tivessem conhecido o significado «esotérico» do Pai-Nosso!

Já abordei esta questão no Tomo I, mas gostaria de voltar a ela e fornecer ao leitor algumas explicações suplementares, pois trata-se de um aspeto muito importante do pensamento cayciano.

Cayce declara, pois, que cada versículo do Pai-Nosso abre um «centro glandular».

Segundo ele, os nossos três corpos (físico, mental, espiritual) só «se mantêm» juntos graças à atividade dos centros glandulares maiores: pituitária ou hipófise, pineal ou epífise, tiroide, timo, suprarrenais, gónadas, células de Leydig ou Lyden. (Não se trata de todas as glândulas do corpo, mas apenas das glândulas endócrinas maiores situadas no eixo central do corpo; ver desenho nas páginas seguintes.) Estas glândulas endócrinas emitem substâncias — as hormonas — que desempenham o papel de mensageiros químicos em todo o nosso corpo. Cada um dos nossos órgãos depende de um centro glandular. É a atividade destas glândulas, diz Cayce, que nos permite mantermo-nos vivos aqui em baixo, isto é, animar o nosso corpo físico. São as glândulas endócrinas que permitem a coordenação de todas as nossas funções orgânicas.

Os nossos três corpos estão «aparafusados» em conjunto ao nível das glândulas endócrinas. Quando estas «se desapertam», os nossos três corpos desencaixam, dissociam-se de certo modo. Em estado desperto, isso é a transe (seja provocada pela droga, pelo álcool, pela música, pela velocidade, pelo amor... O orgasmo não é mais do que um fenómeno de abertura dos chakras[14]). Mas se se vai longe demais na transe, é a morte: o corpo físico dissocia-se então definitivamente dos outros dois. Vê-se bem isso nos estados

de embriaguez levados ao extremo («bêbedo morto», diz-se) e, mais rapidamente ainda, na morte por overdose de droga.

Toda a doença passa por um mau funcionamento de um destes centros glandulares. E quando Cayce dizia isto há mais de sessenta ou setenta anos, era verdadeiramente um pioneiro: o corpo médico da época, no seu conjunto, ainda não tinha compreendido o papel essencial das glândulas endócrinas e das hormonas. (Aliás, só o compreenderá plenamente quando a medicina ocidental integrar a existência do terceiro corpo: o corpo espiritual.)

Para Cayce, a cura passa sempre pela «limpeza» de cada um destes centros glandulares. É a palavra que ele usa: *cleansing*.

Nenhum órgão doente pode ser curado sem a reposição em ordem do centro glandular que lhe corresponde. Ao ponto de que seria mesmo preciso começar por aí, e não imaginar que se pode curar seja o que for sem que uma glândula endócrina esteja envolvida.

A cura pela oração e pela imposição das mãos baseia-se, pois, na «limpeza» destas glândulas endócrinas, a que a tradição indiana chama «chakras» e que visualiza como turbilhões de energia.

Abrir os chakras para curar

Como, então, «limpar» estes centros? Cayce e a tradição indiana, que ele não conhecia, são unânimes: é preciso abri-los, isto é, «desapertá-los», para deixar subir através deles esta força vital, esta energia cósmica, que os irá revivificar. A partir de cada um destes centros glandulares irradiará uma energia que permitirá ao órgão doente reparar-se e curar.

A tradição indiana figura a energia vital — que é a centelha divina, a Vida — como uma serpente enrolada na base da coluna vertebral. Esta força «Kundaline», ou Kundalini, pode subir através dos chakras abertos e, por um fenómeno vibratório, revitalizar o corpo inteiro.

É a subida da força Kundaline que provoca a transe, percebida como uma sequência de mudanças vibratórias; estas trazem gestos, movimentos que nem sempre se controlam — e cada vez menos à medida que se avança para estados de transe mais profundos.

Sente-se bem que se vibra de outro modo. Cayce fala longamente desta «elevação das vibrações», que indica a subida do fluxo de vida através dos

centros glandulares «abertos». Este estado permite os fenómenos de cura pela oração.

Como obtê-lo? Pela meditação, pela recitação do mantra A-r-e-i-o-um, por um trabalho da respiração e por exercícios de flexibilização do pescoço com música[15], pela inalação de certos óleos essenciais, etc. No que diz respeito ao trabalho da respiração, eis, por exemplo, o que diz Cayce:

Ao respirar, inspira força pela narina direita. Expira pela boca. Isso, três vezes. Em seguida, inspira pela narina esquerda, expirando pela direita. Isto abre os centros glandulares do teu corpo. Como se te preparasses [...] para receber um visitante, um companheiro, como se te preparasses para encontrar o teu noivo... (Leitura 281-28.)

Nesta leitura, Cayce assinala bem a semelhança com o estado de enamoramento. No entanto, estes exercícios são mais arriscados do que se pensa...

Não abrir a porta a qualquer um

Eis uma grande leitura em que Cayce nos adverte contra os perigos da abertura dos chakras pela respiração:

Estes exercícios são excelentes. Contudo, antes de serem praticados, exigem uma preparação especial. Isto é, a pessoa que os pratica deve ter uma compreensão perfeita do que está a fazer e do que se passa no seu corpo quando pratica estes exercícios.

Sendo a respiração a base da atividade de todo o organismo vivo, tais exercícios podem ser, no seu efeito sobre um corpo humano [...], tanto benéficos como destrutivos. Pois, no corpo físico, existem energias que, em certos períodos de atividade, podem ser extremamente violentas. É, portanto, preciso tomar consciência disso, através de um trabalho mental que deve exercitar-se em observar a maneira como se dirige a respiração.

Pois, no organismo, existe um centro glandular no qual se exprime a alma, a partir do qual ela manifesta a sua atividade criadora: trata-se das células de Leydig. Quando se pratica o trabalho da respiração, a sua atividade aumenta e, propagando-se ao longo do trajeto que seguiu durante o período embrionário — após a concepção —, chega até aos sete centros glandulares do corpo, que ela abre, permitindo-lhes irradiar, dinamizando assim os órgãos do corpo.

Este trajeto permite utilizar utilmente estas energias, mas apenas em certos períodos e em certas condições específicas, e apenas por aqueles que o aprenderam, isto é, por aqueles que, através da sua experiência, descobriram que isso era uma chave — mas uns podem fazê-lo, e outros não devem fazê-lo. Depende de se ter recebido ou não uma preparação: pode-se ou não utilizar esta possibilidade, esta expressão das energias do corpo físico.

À medida que esta energia vital vai subindo, progride primeiro a partir das células de Leydig, passando pelas suprarrenais; depois, naquilo a que se pode chamar uma ascensão para cima, sobe em direção à glândula pineal, para os centros glandulares que controlam as emoções, os reflexos, utilizando a energia nervosa do corpo.

Ao fazê-lo, a entidade que pratica estes exercícios entra em contacto com o Todo. Pois estes exercícios têm por efeito relaxar a consciência do corpo físico, para a dissolver na Consciência Universal. E, se nos deixarmos levar, sem o controlar, sem o dominar, nesse estado de percepção da Consciência Universal, isso pode tornar-se muito perigoso.

É preciso saber, sentir, compreender, para quem ou para quê se vai nesse estado, quando a consciência do eu profundo foi solta e o ego real foi autorizado a dar livre curso a si próprio; isto é, a planar na Consciência Universal, como faz aqui, por exemplo, Edgar Cayce, através de quem é dado este ensinamento.

[...] Assim, para quem, ou para quê, quer a entidade ir quando se entrega a tais experiências?

Relaxar os limites da consciência do corpo físico sem uma direção, sem um guia, pode tornar-se muito perigoso. E, sobretudo, não deixem essa direção a uma entidade parasita. Pelo contrário, envolvam o vosso Eu na Consciência Universal do Cristo, para que Ela dirija esta energia que vos foi dada. (Leitura 2475-1.)

Pois bem, eis descritos por Cayce os mecanismos do transe, e também os seus perigos. Aqui, o transe (isto é, a subida da força Kundalini nos centros glandulares) pode, portanto, ser provocado pelo trabalho da respiração (breathing, uma vez que a pergunta foi colocada a Cayce por alguém que praticava ioga). Mas o aviso é claro: «abrir» os chakras para permitir a subida desta força vital é útil se se souber o que se está a fazer. Caso contrário, é perigoso. Cayce evoca os riscos de manipulação por uma

entidade desencarnada maligna. Assim, aqueles que abrem os seus chakras de forma imprudente, sem se colocarem sob uma proteção espiritual, arriscam-se a ficar prisioneiros de uma entidade. Esta aproveitou-se da abertura dos chakras para parasitar o vivo, como o piolho salta para o cão... Vi muitas vezes este caso ocorrer em casais. Com efeito, no orgasmo, estando os chakras abertos, um dos parceiros pode deixar-se parasitar por uma entidade malfazeja incrustada no outro, que, na verdade, é aquilo a que se chama um «possesso».

Exemplo frequente: o cônjuge que bebe. Acontece que aquele que era sóbrio se deixa contaminar pouco a pouco pelo alcoolismo... e é este fenómeno de parasitagem que está em causa. O cônjuge alcoólico é, na verdade, prisioneiro de uma entidade desencarnada — muitas vezes um parente próximo morto intoxicado. Para tratar o alcoólico, é preciso tratar duas pessoas: o doente vivo e o seu parasita (invisível aos olhos dos médicos habituais!). O mesmo fenómeno, com os mesmos mecanismos, explica o drama dos casais em que um dos dois se droga, fuma, etc. Basta reler os Evangelhos para ver que Cristo não só curava os doentes, como libertava os «possessos», igualmente numerosos. Nada mudou!

No caso de casais em que um dos parceiros está parasitado, isto é, «possuído» por uma entidade indesejável, a parasitagem do outro não se faz obrigatoriamente. O cônjuge que tem medo (com razão!) de ser invadido resiste como pode, fechando os seus chakras; recusa todo e qualquer orgasmo — isto é, recusa deixar-se pôr em transe porque não se sente em segurança. Assim, defende eficazmente a sua integridade. É a explicação de um grande número de casos de impotência e de frigidez.

Os psicólogos que, no seu materialismo, como diz Cayce, não veem nada, estão sempre prontos a clamar contra o bode expiatório: condenam o parceiro frígido ou impotente, tido por egoísta ou anormal, chamando-lhe «inibido». Na realidade, o desgraçado protege-se contra a invasão de uma entidade parasita!

O mesmo fenómeno aplica-se ao álcool e às drogas, que provocam uma espécie de transe, abrindo a porta a entidades do baixo astral que vêm possuir o bebedor ou o drogado.

O mesmo fenómeno ocorre em certos concertos de rock, em que a música é feita precisamente para pôr o ouvinte em transe: martelando violentamente os centros glandulares, provoca a sua abertura. O ouvinte «já

não se sente» e transforma-se num zombie... literalmente, pois muitas vezes torna-se presa de uma entidade.

É exatamente o que diz Cayce ao falar da perda da consciência do corpo físico. Se os concertos rock nos Estados Unidos e em Inglaterra foram muitas vezes mortíferos, e seguidos de um recrudescimento de violência atestado pelas estatísticas[16], é justamente por causa deste fenómeno de abertura imprudente dos chakras, descrito por Cayce. O vivo é então manipulado pela força oculta do morto de que se tornou prisioneiro.

Aliás, é velho como o mundo: feiticeiros e curandeiros africanos provocavam o transe pela música. Os ritmos encantatórios, repetitivos, obsessivos, abrem os chakras. Este transe, na origem, tinha um fim terapêutico. Infelizmente, esta música africana, e o transe que ela produz, foi desviada do seu fim religioso e terapêutico, o que a torna extremamente perigosa. A evolução do jazz desde Elvis Presley — o rock atual — é muito inquietante. Estas técnicas musicais provocam a abertura dos chakras sem qualquer proteção, entregando milhões de jovens ouvintes às forças ocultas mais destrutivas. É aquilo a que Cayce chama a música que conduz ao inferno (leitura 1406-1) [17].

Mas não é tudo. Há também os magos negros, os charlatães, os falsos profetas e os feiticeiros... Conheceu-se um que, pela simples força da sua voz, lançava as multidões num estado de transe em que estavam prontas a aceitar seja o que for: Hitler. Ele fez muitos discípulos. Atualmente, os fanatismos multiplicam-se — e os gurus malfazejos também. Não paro de alertar os meus ouvintes e os meus leitores contra certos confrades cuja respeitabilidade aparente esconde uma verdadeira habilidade para provocar o transe e assim escravizar as multidões. Como se reconhece uma seita? Pelo facto de os seus membros se terem tornado dependentes de um guru que exerce sobre eles um poder através de uma tomada de posse sobre os seus chakras superiores. Amigos leitores, defendam a vossa liberdade!...

É preciso saber também que certas atividades «na moda», como o ioga, ou as saídas para o astral, ou o uso de cristais, favorecem o «desaperto» dos chakras — com tantos mais danos quanto as pessoas não sabem o que fazem... Ao passo que numerosos e inteligentes charlatães utilizam em seu proveito o mecanismo de abertura dos centros glandulares descrito acima por Cayce.

O verdadeiro texto do Pai-Nosso

A versão do Pai-Nosso atualmente utilizada pelas Igrejas cristãs do Ocidente parece inexata (em relação ao original dado por Jesus[18]). No decurso de uma leitura para um consulente, Cayce, de forma completamente inesperada, enunciou o verdadeiro Pai-Nosso, tal como o receberam os apóstolos:

Não deixes que as coisas materiais te ceguem, que não se tornem uma pedra de tropeço na tua existência. Louva o teu Criador em nome d'Aquele que te ensinou a rezar:

PAI-NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS
SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME
VENHA A NÓS O VOSSO REINO.
SEJA FEITA A VOSSA VONTADE.
ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.
DAI-NOS PARA AMANHÃ COM QUE SATISFAZER
AS NECESSIDADES DO NOSSO CORPO.
PERDOAI ESTAS TRANSGRESSÕES COMO NÓS
PERDOAMOS AOS QUE COMETERAM E QUE
COMETEM AINDA TRANSGRESSÕES CONTRA NÓS.
SEDE O NOSSO GUIA NOS TEMPOS DE PERTURBAÇÃO,
DE TEMPESTADE E DE TENTAÇÃO.
CONDUZI-NOS PELOS CAMINHOS DA RETIDÃO
PELO AMOR DO VOSSO NOME.

Terminámos. (Leitura 378-44.)

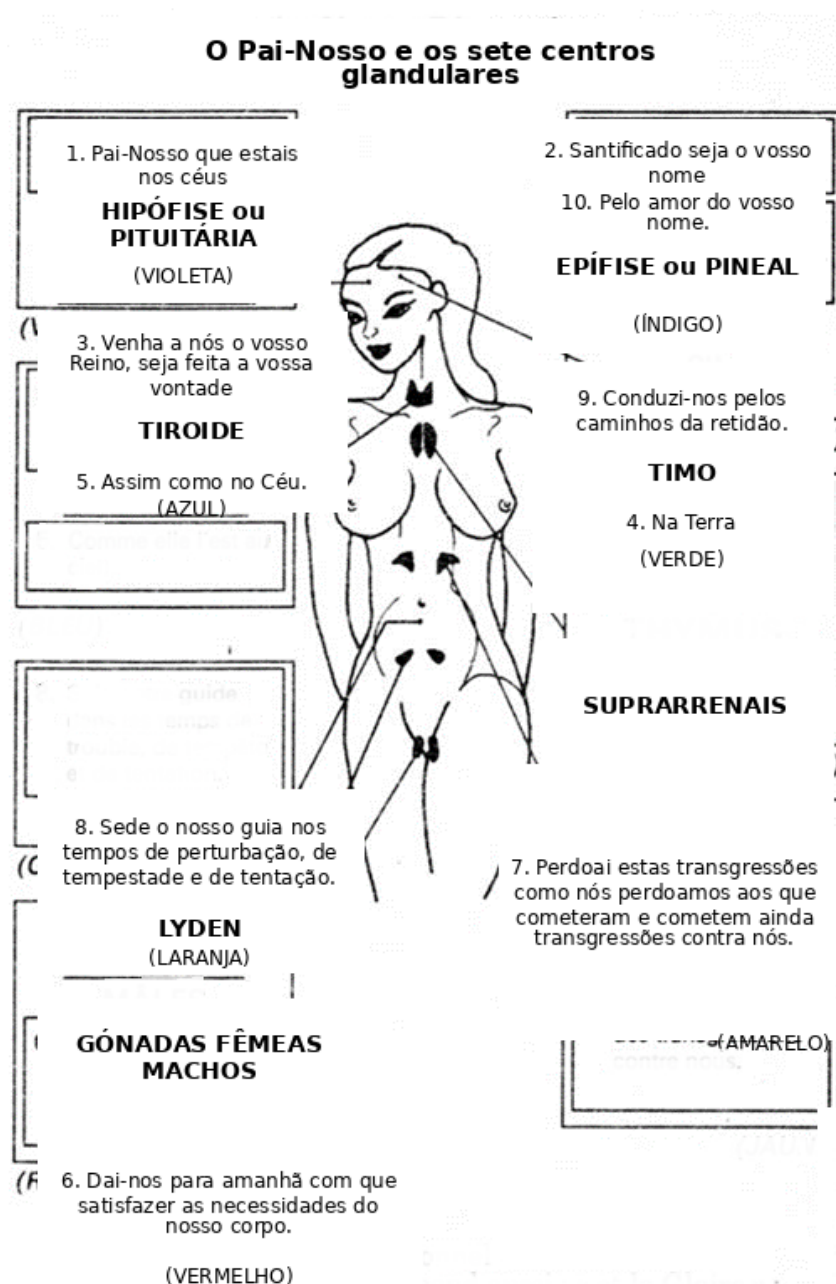
Nesta versão, Deus não é implicitamente acusado de «nos induzir em tentação», o que é completamente oposto à definição de um Deus supostamente «infinitamente bom, infinitamente amável». Eu sempre achei que a versão oficial era um insulto à ternura divina, e fico verdadeiramente feliz por saber, pela voz de Cayce, que Jesus tinha ensinado outra coisa...

O salmo do Bom Pastor para «fechar» os centros glandulares

O Salmo 22 e o Pai-Nosso são as duas únicas fórmulas litúrgicas cristãs que Cayce impôs ao seu grupo, as duas únicas orações ditas coletivamente em voz alta (o que é muito razoável...!). Cada versículo corresponde a um centro glandular (ou chakra), que ele ajudará a «abrir» ou a «fechar», modificando pouco a pouco o nível vibratório.

Enquanto se recita o salmo, visualiza-se o chakra correspondente ao versículo (ver a ilustração seguinte).

Quanto a mim, ouvi-o tantas vezes balir tristemente nas igrejas da minha infância, esse Bom Pastor, que já não consigo memorizá-lo em francês. Por essa razão, prefiro o texto de origem em hebraico, na música antiga da Bíblia reencontrada por Suzanne Haïk Ventoura. (Pode adquirir-se facilmente a cassete *La Musique de la Bible révélée*, Harmonia Mundi, H.M.U. 40-989.)



* No Pai-Nosso tradicional, a glândula pituitária corresponde também: «e a Glória»; à tireoide: «porque só a Ti pertence o Reino»; e ao timo: «mas livrai-nos do mal».

Em várias leituras (364-7, 364-8)[19], Cayce indica Asaf como uma antiga encarnação de Jesus. Ora esse Asaf, mencionado no Segundo Livro das Crônicas da Bíblia (V, 12), é tido como autor de certos salmos. Teria formado músicos que profetizavam com as suas liras, cítaras e címbalos. No tempo de David, haveria mais de mil cantores e instrumentistas sob a sua autoridade (Primeiro Livro das Crônicas, XXV, 1).

Teria sido um colaborador muito próximo do rei David, como sugere Cayce na leitura 1035-1. Pode, portanto, supor-se que este notável Salmo 22 (ou 23, segundo as Bíblias) se deve ao mestre de coro de David, o profeta Asaf — por outras palavras, ao próprio Cristo cósmico. (E isto apesar da «assinatura»: «Salmo de David» — toda a gente sabe que aqueles que assinam uma obra nem sempre são os seus autores!) No texto abaixo, cada palavra sublinhada tem um impacto sobre a glândula endócrina cujo nome se segue:

Salmo 22 (ou 23) «O Senhor é o meu Pastor»

1. Salmo de David...
«O SENHOR» (hipófise ou pituitária)
é o meu PASTOR (epífise ou pineal)
«NADA ME FALTARÁ» (tiroide)
2. Em «VERDES PRADOS» Ele me faz repousar; (gónadas)
junto a «ÁGUAS TRANQUILAS» me conduz, (glândulas de Lyden)
3. A minha alma Ele restaura;
Ele me guia
pelas «VEREDAS DA JUSTIÇA» (suprarrenais)
por amor do Seu nome.
4. Ainda que eu caminhe pelo vale sombrio da «MORTE» (timo)
não temerei mal algum,
porque Tu estás comigo;
o Teu amparo e o Teu apoio
serão a minha consolação.
5. Preparas diante de mim a «MESA» (tiroide)
na presença dos meus adversários;
Unges com óleo «A MINHA CABEÇA» (pineal)
o meu «CÁLICE» transborda!... (pituitária)

6. Sim, a felicidade e a graça acompanhar-me-ão
ao longo de toda a minha vida,
e habitarei na casa do Senhor
por longos dias.

Texto hebraico

1. Mizmor lé David
Adonay ro'i
Lo éhsar
2. bint-ot deshé yarbitséni
'al-mé ménouhot yénahaleni
3. nafshi yéshovev
yanhéni
béma'gélé tsédeq
léma'an shemo
4. Gam ki - élekh bégé tsalmavét
Lo ira ra'
ki - atah 'imadi
shivtékha oumish'antékha
hémmah yénahamouni
5. ta'arokh léfanay shoulhan
négéd tsoréray
dishanta vashshémen roshi
kosi révayah
6. akh tov vahésed yirdéfouni
kol - yémé hayay
véshavti bévet Adonay
lé-orekh yamin

Meditação e oração

No tomo I de *O Universo de Edgar Cayce* apresentei várias leituras sobre a meditação. Edgar Cayce atribuía-lhe uma importância extrema. Segundo ele, a primeira etapa de toda a meditação e oração é essa abertura voluntária e controlada dos chakras; isto é, é preciso colocar-se a si próprio em estado de transe ligeiro, a fim de provocar essa mudança de nível vibratório que permite a cura.

A palavra meditação está na moda. Moda que nos vem da língua inglesa e que, como acontece sempre nas importações de vocabulário, esconde um mal-entendido.

Apercebi-me disso um dia em Virginia Beach. A minha filha Éléonore, com catorze anos, estava comigo no Natal. Entre os numerosos visitantes que iam à Fundação Cayce, deparámo-nos com um casal de bons cristãos. Militantes. Missionários. Assim que souberam que éramos francesas, lançaram-se sobre nós: finalmente pagãs a converter! E duas de uma vez! Que sorte!

Pois, como percebi mais tarde, para o puritano médio, francês = pagãos (ou seja, essas pessoas malvadas que inventaram Pigalle, o Moulin Rouge e o nudismo nas praias: o pecado dos pecados, valha-nos Deus!... Ai de nós!).

Convencidos da sua missão, os meus missionários precipitam-se sobre a minha filha:

— *Do you meditate?* (Meditas?)

Éléonore, desconcertada, não sabe o que responder; a pergunta parece-lhe de um péssimo gosto vinda de pessoas que conhece há apenas três minutos. (A minha filha, educada à inglesa, segue o princípio: «no personal remark». Em França também a boa educação considera que as relações de cada um com Deus dizem apenas respeito à própria pessoa.)

Perante o silêncio de Éléonore, eis o meu casal de santos do fim dos tempos a encurralá-la atrás de um aparador para lhe explicar que é muito mau não meditar, e que ELES lhe vão ensinar.

Intervenho então para libertar Éléonore e arrancá-la aos seus inquisidores:

— Mas tu sabes meditar tão bem como essas pessoas! Nós não chamávamos a isso «meditar», a palavra ainda não estava na moda. Dizíamos: oração... Sabes muito bem o que é.

— Então — diz-me Éléonore — quando rezávamos o terço à noite, isso era «meditação»?

— Evidentemente! E a Ave-Maria é um mantra! É uma questão de vocabulário... Mas a realidade profunda é a mesma.

Acho importante esclarecer este ponto, porque muitas pessoas são aliciadas por gurus que lhes dizem: «Eu vou ensinar-vos a meditação (transcendental, fundamental, horizontal, etc.).» Esses pobres «incautos», para estarem na moda, embarcam com o guru que, sob o pretexto de lhes ensinar essas maravilhosas técnicas orientais, os vampiriza (aliviando-os do seu dinheiro).

É preciso dizer e repetir que a meditação existe entre nós desde sempre. A técnica da palavra (ou mantra) repetida ritmicamente sempre foi conhecida pelos místicos do Ocidente. Basta consultar, por exemplo, aquele livro maravilhoso intitulado *Relatos de um Peregrino Russo* (Ed. do Seuil), onde é descrita a técnica de meditação ortodoxa chamada «oração do coração». O mesmo se aplica ao terço: é uma antiga técnica importada do Oriente pelos cruzados na Idade Média. É ensinada em todos os atuais santuários marianos e em todos os locais de peregrinação católicos, como Lourdes ou a Capela «da Medalha Milagrosa», na Rue du Bac, em Paris.

Trata-se da recitação de 150 Ave-Marias distribuídas por quinze dezenas e três Mistérios (gozosos — dolorosos — gloriosos). Ritmo ternário que explora plenamente o simbolismo do número três — caro à dialética hegeliana («tese, antítese e síntese»), às tradições druídicas e aos cultos lunares da Antiguidade. Não negligencie o rosário, diz Cayce a uma das suas consulentes. O rosário é um conjunto de três terços, em que a Ave-Maria é um mantra cuja repetição leva progressivamente a sintonizar-se com as vibrações divinas do eu interior. É exatamente esta a definição que Cayce dá de meditação.

Há mil e uma formas de meditação que conhecemos bem. Os amantes da Natureza que fazem longas caminhadas, os amantes do mar que escutam o vento a cantar nas velas, os melómanos que se recolhem durante o seu concerto preferido... todas essas pessoas, na verdade, meditam. A Natureza,

a música, a beleza colocam-nos novamente em contacto com a sua divindade profunda.

Nós, que ainda somos livres de praticar caminhadas sem sermos agredidos (ao contrário do que atualmente acontece na América), que ainda temos lareiras acesas nas chaminés, abertas de propósito para podermos contemplá-las (idem...), que não venham explicar-nos que somos «pagãos» que ignoram a meditação. Aliás, haverá realmente «pagãos» em algum lugar?

O meu avô, Maurice-Pontien Viéé, não ia à missa. Como ouvia à sua volta senhoras beatas fazerem comentários, perguntei-lhe por que não ia à igreja.

— Não tenho necessidade das igrejas — respondeu-me. — Creio em Deus, gosto de O contemplar na Natureza. Para mim, Ele está muito mais presente na floresta do que em qualquer edifício.

O meu avô fazia longas caminhadas pelo campo. Ele meditava, sim! embora a palavra nunca tivesse sido pronunciada. Era um homem espiritual em todos os sentidos do termo, cuja grande bondade o tornava amado por todos.

O silêncio

Não há meditação sem silêncio: é imperativo. O silêncio permite fazer subir a energia divina no interior dos chakras. Nenhuma oração pessoal, nenhum esforço de ligação às Forças Criadoras pode realizar-se sem silêncio.

Quando digo silêncio, isso significa que não se fala, no sentido mais estrito da palavra! Caso contrário, a nossa respiração dispersa-se em palavras. Pode-se meditar com uma bela música, sintonizar-se com essa música para fazer subir as vibrações. Mas conversar faz descer o nível vibratório adquirido.

É por isso que começamos sempre as nossas sessões de cura com um momento de silêncio, uma hora se for possível. No final, se tivermos bem utilizado esses sessenta minutos, estamos nesse estado vibratório especial que permite perceber a subida da energia vital através dos chakras. O que por vezes provoca balanços rítmicos ou vibrações da mão — fenómenos normais ligados à intensidade da energia libertada.

Sai-se do silêncio não para conversar, mas para enunciar os nomes daqueles que pediram uma oração de cura (os ausentes e os mortos). Cada

participante concentra-se silenciosamente em cada nome, envolvendo-o em luz.

Cayce insiste frequentemente no silêncio. A alguém que lhe perguntava:

QUE MÉTODO EXATAMENTE DEVO UTILIZAR PARA CURAR?

Respondeu: É preciso elevar o nível de consciência daqueles que desejais ajudar, ao mesmo tempo que o vosso, na profundidade do vosso eu. E isso no silêncio! (Leitura 281-10.)

Todas as grandes religiões insistiram na necessidade do silêncio: recorde-se o retiro que o futuro lama deve impor a si próprio, três anos, três meses e três dias de silêncio (ou seis anos, seis meses e seis dias, por vezes mais...). Ou o silêncio dos Cartuxos, dos Foyers de Charité, etc. É a condição prévia para todo o progresso espiritual (e para toda a eficácia na cura, no que aqui nos diz respeito).

Portanto, como dissemos, na meditação os diferentes chakras entram em ressonância com as Energias da Vida. Ora, diz Cayce, a glândula mestra do corpo, o maestro por assim dizer, é a hipófise (antigamente chamada pituitária). Nada se pode empreender sem a despertar, sem a «abrir»:

SENHOR CAYCE, A HIPÓFISE É O SILÊNCIO?

O silêncio, ouro! Ele rege as energias que são a mais elevada expressão das potências, dos poderes postos à disposição do Homem na sua experiência terrestre. Silêncio, se quiserdes ouvir a voz do vosso Criador. (Leitura 281-30.)

O silêncio era muito mais difundido no tempo de Cayce do que no nosso. Os amigos de Edgar não tinham televisão nem gravador. A sua atenção interior não estava constantemente dispersa, como a nossa, por esta civilização do ruído. Nos meus grupos, tenho sempre grande dificuldade em fazer aceitar esta lei do silêncio aos recém-chegados. Poder-se-ia pensar que uma hora de silêncio não é perigosa? Pois bem, não imaginam o quanto isso assusta as pessoas!

O silêncio aprende-se: aqueles que provaram a sua doçura nunca mais a esquecem. E a qualidade do silêncio é o indicador do nível da vida espiritual. Se, nos meus grupos, eu fizesse apenas uma coisa — oferecer às pessoas uma hora de verdadeiro silêncio — isso já seria algo infinitamente útil.

Que método se deve utilizar para curar?

Nenhum. Todos...

Vimos acima a pergunta feita a Cayce. O mínimo que se pode dizer é que, sobre este ponto, ele não é diretivo. Nunca especificou se se devia ou não tocar na pessoa sobre a qual se impõem as mãos. Se se devia começar pelos pés ou pela cabeça. Se se devia estar de pé ou sentado, em lócus ou em vela... Esta questão perturba muito os meus iniciantes, aqueles que vêm pela primeira vez a um grupo de cura pela oração.

A diversidade dos dons pessoais conduz necessariamente a diferentes formas de curar, e o respeito pelo outro exige que não se imponha nenhuma técnica.

Na aplicação prática deste trabalho, tal como é aqui apresentado, para cada indivíduo, [é preciso saber] que alguns só são capazes de interpretar estes princípios para si mesmos. Nem toda a gente tem jeito para contactos humanos, nem toda a gente é curador, nem toda a gente é organizador, nem toda a gente é trabalhador manual... alguns até devem desempenhar o papel de bobo! (Leitura 281-11.)

Por outras palavras, é preciso de tudo para fazer um mundo; não se pode pedir o mesmo trabalho a todos. Se cada um de nós, de modo geral, deve esforçar-se por aliviar o próximo, nem toda a gente está dotada para o trabalho concreto do curador que impõe as mãos. Cada um deve encontrar aquilo que pode fazer:

A alguns é dado o dom de curar com as mãos. A outros, o de curar no silêncio da meditação e da oração. Outros ainda são capazes, coordenando todas as suas energias interiores, de aliviar os sofrimentos físicos ligados às energias mentais, materiais e espirituais que funcionam no interior do corpo. A aceleração dos processos de cura pode vir do exterior, mas toda a cura deve vir do interior. (Leitura 281-18.)

Assim, nem todos são obrigados a impor as mãos. Contudo, encorajo os meus participantes a fazer essa experiência, pois as pessoas que vêm aos nossos grupos geralmente já iniciaram um importante trabalho espiritual. Muitos não ousam impor as mãos... mas queixam-se de que estas lhes dão comichão! Descrevem-me o fenómeno clássico da mão que incha, fica vermelha, dedos que formigueiam: é a manifestação da energia que quer dar-se. Nesses casos, não hesitem!

Por outro lado, aqueles que têm realmente medo, que não se sentem capazes, podem cooperar silenciosamente nas curas, permanecendo sentados no seu lugar e rezando. Cayce recorda a forma como procedia Jesus, que tinha sempre à Sua volta um grupo de discípulos, mas nem todos curavam; cada um tinha uma tarefa determinada segundo um cenário bem ordenado:

Para utilizar da melhor forma os poderes que Ele tinha dado, era muitas vezes necessário que apenas aqueles que estavam mais próximos d'Ele estivessem presentes quando Ele curava. Sem rejeitar os outros, era preciso que tudo decorresse com ordem e decência. (Leitura 281-8.)

Esta expressão de Cayce, ordem e decência, implica que as sessões de cura decorram segundo uma certa disciplina, e não na confusão. É também por isso que não se pergunta ao doente de que sofre (nem sequer se está doente). Muitas pessoas têm males de que se envergonham: não há razão para as obrigar a expô-los (fisicamente ou moralmente) em praça pública. Daí a discrição total: Cayce considera que a Graça divina, o fluxo de «Energia Criadora» canalizado pelas mãos do curador, sabe onde deve atuar e opera onde é necessário. Dito isto, com a prática acaba-se por perceber muito bem os chakras deficientes, as partes do corpo que estão doentes. Muitas vezes as mãos vão colocar-se sozinhas no local que necessita de cuidados, na parte dolorosa que pede alívio.

Muitos curadores percebem cores (ou buracos negros) na aura do paciente, o que lhes permite agir onde é necessário. Pode-se ver essas cores exteriormente, à volta da pessoa, ou numa visão interior...! Alguns ajudam-se da música para fazer o seu diagnóstico. Toda a vibração sonora produz igualmente uma vibração colorida: A vibração do som produz a cor. Pois, naturalmente, cor e som são apenas vibrações de comprimento de onda diferente. (Leitura 2779-1, que apresentei em *Edgar Cayce, curar pela música*, op. cit.)

O trabalho de curar o próximo pela oração, pela enunciação do nome, pela imposição das mãos sobre a fotografia ou o corpo vivo baseia-se nas possibilidades vibratórias da matéria.

Se a medicina oficial — materialista — acredita apenas na matéria (o corpúsculo, o átomo), as medicinas «psi» têm um ponto de vista muito mais moderno: todo o corpúsculo é animado por movimentos vibratórios. Trabalhando sobre estes, alcançam-se resultados reais, pois modifica-se

profundamente o estado da matéria. A cura pela oração é, portanto, uma «medicina vibratória» cuja eficácia se imporá cada vez mais no nosso tempo.

Um iniciante que impõe as mãos com generosidade e um vivo desejo de curar pode muito bem proporcionar grande alívio ao doente e até provocar a cura. Embora não tenha a experiência do curador profissional, se for verdadeiramente amoroso, encontrará o que deve fazer, diz Cayce.

O amor é criador, criativo; essa é a sua própria definição. É o amor que cura, se for desinteressado, isto é, purificado de egoísmo.

Evidentemente, alguns têm o dom, outros não. Alguns têm o dom e não o sabem. Outros têm o dom e a experiência... Contudo, em grupo cria-se um égregor: todos podem participar no processo de cura, mas não necessariamente com as mãos.

O dom de curar está certamente ligado à evolução espiritual de cada um, nesta vida ou nas anteriores. Algumas pessoas que nos parecem espiritualmente pouco evoluídas e que, no entanto, têm o «dom», podem tê-lo adquirido numa vida anterior mais evoluída e conservado. Para elas é uma oportunidade de liquidar antigos Carmas, purificando-se através da cura oferecida aos outros. Tal foi o caso de Cayce, como ele próprio explicou: tirava os seus dons de médium e de curador (pela transe mediúnica, não pelas mãos) de uma vida antiga no Egito, cujo nível espiritual tinha sido muito elevado... Depois, dizia ele, caiu muito baixo, e os seus dons foram-lhe devolvidos para lhe permitir subir novamente na escala espiritual.

Há dez mil maneiras diferentes de curar. Cada um deve encontrar a sua técnica pessoal, como o artista encontra a sua «maneira». Aliás, o artista é também, como o curador, um «canal», um *channel*, como diz Cayce. O que conta é, antes de mais, ligar-se à Energia divina, que é criadora e nos torna criadores por sua vez, levando-nos a inventar a nossa técnica pessoal de cura[20].

Antes de mais, vencer o medo

Alguém perguntou a Cayce:

DEVO CONTINUAR A DESENVOLVER ESTES PODERES MAGNÉTICOS DE CURA PELA IMPOSIÇÃO DAS MÃOS?

Quando todas as vossas medos tiverem sido dominados dentro de vós, então avançai mais. Caso contrário, há o risco de criar condições prejudiciais

para vós e para os outros. Este dom está em vós, desenvolvi-o. (Leitura 281-8.)

De facto, o medo pode criar um «stress» perigoso.

É também uma das razões pelas quais dizemos, antes de começar, a oração de proteção! (Ver acima.)

É JUSTO, SENHOR CAYCE, TENTAR CURAR OS OUTROS QUANDO NÃO SE CONSEGUIU CURAR A SI PRÓPRIO NA PRÓPRIA VIDA?

Curar os outros é curar-se a si próprio. Pois dar à volta de si aquilo que ajuda os outros a alcançar a vibração perfeita de vida no seu corpo físico, através de uma atitude mental correta e de um desenvolvimento harmonioso das capacidades corporais, tudo isso nos traz a nós mesmos um progresso no Conhecimento. Sim, ao curar os outros, curamo-nos a nós próprios! (Mesma leitura.)

Quantas vezes verifiquei esta palavra de Cayce! Chegando «abatida» ao grupo que tinha de animar, era obrigada a impor as mãos, enquanto animadora! E, todas as vezes, senti-me infinitamente melhor. Segundo a recomendação de Cayce, visualizava-me como um «canal» que devia deixar fluir livremente um rio de luz. Este, ao passar através de mim, iluminava-me e «purificava-me» antes de produzir o mesmo efeito na pessoa sentada sob as minhas mãos.

À medida que a pessoa liga o seu «eu» [às Forças criadoras], torna-se um canal, de tal modo que pode mesmo provocar uma cura instantânea pela imposição das mãos. Quanto mais isso acontece, mais aumenta a potência sentida pela pessoa. (Leitura 281-9.)

A força do grupo

Uma amiga dizia-me: «Para quê tanta gente? Tudo o que explicaste no grupo esta manhã, eu preferia que me explicasses sozinha, em minha casa. Seria igualmente bom.»

Infelizmente, não. Há uma força, um égregor de energias criado por um grupo que reza em uníssono. Esta força permite vencer o medo dos iniciantes e obter progressos muito mais rápidos. O grupo ajuda poderosamente a desbloquear as energias individuais. Naturalmente, se se tratar de um curador profissional, a cura pela oração pode ser obtida isoladamente. Mas, para um não profissional, o grupo é mais forte e vai mais depressa! Aliás, nas

Filipinas, os grandes curadores estão sempre rodeados de assistentes que rezam com eles. Cayce:

Como já dissemos, muitas coisas fizeram o seu caminho nas almas, nos corações e nos espíritos de muitas pessoas... Daí esse efeito da energia que nasce da união de várias pessoas: ela é capaz de atuar sobre aqueles para quem é dirigida, provocando neles uma verdadeira tomada de consciência.

Para melhor ilustrar isto: compreendeis bem que a Vida — isto é, Deus — na Sua própria essência é vibração. E, como os seres físicos nascem dessa energia atômica — da qual são uma porção —, a tomada de consciência deste fenómeno leva o indivíduo a perceber essa vibração; ele compreende então como pode agir sobre ela. De modo semelhante ao que encontramos no corpo físico com a visão, a audição, o gosto, a fala — que são diversos fenómenos vibratórios ligados à consciência do corpo físico.

Este percebe as coisas sob a forma de vibrações através do que os sentidos captam no interior e no exterior. Por conseguinte, uma pessoa pode não perceber a oração ou o pensamento que lhe são enviados por um indivíduo se este não se tiver suficientemente ligado; esse indivíduo não poderá, portanto, modificar o estado vibratório do outro. Mas, se na reunião de várias pessoas houver uma combinação de forças espirituais continuamente emitidas e dirigidas para essa pessoa, então as suas vibrações poderão ser elevadas de modo a provocar nela um despertar. (Leitura 281-4.)

Todas as energias atômicas de um corpo físico são compostas por unidades de energia positiva e negativa. É isso que permite [a esse corpo físico] existir no plano da matéria. Essas energias pertencem ao éter; isto é, essas energias atômicas, sendo elétricas por natureza, quando entram numa base material, tornam-se matéria na sua aptidão para se coordenarem ou se decomporem. Eis porque, se um grupo [de indivíduos] pode acelerar as vibrações atômicas que criam as energias positivas — que são as Energias divinas em ação no plano da matéria —, o grupo pode também quebrar as forças destrutivas elevando as vibrações em questão. É isto a matéria, compreendeis?

Este processo faz-se graças às Forças Criadoras, que são Deus na Sua manifestação.

Assim, a posição, os gestos, o tempo, a duração, o lugar, os nomes e as palavras não passam de pequenas coisas, de detalhes que estudareis.

Procurareis compreendê-los como modalidades deixadas à apreciação de cada um, para nelas se apoiar na sua respetiva esfera. É assim que a entidade se tornará pouco a pouco um curador. (Leitura 281-3.)

Na época em que Cayce falou das energias elétricas que mantêm os elementos constituintes do átomo, era uma linguagem muito nova para o grande público. E também muito moderna a afirmação de que o pensamento age sobre as células do corpo elevando as vibrações. Só recentemente o mundo científico se apercebeu de que toda a partícula de matéria é animada por vibrações. Antigamente, acreditava-se que a matéria era inerte. (Cf. o apaixonante *A Vida é Energia*, de Simonne Brousse, ed. Presses Pocket.)

Por fim, gostaria de tranquilizar os meus participantes, sempre angustiados com a ideia de se lançarem nesta aventura que é um grupo de cura pela oração e pela imposição das mãos. Antes de mais, dizer-lhes que o *healing* assenta no velho princípio de Hipócrates, a Natureza medicadora, isto é: «Confia na Natureza, ela só quer curar.» O corpo, criação divina, é bom em si mesmo, tal como a Natureza. É o que diz o Génesis: «E Deus viu que isso era bom.» Ao trazer, pelas mãos e pelo pensamento, energia para onde ela falta, não fazemos senão ajudar a Natureza medicadora...

E, como dizia o genial Dr. Balint, na relação médico-doente, o único verdadeiro medicamento é o próprio médico! A questão é saber como ele se administra a si mesmo ao seu paciente...

Como decorre um grupo de cura pela oração?

Seguindo estritamente as indicações dadas por Edgar Cayce quando criou o primeiro grupo de *healing* em Virginia Beach, em 1931, eis como proceder:

1. Recita-se a oração de proteção acima, dada por Cayce (ou outra; há magníficas em todas as religiões!).
2. Flexibiliza-se o pescoço com os exercícios recomendados por Cayce (destinados a relaxar), isto é, roda-se a cabeça três vezes, em todos os sentidos. Diz Cayce que isto facilita a meditação!
3. Faz-se o exercício de respiração descrito na leitura 281-28, acima, p. 37.
4. A assembleia canta em conjunto o mantram Ar-rrr-ii-oo-oum... nove vezes seguidas e em crescendo, que deve elevar-se até ao mais

profundo de si mesmo e aproximar-vos da Presença divina (mesma leitura). Isto dá uma belíssima sinfonia, que contribui para criar a unidade espiritual do grupo e um forte égregor positivo!

5. Recita-se o Pai-Nosso (texto dado anteriormente), visualizando os centros glandulares a abrir-se um após outro a cada versículo.

6. Entra-se no silêncio (o ideal seria pelo menos uma boa hora), para que cada um possa meditar e rezar.

7. Ao sair desse silêncio, cada participante, por sua vez, apresenta-se dizendo «Fulano» com voz clara e forte. Durante alguns segundos, os outros concentram-se em «Fulano», envolvendo-o de luz e de amor. «Fulano» agradece dizendo: «Obrigado, Pai.» Depois passa-se ao seguinte (a partir da esquerda).

8. Um dos membros do grupo lê em voz alta a lista de nomes preparada (os que pediram para ser inscritos nessa lista, enquanto vivos — ou os que pediram para nela inscrever um morto). Cada participante envolve esses nomes de luz e de amor (um a um ou globalmente).

9. Em seguida, ronda de participação: cada um acrescenta a sua lista de nomes pessoais, pela qual todos também rezam.

10. Enunciam-se depois os países: trata-se de envolver de luz o nome do país e o seu dirigente. Mas, como existem atualmente cento e setenta e dois «países soberanos» no mundo, nunca acabaríamos de os enumerar todos! Peço, por isso, aos meus participantes que enunciem o(s) país(es) que lhes são mais caros (sem esquecer o nosso, para começar).

11. Termina-se rezando pela Terra, pelas Águas, pelas nossas águas (rios, lagos e mares).

12. Por fim, ainda em silêncio, dispõem-se ao centro da sala quatro cadeiras viradas a leste. O grupo organiza-se de manhã, para utilizar ao máximo as energias do sol nascente. As quatro cadeiras representam os quatro elementos (Terra, Fogo, Água, Ar), os quatro pontos cardeais, os quatro signos fixos (Touro, Leão, Escorpião, Aquário), que são os quatro pilares do mundo. Se houver espaço, pode acrescentar-se uma quinta cadeira quando se é muito numeroso.

13. Ainda em silêncio: aqueles que querem ser curados sentam-se numa das cadeiras. Aqueles que querem impor as mãos vêm fazê-lo sobre a pessoa da sua escolha. Podem também ficar de pé — em silêncio — atrás de uma cadeira, indicando assim que estão disponíveis para curar alguém. Sempre em silêncio. Aqueles que não querem nem impor as mãos nem receber essa imposição ficam no seu lugar — em silêncio — para rezar pelos que estão nas cadeiras e pelos que estão de pé a curar.

Quantas vezes se pode impor as mãos? Tantas quantas se sinta ter força para isso. (Três vezes já é bom!)

Quanto tempo dura a imposição das mãos a cada pessoa? Como se sentir. Pessoalmente, paro quando as minhas mãos arrefecem, ou quando ouço uma voz interior dizer-me: «Chega.»

Quantas vezes se pode receber a imposição das mãos? Tantas quantas se quiser. Pode-se também sentar-se numa cadeira e, interiormente, canalizar o fluxo de energia luminosa para uma pessoa ausente que nos é querida.

14. Quando termina, cada um volta ao seu lugar para agradecer interiormente.

15. Quando já não há candidatos ao *healing*, nem nas cadeiras nem atrás delas, arrumam-se as cadeiras (ainda em silêncio, se possível!).

16. Por fim, faz-se um círculo, de mãos dadas (a palma esquerda voltada para o céu, a direita para a terra), para transmitir a Energia Cósmica.

17. E canta-se em conjunto — em hebraico — o cântico-mantra «O Senhor é o meu pastor» («Mizmor lé David», ver acima). O efeito é mágico, sobretudo se se repetir três vezes. Para os recém-chegados, que não têm o hábito, põe-se a cassette do salmo cantado em hebraico. E isto «fecha» eficazmente os chakras.

18. Depois, quebra-se o silêncio antes de ir almoçar juntos!

Quando este atelier de cura dura um dia, dedico a tarde a explicações: porque se fez isto ou aquilo; o que é que Cayce disse sobre isso, etc. Cada participante exprime a sua vivência durante a imposição das mãos e a hora de meditação. É aí que se descobrem coisas extraordinárias... (Por exemplo, os que viram passar silhuetas luminosas na sala enquanto meditávamos... os que veem auras pela primeira vez! etc.) Em geral, insisto para que os meus

participantes aprendam de cor a relação entre cada glândula endócrina, a sua cor fundamental, e o versículo do Pai-Nosso que lhe corresponde. Há também uma correspondência com as notas musicais, com os planetas e os signos do Zodíaco — e com as sete Igrejas do Apocalipse (ver capítulo seguinte).

Como escolher um local para o grupo de cura

É indispensável um local onde cada um possa sentar-se tranquilamente (portanto, muitas cadeiras, almofadas, tapetes) durante as duas ou três horas que a sessão dura. A posição de meditação fica ao critério de cada um: Cayce não deu instruções sobre isso. Quando vejo infelizes a obrigarem-se a meditar em lótu, quando não são indianos nem professores de ioga, tenho pena: meditar não é infligir a si próprio uma hora de tortura física sob a forma de câibras na barriga da perna...

Que cada um se instale confortavelmente, é tudo.

Recentemente, organizámos a reunião num restaurante japonês muito sóbrio, silencioso e discreto, que abriu apenas para nós. Tivemos também ali um ambiente muito inspirado, caloroso e amigável — e bons resultados! (Foi no Chez Mido, Rue de Bourgogne, em Paris.)

A sala não deve estar nem demasiado quente nem demasiado fria (levar um casaco ou uma camisola). É importante, porque se se tem frio a «corrente» já não passa: torna-se difícil impor as mãos com eficácia! Sobretudo para os que estão a começar no *healing*.

Deve haver casas de banho perto, para que cada um esteja tranquilo desse lado...

A sala deve ser bonita, com cores de paz e uma harmonia que ajude cada um a concentrar-se.

Lembro-me de um dos melhores ateliers de *healing* que tivemos, em casa do meu amigo Jean-Yves Mock: era um lugar extraordinário, datado da Idade Média, com paredes de pedra e uma lareira, como numa torre de menagem. Estávamos dentro das muralhas de Filipe Augusto, Cour de Rohan, em Paris, no distrito V. Este lugar carregado de história e arranjado com um requinte extremo pelo seu proprietário, homem de grande gosto, contribuiu muito para a densidade espiritual da assembleia.

Nesse dia, constatámos fenómenos extraordinários...

Quanto ao ruído... o ideal seria que fosse inteiramente natural — as ondas do mar ou os passarinhos! Infelizmente, isso é difícil na cidade.

Recomendo, por isso, aos meus participantes que não se irritem com os ruídos de fundo, mas que os «acolham» dentro de si com benevolência, seguindo o trajeto do ruído no interior do seu próprio corpo. É o melhor meio de o neutralizar.

Da influência dos perfumes na meditação

Quando se quer curar alguém impondo-lhe as mãos, pode-se ajudar com óleos essenciais.

No Egito antigo, segundo Cayce, os perfumes tinham grande importância, tanto na vida religiosa como na cura (pois as duas estavam intimamente ligadas).

O papel dos perfumes era favorecer a meditação, contribuindo para «abrir» os centros glandulares ao longo dela. Os indianos (da Índia) não esqueceram essa função dos perfumes. Na liturgia católica, resta um vestígio: o uso do incenso. Mas a imensa maioria dos fiéis já não sabe por que se usa.

É também a razão profunda pela qual as mulheres põem perfume para atrair um homem: o odor libertado atua sobre os centros glandulares, permitindo a abertura dos chakras sexuais e a subida da força vital nesses centros. Muitas espécies animais, na estação do amor, segregam um odor com esse fim.

Mas há perfume e perfume. Nem todas as essências são favoráveis, quer à excitação sexual, quer à meditação. As reações individuais podem também ser muito diferentes.

É o que diz Cayce:

Um perfume à base de íris tem o mesmo efeito em toda a gente? A água de rosas, ou a essência de cravinho, ou de madressilva, ou de macieira-brava, afetam os indivíduos da mesma maneira? Não.

Para alguns, estas essências podem trazer influências negativas. Para outros, isso fará recordar experiências íntimas que marcaram o seu subconsciente [...]. Os perfumes contribuem muito para o desenvolvimento dos seres humanos. Vede a diferença entre alguém da vossa Nova Inglaterra, que respira o odor de uma terra que tem certas características [...], e aqueles que, sob outros climas, respiram a pimenta vermelha e o cheiro dos

pântanos. E vede os temperamentos diferentes entre uns e outros. Nada tem tanta influência como os odores sobre a vida material. (Leitura 274-7.)

E ainda:

Estas plantas variadas, com os seus perfumes diferentes, de onde tiram a aptidão para produzir esses cheiros — uma a limão, outra a laranja, a terceira a lavanda, a quarta a violeta? Esse caráter hereditário foi-lhes dado não pelo Homem, mas pelas Forças Criadoras, que lhes permitiram extrair [da terra, da água ou do ar] o que é necessário para a produção daquilo que se torna uma essência. Essa essência desencadeia uma resposta, isto é, cria vibrações no nosso sistema olfativo, situado nas mucosas. É isso que provoca reações no corpo e, por esse motivo, tem sobre nós uma enorme influência. (Leitura 274-10.)

Na tradição ocidental, acreditava-se que a santidade se manifestava por perfumes suaves, o «odor de santidade». Este podia emanar de um santo vivo, mas também de um santo morto, presente apenas pela sua relíquia. Não penseis que isso desapareceu: tendo eu própria acompanhado alguns membros da minha família que peregrinavam a San Damiano, em Itália, fiquei muito surpreendida por sentir um cheiro a violeta ao pé do santuário. No entanto, era agosto, e a estação já tinha passado há muito. Sob a canícula, o campo queimado pelo sol cheirava a pó. Aliás, quase não havia flores no próprio santuário, tirando algumas rosas pobres e cansadas. Julguei estar a ser vítima de uma alucinação. Os meus vizinhos, bem informados, disseram-me que era uma experiência frequente entre peregrinos: ao que parece, o cheiro a violeta anuncia a passagem (invisível) do Padre Pio, o célebre místico italiano.

Não muito convencida, pensei que devia haver na assistência alguma senhora que se lavara nessa manhã com um frasco inteiro de essência de violeta... No entanto, a multidão ia abandonando aos poucos o lugar, e nós ficávamos sós... mas o perfume persistia!

O fenómeno ainda existe nos nossos dias, e não apenas em Itália (por exemplo, em França, em certos santuários da Provença; no Líbano, no túmulo de São Charbel Makhlouf, etc.).

Cayce recorda que a Bíblia fala muito frequentemente de perfumes, e que não se trata apenas de uma figura de estilo usada em poesia — como hoje se tende a acreditar.

E o que queriam dizer os Antigos quando diziam: «Isto subiu como um suave incenso diante do Criador»? Queriam dizer que o indivíduo tivera uma tomada de consciência, reencontrando interiormente o estado celeste em que estava antes da sua encarnação — antes de se tornar contaminado pelas formas da matéria [...]. (Mesma leitura.)

Para a meditação, Cayce recomenda diferentes essências — por exemplo, a íris, o cedro, a violeta (amor-perfeito), o hissopo —, mas insiste particularmente na lavanda, cuja ação específica não produz uma excitação sexual, mas, pelo contrário, uma calma favorável ao estado meditativo:

A lavanda alguma vez favoreceu os prazeres carnavais? Ela foi antes a auxiliar dos anjos de luz e de compaixão quando queriam conduzir a alma dos homens a um lugar de paz e de compaixão. (Mesma leitura.)

As essências exercem uma ação purificadora e libertam o corpo dos instintos:

Alguns têm necessidade de odores bem definidos para sentir os efeitos em questão [...] estimular a atividade de certas partes do seu corpo, de tal modo que as fontes de energia mais carnavais, mais materiais, sejam postas de lado, para que o corpo, no seu conjunto, seja purificado. Assim, a pureza de pensamento terá menos dificuldade em impor-se [...] elevando-se pouco a pouco através do conjunto dos centros glandulares [...] do corpo. (Leitura 281-13.)

No entanto, é preciso guardar-se bem de utilizar perfumes sintéticos. Cayce, na leitura 274-10, desaconselha-os absolutamente (ver tomo I). Existem produtores de plantas aromáticas cultivadas sem pesticidas, que extraem as essências segundo os antigos processos tradicionais (família Fra, produtores biológicos de lavanda, 84400 La Garde d'Apt, França), para os óleos essenciais; e «Le Jardin des Plantes médicinales», Rue du Pavé, 49700 Doué-La-Fontaine, para as plantas aromáticas (tel.: 41 59 72 97), obra animada por uma mulher notável, Denise Gonalons (trata-se de um centro de trabalho para pessoas com deficiência da Cruz Vermelha), num espírito muito «cayciano». As suas plantas — como as essências da família Fra — têm um perfume incrível! Têm também cores muito vivas, uma coisa acompanhando a outra, naturalmente (os vegetais que perderam as suas cores também perderam os seus «poderes» terapêuticos).

O Apocalipse como ferramenta terapêutica

O Apocalipse é uma lição de medicina

Uma das originalidades de Cayce é a sua interpretação do Apocalipse. Último livro das nossas Bíblias — que o leitor desprevenido corre o risco de achar delirante —, o Apocalipse descreve todo um zoológico de animais fantásticos, de personagens estranhas, de lugares esquecidos, cuja utilidade não se vê, à primeira vista.

Ora, eis o que diz Cayce:

Estas visões, estas experiências, estes nomes bizarros, estas igrejas, estes lugares, estes dragões e estas cidades não são mais do que símbolos. São os símbolos das forças que lutam entre si no interior do Homem durante a sua viagem através do mundo material [a vida terrestre]. E isto até que ele entre de novo na luz gloriosa, no despertar em espírito que se produz no entre-dois-mundos, no Além.

Assim, as Igrejas [21] mencionadas pelo Apocalipse simbolizam as potências a que chamamos os cinco sentidos, e que devem ser espiritualizadas pela vontade de cada indivíduo. É o que acontece quando o Homem reencontra a sua unidade através das suas atividades no mundo da matéria [terrestre].

É assim que os Anciãos, o Cordeiro [22], não são mais do que símbolos para nos mostrar os comportamentos do Homem enquanto indivíduo, nas suas recusas e aceitações.

E, como vemos, as diferentes imagens apresentadas neste livro, dadas como vindas de visões, descrevem na realidade toda a forma de energia que se manifesta a nós. E essa energia é-nos apresentada como proveniente de uma única fonte. A alma, a vontade do indivíduo, pode escolher coordenar as suas energias com esta Fonte única, permitindo-lhe impregnar cada vez mais o mundo da Matéria, e isto através de uma experiência de vida que pode ser analisada de um ponto de vista espiritual.

Ou então [a alma age] no sentido contrário. Então, direis vós, por que é que tudo isto é apresentado sob a forma de símbolos? Porquê todas estas histórias? Pois bem, porque estes textos se destinam àqueles que eram — ou que se tornarão, através da sua procura — iniciados. Precisamente aqueles

que são capazes de compreender a glória que pode ser deles, se aceitarem pôr mãos à obra para viver, nos seus atos, a Conhecimento tal como o percebem na sua vida presente. Nessa linha de procura, qualquer pessoa pode encontrar ali, em cada versículo e em cada símbolo, tudo o que é bom ou mau nos seus atos, no que faz do Conhecimento, da Lei, do Amor, da Compaixão, da inteligência.

E como compreende a vinda do Cordeiro ao mundo. E como poderá, através do seu exemplo assim mostrado simbolicamente, apresentar-se diante do Seu trono na qualidade de herdeira, como foi dito. Herdeira, isto é, mais exatamente coerdeira com Ele, com os outros filhos de Deus, chamados a essa luz gloriosa que é a Sua.

É assim que os leitores do Apocalipse são encorajados a procurar as lacunas do seu «eu»: é o que querem sugerir os quatro primeiros capítulos, tal como hoje os dividimos. Quais são as lacunas da vossa personalidade? Sois frios? Sois quentes? Tendes sido negligentes na aquisição do Conhecimento, que vos pertence por direito? Sois alguém de nuca rígida? Sois adúlteros em pensamento, em ato, etc., nas prerrogativas que são vossas? Assim, não encontrastes já, nas vossas diversas vidas, essas personagens simbólicas descritas pelo Apocalipse e que se encontram «diante do trono de Deus»: os vinte e quatro Anciãos, por exemplo, que são o emblema das energias físicas do Eu e de que temos a imagem no nosso mental?

E nunca recebestes a mensagem do cavaleiro esverdeado? [Algumas Bíblias traduzem por «cavaleiro verde», outras por «cavaleiro esverdeado», o que está mais próximo do sentido original. Trata-se, com efeito, como dizem os geobiólogos, de «verde negativo». Ou de... verdete! Em todo o caso, um verde que não traz nada de bom. Não é o verde prado...] Ou do negro? Ou do branco? Ou do vermelho? Que são as figuras emblemáticas das mensagens que recebestes ao longo das vossas diferentes experiências de vida terrestre?

E como vos situais em relação a símbolos como Babilónia [23], ou os rios de sangue[23], ou a árvore da vida[23]? Todos esses símbolos representam o Eu. O Eu-corpo físico, o Eu-corpo mental, o Eu-corpo espiritual. Cada um com os seus atributos, físicos, mentais, espirituais. E devem tornar-se unidos, Um em vós mesmos, como são Um no Pai, no Filho e no Espírito n'Ele [...].

Assim, desejais entrar na Glória do Pai?

Todo o ser humano que o desejo deve vir tomar livremente a água da Vida descrita no livro do Apocalipse, correndo em rio desde o trono do Cordeiro. [...] E para que sois chamados? Antes de mais, deveis saber que só aqueles que deixarem cair o seu ego serão salvos. A vossa única salvação é glorificar o vosso «Eu» no Cristo cósmico. (Leitura 281-16.)

E Cayce continua, dando a chave de todas as figuras estranhas que povoam este livrinho tão estranho: a Grande Babilónia, os Anjos, o Trono, a Mulher, o Fogo, a Serpente, o Cordeiro, a Besta... todo o zoo, enfim!

Como era algo muito novo, mesmo para protestantes da «Bible Belt» que sabiam a Bíblia de cor, a boa Gertrude Cayce pediu ao marido alguns esclarecimentos. E foi assim que Cayce empreendeu, em vinte e quatro leituras, uma descrição do corpo humano a partir do Apocalipse. Ele próprio estava apaixonado pelo que essas leituras iam revelando pouco a pouco, e aprendia uma quantidade de coisas que até então ignorava completamente.

Com efeito, esta descrição do Homem, dada simbolicamente no Apocalipse, é fundamental para toda a pessoa interessada nos processos de cura. Pois Cayce revela aí, em toda a sua amplitude, a importância essencial das glândulas endócrinas. Pouco conhecidas no seu tempo — e mesmo ainda hoje —, o seu papel-chave era seguramente muito melhor compreendido pelos iniciados essénios, de que João, autor do Apocalipse, fazia parte. E este traduz o saber iniciático do seu tempo na sua misteriosa Apocalipse, que, no fundo, pode ser considerada um tratado de medicina holística (isto é, a medicina que trata dos três corpos — físico, mental, espiritual — nas suas inter-relações).

Os textos que se seguem são, sob este aspeto, verdadeiramente novos.

Se estiveres pouco familiarizado com a Bíblia...

Receio que o leitor francês, menos focado na Bíblia do que o leitor americano, se sinta repellido pelo abuso de **"biblismo"**. Cayce dirige-se aos seus concidadãos, impregnados do Antigo e do Novo Testamento, para quem expressões como "povo de cerviz dura" ou "geração adúltera" têm um sentido. (A "cerviz dura" designa os orgulhosos que não escutam nada, e o "adultério" é tomado no sentido geral de incumprimento do "contrato" feito com Deus.)

É absolutamente necessário reiterar que Cayce não pretende converter ninguém às religiões judaico-cristãs oriundas da Bíblia. Já falei no tomo I

sobre a sua tolerância e o seu respeito pelas opiniões de cada um. De facto, para Cayce, todas as religiões do mundo foram inspiradas pelo **Cristo Cósmico**. As verdades contidas no Apocalipse estão presentes igualmente, com outras palavras, nas Upanishad, no Zend-Avesta, no Corão, nas Tríades drúílicas ou no Popol Vuh... Mas existem ainda, mesmo entre os fiéis de Cayce, zelosos missionários que não compreenderam o seu ensinamento. Tentam persuadir-vos de que "fora da Bíblia, não há salvação!".

Eu tinha-me espantado com o facto de os biógrafos de Cayce terem insistido tanto na sua participação regular nas "Sunday classes", onde ele dava aulas de Bíblia. Aos meus olhos de europeia, tratava-se apenas de um compromisso que honra a generosidade de Cayce — não de uma garantia absoluta de moralidade! Mas percebi que, aos olhos dos seus concidadãos, isso era capital: esse compromisso "prova-lhes" que Cayce era um homem respeitável!

A confusão entre religião e *standing* social nos Estados Unidos é tão geral, e pesa tão pesadamente (e tão insidiosamente) sobre o cidadão comum, que recorda o que se passava na França burguesa, católica e "bem-pensante" do início do século. Em Virginia Beach, por exemplo, as pessoas diziam-me com um ar penalizado: «Não quer mesmo que a levemos de carro à sua igreja no dia de Natal? ... COMO, NÃO TEM IGREJA? Mas isso não está bem. É PRECISO pertencer a uma Igreja!» O meu círculo social julgava muito mal o facto de, no dia de Natal, repelida pela vulgaridade e pelo barulho das missas que ali tinha ouvido, eu ter preferido ir rezar na Natureza (em conformidade com o que diz Cayce: **A Igreja está em ti mesmo**, ver abaixo a leitura 2403-1).

Outro dia, enquanto fazia pesquisas sobre certos consulentes célebres de Cayce, perguntei à bibliotecária por que razão todos os nomes próprios nas leituras tinham sido substituídos por números. Em muitos casos, teria sido muito interessante saber para quem fora dada determinada leitura precisa. Teriam os pacientes de Edgar recusado a autorização para publicar os seus nomes?

— Oh — respondeu-me a secretária —, as pessoas que vieram consultar Cayce foram tão perseguidas pela sua Igreja que fomos obrigados a suprimir todos os nomes próprios. — E se, no livro que vou publicar em França, eu falar de uma ou outra destas personalidades marcantes que rodeavam Cayce, acredita que a autorização para citar o seu nome me será concedida pelo

interessado (ou pelos seus herdeiros)? — Não conte com isso, as pessoas não querem arriscar ter problemas com a SUA Igreja!

É o que se chama a liberdade de pensamento na América... Em suma, Cayce, que tanto falou do respeito pelo próximo, ainda não foi compreendido no seu país! Eis algumas leituras:

Uma determinada Igreja, a sua organização, muito bem. Isso centra as ideias. Mas não vão acreditar que o queijo inteiro é vosso...! (Leitura 3350-1.)

A Igreja está em ti mesmo. Pois o teu corpo é um Templo do Deus vivo. Portanto, a questão não é pertencer a esta ou àquela organização, reivindicar este ou aquele nome, ou título... (Leitura 2403-1.)

Acabaremos sempre por descobrir que a Verdade — qualquer que seja a etiqueta, ou a religião em "ismo", ou o culto — vem de uma Só Fonte. Não existem árvores [de espécies diferentes], carvalhos, freixos, pinheiros? Cada um deles responde a uma necessidade e corresponde a uma experiência. Todos têm um lugar a preencher. Não critiquem nenhum, mas tentem antes mostrar-se um excelente pinheiro, ou freixo, ou carvalho... (Leitura 254-87.)

E, para encerrar este capítulo, uma pequena história vivida, para mostrar que, na velha Europa também, há caminho a percorrer. Eis o que me contou uma espirituosa amiga. Um dia, ela visita um convento perto de Orleães e, ao sair, dá uma esmola à irmã porteira.

— Oh, obrigada — diz esta. — Não me esquecerei de rezar por si, direi cinco *Pater* e cinco *Ave*. — É muita gentileza sua — agradece a minha amiga, em tom de brincadeira. — Mas não sei se fará efeito: sabe, eu sou judia! — Oh! Minha pobre senhora, é pavoroso! Que horror! — Porquê? Eu julgava que Jesus e Maria também eram judeus? — Oh não! Isso não é possível, não posso acreditar numa coisa dessas! — protestou a pobre irmã, cuja fé vacilava sob o choque desta escabrosa revelação... — Enfim — insistiu a minha amiga, com ar sério —, há uma dúvida sobre isso, mas informe-se de qualquer maneira!

A Grande Babilónia, o Cordeiro e as Bestas más

Mas retomemos o fio das perguntas feitas a Cayce sobre o significado das figuras simbólicas do Apocalipse.

PODE EXPLICAR-NOS A «QUEDA DE BABILÓNIA» DE QUE FALAM OS CAPÍTULOS 14, 17 E 18 DO APOCALIPSE?

Babilónia representa o indivíduo; estas etapas pelas quais passa toda a alma ao penetrar nos diferentes mistérios das energias mentais-carnais, mentais-espirituais do corpo humano. E, a partir daí, como a alma pode começar a compreender que será preservada das destruições narradas no livro, se apenas aceitar passar por uma purificação...

E O QUE QUER DIZER O ANJO QUANDO DIZ: «VOU DIZER-TE O MISTÉRIO DESTA MULHER E DA BESTA QUE A CARREGA. BESTA DE SETE CABEÇAS E DEZ CHIFRES»? (Cap. XVII.)

Aqueles que seguem o caminho do Cordeiro compreenderam-no: eles sabem o quanto o Homem se desintegra ao ceder aos desejos que o fazem tornar-se como o procriador destas bestas; e foi isso que o obrigou a derramar sangue para se redimir. Mas o pecado manchava esses derramamentos de sangue. É apenas através de um processo equivalente que a realização se poderá fazer. Pois a Terra e o Céu podem passar, o Seu amor, a Sua compaixão, a Sua graça durarão para aqueles que procuram conhecer a Sua vontade.

A expressão "derramamento de sangue" simboliza tradicionalmente o sacrifício. A resposta de Cayce alude aos sacrifícios sangrentos de animais (e até de homens) das religiões antigas, que, de facto, nos parecem extremamente bárbaros. O sentido geral da resposta é que, finalmente, nos é necessário aceitar o sacrifício (ou seja, o sofrimento) sob uma forma que já não implique um "derramamento de sangue" no sentido literal, na maioria dos casos.

E PARA ONDE VÃO OS MORTOS ATÉ AO REGRESSO DE CRISTO? VÃO DIRETAMENTE PARA JUNTO DELE QUANDO MORREM?

Como narram as visões do Bem-Amado [João], há santos que estão sempre diante do trono de Deus, para interceder em favor daqueles que chegam ao Além no momento da morte, ou que o deixam [para renascer]. E Ele, o Cristo, está sempre presente na consciência daqueles que se redimiram

n'Ele. O nascimento, a morte, é como o verão, o outono, a primavera. O nascimento no entre-mundos, depois o nascimento na matéria...

E SOB QUE FORMA DEVE VIR O ANTICRISTO DE QUE FALA O APOCALIPSE?

Num espírito oposto ao espírito da Verdade. Os frutos do Espírito crístico são o amor fraternal, a benevolência; [...]. O espírito de ódio, o Anticristo, é opressão, discórdia, crítica, egoísmo, procura de lisonjas. Estas disposições, que pertencem ao Anticristo, tomam posse dos grupos, das massas e manifestam-se na vida dos homens. (Mesma leitura.)

Cayce falou várias vezes desta entidade misteriosa chamada "o Anticristo". Dei as suas leituras sobre isso em *As Profecias de Edgar Cayce* — sem ter a certeza de eu própria ter compreendido perfeitamente de que se tratava. Será algo atual? Uma personagem passada, presente, futura? Que começa a agir desde já, como sugere a leitura acima? Ou uma personagem que aparecerá no ano 2030, 2300, ou mais tarde?

Penso no que me contou Paco Rabanne numa entrevista, e que ele também retomou nas suas Memórias (Ed. Carrère-Lafon): «Quando estive pela primeira vez em Nova Iorque, em 1975, vi escrito em letras azuis, numa das torres de Manhattan: 666. Tive um choque, eu que sabia o Apocalipse de São João de cor. Perguntei ao meu amigo americano que me acompanhava: "Mas, 666, o que é que isso quer dizer?" E ele responde-me: "É a primeira emissão de rádio no mundo nas ondas 666, as ondas curtas." E eu, fiquei assustado, compreendi que era a voz da Besta surgida do fundo dos mares, que se exprimia através da utilização dessas ondas de rádio. Ora, esta veiculou a voz de quem? A dos cantores a quem chamam "os ídolos". É o canto da Besta que seduziu as multidões...»

E AS QUATRO BESTAS, O QUE É QUE ISSO QUER DIZER?

Trata-se das quatro energias destruidoras, que provêm das pulsões carnis, que se elevam como bestas, no interior do Eu, para o devorar. É o Homem, no seu desejo de encontrar companheiros, que introduziu estes elementos que ele experimenta agora no seu Eu íntimo. Deve-se fazer-lhes frente. O Dragão representa a energia cortada do Eu profundo, de tal modo que somos obrigados a combatê-la, a destruir todas estas pulsões que queriam reinar de forma anárquica. (Leitura 281-16.)

ESTAREMOS A PROCEDER CORRETAMENTE AO INTERPRETAR AS QUATRO BESTAS DO APOCALIPSE COMO OS QUATRO DESEJOS FÍSICOS FUNDAMENTAIS DO HOMEM, PULSÕES FÍSICAS DE BASE QUE DEVEM SER DOMINADAS? DÊ-NOS MAIS ALGUMAS EXPLICAÇÕES SOBRE ISSO.

É exato. Em tudo isto — compreendam bem, são símbolos —, as Bestas representam as Forças elementais. Assim, o nosso corpo, que é de natureza terrestre, é feito de quatro elementos (Ar, Terra, Fogo, Água). Pois, como temos dito frequentemente, todo o elemento, toda a energia que existe no exterior do Homem encontra-se igualmente no interior do Homem vivo — não o que está morto, mas o vivo! Pois a Força vital é aquela pela qual todo o ser vivo foi levado a viver. Eis por que toda a energia, toda a força, todo o processo energético se reencontra aí dentro. E, na experiência da vida terrestre enquanto ser humano, nunca se encontrará uma atividade física, um objeto ou uma técnica que não seja a cópia, ou a expressão, ou a manifestação de tudo o que se encontra no Homem vivo. Pois, nas atividades da Terra, o Homem só pode conhecer aquilo que faz eco ao que ele carrega dentro de si mesmo. (Mesma leitura.)

As sete Igrejas e as glândulas endócrinas

A análise seguinte incide sobre o início do livro do Apocalipse, onde São João escreve às Igrejas da Ásia para lhes contar uma visão que teve a seu respeito.

É CORRETO INTERPRETAR AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE COMO OS SETE CENTROS ESPIRITUAIS DO CORPO FÍSICO?

Correto.

TEREMOS NÓS COLOCADO BEM CADA UMA NO DESENHO? E PODERIA EXPLICAR-NOS COMO O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO E AS SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA TERRESTRE ESTÃO EM RELAÇÃO COM ESTES CENTROS ESPIRITUAIS, SIMBOLIZADOS PELAS IGREJAS? SE BEM COMPREENDEMOS O QUE DISSE, AS GÓNADAS SÃO SIMBOLIZADAS PELA IGREJA DE ÉFESO. AS CÉLULAS DE LEYDIG PELA IGREJA DE ESMIRNA. O PLEXO SOLAR, OU ANTES AS ADRENAIS, PELA IGREJA DE PÉRGAMO. O TIMO PELA IGREJA DE TIATIRA. A TIROIDE PELA IGREJA DE SARDES. A PINEAL PELA IGREJA DE FILADÉLFIA. A HIPÓFISE PELA IGREJA DE LAODICEIA.

Mais do que uma longa explicação, seria melhor um pequeno quadro onde tudo estivesse colocado com as correspondências. Dito isto, na experiência de vida de cada pessoa, na experiência que ela ganha pela sua aplicação ao trabalho, isso pode ser diferente.

(Cayce quer dizer que o quadro — na página seguinte — não deve ser tomado de forma demasiado rígida, e que as correspondências simbólicas que vimos variam nos casos concretos.)

Explicar em pormenor o processo da abertura de cada um destes centros glandulares [ou chakras], das atividades de cada um, dar demasiadas precisões, de nada nos serviria. Mas conheci o princípio, eabei aplicá-lo na vossa vida e no vosso ambiente, cada um segundo as vossas aptidões. A vida dá-vos a oportunidade para tal. É preciso saber que, em tudo isto, a energia do «Eu» é apenas um canal. É Deus quem dá o seu programa, o seu esquema de crescimento a estes centros glandulares. No entanto, não há uma fórmula feita. É a atividade, a aplicação da vossa energia, que conduz a certos resultados [...], pois o Homem dispõe do seu livre-arbítrio...

QUAL É A GLÂNDULA MAIS ALTA DO CORPO, A PINEAL OU A HIPÓFISE?

A hipófise.

É EXATO INTERPRETAR OS VINTE E QUATRO ANCIÃOS DO APOCALIPSE COMO O SÍMBOLO DOS VINTE E QUATRO NERVOS CRANIANOS QUE ESTÃO ESPECIALMENTE LIGADOS AOS CINCO SENTIDOS?

Exato.

A REFERÊNCIA, FREQUENTE NO APOCALIPSE, AO «TRONO» (de Deus) INDICA A CABEÇA, NA QUAL SE ENCONTRAM OS MAIS ALTOS CENTROS GLANDULARES?

Exato.

Pequeno quadro recapitulativo das correspondências entre o Apocalipse e o sistema das glândulas endócrinas, segundo Cayce

Glândulas endócrinas	Igrejas citadas no Apocalipse	Versículos do Pai-Nosso (com a palavra-chave)*	Cor (correspondente)
HIPÓFISE (pituitária)	Laodiceia	Céu (ou: céus)	VIOLETA
EPÍFISE (pineal)	Filadélfia	Nome	ÍNDIGO
TIROIDE	Sardes	Vontade	AZUL
TIMO	Tiatira	Mal (ou: caminho da retidão)	VERDE
SUPRARRENAIS (correspondentes ao plexo solar)	Pérgamo	Ofensas (ou: transgressões)	AMARELO
Células de LYDEN (ou de Leydig)	Esmirna	Tentação	LARANJA
GÓNADAS (glândulas sexuais)	Éfeso	Pão (ou: necessidade do nosso corpo)	VERMELHO

* Do Pai-Nosso tradicional e do Pai-Nosso dado por Cayce.

Convido o leitor a adquirir o *Apocalipse de João* (que é, na verdade, um livro muito pequeno) e a relê-lo. Uma vez que se segura o fio condutor dado por Cayce, muitas coisas se esclarecem. Se relerem cuidadosamente o primeiro capítulo, "Carta às Igrejas da Ásia Menor", poderão encontrar as correspondências simbólicas com as glândulas endócrinas. Por exemplo, a Igreja de Éfeso é ali descrita como muito combativa. Vê-se a relação óbvia com a energia vital, a força *Kundalini* que alimenta, em primeiro lugar, as glândulas sexuais. Nada se faz sem esta energia, que nutre todo o combate.

A correspondência com o versículo do *Pai Nosso*: "o pão nosso de cada dia nos dai hoje", é claramente indicada pelo último versículo aplicado à Igreja de Éfeso: "Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida."

A segunda Igreja, a de Esmirna, é avisada de que irá passar por uma provação: os seus fiéis serão lançados na prisão, sendo tentados a renegar a sua pertença a essa Igreja. Cayce diz que as células de Leydig são o centro do equilíbrio *yin-yang* do corpo e correspondem à palavra "tentação" — é precisamente a palavra empregada pelo Apocalipse para esta segunda Igreja.

A Igreja de Pérgamo, por sua vez, corresponde às suprarrenais, que, como se sabe, produzem uma hormona — a adrenalina — que controla a agressividade. Ora, o que diz o Apocalipse? João fala da "espada afiada de dois gumes": não há símbolo mais claro de agressividade. A correspondência com o *Pai Nosso* coloca em relação as suprarrenais com a palavra "ofensas" ou "transgressões". De facto, é isso que é censurado a esta Igreja: "Arrepende-te, pois", diz o texto.

Paro por aqui para não cansar o leitor. Ser-lhe-á fácil continuar esta análise até ao fim. As Igrejas estão lá para indicar a função das glândulas endócrinas no nosso comportamento geral. Se quisermos curar-nos, tanto física como mental ou moralmente, devemos procurar em nós mesmos como determinada falha de certa glândula nos leva a tal comportamento desajustado. Quando pensamos nisso, perguntamo-nos como puderam os psicólogos ocidentais ignorar estes mecanismos da maior importância (contudo bem conhecidos na Índia, na China e no Japão!). Mas voltemos aos textos de Cayce, onde os centros glandulares maiores são associados não só às Igrejas, mas às Bestas, aos Cavaleiros, a todo um jardim zoológico...

A correspondência entre o Zodíaco, os planetas e as glândulas endócrinas (ou chakras) no Apocalipse

ESTAREMOS A COLOCAR CORRETAMENTE ESTAS QUATRO BESTAS DIANTE DE CADA CENTRO GLANDULAR CORRESPONDENTE? DIANTE DE CADA ELEMENTO QUE ELAS SIMBOLIZAM? O ÁGUIA CORRESPONDERIA AO TIMO E AO AR?

Relativamente, sim. Relativamente correto.

Cayce não diz: "absolutamente correto", porque as correspondências, tal como lhe são propostas por quem faz a pergunta, distorcem as clássicas correspondências astrológicas. Na astrologia, os quatro elementos são simbolizados pelos quatro signos fixos do Zodíaco: Aquário rege o Ar, Touro a Terra, Leão o Fogo, Escorpião (ou Águia) a Água. Mas pode haver ambivalências: por exemplo, na astrologia, Júpiter rege simultaneamente um

signo de Fogo (Sagitário) e de Água (Peixes). O Escorpião é certamente ambivalente, visto ser considerado "Águia" nas suas vibrações mais elevadas, sendo suposto ser "um animal nobre", e "Serpente" nas suas vibrações mais baixas. João, o iniciado, chamado "a Águia de Patmos", é associado ao signo de Escorpião na clássica correspondência entre os quatro evangelistas e os quatro signos fixos do Zodíaco: podemos vê-los nas nossas catedrais, onde o Aquário é figurado por um Anjo, "signo com rosto humano".

Sabe-se que, por outro lado, a cada um dos doze Apóstolos correspondia um signo do Zodíaco. Mas não me alongarei detalhadamente sobre isso. Jacques d'Arès e a sua revista *Atlantis* são especialistas no assunto, e remeto o meu leitor para essa publicação e para as obras do próprio Jacques d'Arès, bem como para *Os Símbolos Universais* de Jean Prieur. Como diz Cayce, as correspondências simbólicas servem apenas para facilitar a nossa tomada de consciência e cada um, finalmente, percebe-as à sua maneira particular.

E SENHOR CAYCE, O FOGO CORRESPONDE MESMO AO LEÃO E AO PLEXO SOLAR (SUPRARRENAIS)? Sim, está correto.

A ÁGUA CORRESPONDE AO HOMEM, ÀS CÉLULAS DE LEYDIG? Sim.

A TERRA AO TOURO E ÀS GÓNADAS (GLÂNDULAS SEXUAIS)? Sim.

O LIVRO COM OS SETE SELOS REPRESENTA O CORPO HUMANO COM OS SETE CENTROS ESPIRITUAIS (GLANDULARES)? Correto.

A ABERTURA DOS SELOS ESTÁ CORRETAMENTE COLOCADA NO NOSSO ESQUEMA? POR FAVOR, À MEDIDA QUE OS ENUMERAMOS, DIGA-NOS COMO "ABRIR" EFICAZMENTE ESTES CENTROS GLANDULARES...

Cayce, interrompendo a pergunta: Primeiro, oiçam isto: não tentem abrir nenhum destes centros glandulares descritos pelo livro enquanto vós próprios, no vosso íntimo, não se tiverem questionado sobre a vossa relação pessoal e consciente com as Forças Criadoras [Deus], enquanto não tiverem a certeza absoluta de querer encontrar em vós mesmos a resposta espiritual. E enquanto não tiverem a certeza de querer realmente vivê-la em todo o vosso corpo [...]. Cuidado para não fazerem um mau uso destes centros glandulares [...].

Cayce adverte vivamente contra o perigo de abrir os chakras sem saber o que fazer com a energia que será assim libertada. Já falei disso anteriormente.

A cada chakra — ou glândula endócrina — a sua cor específica

As perguntas recomeçam adicionando uma noção capital: a cor ligada a cada glândula endócrina e a sua importância na saúde.

ENTÃO, AS GÓNADAS SERIAM SIMBOLIZADAS PELO CAVALEIRO BRANCO? Sim.

AS CÉLULAS DE LEYDIG PELO CAVALEIRO PRETO? Sim.

O PLEXO SOLAR (CENTRO DAS SUPRARRENAIS) PELO CAVALEIRO VERMELHO? Sim.

O TIMO, PELO CAVALEIRO ESVERDEADO? Sim. Mas que cada um de vós estude estes símbolos em relação com os centros glandulares. Tomem em consideração os efeitos da cor no vosso corpo, quando tentam agir concentrando-se nestes centros glandulares, ou meditando ou trabalhando sobre eles, seja de que maneira for. Pois a cor nada mais é do que uma vibração. A vibração é movimento. O movimento é a ação de uma energia de polaridade positiva ou negativa. Será a ação da vossa vontade, em relação com estas cores e estas glândulas, positiva? Continuem as perguntas.

A TIROIDE É DESCRITA SIMBOLICAMENTE NO APOCALIPSE PELO MASSACRE DAQUELES QUE FORAM ASSASSINADOS PELA PALAVRA DE DEUS? (Cap. VI.) Sim, exato.

E QUE COR AQUI? O cinzento.

E A GLÂNDULA PINEAL É SIMBOLIZADA PELO TERRAMOTO? (Cap. VI.) Sim, é exato, mas apenas numa medida relativa. Pois tudo isto descreve períodos em que as cores que surgem — as gamas de violeta — devem, ao propagarem-se, varrer os egoísmos do ego [...].

E OS PLANETAS DO NOSSO CÉU DE NASCIMENTO TÊM RELAÇÃO COM ESTES CENTROS GLANDULARES? A HIPÓFISE COM JÚPITER, A PINEAL COM MERCÚRIO, A TIROIDE COM URANO, O TIMO COM VÊNUS, AS SUPRARRENAIS COM MARTE, AS CÉLULAS DE LEYDIG COM NEPTUNO E AS GÓNADAS COM SATURNO?

Sim, é isso mesmo. No entanto, atenção, isto é variável segundo a vivência de cada indivíduo. Pois são energias que são variáveis na Natureza do próprio Homem, visto que ele possui em partilha todas as energias que existem na Natureza. Mas lembrem-se do que dissemos: não são os planetas que regem o Homem, mas sim o Homem, enquanto Homem divino, que regia os planetas. Assim, as correspondências dadas acima são apenas relativas. É relativamente exato. Em certos momentos, operam outras correspondências entre planetas e centros glandulares. Aqui, estas correspondências são-vos dadas de uma forma geral, mas estas energias podem atuar de forma diferente de um indivíduo para outro na sua experiência vivida [...]. (Leitura 281-29.)

É certo que as correspondências entre cores, planetas e signos indicadas acima não são exatamente as mesmas da astrologia clássica. É por isso que Cayce acrescenta sempre uma restrição: numa medida relativa, diz ele, ou então é variável.

A correspondência dos versículos do Pai Nosso com as glândulas endócrinas ou chakras

A HIPÓFISE CORRESPONDE À PALAVRA "CÉUS" NO "PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS"? Exato. Pois a sua atividade abre as atividades dos outros centros glandulares, elevando os pensamentos do Homem na sua relação com Aquele que o Apocalipse apresenta como sendo o alfa e o ómega, o princípio e o fim. Daí, no Homem, o lugar da hipófise, o seu papel no início e no fim de todas as coisas.

E A PINEAL CORRESPONDE À PALAVRA "NOME" EM "SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME"? Relativamente, sim.

A TIROIDE. É A "VONTADE" EM "SEJA FEITA A VOSSA VONTADE"? Exato.

O PLEXO SOLAR (OU CENTRO DAS SUPRARRENAIS) CORRESPONDE À PALAVRA "OFENSAS" EM "PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS"? Sim.

AS CÉLULAS DE LEYDIG CORRESPONDERIAM À PALAVRA "TENTAÇÃO"? Correto.

AS GÓNADAS À PALAVRA "PÃO"? Certo.

ENTÃO, COMO SE DEVERIA UTILIZAR O PAI NOSSO NESTA ÓPTICA? Tentando sentir o significado de cada versículo, fluindo através do vosso

corpo físico. Pois ocorre uma resposta orgânica às representações mentais. Estas atuam sobre o corpo físico [...].

Cayce define muito claramente aqui o princípio da cura pela visualização que é, finalmente, agora tomada em consideração pela psicologia. Mas voltemos ao Apocalipse.

E QUE SIGNIFICAM OS ANJOS NOS QUATRO CANTOS DA TERRA, DE QUE FALA O CAPÍTULO VII? Trata-se sempre das energias de base do corpo. São as quatro energias que combinam as suas influências para agir sobre a natureza do Homem desde a sua origem, em suma, o seu ambiente, a sua hereditariedade terrestre, tal como a sua hereditariedade mental e espiritual. Estes quatro "cantos" [diríamos pedras angulares] descrevem aqui as naturezas das energias que todos devem enfrentar e das quais é feita a natureza do Homem.

É CORRETO INTERPRETAR OS 144.000 ELEITOS COMO SIMBOLIZANDO A ESTRUTURA CELULAR DAS DOZE PARTES PRINCIPAIS DO CORPO HUMANO? Sim, correto. Isto pertence ao Homem enquanto Homem, em relação com a sua vivência.

AS DIVISÕES ZODIACAIS DO CORPO SÃO EXATAS E TÊM RELAÇÃO COM O QUE ACABA DE DIZER? Apenas relativamente. Pois temo-lo dito repetidamente em referência à astrologia: no que diz respeito à relação das partes do corpo com os signos do Zodíaco, ela é correta. Mas no que diz respeito aos signos do Zodíaco em si, como mudaram de lugar em relação à Terra, tomaram em tempos recentes uma natureza muito diferente. [Cayce alude à precessão dos equinócios, que tem como consequência que as constelações já não coincidam com os signos. O desfasamento atinge atualmente vinte e quatro graus, aguardando o nascer do Sol em Aquário no início do século XXI. É o que os astrólogos indianos chamam "ayanamsa".(30)]

A «MULTIDÃO DIANTE DO TRONO» DESCRITA NO CAPÍTULO VII SIMBOLIZA O RESTO DAS ESTRUTURAS CELULARES DO CORPO HUMANO EM CURSO DE ESPIRITUALIZAÇÃO? Está correto.

TEMOS RAZÃO EM INTERPRETAR A TROMBETA DOS SETE ANJOS COMO SIMBOLIZANDO A EXPERIÊNCIA QUE SE VIVE DURANTE CERTOS PROCESSOS DE PURIFICAÇÃO FÍSICA? Está correto.

Leitura terminada por hoje. (Leitura 281-29.)

Não quereria cansar os meus leitores dando-lhes *in extenso* todas as leituras de Cayce sobre o Apocalipse, o que ultrapassaria os limites deste volume. Quis apenas dar um vislumbre da riqueza deste tema. Aqueles que leem inglês podem ler *The Revelation, a commentary based on a study of twenty-four psychic discourses by Edgar Cayce*, editado pela A.R.E. Press, que pode ser encomendado em Virginia Beach, à Fundação Edgar Cayce.

Se outros leitores desejarem que eu traduza ainda outros excertos, que me escrevam!

Entretanto, podem beneficiar de uma tradução oral durante as jornadas de *healing* que organizamos na nossa associação, Le Navire Argo.

II

O CARMA DA FRANÇA

1

Edgar Cayce e as encarnações francesas

No primeiro volume de *L'Univers d'Edgar Cayce*, eu tinha entreaberto um domínio pouco conhecido da obra de Cayce: a sua visão da História de França. As cerca de trezentas encarnações francesas ditadas nas «leituras» fornecem um material muito interessante que vale a pena ser explorado, o que tenho o prazer de fazer aqui, neste volume II. Estas leituras são pouco conhecidas.

Foi publicada uma memória por William Church, autor americano pouco informado sobre a História de França, pois não lê francês. Pareceu-me que, sendo licenciada em Letras (História) pela Sorbonne e tendo nascido em França, me incumbia traduzir e analisar estas leituras sobre o nosso país.

Quando falo de encarnações «francesas», deve entender-se no sentido lato de «povos francófonos». Aliás, Cayce diz: *The peoples of France* (leitura 1554-3). Este plural indica bem que não se limita ao Hexágono! As fronteiras históricas do nosso país variaram muito ao longo dos séculos: entre a «Île-de-France», *stricto sensu*, e o Império francês de Napoleão I, há uma grande margem!

As leituras mencionam vidas canadianas, belgas, alsacianas, suíças. Apresentei estas últimas no volume III desta obra (Ed. Robert Laffont), onde todo um capítulo é dedicado à Suíça e à Alsácia.

O que considero reconfortante é esta perenidade da França, afirmada por Cayce:

A França nunca será eliminada da Terra (leitura 2072-15).

O nosso país é, na astrologia, regido por um signo fixo radiante, o Leão. Tudo o que é regido pelos signos fixos beneficia do acordo do tempo.

Cayce falou, portanto, muito da História de França através das vidas descritas — em particular nos séculos XVII e XVIII — onde diz ter reencarnado no nosso país. Os meus leitores sabem que Cayce relatou um certo número das suas próprias vidas anteriores. Terá ele revelado todas? Coloquei a mim mesma essa questão. Ele apenas detalhou seis, e sem nada dizer de uma vida atlante! (Mas a forma como fala da Atlântida, com tantos detalhes e insistindo muito, soa a «reportagem vivida»!)

Pode concluir-se que teve outras encarnações das quais nada sabemos, ou pouco, como esta misteriosa encarnação francesa, que veremos mais adiante, e que é talvez uma dupla encarnação — como acontece por vezes (reencarna-se frequentemente várias vezes seguidas no mesmo país ou na mesma família). Se Cayce não dá, em geral, senão uma encarnação por país, a mais marcante para o seu consultante, os inquéritos do Dr. Stevenson[31], pelo contrário, apresentam muito frequentemente reencarnações no mesmo país. As regressões praticadas por excelentes especialistas (Denys Kelsey e Joan Grant em Inglaterra, Thor Dethlefsen na Alemanha, Arnaud e Denise Desjardins em França — sem contar os numerosos psiquiatras californianos que estimam que se pode tratar quase tudo através do reviver das vidas anteriores!), todos confirmam este esquema repetitivo.

Enfim, a quase totalidade das encarnações que vou traduzir aqui, todas as que tiveram a França como cenário (incluindo os Atlantes nos Pirenéus), provêm do antigo Egito: Cayce, quase sempre, recorda uma encarnação nas margens do Nilo, como se os povos francófonos fossem maciçamente a reencarnação dos egípcios desaparecidos... Na astrologia, aliás, Paris é regida por Mercúrio, senhor do Egito antigo.

Sabe-se que este nome latino «Mercúrio» é a tradução ou o equivalente do nome grego Hermes. Ora, este era o iniciado egípcio (Thot) que teria — segundo Cayce — desenhado os planos da Grande Pirâmide. Segundo a tradição, foi ele quem ensinou o Egito, em particular em tudo o que era religioso e médico. Dos quarenta e dois «Livros Herméticos» que teria escrito,

a maioria desapareceu. O Egito é, portanto, em astrologia, um país «mercuriano» regido por Mercúrio e pelo signo de Gémeos.

Paris depende de outro signo mercuriano, a Virgem, o que basta para colocar a questão das afinidades cármicas egípcias — caso a presença do obelisco, na Praça da Concorde, não tivesse já sugerido este parentesco evidente!

Acrescentarei também que os iniciados ingleses consideram que a Inglaterra é o lugar de reencarnação geral dos Antigos Gregos (os dois países são, aliás, regidos pelo mesmo signo astrológico de Capricórnio). Quanto à Alemanha, seria antes o lugar de reencarnação dos antigos iranianos (o Touro regendo o Irão e «as» Alemanhas[32]). O que não impede de modo algum as entidades, individualmente, de passarem de um país para outro ao longo das suas diferentes vidas anteriores. O turismo cármico!...

2

Os Atlantes nos Pirenéus

Os Pirenéus

Os Pirenéus são um mistério... Nunca os domesticámos completamente. Eles defendem-se. São ainda tão selvagens que abrigam os últimos ursos-pardos de França. Os seus habitantes participam do mesmo mistério, estes Bascos cuja língua ninguém compreende, o «euskara», que não se assemelha a nenhum outro falar europeu. Retirados nas suas fortalezas montanhosas, os Bascos gozaram durante séculos de uma quase-autonomia. Desde que massacraram Rolando, sobrinho de Carlos Magno — e se fez disso uma canção —, evita-se bem ir incomodá-los!

Os Pirenéus são ainda outro mistério: o desaparecimento dos últimos Cátaros nas grutas de Ariège. O ninho de águia de Montségur, ali muito perto, permanece «encantado» — assombrado —, como dizem as pessoas da região. Quando lá fui eu própria, meditar ao crepúsculo sobre as ruínas do velho forte, ouvi músicas «transcendentais» absolutamente estranhas [33], senti cheiros a queimado e presenças invisíveis que rondavam por todo o lado...

E depois não é tudo: os Pirenéus são um lugar cimeiro da caça ao tesouro, como o misterioso sítio de Rennes-le-Château. É lá que teria sido

enterrado o tesouro do rei visigodo Alarico (ou seja, o espólio do saque de Roma, incluindo os tesouros do templo de Jerusalém levados por Tito).

Mas os mais extraordinários tesouros são talvez os da pré-história... Mais um mistério: quem pintou as grutas de Lascaux e de Altamira, quem viveu nas cavernas de Cro-Magnon, de Mas-d’Azil e de La Madeleine, há quarenta mil anos?

Nos Pirenéus Orientais, dança-se ainda a sardana na praça das aldeias, ao som de uma música estranha, que se assemelha à flauta bérbere do Atlas, uma música antiga vinda também do fundo dos tempos... da Atlântida, talvez?

Os refugiados de Poseidia

Ora, eis que, ao folhear as leituras de Cayce, deparo-me com esta palavra mágica: os Pirenéus. Terra de asilo, diz ele, para os refugiados da Atlântida...

Recorde-se que as leituras dão três datas para os cataclismos monstros que destruíram esse continente.

Em 50 722 a.C., teria tido lugar a grande reunião internacional onde as nações se concertaram para saber como se ver livre das grandes bestas: diplodocos, brontossauros e outros animais pré-históricos incômodos (ver volume I). Foi então que os Atlantes começaram a tornar-se perversos:

Nessa época, foi o início dos explosivos... pois os homens tiveram de enfrentar os grandes animais que fervilhavam na Terra; então, com o emprego dessas forças destruidoras, os fogos dos altares começaram a ser desviados do seu fim para queimar os animais que tinham sido capturados de diversas formas. E, daí, chegou-se aos sacrifícios humanos. Foi o que provocou a primeira emigração, primeiro para os Pirenéus. E, a partir destes, muito mais tarde, para o que se tornou o Egito. (Leitura 364-3.)

Sobre isto, Deus mudou o eixo dos polos (leitura 5249-1), o que teve como efeito abalar a Atlântida e quebrar esse continente em várias ilhas, isto por volta de -50 000. Em seguida, Cayce dá uma segunda data: 28 000 a.C. (leitura 470-22), que corresponderia a um cataclismo onde as ilhas que constituíam a Atlântida se teriam afundado, deixando emergir apenas três: Poseidia, Aryan e Og (leitura 364-4).

Finalmente, o episódio trágico em que o que restava do continente foi engolido («numa só noite», diz Platão). Isto, segundo as leituras, por volta de 10 000 a.C. Mas uma parte dos habitantes já tinha fugido, pois tinham sido avisados da iminência do desastre. Os Atlantes, de facto, tinham meios de informação «psi» e comunicavam com as entidades do espaço:

Rhea [...] que era grande sacerdotisa, organizava, em certos períodos, reuniões onde se concentrava o pensamento para o ligar às Forças cósmicas [...]. Temos poucas palavras, hoje, para designar este estado de consciência, a menos que se diga que, graças a esta concentração do «espírito-grupo» dos Filhos da Lei de Um, eles entravam num estado de consciência integrando a quarta dimensão, ou seja, estavam ausentes do seu corpo. (Leitura 2464-2.)

A entidade era um Atlante [...] muito próximo dos meios governantes. Pois era iniciado, era o guardião das informações secretas, aquele a quem eram confiadas as mensagens dos visitantes das outras esferas. Era ele quem transmitia essas mensagens. Foi ele — esta entidade — quem recebeu a mensagem dizendo que os Filhos da Lei de Um deviam dividir-se em vários grupos; que deviam emigrar para outros países, levar para lá a sua religião, a fim de que ela fosse salvaguardada [...]. A entidade foi a organizadora das expedições que deixaram a Atlântida pouco antes do seu colapso, expedições que foram dirigidas para diferentes países. Foi assim que a entidade preparou as expedições guiadas por Ax-Tell [outro Atlante] com destino aos Pirenéus. A entidade comunicava as informações àqueles que se deviam estabelecer depois, graças a ela, nos Pirenéus. (Leitura 1681-1.)

Cayce fala de um êxodo cuidadosamente preparado, de modo algum de uma fuga desesperada; os emigrantes sabiam para onde iam:

A entidade estava na Atlântida, no momento em que a terra estava prestes a deslocar-se, a terra atlante, entenda-se. A entidade prospectava diferentes países, com estes grupos que procuravam lugares para onde se pudesse enviar aqueles que devem ser salvos [...] Daí o seu conhecimento do lucatão e dos estabelecimentos nos Pirenéus. (Leitura 1908-1.)

A Air France já existia...

E não vão acreditar que os Atlantes aterraram em Baiona num reles barco, oh, nada disso! A «Air France» já existia:

A entidade estava entre os Filhos da Lei de Um. De profissão, matemático, foi ele quem efetuou os cálculos preparatórios para estas viagens aos Pirenéus, que se faziam por ar [...] Chamava-se Pek-Al. (Leitura 2677-1.)

Antes desta encarnação — e entre aquelas que têm a mais forte influência na vida atual da entidade —, encontramos-la no país agora chamado Atlântida. Mais especialmente, entre o povo de Poseidia que se preparava para partir antes da catástrofe [...]. A sua atividade consistia em preservar os arquivos, os documentos, os testemunhos de tudo o que fora a vida e a experiência da civilização atlante. É assim que encontramos a entidade nestes grupos que abordaram primeiro os Pirenéus, depois o Egito. A entidade, Filho da Lei de Um, utilizava as energias hoje chamadas energias da Natureza, isto é, a eletricidade, para a propulsão de engenhos, bem como para os usos da vida quotidiana. O seu nome era: Ajax-Ton. (Leitura 1998-1.)

A entidade vivia na Atlântida, na época em que muitos se preparavam para partir: a catástrofe era iminente, por causa das baixas intrigas dos Filhos de Belial, adversários dos Filhos da Lei de Um. A entidade [...] era um perito nesses engenhos de transporte que permitiram a uma parte dos Atlantes escapar para outros países como, por exemplo, os Pirenéus [...] O seu nome: Azexl. (Leitura 815-2.)

Fez viagens ao Iucatão, aos Pirenéus, ao Egito. Pois os transportes, as viagens e as comunicações faziam-se por engenhos aéreos, como aqueles que Ezequiel descreveria muito mais tarde... (Leitura 1859-1.)

De facto, o primeiro capítulo do profeta Ezequiel descreve um género de OVNI. Esta menção a engenhos aéreos faz-me pensar nas investigações do Dr. Ian Stevenson sobre a recordação de vidas anteriores em crianças muito pequenas [34].

Pois é frequente, muito mais frequente do que se diz, que os nossos próprios filhos contem as suas recordações sobre a Atlântida... No meu livro anterior, *L'Astrologie karmique*, contei que o meu filho Gil, aos cinco anos, dizia a quem o quisesse ouvir: «Quando eu era grande, era um grande engenheiro no país de Mu.» Esta anedota familiar divertiu muito os meus leitores, que não param de me pedir para lhes falar «mais» do Muviano...

Portanto, o meu filho — «o grande engenheiro do país de Mu» — desenhava aos cinco anos engenhos extravagantes (ver alguns exemplares mais adiante). Mais extravagantes ainda eram os seus comentários:

— Isto, mamã, é um barco que também pode andar por terra... — Um anfíbio. — E até pode voar no ar e transformar-se num submarino se quisermos... — Um engenho desses não existe! — Existe! — afirmava o Muviano num tom que não admitia réplica. — Existe e re-existe, a prova é que era eu quem os construía quando era grande...»

Eu não acreditava. O Muviano não tinha uma ideia muito elevada das minhas faculdades intelectuais (e continua a não ter, aliás). A psicóloga de serviço não percebia nada... Foi apenas quando me tornei, eu própria, vidente profissional, que finalmente compreendi. Deparei-me com uma leitura de Cayce que dizia:

No apogeu do império de Poseidia [...], a entidade fazia parte daqueles que guiavam os barcos que navegavam simultaneamente no ar e debaixo de água. (Leitura 2157-1, datada de 1940.)

E esta, que apresentei no volume I, página 214:

Na Atlântida [...] os barcos aéreos não navegavam apenas no ar, mas também nos outros elementos. (Leitura 2437-1.)

Portanto, Cayce afirma-o: o submarino voador e o subterrâneo de geometria variável teriam mesmo existido. Na Atlântida... Seria o meu Muviano também atlante? Agora que ele cresceu, posso finalmente pedir-lhe desculpa por o ter compreendido tão mal... Ele não quer saber, «esqueceu» tudo! Mas escreve romances de ficção científica que evocam tudo o que Cayce conta sobre o drama atlante. É fácil, dir-me-ão, ele leu Cayce! Nada disso, ele evita-o bem...

E depois, há aquelas histórias que ele já contava quando era muito pequeno — quando eu não conhecia Cayce de todo e ele nem sequer lia banda desenhada! O meu Muviano desenhava a megápole atlante de que falam as «leituras», a tecnologia de vanguarda utilizada para explorar as massas, o laser empregado, diz Cayce, como raio da morte, o esgotamento dos recursos alimentares por uma oligarquia egoísta reinante sobre rebanhos de zombies, a violência generalizada agravada por um emprego criminoso da eletrónica, etc.

Quando estávamos nos Pirenéus, o meu filho contava-me como lá tinha desembarcado aos comandos de um engenho voador, a que chamava o «Leviatã».

Desenhava-o diante dos meus olhos, com um luxo de detalhes eletrónico-futuristas que me fascinavam. Como se ainda o visse!

E de onde vinha o «Leviatã»? Tinha escapado a uma grande carnificina, a uma destruição apocalíptica. Gil insistia, repetindo que era o piloto. Tinha trazido o seu engenho são e salvo para aqui, para os Pirenéus, para Amélie-les-Bains, onde fazíamos então uma cura termal. Eu pensava na época que o meu filho tinha realmente uma imaginação delirante! Mas ficava espantada por ele parecer conhecer os Pirenéus como se já lá tivesse vivido...

Hoje, continuo a colocar a mim própria todas as perguntas que já não lhe posso fazer a ele... (visto que ele já não se «lembra» de nada!).

No entanto, é claro para mim, hoje, que nessa época o meu filho contava misturadamente a Lemúria e a Atlântida. Esta «mistura» de recordações de vidas anteriores parece ser bastante frequente, pois a criança nunca especifica, naturalmente: isto foi na minha vida atlante, isto na minha vida grega, isto na minha vida muviana, etc. Se a Lemúria conheceu uma civilização muito evoluída, segundo Cayce, as performances tecnológicas pertencem mais à civilização atlante. Os barcos voadores são típicos de Poseidia, é Cayce quem o diz.

Se me alonguei sobre esta saga familiar, foi para encorajar os meus leitores a ouvirem com a maior atenção as «recordações» dos seus pequenos Atlantes (ou Muvianos) reencarnados...

Os nomes de lugares e de pessoas nunca foram dados «por acaso»

Quando Cayce diz: os Pirenéus, é preciso ver de forma ampla, como já deve ter reparado com a geografia cayciana! Ele engloba os países do sopé pirenaico, como a Gasconha, terra dos Gascons, ou Vascons, isto é, dos Bascos franceses, e a Biscaia, terra dos Bascos espanhóis. Cayce inclui também nos «Pirenéus» a Cordilheira Cantábrica, o Portugal e... as falésias do Mar do Norte (?):

A entidade foi uma das que navegaram para o Egito, mas chegou aos Pirenéus, no que é agora Portugal, França, Espanha; e ainda se podem ver na craia das falésias em Calais (?) os traços das atividades dos companheiros da entidade, quando tentaram estabelecer um templo para abrigar o culto religioso dirigido pelo seu chefe, adepto da Lei de Um. O seu nome era: Apex-El. (Leitura 315-4.)

Calais fica a mil quilómetros dos Pirenéus!... Contudo, uma das minhas ouvintes assinalou-me um dia que existia na Dordonha uma localidade chamada «Calés» perto de Lacave, que responderia à descrição de «falésias de craia» de Cayce.

As leituras nunca são um tratado de geografia, uma vez que os consultantes não o pediam. Salvo quando alguém parece realmente interessado numa localização precisa, num país que conhece bem, como é o caso da consultante norueguesa que citei no volume I. Aí sim, Cayce situa os lugares com muito mais rigor. Há também o facto de que, nesses tempos recuados, os Pirenéus não tinham certamente a mesma configuração de hoje. (Os geólogos falam de um continente perdido, a Tírrénia, que se deveria estender dos Pirenéus à Itália, incluindo a Córsega e a Sardenha.)

Talvez também a designação «Pirenéus» cobrisse então todo este canto montanhoso do sudoeste da Europa...

A entidade esteve entre aqueles que escolheram como morada o que é agora a Espanha e o Portugal, isto é, os Pirenéus. O seu nome era Amzelee. (Leitura 931-1.)

Perguntou-se o que significaria esta palavra «Pirenéus», que não é francês, nem espanhol, nem latim... talvez grego? Os especialistas pensam que é muito mais antigo.

Alguns fazem derivar a palavra «Pirenéus» da raiz grega *pyr*, que significa «fogo». Mais um mistério: terá havido vulcões ativos nesta região? A presença de fontes termais ainda muito quentes e de rochas eruptivas permite pensá-lo. A região é desde sempre considerada como estando sob a influência de Sagitário — signo de fogo, signo do cavalo também, animal preferido dos Atlantes, como sugere Platão (ele conta que, na capital atlante, as piscinas termais eram reservadas aos cavalos).

Como perdemos a oportunidade de ter pirâmides...

Os Atlantes, como vimos, queriam salvar a sua cultura:

A entidade estava na Atlântida quando se enfrentaram os Filhos da Lei de Um e os Filhos de Belial. Era um daqueles que procuravam preservar os arquivos da Lei de Um, e [...] enviou delegados para prospetar os locais onde esses documentos poderiam ser armazenados. A entidade foi para os Pirenéus, mas nunca chegou ao Egito, e nunca mais ouviu falar das outras

expedições que ajudara a enviar. Era um chefe, de nome Am-ee-lee [35]. Hoje, tem talento para encontrar documentos secretos e todo o tipo de tesouros escondidos. (Leitura 1782-1.)

Pois os Filhos da Lei de Um, perseguidos pelas suas crenças, eram também missionários:

A entidade [...] vinda da Atlântida [...] fez a viagem dos Pirenéus, isto é, o que é hoje o Portugal ou a Espanha. E lá [...] a entidade elevou-se até um posto de autoridade. Aderindo aos dogmas da Lei de Um, encorajou a propagação desses dogmas. (Leitura 1273-1.)

Quase todas as leituras descrevem os Pirenéus como uma etapa antes do Egito. Apresento os nomes destes emigrantes, porque é interessante do ponto de vista linguístico (a ler com a pronúncia americana, onde o «e» soa como «i»): Esther ou Esthar (leitura 1391-1), princesa atlante que dava consultas psicológicas; Ax-Tell, engenheiro (1681-1); Shu-lom (2090-1), filho de Belial que preferiu embarcar com os da Lei de Um para os Pirenéus; Ex-Ter-El (2916), Aziee (2913-2) e Ash-Tep (2627-1). Xar-pen (633-2), Asse-me-lea (1144-2) e Areil, cuja ortografia Cayce soletrou letra por letra (o que dá algo como Ariel ou Ériel), e de quem aqui fica a leitura:

Ela ajudou ao estabelecimento de grupos de expressão, do que se chamariam as artes, que ela ensinava. Foi assim que a entidade foi para o que é agora o Portugal, isto é, os Pirenéus [!], onde o seu próprio grupo na Atlântida tinha criado atividades religiosas e fundado um lugar onde se praticava uma forma de adoração. A entidade contribuiu para a decoração desse templo [...] daí a sua habilidade artística atual. (Leitura 1123-1.)

Repararam nestes nomes estranhos que, tal como o euskara, língua dos Bascos, contêm frequentemente «ar» ou «er», característica dos nomes pirenaicos: Izarra, Navarra, Andorra, etc., para citar apenas estes! É curioso que os nomes bascos se assemelhem aos nomes atlantes dados por Cayce.

Mais curiosa ainda é a relação do basco com... as línguas indígenas da América do Norte e Central! Em 1867, um estudo publicado pelo historiador Charancey assinalou que o euskara se assemelhava aos dialetos falados pelos índios Delaware e Chippeways! (*Affinités de la langue basque avec les idiomes du Nouveau Monde.*)

Não foi o único a repará-lo: o célebre Humboldt também, mas não ousou tirar conclusões. O coronel Braghine, em *The Shadow of Atlantis* (ed.

Rider, p. 187), diz que na Guatemala uma tribo índia do distrito de Petén fora capaz de compreender os missionários espanhóis que falavam basco! Os Bascos, diz ele, compreendem também o georgiano; Braghine, de origem russa, recorda que a Geórgia se chamou outrora «Iveria» (como Ibéria). Ele acredita firmemente que os nossos Bascos vêm da Atlântida. Reparou-se também em como os nomes dos lugares bascos se assemelhavam aos do Iucatão (América Central), refiro-me aos nomes indígenas.

Por exemplo: «Ta-Basco», o País dos Bascos (que se assemelha também ao líbio antigo[36]: «Ta-Mana, Ta-Ouz» = o país do poente, o país de Osíris...). Porque é que «Honduras» soa como «Andorra»? E porquê esta coincidência das línguas «assobiadas» que só se conhecem em três lugares no mundo: o País Basco, as Canárias e a América Central? Esta forma de expressão existe ainda entre os pastores dos Pirenéus!

As Canárias, naturalmente, na opinião da maioria dos atlantólogos, não passam de um cume emerso da Atlântida. De facto, registaram-se inúmeras coincidências de línguas e costumes entre os Guanches das Canárias — raça hoje extinta —, os Bascos e os Bérberes do Atlas...

Os Espanhóis ficaram surpreendidos, ao que parece, por encontrarem os índios do Iucatão a jogar um jogo de bola que se assemelhava muito à... pelota basca! Sabe-se que a língua basca tem a particularidade de ser aglutinante, isto é, de reduzir toda uma frase a uma só palavra (o que é radicalmente diferente do latim, do francês, do inglês, etc.). Esta particularidade encontra-se em certas línguas indígenas do Novo Mundo.

Naturalmente, Cayce ignorava até a existência dos Bascos quando deu estas leituras. Se estes foram realmente, como ele diz, refugiados atlantes, as coincidências linguísticas explicam-se! As leituras dão também muitos nomes que se assemelham a «Amélie» ou «Émilie»; é também esse nome que Cayce dá como sendo o da personagem que teria sido a primeira encarnação do Cristo Cósmico na Atlântida: Amilius (ver volume I).

Estes dois nomes próprios, Amélie e Émilie, são muito populares ao longo dos países da costa atlântica da Europa, nas suas formas inglesa, francesa, espanhola, portuguesa. Como Cayce diz que os nomes estão em relação com uma vida anterior, pode supor-se que as pessoas chamadas Amélie, Émilie, Émile, Amiel provêm de uma vida atlante. Naturalmente, também os lugares que ostentam estes nomes teriam uma ligação com a história atlante.

A arqueologia atual, que se interessa por nomes de lugares — como sendo extremamente reveladores —, ainda não remonta até à Atlântida... Mas terá de lá chegar um dia, a crer em Cayce (cf. *Edgar Cayce, l'Atlantide et la Grande Pyramide*, Ed. du Rocher).

Terão tido todos os Filhos da Lei de Um tempo de fugir antes do desastre?

Emersea, grande sacerdotisa, [...] foi uma das últimas a deixar a Atlântida, completamente ocupada pelos Filhos de Belial, que ultrapassavam todos os limites [...] E foi com mil apreensões que a entidade se deixou levar, quase à força, para os Pirenéus! (Leitura 2545-1.)

Detalhe interessante do ponto de vista das leis da reencarnação, estes Filhos de Belial, que lhe fizeram a vida negra na Atlântida, estão reencarnados hoje naquelas mesmas pessoas que já te trouxeram tantas deceções, tormentos, desilusões, enganos... (Mesma leitura.)

Não se compreende bem por que razão os refugiados partiram depois para o Egito. Porque não construíram pirâmides nos Pirenéus? Terá o Egito oferecido um contexto social e político mais atraente? E o sol como bónus?

A entidade, com muitos daqueles que escaparam para diferentes países, juntou-se ao êxodo dirigido aos Pirenéus. Depois, quando os Atlantes decidiram unir os seus esforços aos dos Egípcios, ela emigrou para o Egito. (Leitura 3006-1.)

Talvez os últimos sobreviventes tenham sido mal recebidos pelos indígenas?

A entidade viveu nessa época nos Pirenéus, após a destruição da Atlântida e a dispersão dos Atlantes... Mas a entidade era indígena, tinha nascido dos povos que habitavam esse país [os Pirenéus]. Foi nessa vida que ela atingiu o seu maior florescimento pessoal, pois a Natureza era a sua escola [...]. Daí, hoje, a sua vida no campo, onde está próxima da chuva, do mar, do sol, da areia, dos pássaros, dos animais selvagens... (Leitura 1786-1.)

Ainda hoje, nos Pirenéus, a Natureza é de uma beleza incrível. Certamente entre as mais sumptuosas paisagens do mundo... Mas talvez, precisamente por causa da sua beleza, da sua riqueza, do seu clima, atraíam eles os invasores? Duas leituras fazem alusão a isso:

A entidade estava no país agora chamado Pirenéus, isto é, nesse país onde aterraram os Atlantes, e onde coordenaram os seus esforços para se desenvolverem, com os dos Pirenéus, com os Cartagineses, como lhes chamaram mais tarde [«Carthaginians» no texto] [...] Nas suas atividades, a entidade era o seu chefe e, contudo, um sedutor: procurava sempre seduzir aqueles que tinham o poder. Tornou-se ele próprio um chefe. Mas, sob a sua autoridade, permitiu um desleixo... (Leitura 1489-1.)

Terá o desleixo aberto as portas à invasão?

Enquanto muitos preferiram mudar de país e ir para o Egito, a entidade, Armath, ficou na região pirenaica e aí estabeleceu essa religião que fez muito bem. E isto, até que as hordas vindas de África destruíram estes povos. (Leitura 3541-1.)

Aqueles que pensam que a História se repete evocarão Tarik, o Bérbere, desembarcando em Espanha, ao pé da montanha que agora leva o seu nome (Gibraltar = Djebel Tarik), e aniquilando numa só batalha os reinos visigodos. Mas estes Bérberes islamizados, que surgiam do fundo do Atlas, não seriam eles próprios descendentes de outros Atlantes? É a teoria de Albert Slosman em *Les Rescapés de l'Atlantide* (Ed. Robert Laffont)... E é também a teoria de Cayce, visto que:

Encontrar-se-ão testemunhos desta civilização [atlante] nos Pirenéus e em Marrocos. (Leitura 364-3.)

Cayce seguramente não lera Félix Berlioux: *De l'origine atlante des tribus berbères* (publicado em 1874). As escavações arqueológicas encontraram traços de invasões líbias pré-históricas na costa espanhola, ao pé dos Pirenéus, na vertente mediterrânica. A menção aos Cartagineses, na leitura acima, não é fantasiosa, pois os Fenícios vieram instalar entrepostos nas planícies que se estendem sob os Pirenéus (hoje Catalunha e Navarra). Entrepostos que os arqueólogos datam timidamente do século XI a.C., mas é provável que seja necessário — como em todo o lado — recuar as datas vários milénios!

Os seus descendentes, os Cartagineses, instalaram-se mais à frente no sopé pirenaico, e foi Amílcar Barca quem fundou, no século III a.C., a cidade de Cartagena, na costa espanhola. Há também a misteriosa civilização de Tartessos, que tanto intriga os arqueólogos...

Para voltar aos nossos Bascos, muitos etnólogos notaram os seus pontos comuns com os índios da América, não apenas na língua, como dissemos anteriormente, mas também nas tradições.

«Nas lendas bascas, trata-se sempre de um grande povo do Oeste que invade a Europa. E esses invasores, finalmente, foram destruídos por um dilúvio no qual o seu país desapareceu para sempre» (*À la conquête des mers*, por Charles de La Roncière, Paris, 1938, p. 235).

Evidentemente, os índios do México conservaram o mesmo género de relato, exceto que o país submerso ficava a leste! O mesmo autor, muito interessante e agradável de ler, faz notar outra coisa: ao longo de todo o litoral francês, no Atlântico, as lendas falam de cidades engolidas. A mais célebre é Ys, mas há muitas outras como, por exemplo, Antiochia, ao largo de Bordéus, cuja memória perdura no nome do braço de mar chamado «Le Pertuis d'Antioche». A impressão de melancolia que por vezes se sente nas nossas costas do litoral atlântico vem do facto de serem um cemitério de cidades engolidas...

Notou-se também como os Bascos foram sempre marinheiros. Peritos na arte de caçar a baleia, iam persegui-la até à Terra Nova, que provavelmente conheceram muito antes de Colombo ter conseguido fazer crer que tinha «descoberto» a América[37]. Os Bascos frequentaram-na muito antes dele! Mas o seu serviço de imprensa estava menos bem organizado que o de Colombo... Uma variedade de baleias, hoje extinta, chamava-se a «Baleia dos Bascos». E o historiador La Roncière nota que, no século XII, as pessoas pobres da costa atlântica comiam baleia como nós comemos chouriço: se esta carne era popular, isso atesta que os Bascos viviam da sua pesca. Tinham transmitido entre si o segredo há muito tempo: havia um continente mesmo em frente...

Paul Gaffarel estima que Iberos (e Bérberes) e Bascos descendem dos Atlantes. Recorda que Estrabão, o geógrafo romano, descrevia o traje dos Bascos exatamente como, mais tarde, os conquistadores descreveram o de certas tribos da América Central, em particular os Uyacali (*Annales de la faculté des lettres d'Aix-en-Provence*, 1913, t. VII). Recorda também a existência dessa estranha tradição da região pirenaica a que se chama a «couvade»: os homens metem-se na cama quando as mulheres dão à luz e recebem as felicitações no lugar delas! Ora, esta é uma velha tradição dos índios do Iucatão, que se encontra também no Brasil e na Colômbia.

É provável que outrora os Bascos ocupassem toda a «Gasconha», visto que esta leva o seu nome (= o país dos Vascons). Habitavam a Dordonha, o Languedoc (e, de facto, toda a Occitânia), embora, hoje em dia, já não se considerem como «Bascos» senão aqueles que falam o euskara e habitam os altos vales pirenaicos. Estender-se-ia o seu território, há milénios, até Lascaux, Les Eyzies, Cro-Magnon? Toda esta região está literalmente coberta de pedras pré-históricas: basta baixar-se para apanhar sílex talhados, pontas de setas, arpões, etc. (depois da chuva, porque brilham!).

Quanto às grutas pintadas repletas de material funerário, descobrem-se novas todos os anos! O abade Breuil, um dos maiores arqueólogos franceses, estimava que o homem de Cro-Magnon vinha ou do Atlântico ou do Mediterrâneo, em todo o caso de um país situado a oeste e ao sul. Outros eminentes especialistas, como o Dr. Verneau, lord Avercromby e o Pr. Osborne, consideram que os homens de Cro-Magnon são da mesma raça que os Guanches das Canárias.

Estes seriam os sobreviventes dos últimos Atlantes. Opinião que já era a de Cadet e de Bory de Saint-Vincent no final do século XVIII. Este último é autor de um belíssimo livro — com um mapa da Atlântida! — no qual se inspirou Ignatius Donnelly, o qual defende a mesma hipótese que Cayce e a maioria dos atlantólogos do século XX (ver *Les Atlantes*, de Jacques Gossart, Ed. Robert Laffont, 1986).

Todos estes autores recordam que os Guanches e os homens pré-históricos dos Pirenéus foram enterrados com o rosto voltado para o Oeste — o país dos mortos!

Fez-se notar também que os Cro-Magnon eram marinheiros: encontra-se um abundante material de pesca nas cavernas. Mais curioso ainda, alguns esqueletos pré-históricos dos Pirenéus usam vestes de couro, colares de caninos de animais e ornamentos de penas... como os índios da América! (Mas não se sabe se usavam a famosa boina basca, inseparável da imagem do Francês tal como o veem os Americanos!)

Enfim, encontraram-se alguns destes esqueletos pintados com ocre vermelho... Estranho costume! Quem pintava a pele desta cor? Pois bem, os «Peles-Vermelhas»! Isso impressionou tanto os primeiros exploradores que esta expressão permaneceu entre nós como sinónimo de «Índio da América»!

Atlantes, a raça vermelha! diz Cayce (leitura 364-13).

Finalmente, as teorias arqueológicas caycianas não são extravagantes nem sequer novas. É antes o seu estilo que parece fantasista, pois não se exprime na linguagem científica admitida.

la esquecendo outro aspeto desta história. Cayce insiste no caráter religioso dos acontecimentos que evoca: os Atlantes sobreviventes são crentes. Assim que abordam os Pirenéus, constroem ali um templo da Lei de Um. Ora, esta região é um alto lugar espiritual ainda hoje. Já falei dos Cátaros, que acreditavam na reencarnação e se desenvolveram neste Languedoc onde a sua memória permanece viva. A sua última cidadela foi Montségur, nos Pirenéus de Ariège. (Cayce fala disso, ver p. 159 a 162, no capítulo sobre as Cruzadas.) Do lado espanhol, há os grandes santuários de Saragoça, de Compostela (se ligarmos a Cordilheira Cantábrica aos Pirenéus) e, recentemente, as aparições de Garabandal... Enfim, há o fenómeno Lourdes, essa cidade-cogumelo surgida num século em torno de uma peregrinação... E é sempre, em princípio, a Lei de Um que ali se pratica (visto que Cayce diz que ela é a base do Evangelho!).

3

Os nossos antepassados, os Gauleses

As leituras dão vislumbres muito interessantes sobre a história da Gália.

A fundação de Lutécia

Vivia no país agora conhecido como França, numa época em que os Gauleses se instalavam no centro desse país que tinham invadido e conquistado. A entidade estava então entre aqueles que fundaram essa extraordinária cidade no Sena, e chamava-se Gullsipo. Nesta experiência, ele ganhou moralmente durante a maior parte da sua estada terrestre, no sentido em que deu aos povos da época princípios de justiça aplicados aos grupos, às classes, às massas. Foi apenas durante a última parte da sua vida que ele regrediu: exércitos de invasores entraram no país, provenientes tanto dos Pirenéus como dos Alpes, e de mais além, trazendo com eles a destruição. Daí, hoje, novamente, essa influência marciana que o leva à cólera, ao desejo de vingança em relação a muita gente, a essa atitude vingativa. (Leitura 272-4.)

Se já não resta quase nada hoje da Lutécia gaulesa, essa extraordinária cidade no Sena, ela foi reconstruída e o drama antigo foi esquecido. Mas não para todos: as emoções humanas sobrevivem às pedras e aos séculos.

Este Gaulês tivera, aliás, de enfrentar o mesmo problema nas suas existências anteriores: na Índia, habitara um vale feliz que fora devastado por invasores vindos das montanhas (já na altura!), na sequência do que se refugiara no Egito. Cayce assinala depois uma das suas vidas na Pérsia, onde sofrera (novamente!) uma invasão na época em que Susa era atacada pelos Gregos e pelas tribos árabes nómadas.

Quanto à vida na Gália, de que invasores quererá Cayce falar? Eis um belo tema de investigação para os arqueólogos.

Sempre os invasores: Cartagineses e Romanos

A Gália, próspera e civilizada, excitava, portanto, a cobiça. A arqueologia presta hoje homenagem ao elevadíssimo nível cultural e tecnológico atingido por estes Gauleses, muito antes da chegada dos Romanos (e pode-se perceber isso visitando o «arqueódromo» perto de Dijon).

Eis primeiro as incursões dos Cartagineses de Aníbal (247-143 a.C.).

Encontramos a entidade no reino das Gálias, quando a costa gaulesa era invadida, no que é agora a França. E foi por causa disso que a entidade morreu, no porão de um navio mercante que atravessava o Grande Mar e pertencia à gente de Aníbal. Daí, na sua vida presente e através da sua personalidade atual, esse desejo permanente de promover o domínio da raça branca. (Leitura 304-5.)

Gina Cerminara, que fizera longas investigações sobre as personagens das leituras, explica por que razão este infeliz Gaulês, capturado pelos Cartagineses, estava obcecado pela defesa dos Brancos: é que ele fora acorrentado, como remador, no porão do barco, com outros prisioneiros — negros, estes — que o perseguiram tanto que ele acabou por morrer. Daí, hoje, o seu feroz racismo... (Citado em *De nombreuses demeures*, de Gina Cerminara, op. cit.)

No capítulo sobre a reencarnação [38], eu sublinhava a ligação de causa e efeito, que me pareceu evidente, entre racismo e medo do animal. Ora, descubro isto na continuação da mesma leitura:

Numa vida antes desta [como Gaulês], encontramos a entidade em Alta, na Atlântida, quando o país estava no seu primeiro período de expansão. E a força principal da entidade, que lhe permitiu desenvolver-se, era esse esforço para dominar a vida animal, tanto no Homem como na Besta selvagem. E eis por que razão toda a vida animal hoje aterroriza a entidade, terror que ela poderia superar pelo amor. (Mesma leitura.)

A vida atual é, portanto, para este Atlante-Gaulês, uma oportunidade de liquidar o seu racismo anti-negro e anti-animal... visto que, aparentemente, é a mesma coisa!

No plano da saúde, o seu triste fim no fundo do porão, entre a vermina, a água estagnada e o ódio, faz com que sofra hoje de asma crónica e de bronquite, em suma, de graves dificuldades respiratórias. Ilustração cármica da expressão popular: «Não posso com este indivíduo, ele tira-me o ar!» É assim que o ressentimento gera as doenças respiratórias...

Para terminar com este pobre Gaulês, Cayce dá-lhe igualmente uma encarnação em Inglaterra na Idade Média, como jurista; bem como outra no Egito antigo, naturalmente (como todos aqueles que um dia tiveram a honra de ser franceses!). Quando veio consultar Cayce, ele tinha setenta anos e dirigia uma associação para a defesa dos direitos do Homem branco... Este consultante é também um dos raros a quem Cayce anuncia a sua próxima reencarnação.

Mas voltemos à Gália, onde os Romanos chegarão em breve:

Na encarnação anterior, encontramos-lo no reino francês, nessa época antiga de convulsões, na origem do que se tornará a França. Foi após a destruição da potência gaulesa. A entidade trabalhava como camponês e chamava-se Shule [Chouli?]. Daí vem este traço do seu carácter atual: o amor pelo ar livre e pelas belezas da Natureza. (Leitura 2723-1.)

A «Gália cabeluda», que esplendor devia ser, de facto, a julgar pelo que resta dela! Este amor pelo ar livre e pelas belezas da Natureza é uma característica constante do carácter francês: temos janelas para as abrir o mais possível, e jardins para neles vivermos! Para nós, é evidente! É tudo diferente na América, onde as janelas não se abrem por causa do ar condicionado... e dos insetos — sempre a fobia do mundo animal, desde que na Atlântida o homem tivera de enfrentar aqueles que, sob a forma de feras, tinham invadido a Terra (leitura 364-4) [39].

Mas recordamos que Keyserling definia os Franceses como jardineiros! Os historiadores constatarem até que ponto as constantes culturais da sociedade francesa já estavam marcadas nos Gauleses. As escavações arqueológicas demonstraram como estes já eram peritos em matéria de tecidos e vestuário! A que alto grau de refinamento dominavam a cerâmica, a construção de estradas e de pontes, e as instalações hidráulicas. Como já se interessavam pela saúde e higiene (foram eles que inventaram o sabão, e as suas estâncias termais ainda lá estão!). Já grandes cozinheiros, faziam *confits* de ganso e vinho... As leituras confirmam:

Vivia nesse país onde chegaram os Romanos, ou seja, o leste da Gália. A entidade chamava-se então Fencra, e fazia parte daqueles que trabalhavam nas vinhas, pertencendo aos povos desse país que fabricavam muito vinho. Morreu defendendo o seu país [...] Dessa vida, guarda o gosto pelas bebidas fortes, com um conhecimento das mesmas que lhe permitiria saber parar a tempo... (Leitura 1097-2.)

O alcoolismo francês já era um problema gaulês! A leitura 517-1 fala de um homem que cultivava uvas e que tinha boa reputação na sua profissão.

E eis outra leitura que evoca o artesanato das Gálias (que me dá prazer pelos meus leitores belgas: eis que são finalmente mencionados uma vez por Cayce, incluindo o «país plano» caro a Jacques Brel!):

Antes disso, a entidade estava no país dos Saxões, no país plano que se estende agora parte sobre a França e parte sobre a Bélgica. A entidade estava entre aqueles que fabricavam a olaria, os tecidos e tudo o que contribuía para a qualidade de vida na região: mobiliário, fornos, teares, chapéus, sapatos, tudo isso era o domínio da entidade. (Leitura 3544-1.)

Eis agora um oficial romano que se esforça por melhorar as relações entre Gauleses vencidos e invasores, tentando conscientemente favorecer a fusão (que terá sucesso!) dos dois povos:

Na vida anterior, estava no país francês, nos tempos em que nascia a nação francesa, sob o domínio de Roma. Estava no exército romano e chamava-se Mieah [40]. Nessa vida, escolhera ser um homem e defendia os direitos do novo país conquistado. Pois viera de além das colinas para ser nomeado chefe desses povos, e é como tal que o vemos agir, nos primeiros tempos da conquista [...]. Pois esta entidade veio, nessa época da sua vida terrestre, como um chefe escolhido pelos seus predecessores. E na sua

personalidade presente, a entidade dá o melhor de si mesma quando é escolhida pelos outros para os representar num trabalho específico. (Leitura 2801-5.)

Noutro local da leitura, Cayce especifica que a consultante — a entidade é hoje uma mulher — tem grandes dotes para a diplomacia e relações humanas. A leitura abaixo sublinha também o facto de os Gauleses parecerem ter tido instituições muito democráticas: os seus chefes e representantes eram eleitos, ou então nomeados por cooptação pelos seus anciãos. É precisamente o que diz César. (Em *De Bello Gallico*, ele espanta-se por esta notável organização democrática se estender também às mulheres!)

E eis o que ouviu outra consultante:

Vivia na época em que os Romanos reinavam como senhores sobre o país francês. A entidade era então a imperatriz, mulher do Rei [The «King» no texto, salvo erro da secretária de Cayce!] que estava instalado como soberano nesse país recém-conquistado. Chamava-se Ariaca, e perdeu moralmente, pela sua violência, pelas forças destruidoras que propagou. Daí, hoje, o mais grave dos problemas que tem de enfrentar: dominar a sua cólera, a sua irascibilidade, aprender a controlar um temperamento que alguns qualificarão como instável. (Leitura 4129-1.)

Deixo aos especialistas do Baixo Império, mais qualificados que eu, o cuidado de identificar esta Ariaca insuportável...

Novamente os invasores: o Baixo Império e as grandes invasões

Desta vez, Hunos e Normandos invadem simultaneamente os nossos campos e as leituras:

A entidade estava nesse país conhecido como França. Foi num período em que revoltas perturbavam o país, enquanto esses povos conhecidos como Normandos chegavam do Norte. (Leitura 2894-1.)

Vivia no país francês que, nessa época, estava agitado por perturbações e guerras, não só por causa dos Hunos, mas também por causa dos Normandos. Nesse tempo, a entidade teve de, para viver, tirar partido da sua aptidão para a astúcia, da sua habilidade em manejar a magia, como se praticava nesse tempo. Utilizava todos os encantos, todos os estratagemas de toda a natureza, para se manter no seu lugar entre os poderosos do dia. E conseguiu-o, sob o nome de «Madame Queluman» [a secretária de Cayce

deve ter acreditado que em baixo-latim já se tratava por «Madame»! Seria antes «domina» ou «domna», de onde vem a atual palavra «dona» ou «dama»]. Daí vem a sua aptidão actual para julgar as pessoas, para adivinhar o que pensam e a sua forma de pensar; daí a sua sensibilidade aos fenómenos «psi» nos outros, em todos aqueles que se interessam pelos poderes ocultos ou místicos. (Leitura 2835-1.)

Por outras palavras, para prever o futuro, as Gaulesas já valiam tanto como as ciganas...

A entidade estava nesse país agora conhecido como França, no início das grandes invasões, onde esses povos, vindos simultaneamente do Leste e do Sudeste, começavam a chegar. Era um período de confronto entre aqueles a quem chamavam Hunos e os exércitos [romanos] do império dos Césares. A entidade era natural do país chamado hoje Avon, no Mosa. Daí, atualmente, a sua sensibilidade à heráldica, aos vestidos, à música de címbalos, da trompa e das trompas de caça [...]

O seu trabalho nesse tempo dizia respeito aos penteados, aos ornamentos e aos adereços de vestuário. Chamava-se Condie. De um dos seus associados [= maridos ou amantes em cayciano!] nessa vida vieram os antepassados daqueles de quem um emigrou para o país atual da entidade [os Estados Unidos]; isto é, estiveram na origem da linhagem de onde veio o nome de Cayce. (Leitura 340-15.)

Recordamos que o antepassado dos Cayce da América viera de França (ver volume I). A leitura acima é também um belo exemplo do estilo cayciano, com as suas perífrases, os seus meandros, os seus giros arcaicos, a sua arte de contar as patas dos bisontes para as dividir por quatro a fim de vos fazer saber claramente quantos gambás existem no campus... (Todos os intérpretes de Cayce, mesmo americanos, arrancam os cabelos em desespero!)

O tema mais brilhante das leituras galo-romanas é São Martinho de Tours. Mas já tive a honra de vo-lo apresentar no capítulo III do volume I. Acrescentarei... que a sua reencarnação americana, M. 3202-1, nascera num dia especial, que entre nós é o do armistício de 1918: o 11 de Novembro. Não é extraordinário como «coincidência»? Mas há melhor ainda: é que o 11 de Novembro é o dia de São Martinho. «Antes de 1918», escreve-me uma leitora, «toda a gente o sabia!»

Nesse dia é feriado em França e não se trabalha, talvez por isso Cayce diga que São Martinho das Gálias era um grande preguiçoso: *The entity was a patron saint of France, and yet so lazy as to be expressed in the present*, diz a sua leitura (3202-1). A História relata que era desleixado com a sua pessoa («um homem tão pouco digno, com roupas sujas e cabelos em desordem»), de tal modo que os seus contemporâneos não o queriam para bispo. Mas como fazia realmente muitos milagres..., acabou por conseguir o cargo!

Acrescentemos também, para memória, que anteriormente fora um brilhante diplomata no antigo Egito. Cayce aconselha, portanto, os pais da criança (que tem apenas sete anos na época da leitura) a dar-lhe uma educação que lhe permita:

Trabalhar nas futuras relações internacionais entre os povos de França, os povos da Igreja [o Vaticano?] e a América. Isto é, a entidade deverá seguir estudos para se tornar diplomata; e terá de trabalhar no desenvolvimento espiritual desses povos, tanto quanto no seu desenvolvimento material quando as circunstâncias o exigirem, quando esta personagem, este corpo, tiver atingido a idade de cinquenta e quatro anos. Pois haverá numerosas mudanças, e se a pessoa hoje chamada (3202) estiver preparada para elas, enfrentá-las-á como o fez enquanto Martinho, nas Gálias, nessa encarnação como «santo padroeiro».

Ao reler a biografia de São Martinho (315-397), vi que ele, como soldado romano, assistira à invasão da Gália pelos Bárbaros. Como a criança da leitura nasceu em 1935, terá, se ainda for vivo, sessenta e três anos em 1998, ano que muitas profecias apontam como crítico para a França. Não se compreende claramente de que circunstâncias se trata. Seria necessário levantar o véu do anonimato e saber qual era o nome deste senhor 3202 e saber se o seu quinquagésimo quarto ano foi um ponto de viragem importante profissionalmente...

O termo mudança (*changes*), quando utilizado por Cayce, é sempre inquietante. É assim, por exemplo, que ele qualifica a futura inclinação do eixo dos polos. Cada vez que emprega esta palavra *changes*, fala, de facto, de uma perturbação violenta. A leitura parece ser uma profecia — prometerá ao nosso país perturbações comparáveis às do século IV — invasão, como no tempo de Martinho? Mas os Bárbaros partiram, e a Gália sobreviveu.

De onde vêm os Celtas — e os nossos Gauleses?

Alguns atlantólogos consideram que os Celtas são de origem atlante. É muito discutido — e nada aceite oficialmente! Ora, uma leitura diz:

A entidade estava no país que hoje chamamos inglês, no início da época em que os povos da Noruega vieram estabelecer-se conquistando os Britões — como lhes chamavam —, isto é, esses povos que tinham sido, ou descendiam, de gente dos Pirenéus. (Leitura 1207-1.)

A leitura específica: *the peoples from the Norse Land*. Quanto aos Britões, trata-se desses povos celtas chamados «Brits», «Britons» ou «Bretons», que deixaram o seu nome às Ilhas Britânicas e à nossa Bretanha.

Cayce dá outra indicação sobre este mundo céltico: um pouco mais à frente na leitura, fala daqueles que se reuniam em grupos; naturalmente, nesse período, tratava-se de clãs. Organização que apenas sobreviveu na Escócia e na Irlanda, típica da sociedade céltica, crê-se.

Cayce liga, portanto, muito nitidamente este mundo céltico aos Pirenéus — esses famosos Pirenéus ocupados maciçamente pelos Atlantes, de que falei no capítulo anterior. Aliás, o mundo céltico ocupava não só as Ilhas Britânicas, mas toda a Gália, a Suíça, a Itália, a Espanha, a Áustria e até aos Balcãs. Os Celtas da Irlanda guardaram a memória de um temível povo de invasores, os «Tuatha de Danann», vindos de «além do mar Tenebroso». Seriam os Atlantes no tempo em que faziam tremer toda a América, a Europa e a África com o seu poderoso cristal? Este, diz Cayce:

Era a arma absoluta, produzindo um raio que era projetado a partir de várias centrais de energia, e que chamaríamos hoje o raio da morte, ou seja, o super-raio cósmico [...], e que será redescoberto nos próximos vinte e cinco anos. (Leitura 262-39, dada em 21 de fevereiro de 1933.)

Nos seus livros apaixonantes, Robert Charroux fala dos «fortes vitrificados» da Escócia, cobertos de blocos de granito que parecem ter escorrido como vidro em fusão, «como se tivessem sido submetidos a um fogo particularmente intenso». Ora, para derreter os blocos do granito em questão, seria necessário um lança-chamas que atingisse mil e trezentos a mil e quinhentos graus! Foi apenas durante as duas últimas guerras mundiais que a tecnologia conseguiu construir engenhos que pudessem produzir tal calor.

Que poderosa civilização da Antiguidade poderia ter criado uma fogueira capaz de «cozer» rochas tão duras como o granito — senão os Atlantes? As ruínas vitrificadas destas fortalezas encontram-se um pouco por todos os países célticos [41].

Platão evoca o terrível imperialismo dos Atlantes: «Reinavam também sobre as regiões interiores, deste lado das colunas de Hércules, até ao Egito e à Tirrénia» (*Crítias*). «Esta potência empreendeu de um só fôlego escravizar o vosso território e o nosso... e todos os que se encontravam deste lado do estreito» (*Timeu*). Platão conta depois como os bravos soldados gregos resistiram vitoriosamente às pressões atlantes. E era preciso coragem, porque o raio da morte emitido pelo cristal podia destruir uma cidade inteira em poucos minutos — a crer em Cayce, que utiliza repetidamente a palavra destrutivo para caracterizar a Atlântida e as suas atividades.

Das três catástrofes, nem a primeira, devida à inclinação do eixo da Terra, entre -50 000 e -48 000, nem a última, há doze mil anos, foram, diz Cayce, inesperadas. Os sinais precursores (mudanças de clima, sismos, oráculos e avisos percursos) permitiram àqueles Atlantes que o desejavam emigrar, fosse para a América, fosse para a Europa. Por outro lado, a segunda catástrofe (-28 000) terá sido súbita e sem aviso prévio...

Os Pirenéus, a fachada atlântica da Europa, acolheram, segundo Cayce, refugiados atlantes antes da primeira catástrofe e antes da terceira, a final. Entre as duas (de -48 000 a -28 000), teríamos sido uma colónia atlante... Os atlantólogos consideram que restam traços disso nos nomes de lugares. Por exemplo, a cidade de Cádis, que se chamava «Gades» na Antiguidade, e a cidade de Agadir, em Marrocos; os montes Atlas, etc., enquanto Platão cita Atlas como o primeiro rei da Atlântida e Gadeiros como o seu irmão gémeo... A origem dos Celtas, atualmente inexplicada, só se esclarecerá com referência aos Atlantes.

Se os Brancos são, diz Cayce, a raça originária do Cáucaso, que se espalhou depois pela Europa, ele atribui a raça vermelha à Atlântida (não vermelha de cabelos, que tinham muito pretos, crê-se, mas vermelha de pele). Ora, alguns atlantólogos — e alguns videntes — pensam que os Celtas, que eram frequentemente ruivos, deviam essa cor a uma mistura racial entre Caucasianos brancos e Atlantes vermelhos. (Da mesma maneira, o tipo bérbere seria uma mistura entre Atlantes vermelhos — sobretudo em Marrocos —, Caucasianos brancos e Africanos negros.)



A cruz celta seria uma representação simbólica de Poseidia, capital da Atlântida, rodeada pelas suas três cinturas fortificadas concêntricas. Mesmo que isto não esteja ainda cientificamente provado, existem argumentos arqueológicos para a origem atlante da civilização céltica.

Em *Les Atlantes, hier et aujourd'hui*[42], Jacques Gossart diz que a cruz celta (rodeada por três círculos) representaria o plano de Poseidia, capital da Atlântida, o que corresponde bem à descrição do plano desta cidade feita por Platão. Ela era, escreve ele, rodeada por três cinturas fortificadas separadas por canais...

Descobre-se agora que os Celtas sempre souberam (tal como os Bascos) que havia um continente em frente! A viagem de São Brandão é, sob o véu do mito, um dos seus numerosos testemunhos.

E eis ainda outro detalhe perturbador: Cayce diz que os Atlantes das classes altas usavam calças. Pensamos logo nas bragas dos Gauleses!... Hoje em dia, as calças tornaram-se evidentes (com a reencarnação maciça dos Atlantes!), mas em toda a Antiguidade greco-judaico-romana não se falava nisso, sendo consideradas uma indumentária apenas própria para os «Bárbaros»! Era algo típico do mundo céltico.

Na realidade, não são apenas os Bascos que são atlantes; nós continuamos, através das nossas raízes celtas, ainda muito marcados por essa prodigiosa civilização, até nos detalhes da nossa vida quotidiana. Quanto ao terrível cristal, arma do imperialismo atlante, estaria ainda sob o Mar dos Sargaços! Cayce deu dele uma descrição precisa que, por enquanto, ninguém compreende... Só se tornará clara quando o engenho for redescoberto. Entretanto, certos clarividentes pensam que é a presença deste cristal submerso que perturba a circulação aérea e marítima no meio do Atlântico: o cristal reagiria a certas condições atmosféricas e continuaria a emitir uma radiação destruidora. Seria responsável por muitos fenómenos inexplicados.

O «Triângulo das Bermudas» não é propriamente uma piada de jornalista. Nesta zona do Atlântico, que inclui o Mar dos Sargãos, assistiu-se a uma sucessão de uma densidade excecional de catástrofes aéreas e marítimas. Claro que há naufrágios em todo o lado. Mas as estatísticas, ali, são particularmente impressionantes. E o que é realmente estranho são os S.O.S. de rádio dos diferentes pilotos ou navegadores, cujas gravações foram guardadas. Muitos dizem, antes de desaparecerem sem deixar rasto, que as suas bússolas ficam loucas, que os instrumentos de bordo estão desregulados, que a sua agulha magnética «perdeu o norte». Os processos existem, e Charles Berlitz reuniu-os em *O Triângulo das Bermudas*[43]. Mas aqui já vamos longe dos Gauleses sobreviventes do imperialismo atlante! Voltemos agora à Europa.

4

As Cruzadas

Cerca de duzentas leituras relatam encarnações ao tempo das Cruzadas, das quais cerca de metade se localizam em França. (Mas muitas são dadas com uma dupla nacionalidade, não sendo a «nação» nessa época definida da mesma forma que hoje.)

Apenas uma parte destas leituras descreve uma vida de cruzado. Embora a cruzada tenha marcado profundamente a nossa história, nem toda a gente se «cruzava». Nas leituras aparecem igualmente aqueles que ficaram no país, em particular as mulheres, que têm frequentemente vidas muito infelizes nessa época. Outras leituras evocam o início dos Cátaros no sul da França. Finalmente, a cruzada é abundantemente descrita do ponto de vista dos adversários, os «Infiéis».

As leituras não emitem um juízo sobre a cruzada em geral. Ela é considerada um facto histórico e uma oportunidade de progresso espiritual dada aos indivíduos — qualquer que fosse o seu campo. A cruzada vale o que valem as motivações profundas dos cruzados — e ver-se-á que estas são muito diversas. Mas Cayce estima que era: *uma ideia antes que um ideal*. (Leitura 2791-1.)

Em todo o caso, a necessidade de exotismo parece ter sido o móbil geral, confessado ou não. Sabe-se bem que a erva do vizinho é sempre mais verde:

Este período das Cruzadas, onde os homens manifestaram um zelo intenso por certas ideias, e ideais, negligenciando o que tinham ao alcance da mão pelos «verdes pastos», isto é, os sonhos de projetos situados precisamente na fronteira do seu horizonte. (Leitura 3611-11.)

Para Cayce, a única religião é a Lei de Um, expressa na Atlântida, depois no Egito, depois por Zoroastro na Pérsia, pelos fundadores das grandes religiões orientais e, finalmente, por Moisés, antes de ser completada na Palestina por Jesus. Nesta perspectiva, o próprio Maomé teria sido inspirado pela Lei de Um. Um cristão pode ser muito mais «infiel» a esta Lei do que um muçulmano.

Nesta série de aventuras chamadas «Cruzadas», a grande lição a aprender era, evidentemente, a da tolerância religiosa. Se os cruzados da primeira geração a ignoraram na maioria das vezes (chegando a massacrar Gregos, Sírios e Armênios, que eram cristãos como eles), os cruzados da segunda geração aprenderam a respeitar as diferenças. Criou-se um entendimento quotidiano com os muçulmanos e os judeus, ao ponto de favorecer trocas doutrinárias entre as três religiões. Os Templários, condenados mais tarde como heréticos, são a ilustração disso.

Pois esta tolerância dos Francos, frequentemente citada nas crônicas árabes, chocava profundamente os novos cruzados recém-chegados. Como diz o historiador árabe Amin Maalouf, a sociedade franca era, na sua legislação, «distribuidora de direitos», o que a levaria mais tarde à noção de respeito pelos direitos do cidadão. Os Estados francos respeitaram, em teoria e muitas vezes na prática, o que consideravam ser os direitos dos vencidos — proporcionando assim períodos de paz e prosperidade bastante longos. Do outro lado, o Oriente árabe não limitava o arbítrio do príncipe (*As Cruzadas vistas pelos Árabes*, Ed. J.-C. Lattès).

Os historiadores consideram que, se as Cruzadas foram uma empresa europeia, foi a França que nela tomou a maior parte, pois era na época o país mais povoado e mais rico do Ocidente (por ser o mais centralizado, estando a Alemanha, a Itália e a Espanha, como dissemos atrás, fragmentadas numa poeira de pequenos Estados).

O quadro histórico

1. A Primeira Cruzada foi pregada em 1095 em Clermont-Ferrand pelo papa Urbano II. Pude fazer-se ouvir tanto mais facilmente quanto ele próprio

era francês. Embora as suas motivações tivessem sido mais políticas do que místicas, Urbano II desencadeou uma vaga de histeria coletiva. A Primeira Cruzada — a Grande Cruzada dos Franceses, como lhe chama Cayce — reuniu quatro fluxos humanos:

- Os «Mendigos» de Pedro, o Eremita, gente pobre na sua maioria, que se fez massacrar nos desertos da Turquia. Totalmente indisciplinados, transformaram-se em saqueadores ao longo do caminho. Apenas um punhado conseguiu juntar-se aos exércitos francos.
- Estes, conduzidos pelos grandes senhores, eram mais coerentes e melhor organizados militarmente. Raimundo de Saint-Gilles, conde de Toulouse, comandava os cavaleiros provençais e languedocianos.
- Um grupo importante de Normandos era comandado por Roberto Curthose, duque da Normandia, candidato ao reino de Inglaterra. A eles juntaram-se os seus primos da Sicília: Boemundo de Taranto e o célebre Tancredo de Hauteville, de quem voltaremos a falar.
- O último grupo era composto por gente do Norte e das Marcas do Leste, como Gofredo de Bulhão e Balduíno de Bolonha, que lideravam os cruzados da Flandres e da Lorena [44].

Cada um dos chefes da cruzada era escoltado pelos seus vassallos, visto que a feudalidade apenas conhecia as relações de homem para homem. Estima-se o efetivo da Primeira Cruzada em quatrocentas e cinquenta mil pessoas. Mal uma em cada dez chegará a Jerusalém... Esta será tomada por um punhado de sobreviventes doentes e famintos, a 16 de julho de 1099. Assim será fundado o Reino Franco de Jerusalém, que durará quase um século: Saladino (*Salah al-Din*) retomará a cidade em 1187.

Os outros feudos estabelecidos pelos cruzados eram, mais a norte: o condado de Edessa (que durou de 1098 a 1144); o principado de Antioquia (de 1098 a 1268) e o condado de Trípoli (de 1109 a 1289). Estes Estados francos — ali falava-se francês —, ditos também «Estados latinos do Oriente», uma vez apaziguada a violência da conquista, criaram uma brilhante civilização, cosmopolita e tolerante. A sua herança cultural marcou muito fortemente o Líbano, cujos habitantes atuais descendem da mistura dos cruzados com a gente do país.

Retira-se das leituras de Cayce a impressão de que a maioria das encarnações descritas diz respeito à Primeira e à Segunda Cruzada. Cayce diz frequentemente:

Em França, no início do período conhecido como o das Cruzadas. (Leitura 1632-3.)

Ou então:

No tempo do que se chamou a Grande Cruzada dos Franceses. (Leitura 1861-3.) (*Ou seja, a Primeira Cruzada pregada por Urbano II em França.*)

2. A Segunda Cruzada, em 1147, contava com dois exércitos bem treinados: o do rei de França, Luís VII, e o do imperador da Alemanha, Conrado III. Fanatizados por São Bernardo de Claraval, os cruzados, desta vez, estavam melhor organizados: dispunham de barcos, provisões, armas e especialistas militares. E, contudo, a desavença dos chefes conduziu-os novamente ao fracasso. Luís VII e Leonor da Aquitânia começaram na Síria a equacionar o divórcio (uma catástrofe para o reino, pois a rainha possuía metade da França! Ela viria a oferecê-la mais tarde a Henrique II Plantageneta, rei de Inglaterra). Um ano após a partida (em 1148), já nada restava dos exércitos da Segunda Cruzada, que se deixaram esmagar estupidamente nos *djebels*, após terem cometido todas as asneiras possíveis e graves abusos sobre as populações; o que criará, diz Cayce, um Carma de que falaremos mais adiante.

A Primeira Cruzada obtivera milagres: a fé dos cruzados superara os terríveis obstáculos evocados pelas leituras — a fome, a sede, a peste, a exaustão, a vermina, etc. —, na medida em que os seus chefes mantiveram entre si uma certa unidade. Contudo, ao longo dos anos, as dissensões tornaram-se tão graves que se mataram uns aos outros. Sem contar o mal-entendido crônico entre cristãos bizantinos e cristãos «latinos».

Houve muitas outras cruzadas que se agrupam, por conveniência, em sete principais. A Sétima foi liderada por um delicioso idealista tardio: São Luís, rei de França. Cruzada interrompida pela derrota e morte do rei. Mas a fé popular dos inícios tinha desaparecido, o fanatismo também... E o Islão retomou todo o país conquistado.



A verdadeira causa das Cruzadas

Que necessidade tinham todas estas pessoas de ir procurar a morte nestes desertos cheios de mosquitos?...

Os historiadores ainda se interrogam: o que terá impellido estes Francos, vindos do fundo das suas verdes campanhas, a enfrentar tanto sofrimento e tão longe de casa? Procuraram-se explicações: a cruzada teria sido um escape para os cavaleiros pobres, para os desempregados; uma saída comercial para os mercadores; um instrumento político para os papas e os grandes senhores feudais... O desejo de evasão e a sede de ouro explicam, certamente, muito. Mas não tudo. Os historiadores permanecem fascinados por esta aventura,

balizada por «milagres», ou seja, factos inexplicáveis que os racionalistas não podem admitir.

A sociedade franca não era assim tão miserável: pelo contrário, era a época da construção das grandes catedrais, da emancipação das cidades, do nascimento da burguesia de negócios — um período de enriquecimento e expansão. Então, porquê esta loucura coletiva de ir morrer por uma cidade, Jerusalém, que ninguém vira?

Mas Cayce dá uma chave: os cruzados já conheciam a Terra Santa antes mesmo de partirem. Porque ELES JÁ LÁ TINHAM VIVIDO TODOS NUMA OUTRA VIDA!

Sim, se retermos as sequências de encarnações dadas por Cayce, e se forem verídicas, a quase totalidade dos cruzados já tinha vivido no Médio Oriente numa encarnação anterior; muitos tinham sido anteriormente egípcios — como todos os Franceses! —; muitos tinham sido persas (ver o volume I). Alguns tinham sido gregos, soldados das guerras contra a Pérsia e soldados de Alexandre. Enfim, um certo número tinha vivido em Israel nos tempos bíblicos e no tempo de Jesus: a maioria dos cruzados tinha, portanto, numa vida anterior, participado em experiências religiosas e culturais na vanguarda da sua época nessas regiões do Médio Oriente. Sentiam o apelo de um país que os tinha marcado. Para eles, a cruzada era apenas um regresso às fontes... a necessidade interior de liquidar um velho Carma palestino nos mesmos locais onde fora criado (como é a regra geral!). Carmas individuais, decerto, mas também um Carma coletivo.

A explicação da cruzada pela reencarnação não teria, aliás, espantado as pessoas da época: recordamos que no século XI, Bogomilos, Patarinos, Cátaros, Rosacruz, etc., acreditavam na reencarnação.

O regresso de um grupo «psi»

Ao folhear as leituras, não se pode deixar de ser atingido por um facto: a maioria daqueles que teriam tido uma encarnação «ao tempo das Cruzadas» têm na sua vida, como consultantes de Edgar Cayce, aptidões mediúnicas bastante desenvolvidas. E frequentemente, também, um nível de despertar espiritual elevado. Um grande número destas pessoas que solicitaram uma leitura a Cayce pergunta-lhe: «Como desenvolver as minhas faculdades “psi”?» Muitos destes ex-cruzados teriam já, segundo Cayce, participado em grandes movimentos de renovação religiosa. Por exemplo, a quase totalidade

esteve envolvida nas reformas egípcias de Ra-Ta, ou nas de Zoroastro na Pérsia. Encontram-se também um certo número de Atlantes da Lei de Um (ver volume I, o capítulo sobre o Egito).

Tem-se a impressão de que guardaram disso uma mentalidade de pioneiros, razão pela qual partiram logo desde o início, com as duas primeiras Cruzadas. Aqueles que vieram depois seguiam como ovelhas... Tratar-se-ia, portanto, do regresso de um grupo de almas particularmente notáveis pelo desenvolvimento das suas faculdades «psi», mas longe de estarem tão avançadas no plano do amor ao próximo!

O ambiente da Primeira Cruzada é pontuado por factos estranhos, visões, milagres... Como, por exemplo, em Antioquia. Os cruzados deixaram-se cercar na cidade, onde morrem pouco a pouco de fome e doença. Cercados pelos exércitos muçulmanos bem alimentados, bem equipados e muito mais numerosos, não têm, logicamente, esperança nenhuma. É então que um certo Pedro Bartolomeu conta que «viu» onde estava enterrada a lança que trespassou o flanco de Cristo. Escutam-no, escava-se no local indicado. Acaba-se por encontrar uma velha lança ferrugenta: a multidão grita milagre. Leva-se a lança ao bispo Ademar de Monteil — bastante cético! —, que ordena, no entanto, três dias de jejum e orações. E no quarto dia, os cavaleiros esqueléticos e o povo em farrapos atacam os exércitos de Kerbogha, príncipe de Mossul (que não acredita no que vê!). Até ao momento em que será derrotado redondamente por este bando de mendigos!

E o cenário repete-se: antes da tomada de Jerusalém, por exemplo, o bispo Ademar — entretanto falecido — aparece às multidões... Podemos sorrir, pensar que estas pessoas da Idade Média tinham necessidade do maravilhoso, como as criancinhas... Uma coisa é certa: estas pessoas tinham faculdades «psi» mais desenvolvidas que as nossas e serviam-se delas sem complexos! Harold Lamb, autor de um excelente livro sobre a Primeira Cruzada, escreve: «Tinham em si uma audácia fria que nos parece nada menos do que mediunidade.» Dá o exemplo dos mais célebres cabeças-quentes da cruzada: Boemundo e Tancredo, que passam por todos os perigos, escapam a todas as emboscadas e saem-se sempre bem... servidos por uma infalível intuição premonitória!

Assim, a teoria da reencarnação traz igualmente uma explicação para estes «milagres» que asseguraram o sucesso dos cruzados.

Eis um exemplo típico: Adria (leitura 256-1), monge-cruzado, é um apaixonado pela astrologia e numerologia. E o que fora numa vida anterior? Pois bem... o mago Ashtuel, um dos Reis Magos, sim, que veio a Belém adorar o Menino! O que, aliás, não o torna nada irrepreensível como cruzado... Na sua encarnação atual, como consultante de Cayce, adivinhem o que faz? Astronomia, claro, e também astrologia, numerologia e grandes esforços para desenvolver as suas faculdades «psi».

Eis dois outros casos típicos: depois da cruzada, alguns cruzados reencarnaram como... bruxas de Salem. Recordamos que se trata de um grupo de visionários que a América puritana se empenhou em perseguir.

A primeira destas «bruxas», diz Cayce, sofreu na sequência de acusações em que a censuravam por lançar feitiços e exercer uma influência oculta sobre as pessoas [...] Antes disso, encontramos a entidade no país hoje conhecido como a França [...] Lá, a entidade juntou-se àqueles que partiam defender a Terra Santa durante a Segunda Cruzada. Juntou-se àqueles que atravessaram o mar para a defesa deste ideal. A entidade ganhou muito nesta experiência. No entanto, suportou muitas frustrações, expectativas defraudadas... Nos seus últimos dias, enfrentou muitas contrariedades, que geraram essa indecisão de que ainda sofre atualmente. O seu nome: Charmiloe [Charmelot?]. A entidade deu imenso de si mesma, dedicando-se a todas estas pessoas, animada por um ideal de serviço... (leitura 267-1).

Nesta vida, o ex-cruzado, e ex-bruxa de Salem, era médium. Praticava a escrita automática e deu até consultas a Cayce!

Quanto à segunda «bruxa» de Salem que darei como exemplo, viera consultar Cayce por uma depressão nervosa, uma insónia rebelde e uma anemia geral. A leitura sublinhou desde o início a sua:

Extrema fragilidade às diferentes formas de experiência parapsicológica, a qual fora perturbada por uma experiência dolorosa durante as Cruzadas, onde se colocara a si própria em períodos de medo e dúvida, que lhe trouxeram tal decadência, tal angústia e tal extravio que chamou sobre si mesma essa destruição do seu corpo físico que permitiria à sua alma progredir... É o que construiu na experiência da entidade estas doenças que se podem ver hoje... (leitura 1058-1).

Em suma, suicidara-se...

Outra encarnação francesa do tempo das Cruzadas (leitura 2109-2) foi mesmo duas vezes egípcia: uma vez sob Ra-Ta, e outra, muito mais tarde, como filha da rainha Hatshepsut! A esmagadora maioria das vidas anteriores egípcias entre os cruzados — e particularmente os cruzados franceses aqui estudados — é um facto significativo. Isso explica os laços profundos da França com o Egito; voltarei a este assunto nos capítulos seguintes.

O «Djihâd» dos cristãos

O «Djihâd» é a «guerra santa» que todo o muçulmano deve travar contra os Infiéis. Jesus também falou de guerra... Mas entendemo-la mais como um combate espiritual a travar em cada um de nós.

Na Idade Média, uma parte da cristandade vê a «guerra santa» exatamente da mesma forma que o mundo islâmico. E se Cayce emprega a expressão (em inglês *Holy War*), é por referência histórica. É bem evidente que, para ele, esta guerra não é mais «santa» do que as outras — como se poderá constatar nas leituras que se seguem.

Eis, para começar, o caso de um homem que não se decidiu a partir:

A entidade estava nestes países chamados hoje a França e a Espanha, onde grassavam muitas perturbações por causa das opiniões religiosas. Isso passava-se na época chamada as Cruzadas. [...] A entidade fez preparativos para se juntar aos cruzados. No entanto, influenciado pelas atividades e pelas opiniões das pessoas do seu ambiente, algumas de uma elevadíssima elevação espiritual [...] abandonou esse projeto e voltou-se antes para os cuidados da sua casa — o que lhe foi censurado.

No entanto, com os acontecimentos que se seguiram à Segunda Cruzada [e ao seu fracasso] na qual tinham participado certas pessoas simultaneamente francesas e espanholas [como ele], a entidade tornou-se uma personalidade respeitada, alguém cujos conselhos se ouviam [...]. Ele partia do princípio de que aquele que se conquista a si próprio é maior do que aquele que conquistou dez cidades [...] o que se tornou a sua filosofia de base. O seu nome era Charlemeinuen [Charles le Menu, le Maignant?], daí, hoje, o seu interesse pela França, a Espanha, a Terra Santa, e o seu interesse maior: a construção de casas... (Leitura 1021-3.)

Esta leitura evoca os inícios do catarismo no Sul languedociano. Este movimento religioso de uma *elevadíssima elevação espiritual*, como diz Cayce, não via a necessidade de enviar os seus membros a Jerusalém para converter

à força os «Infiéis». Mas muito poucos tiveram essa sabedoria. Mais frequente era o cruzado agressivo:

Nessa época [...] a entidade aprendeu uma grande lição: que aqueles que partem para combater os seus irmãos se encontram, eles próprios, a combater contra o Espírito da Verdade. Pois o que é semeado na cólera e no terror deve ser colhido na perturbação e na contenda... No plano moral, a entidade perdeu e ganhou. Nessa época, impunha-se a ideia de que era preciso forçar os espíritos e os corações, mesmo ao preço de sangue derramado [...] Este princípio tornou-se uma pedra de tropeço para a entidade durante essa estada terrestre [...] No medo, nas contendas, nas intrigas, a entidade perdeu moralmente. E hoje, atravessa por causa disso crises de dúvida e de desconfiança. (Leitura 1226-1.)

Esta agressividade mal canalizada impelia, aliás, os cruzados para contendas intestinas que, como vimos, acabariam por torpedear a cruzada.

Esta época das primeiras Cruzadas parece ter visto reaparecer muitos Essénios, como, por exemplo, esta profetisa do tempo de Jesus (leitura 1283-1), ou ainda uma das irmãs de José, esposo de Maria (leitura 1709-3), ou a filha de Zebedeu, prima de Jesus (leitura 540-1).

Muitos primeiros cristãos também, que, como vimos, vinham de um meio essénio. Tal foi o caso deste padre cruzado, chamado René Endeun [René Audoin?[45]], que fora outrora amigo de Lucas [o evangelista], de Paulo [o apóstolo], de Lúcio [o bispo], e enviado como missionário a Roma (leitura 990-5).

Os personagens bíblicos são igualmente numerosos: tal como esta muçulmana, esposa de um cruzado (leitura 1857-2), que fora uma princesa judia ao tempo do exílio na Babilónia... Naturalmente, muitos cruzados e as suas mulheres são reencarnações de sacerdotes e sacerdotisas do antigo Egito. É o caso desta outra muçulmana, alma muito evoluída, que praticava curas «psi» no Egito e ali foi mais tarde adorada como uma deusa. Como se poderia esperar devido ao fenómeno de «reencarnação de grupo», os próximos da família de Ra-Ta[46] reaparecem: tal como René(e) Charlevauxr (sic), antigamente filha do Sumo Sacerdote e autoridade respeitada do Templo da Beleza (leitura 1709-3).

E esta outra:

A entidade vivia num país simultaneamente inglês e francês, ao tempo desta aventura chamada as Cruzadas. Nessa época, Ingleses e Franceses combinavam os seus esforços para partir defender a Terra Santa [...]. E aí, encontramos estas tendências de carácter que levaram a entidade, chamada Phaleza [Velizay?], a tornar-se o chefe de uma parte importante dos Franceses, bem como dos Ingleses. Tinham persuadido a entidade a juntar-se a eles nesta empresa de fim religioso, que agitava as pessoas desse tempo [...]. Mas, nessa vida, a entidade agiu antes de forma a semear a discórdia. Após ter atingido a Grécia, a região de Tessalónica, apoderou-se do país que partira para defender [...]. O que criou forças perturbadoras. De tal modo que hoje a entidade está aflita com uma propensão para a jactância [...] Sê humilde, doce, benevolente [...] E se queres ter amigos, conduz-te de forma amigável! (Leitura 1983-1.)

É preciso dizer que este cruzado fora, na antiga Pérsia, um poderoso chefe de clã, aparentado com o líder vitorioso Uhltd (ver volume I).

Mil e uma razões para partir em cruzada...

Cayce não nega que alguns dos primeiros cruzados tenham sido motivados por um ideal desinteressado. Muitos deles partiram certamente acreditando servir uma grande causa:

A entidade estava nesse país agora conhecido como a França, na época dessas viagens em que muitos deixaram o seu país para ir defender um ideal, isto é, durante o tempo da guerra santa... (Leitura 578-2.)

Mas nem toda a gente partia com motivos tão puros. Eis, por exemplo, um cruzado conformista, que parte... para fazer como toda a gente:

A entidade estava em França, nesse período em que muitos eram atraídos por esta aventura... não motivados pelo desejo de trabalhar para defender uma nobre causa, mas porque estava na moda... Durante o que se chamou a Grande Cruzada francesa, a entidade juntou-se ao movimento e agiu na qualidade de recrutador... O seu nome: Amée Richeleu [Aymé ou Amé, ou Aymery-Gilles?]. E hoje... a entidade é competente quando se trata de clubes, de grupos políticos e sociais, de organização desses grupos... (Leitura 1861-2.)

A leitura dá-lhe uma vida persa e árabe bastante feroz:

Anteriormente, estava na Pérsia, onde tinha perseguido outras tribus — pela sua fé — cegando os prisioneiros com ferros em brasa... O seu nome: Abd-El-Uha. (Mesma leitura.)

O que faz com que hoje venha consultar Cayce pelos seus olhos... Porque estava cego: belo exemplo de Carma retributivo! Cayce aconselhou-o a desenvolver a música e as suas faculdades «psi». Prescreveu-lhe um tratamento que melhorou a sua visão... Este homem perdera a oportunidade, durante as Cruzadas, de exercer a tolerância religiosa que o teria libertado desse Carma...

Outros tinham em vista um ganho de poder ou de dinheiro:

A entidade era do sexo oposto ao de hoje [atualmente, uma mulher [47]] e esteve entre aqueles que partiram motivados não por um desejo sincero, mas pelo oportunismo: era uma ocasião para alargar as saídas para os seus negócios. Sob o objetivo oficial de defender uma fé, era movida por uma sede de poder. O que lhe trouxe um atraso moral. (Leitura 159-1.)

Outros talvez não tivessem tomado a cruz tão voluntariamente... Mas a sua mãe ou a sua mulher (como no caso de Estevão de Blois, na Primeira Cruzada) persuadiram-nos a partir: pois eram ou fanáticas, ou inspiradas por uma verdadeira motivação generosa:

A entidade estava entre aquelas do mesmo sexo [que hoje], que pressionavam os da sua própria família, do seu próprio sangue [...] a alistarem-se para irem defender, materialmente, a «Terra Santa». O seu nome: de Lane. E embora tenha sofrido com isso no plano material, ganhou no plano espiritual e no plano da inteligência. Pois daí lhe vêm, hoje, o seu conhecimento inato da política, da economia, das atividades governamentais e o seu gosto pela história... (Leitura 618-3.)

Uma leitura faz alusão mais precisamente à atroz «Cruzada das Crianças» de 1212. Tomadas por uma espécie de histeria coletiva, dezenas de milhares de crianças de França e da Alemanha — e particularmente dos países rhenanos — partiram a pé para a Terra Santa. Fanatizadas por um pequeno pastor do Vendômois, percorreram quilómetros a pé, dormindo ao relento, cantando e alimentando-se do que lhes davam nas aldeias... Mas quando chegaram aos portos do Mediterrâneo, Génova, Veneza, Brindisi, os mercadores de escravos olfatarem o bom negócio. Uma grande parte destas crianças foi embarcada em navios que as conduziram aos mercados humanos

de Argel ou de Kairouan, onde foram vendidas. O resto morreu de fome, de exaustão, de doença. Muito poucas regressaram a casa. A Igreja, que impulsionara a cruzada, nada fez para as salvar.

Eis o caso de uma menina alsaciana que morreu no caminho, de desespero:

A entidade, na encarnação anterior, vivia no país agora conhecido como francês e na região chamada Alsácia, quando houve esses grandes ajuntamentos de homens e crianças. O objetivo desta atividade era a defesa de um ideal, que se traduzia no facto de «tomar a cruz» e ir perseguir os pagãos [...] (Leitura 1058.)

Trata-se da «bruxa de Salem» evocada atrás, que viveu tal angústia e tal culpa que desejou morrer (a leitura sugere que terá sido violada, ficando grávida, como foi o caso de muitas dessas infelizes miúdas). Daí a sua pergunta: «Como fazer para me livrar dos medos inumeráveis que envenenam toda a minha existência?», cuja origem era este pavoroso trauma datado das Cruzadas. Ela escreverá mais tarde a Cayce: «Sempre tive uma grande facilidade para o francês e gosto pela cozinha francesa» (sem suspeitar um segundo que na Alsácia se fala alsaciano! E que a cozinha alsaciana, por mais requintada que seja, difere muito da cozinha francesa. Enfim... talvez Félicie — era o seu nome — tenha aprendido o francês pelo caminho?).

Outra leitura conta a história, esta muito mais alegre, de uma mulher que ama o seu marido e não o quer deixar partir sozinho. Por isso, disfarçou-se de homem para ficar com o marido.

[...] E nesta aventura, ela ganhou muito controlo de si mesma, mantendo-se fiel aos seus ideais... e ao seu marido! (Leitura 5112-L-1.)

O reverso da cruzada

Muitos cruzados ficaram dececionados: o desfasamento entre os seus sonhos e a realidade era insuperável. Não esperavam tanto sofrimento. Alguns, contudo, transformaram as deceções em ganho positivo:

A entidade, em França durante as Cruzadas, partira com um fim, com objetivos... que não pôde realizar: aqueles que eram os seus camaradas, nos exércitos da Terra Santa, impediram-na. Esta entidade estava entre os chefes e chamava-se: Charlevauxr [...]. Na experiência, ela ganhou de uma ponta à

outra, contudo, no meio dessas tormentas. [...] E eis por que lhe acontece hoje ser por vezes submergida pela nostalgia dos desejos, dos sonhos e das atividades dessa estada terrestre antiga. (Leitura 1709-3.)

Parece entender-se, pela continuação da leitura, que ela teve de abandonar os seus objetivos para não agravar as dissensões entre os outros chefes cruzados.

Mas Cayce não fala apenas dos chefes, longe disso. Eis o ponto de vista de um ferreiro:

O seu nome era Beloith [Bento, provavelmente]. Era um artesão do ferro forjado. Decorava e fabricava cofres, bainhas de espada, artigos para as casas... Tal era o seu ofício. Quando os outros partiram para irem defender a Causa, que era o grande assunto da época, ele juntou-se a eles. E, dessa experiência, tirou a conclusão de que as aparências nem sempre coincidem com o que se poderia esperar das pessoas nas circunstâncias difíceis. E daí vem essa desconfiança, bem enraizada, que o impele a procurar as verdadeiras motivações da atitude religiosa dos outros. (Leitura 1597-1.)

E de um prisioneiro duramente provado:

A entidade estava entre aqueles que entraram no país aquando da Segunda Cruzada. Foi feito prisioneiro e torturado. Daí, hoje, a sua aversão muito especial pela vermina, pelos insetos, por tudo o que parece sujo e podre na casa e no quarto de dormir — por vezes, o seu nojo de insetos torna-se um verdadeiro pânico. No entanto, a entidade ganhou nessa experiência, pois manteve um certo ideal. Os azares da vida deram-lhe muito que sofrer por esse ideal mas, no fim de contas, isso foi positivo. Dessa vida vem o seu interesse atual pelas pesquisas esotéricas e místicas. (Leitura 1430-1.)

A surpresa dos cruzados foi a descoberta não só dos cristãos do Oriente, mas também do Islão. Alguns converteram-se. Cayce evoca a posição desconfortável destes «renegados» rejeitados pelos seus próximos, e a quem a sinceridade custava caro:

A entidade era, de início, um fanático, que queria forçar toda a gente a obedecer a uma só lei, um só culto religioso. E, se a persuasão não bastava, empregava a força! [...] Mas ao entrar no país nos arredores da Terra Santa, eis que é feito prisioneiro e entregue nas mãos dos «pagãos», pois eles eram tais, no início, aos seus olhos. Mas eles manifestaram-lhe bondade, de tal

modo que ele mudou de ideia e tornou-se fanático no outro sentido, na religião dos adversários! E, depois, trataram-no como renegado, acusaram-no de se ter revoltado contra os seus, contra os seus próprios interesses. Isso levou-o a ganhar muito espiritualmente, na última parte dessa vida. Pois tinha compreendido, através das experiências desse tempo, que verdadeiramente toda a potência, todo o poder espiritual ou mental, emana da mesma Fonte. (Leitura 342-2.)

O ponto de vista dos vencidos

Os cruzados, como vimos, tomaram demasiadas vezes a «guerra santa» como álibi para esconder motivações menos puras:

Pois aquele que se glorifica a si próprio, utilizando o louvor do Seu Nome [o Cristo], esse falhou o objetivo! — diz ele a uma ex-cruzada (leitura 1058-1).

Era bem esse o ponto de vista dos muçulmanos:

No seu país surgiu um fluxo de pessoas que vinham como conquistadores, isto é, que se esforçavam por reduzir todos os povos a uma única forma de pensamento... É o que é conhecido na História como as Cruzadas. A entidade estava então entre os povos conquistados, submetidos à pressão das armas: queriam obrigá-los a pensar da mesma forma que os invasores. Estes últimos desembarcavam com toda a pompa, toda a vanglória, de uma ideia e de um ideal abafados pelo desejo de exaltação de si próprio... A entidade [...] tratando aqueles que estavam feridos, converteu muitos deles à sua própria religião. [...]

Hoje, esta pessoa não compreende que, em matéria de fé, se possa aderir a uma seita, acreditar cegamente em tudo o que lhe contam; a sua filosofia é ser boa, não apenas de uma bondade simples, mas de uma bondade que sirva para alguma coisa, de uma bondade que seja agradável a Deus; ela procura manifestar o espírito de Verdade, de Vida, de Amor, em vez de se fechar num dogma religioso, ou de adotar uma linha de demarcação entre o que é chamado bom por um e mau pelo outro [...]. A entidade ganhou espiritualmente nessa encarnação.

PODERIA, perguntou a consultante, DAR DETALHES SOBRE A RELAÇÃO DA ENTIDADE COM OS CHEFES DA CRUZADA. E OS NOMES DOS CRUZADOS ENVOLVIDOS?

Guardião, nessa época, daqueles que tinham falhado na defesa de certas posições militares, ele era muçulmano; e tratou muitos desses instruindo-os. Quanto aos nomes, não os recebemos. Terminámos! (Leitura 23-1.)

A consultante teria talvez tido mais sucesso perguntando quem eram os chefes muçulmanos — igualmente interessantes quando não se é racista! É raro que Cayce termine uma leitura com uma recusa tão seca...

O regresso do guerreiro

Alguns regressaram. Muito poucos. O senhor de Moustiers-Sainte-Marie fizera um voto: se regressasse da Terra Santa à sua Provença abençoada, mandaria forjar uma grande corrente para a estender entre as duas montanhas que dominavam a sua aldeia. E, nessa corrente, penduraria... a estrela de Belém! Essa corrente e a sua estrela ainda existem. Prova de que o cruzado regressou a casa! Talvez fosse um camarada desse outro cruzado provençal que, no que é hoje a Turquia, e muito antes sequer de ter atingido a Terra Santa, caiu nas mãos dos inimigos que jurara destruir. E, nessa grande aflição, no cativeiro e nos sofrimentos físicos, melhorou; de tal modo que a última parte da sua vida foi um progresso. Finalmente, regressou a casa, no Sul, nos arredores de Cannes. E uma vez regressado, pôs mais em prática essa fé em nome da qual partira (leitura 1599-1).

Mas os que regressavam nem sempre reencontravam os seus bens:

Estava no país francês na época da Segunda Cruzada [...] Essas atividades, como cruzado, trouxeram-lhe grandes sofrimentos materiais. Pois, para a cruzada, deixou a sua casa; e esta nunca regressou ao seu legítimo proprietário. Por isso, a entidade perdeu a sua confiança nos outros [...] Na última parte da sua vida, após ter sido libertada do cativeiro pelos nómadas muçulmanos, a entidade regressou ao seu país e refletiu muito. Daí a sua desconfiança hoje [...] em relação àqueles que são demasiado zelosos no plano religioso. (Leitura 1432-1.)

Todas estas misérias vinham talvez do Carma de uma vida persa como general-em-chefe de Nabucodonosor, onde (diz Cayce) maltratara judeus cativos, que provavelmente despojara das suas casas... Quanto a certos cruzados, regressaram com uma mulher estrangeira:

A entidade vivia na época das guerras entre os habitantes da Terra Santa e os Franceses e Ingleses — aliás em guerra entre si — que procuravam

estabelecer os seus direitos sobre essa região. A entidade era então muçulmana e do país dos Partos, na Ásia Menor — mais precisamente da cidade de Agnostos, onde habitava. Viu passar muitos desses invasores, e também bastantes populações locais [...] E, embora muçulmana, casou com um cristão, o que lhe trouxe muitos problemas, a ela e à sua família. Pois isso significava uma mudança de cenário, de país, e o regresso com o seu marido à França. (Leitura 1857-2.)

A leitura deixa entender que era uma alma evoluída espiritualmente, que fora no Egito uma célebre sacerdotisa. Ela pediu conselho a Cayce sobre o seu casamento. Ele respondeu:

Hoje, deves enfrentar os teus atos de uma vida antiga, onde dependias do teu marido atual que, também ele, dependia de ti, não só para uma orientação espiritual, mas também para um relaxamento mental e físico [...]. Pois ele foi esse companheiro que seguiste para o país dele, de onde ele viera. País no qual eras uma estrangeira, transplantada para um novo ambiente. E encontram hoje as mesmas circunstâncias no vosso casamento atual, mas num cenário oh tão diferente! (Mesma leitura.)

Efetivamente, a consultante vinha de um país da América Latina e tivera de seguir para os Estados Unidos o seu marido, cidadão desse país.

Aquelas que foram esquecidas...

O reverso da cruzada são as mulheres que ficaram no lar e os seus filhos órfãos. Se se estima em quatrocentas e cinquenta mil o efetivo da Primeira Cruzada, isso faz talvez trezentas mil viúvas. E quantos órfãos? Drama nacional que a Igreja não parece ter tomado em consideração. Se tivesse tido uma real preocupação com esta imensa aflição, com estas mulheres abandonadas, com estes pais velhos sem sustento, com todos estes órfãos, teria enviado tantos homens para se fazerem matar por uma causa duvidosa?

Mas a Igreja Católica era — e ainda é — essa assembleia de solteirões que nunca compreenderam nada sobre o casal e cuja misoginia pesa ainda pesadamente sobre as nossas famílias. Nesse tempo, em nome da cruzada, milhares de lares foram sacrificados ao que, em última análise, não era senão política papal. Pois Urbano II, papa discutido e sem autoridade, esperava afirmar o seu poder dando-se como o chefe moral de uma espécie de «Paris-Dakar» místico. Conseguiu-o. É o eco infinitamente doloroso de todos estes esquecidos que as leituras nos devolvem:

A entidade estava em França, nessa época em que se recrutavam pessoas ao serviço de «causas santas» ou de «objetivos santos» [...] E isso decorria de uma má interpretação do que deveriam ter sido as atividades da Igreja; isto é, de uma incompreensão dos valores espirituais da vida de família. Era assim na época das Cruzadas [...] E isso trouxe muitas provações, muitos sofrimentos à entidade [...] (Leitura 1404-1.)

A entidade estava entre as mães do país que foram abandonadas pelos seus maridos e pelos homens da família. O que lhe trouxe grandes dificuldades materiais e desespero. (Leitura 2072-1.)

A entidade era do mesmo sexo que hoje [a leitura é dada para uma jovem mulher], mas lamentou-se durante essa vida; pois tantas mulheres desse país eram abandonadas pelos homens, jovens e velhos, que partiam com a ideia de defender os Lugares Santos [...] Mas, em vez de uma defesa, era uma ofensa [feita às suas famílias], embora fosse apresentado como algo «bom»! A entidade sofreu de privações materiais e físicas [...]. Daí, hoje, a sua desconfiança em relação aos homens [...]. A experiência marcou a entidade, deixando-lhe no coração, no fim da sua vida, sentimentos, talvez não de ódio, mas em todo o caso de intolerância. É hoje a lição que ela deve aprender: tolerar... (Leitura 578-2.)

A entidade estava no país da sua atual natividade [a consultante é a Francesa, o pássaro raro, a única hexagonal, dos anais caycianos!] na época das Cruzadas. Muitas pessoas do país eram deixadas no lar, enquanto os seus maridos ou amigos partiam em viagem por essa causa que tanto se gabara. Daí as boas e más experiências da entidade; daí vem o seu medo de ser abandonada, negligenciada, e é esse medo que é hoje, para ela, a coisa mais difícil de superar.

Durante este período, ela ocupou-se a ensinar música, a produzir géneros alimentares e a gerir um comércio de alimentação. Chamava-se: Sharda Chevelieu [Charlotte Chèvreloup] [...] Esta encarnação, no início das Cruzadas, influencia muito a entidade na sua vida atual, não só por este tormento constante de ser deixada sozinha, mas também por causa da vivência da entidade com esse companheiro que tinha nesse tempo, que amava fisicamente e que fez parte da sua vida atual. Eis por que este sentimento de ser negligenciada impediu a consumação da vida de casal com este homem, presentemente. (Leitura 1554-2.)

De facto, mais adiante na leitura, aquando das perguntas que fará a Cayce (e ela fará muitas), a consultante dará o nome de um homem que conhecera outrora. Perguntará: **QUAL É O CARMA QUE IMPEDIU O NOSSO MATRIMÓNIO HÁ ANOS? PORQUE NÃO FOI COM ELE QUE CASEI EM VEZ DO MEU MARIDO ATUAL?**

E Cayce responde-lhe:

Como lhe foi indicado, por causa desse período em que foi deixada sozinha [ao tempo das Cruzadas], por causa desse ressentimento que construiu de forma repetitiva em si mesma. Daí esse medo que se manifestou na vida atual. E a associação com o homem que é o seu atual companheiro teve como causa a sua fraqueza interior em certos momentos. Não aqui, mas noutras vidas. Foi isso que provocou este encontro. Com que fim? Aprender a paciência, para cada um dos dois. (Mesma leitura.)

A consultante perguntou de onde vinham os problemas que tinha hoje com o marido, que bebia. Cayce respondeu que essa tendência vinha de uma vida (à época das Cruzadas) onde ele era um soldado francês na Arménia. Quanto à mulher, Cayce disse-lhe que ela tivera várias vidas em França, uma das quais tão pouco gloriosa que mais valia não falar dela... Após a leitura, ela disse que «se recorda de ter vivido em França ao tempo das Cruzadas, e que isso lhe volta à memória cada vez que atravessa uma certa cidade de França, que era um centro da seita durante as Cruzadas». O texto inglês dá a palavra *sect*, que tem o mesmo sentido que o português «grupo religioso dissidente»... Cátaros? Falaremos disso mais adiante.

Um outro caso trágico, muito bem contado por Gina Cerminara em *Muitas Mansões*: o de uma mulher muito bela que veio consultar Cayce porque a sua vida conjugal era uma frustração perpétua: o seu marido era impotente. A leitura revelou que era um antigo cruzado, e que tinha na altura a mesma mulher que hoje:

A entidade estava entre aquelas em quem o marido não confiava. Foi forçada a usar um aparelho preventivo que impedia a conceção, ou a ligação física com outros. O que lhe trouxe perturbações de toda a natureza, e a determinação de ser um dia livre, logo que pudesse e custasse o que custasse! [...] Daí a sua atitude atual de independência perante o que os outros possam dizer ou fazer: ela ignora resolutamente os conflitos que a sua atitude possa trazer [...]. Nesta vida, ela ganhou e perdeu. Pois a castidade forçada impeliu-a a tomar decisões prejudiciais. (Leitura 2329-1.)

Aqui, o Carma, isto é, a má atitude mental, foi criado por ambos os cônjuges outrora; reencontram-se, portanto, juntos para o trabalhar na vida atual. Podemos perguntar-nos também porque é que esta mulher de cruzado teve de sofrer tal sevícia, o uso de um cinto de castidade? Uma vez que nunca somos vítimas senão de nós próprios, o que teria ela feito numa vida ainda mais antiga? A leitura traz uma resposta: na antiga Grécia, ela era um homem e fazia parte dessa seita que, diz Cayce, tinha por filosofia gratificar os instintos físicos [os Epicuristas]. Deve ter gratificado um pouco demais...

É interessante também notar que no Egito ela era Sumo Sacerdotisa, ocupava-se das anestésias no Templo e tinha desenvolvido um dom de médium. Nesta vida, tinha um dom de curadora e faculdades «psi» muito desenvolvidas — traço característico de todo este grupo de almas ex-cruzadas.

Li dezenas e dezenas de leituras relativas a esposas de cruzados abandonadas ou maltratadas, o que é bastante deprimente. Para sair deste quadro negro, vejamos aquelas que foram suficientemente espertas para se desenvencilharem, pois houve-as. E para começar esta Alsaciana (já nessa época, a Alsácia era uma região muito evoluída no plano comunitário):

A entidade estava no país conhecido como o do vinho, esse país situado entre dois outros países, onde mais tarde se levantarão numerosas contestações, isto é, no que se chama agora os campos de batalha entre a França e os exércitos alemães, forças destruidoras para o povo ao qual pertencia a entidade — nos anos e anos que vieram depois. Mais exatamente, as guerras provocadas pela expansão dos países vizinhos, o seu modo de governo e as suas relações internacionais trouxeram muitas perturbações aos modos de expressão dessa gente. O país será conhecido um dia como a Alsácia-Lorena[48].

(Reparemos de passagem que desta vez Cayce não coloca Calais nos Pirenéus! A sua descrição da Alsácia, tanto geográfica como histórica, é perfeita.) Mas continuemos:

Lá nasceu a entidade, no momento em que se juntavam homens nos dois países para irem defender a Terra Santa, durante as Cruzadas. O que trouxe à entidade muitas separações e períodos em que teve de, na sua vida física, debater-se em múltiplos perigos. Contudo, sob o nome de Schweighelce, a entidade ganhou mais na experiência. Pois chegou a uma posição de conselheira: muitas mulheres em quem os maridos não tinham

confiado, e que tinham sofrido no seu corpo — por causa dos diferentes processos que tinham por fim privá-las da sua liberdade —, muitas dessas mulheres abandonadas foram apoiadas, aconselhadas pela entidade que as ajudou a recuperar as suas forças para sobreviver e proteger-se [...]. Daí, hoje, a sua tendência [...] a encorajar as mulheres a assumirem-se. (Leitura 692-1.)

E PODERIA, SENHOR CAYCE, EXPLICAR A SITUAÇÃO CONJUGAL DESTA ENTIDADE?

Sim. A situação atual, tensa, neste casal, vem das relações conjugais da entidade ao tempo da cruzada. Daí este falta de confiança em si mesma, por vezes, e esta amargura por o marido não confiar nela. Esta situação é uma lição para ambos: ao trabalharem na vossa relação, poderiam chegar a uma melhor compreensão recíproca. (Mesma leitura.)

A consultante tinha montado um negócio com o marido e um sócio. Os dois homens ligaram-se contra ela, recusando ouvir os seus avisos, levando assim o negócio à falência.

Eis ainda uma outra «mãe coragem»:

Estava em França durante as «guerras santas», onde muitas mulheres da sua família e das suas amigas eram abandonadas. Ela conseguiu que fossem protegidas, em vez de serem negligenciadas [...] Contudo, aqueles que procuravam prestar serviço, nesse tempo, eram criticados porque a moda era a «guerra santa» [...] Na experiência, ela ganhou e enriqueceu a sua experiência humana, ajudando os outros a criar no seu lar e na sua aldeia um ambiente espiritual. (Leitura 1294-1.)

E os Cátaros?

Uma coisa me espantou nestas encarnações ao tempo das Cruzadas: as poucas alusões aos Cátaros, que eu esperava ver aparecer em grande número. Há talvez uma boa razão: Cayce descreve um grupo de almas contemporâneas das duas primeiras Cruzadas. Indica quase sempre por uma palavra que a história se passa no início do período das Cruzadas — portanto, extremo fim do século XI, início do XII. Ora, é apenas no fim do XII que os Cátaros ganham importância e se tornam conhecidos sob o nome de Albigenses. É apenas muito depois das duas primeiras Cruzadas que Inocêncio III (o mal nomeado!) começará a inquietar-se com os progressos da heresia. Desviará os cruzados para o Sul languedociano, cuja civilização brilhante e tolerante excitava a inveja dos cavaleiros do Norte.

Esta nova «cruzada», liderada por Simão de Montfort, devastará o Sul num ambiente de ódio e crueldade tão afastado quanto possível dos ensinamentos de Cristo. As feridas levarão séculos a cicatrizar. Várias leituras de Cayce chamam a atenção para este alto nível cultural e espiritual do Languedoc. Vimos, por exemplo, o denominado Charlemeinen, franco-espanhol, como diz a sua leitura (1021-3), que renuncia a partir em cruzada por sugestão de alguns dos seus amigos. Isso supõe a existência de um grupo local com discernimento suficiente para ver que esta «cruzada» contra os muçulmanos não é tão «santa» como se diz. Existe, portanto, nesta região um grupo de pessoas que se dispensam de obedecer ao papa...

A entidade vivia no país agora conhecido como a França, na parte próxima da fronteira espanhola, à época das Cruzadas. A família da entidade, bem como ela própria, militava num movimento religioso que deveria trazer muitas mudanças nessa região, e para muitos dos seus habitantes – o que provocará mais tarde uma rutura com o que se convencionou chamar a Igreja e o Estado. Rutura provocada pelas reuniões locais que tinham lugar em edifícios construídos para essas atividades espirituais. (Leitura 1283-1.)

A leitura é clara sobre a natureza deste cisma, que é de facto uma rutura tanto religiosa como política: pois a indigna cruzada contra os Albigenses foi decidida também por motivos políticos: o rei de França sentia o Sul a escapar-lhe. Os feudais do Sul (vassalos dos condes de Toulouse e não do rei) pouco se importavam com o que se pensava em Paris. Os condes de Toulouse simpatizavam com os Cátaros e esforçaram-se por defendê-los. Mas foram esmagados por Simão de Montfort e, depois, aniquilados pela Inquisição. A resistência cátara foi definitivamente destruída em 1244 pela tomada de Montségur.

O texto de Cayce, ao falar das reuniões em edifícios religiosos construídos para essas atividades espirituais, parece evocar Montségur, que não era apenas um castelo, mas um lugar de culto fortificado. Sabe-se que os Cátaros construíram efetivamente edifícios para as suas reuniões, com um plano muito particular, inspirado por um simbolismo esotérico. Obviamente, estas pessoas que se reuniam para uma liturgia diferente da da Igreja oficial provocaram depressa a sua fúria.

Serão os Cátaros uma reencarnação de grupo dos Essénios ou dos Zoroastrianos?

A continuação da leitura acima (1283-1) sugere que esta mulher, na sua encarnação cátara, tinha numerosas atividades intelectuais e sociais pelas quais foi criticada; e que anteriormente fora essénia — com as mesmas responsabilidades intelectuais e sociais. Há muitos pontos comuns entre Essénios e Cátaros: o seu feminismo (davam às mulheres responsabilidades importantes na Igreja), os seus conhecimentos esotéricos (sobre reencarnação, astrologia, numerologia, técnicas de cura pela oração e imposição das mãos, etc.).

Quanto à personagem da leitura 1021-3, aquele que recusou partir em cruzada, é ainda mais interessante: numa vida anterior, na Pérsia, em Susa, colaborou no estabelecimento da futura religião de Zoroastro. Sabe-se que se censurou aos Cátaros o seu «maniqueísmo», religião do Persa Manes, que quisera purificar e renovar o zoroastrismo. Ora, como explica muito bem o Prof. René Nelli, os Cátaros não eram mais «maniqueístas» do que os seus adversários católicos... nem Manes o era!

Jogando o debate sobre a oposição entre os princípios do Bem e do Mal, a Inquisição vai censurar aos «maniqueístas» pretenderem que o princípio do Mal era tão forte como o do Bem — acusação que não é fundada, uma vez que Manes (como os Cátaros, os Zoroastrianos, os Essénios, como os Gnósticos, seus herdeiros) tinha a certeza da vitória final do Bem. (Cf. o manuscrito essénio encontrado em Qumran, perto do Mar Morto, e intitulado *O Combate dos Filhos das Trevas* [ditos também «de Belial»] *contra os Filhos da Luz*. Ver a obra de base, *Les Écrits esséniens*, pelo Prof. André Dupont-Sommer, Ed. Payot, 1983, e todos os livros do Dr. A. Guirldham sobre os Cátaros.)

Tancredo de Hauteville, a tomada de Jerusalém e Luís XVII...

Eis uma pequena leitura que parece não ser nada:

A entidade era o segundo comandante-em-chefe dos cruzados — e foi durante a Segunda Cruzada. O seu nome: Adoirs. Esteve entre aqueles que primeiro plantaram o estandarte da cruzada na Cidade Santa [Jerusalém]. Daí, nele, este desejo de conhecer um pouco mais sobre as religiões, as verdades e os factos religiosos... Mas ele espera mais para ver o que os outros vão fazer com essas verdades do que para as aplicar a si próprio. Contudo, nunca esquece a sua nobre influência. (Leitura 1005-2.)

Mas se lerem a leitura inteira, terão um choque... Pois este valente cruzado tornar-se-á, numa encarnação seguinte, o delfim Luís XVII. Nada menos...

Contudo, a leitura não é clara, ou então foi mal transcrita. Pois a tomada de Jerusalém, a 15 de julho de 1099, teve lugar durante a Primeira Cruzada — não a Segunda. Crê-se que foram Roberto Curthose, duque da Normandia, e Tancredo de Hauteville que primeiro entraram na cidade. Poderia «Tancredo» (em grego *Tancredos*), pronunciado muito depressa por Cayce, com o seu sotaque caucasiano[49], ter sido transcrito, ainda mais depressa, pela sua secretária como *Adoirs*? Perguntei. Responderam-me que era possível, não tendo a secretária de Cayce a mínima ideia de francês ou grego!

Nesse caso, Luís XVII teria sido a reencarnação do brilhante Tancredo, apelidado de o «Djinn» pelos seus adversários deslumbrados... O *djinn*, isto é, o espírito, ou o anjo... ou antes o duende! Falava correntemente árabe, tendo sido educado nessa Sicília onde, como dissemos atrás, a tolerância dos reis normandos deixava viver em paz a comunidade muçulmana, com as suas universidades e os seus sábios. Trunfo muito importante para Tancredo, que tinha também a seu favor a juventude, a beleza, a coragem, a intuição... enfim, o que se chama a *baraka*!

Uma outra leitura dada para o mesmo consultante parece confirmar que se trata de Tancredo:

São as suas experiências como cruzado que mais marcam a vida atual da entidade [...]. Daqui a três ou cinco anos, ele estará em relação com os seus camaradas de outrora, o que lhe traz atualmente confusão nas suas ideias. Pois a entidade é, e sempre foi, um otimista, que só olha para o que brilha e se convence, mesmo em pleno caos, de que tudo correrá bem! (Leitura 1005-12.)

O que poderia ser o retrato do deslumbrante Tancredo, imbatível conquistador, mas fraco político. O consultante colocou uma outra pergunta:

O QUE É QUE CAUSA ESTE FLUTUAR NO PENSAMENTO, QUE ME ACONTECE POR VEZES, E ESTA IMPOSSIBILIDADE QUE TENHO EM CONCENTRAR-ME NUM ASSUNTO E ANALISÁ-LO COM PRECISÃO?

Como já foi indicado, isso vem em grande parte das suas estadas na Mesopotâmia. Lá, tinha um ideal que foi obscurecido, baralhado, na sequência de relações com certos indivíduos, os quais pesam sobre a sua

experiência material de hoje e sobre as suas atividades. E o melhor meio de melhorar isso será reviver a experiência dessas relações. (Mesma leitura.)

A leitura indica claramente: *Mesopotamia*, que é a região compreendida entre os dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates. Lá, Boemundo de Taranto talhara para si um verdadeiro reino: o condado de Edessa. Mas, quando foi capturado pelos muçulmanos, em 1100, o seu sobrinho Tancredo assumiu a regência, que manteve até à sua morte, em 1112.

Ora, em nenhum outro lugar, para este consultante, Cayce fala de encarnações na Mesopotâmia, ou seja, na Pérsia (o cruzado em questão viveu anteriormente no Egito, na América do Norte como índio, e no Peru como Inca!). A resposta de Cayce remete claramente para esta encarnação de cruzado, instalado durante um tempo da sua vida como um poderoso reizete local no condado de Edessa. Aliás, um destino como o do delfim Luís XVII só pode explicar-se, carmicamente, pela necessidade de expiar um abuso de poder «real».

Quanto às relações duvidosas, sabe-se que Boemundo de Taranto era um pirata, absolutamente sem fé nem lei, se é desse tipo de indivíduo que Cayce quer falar!... Mas eis ainda um documento que lança uma luz estranha sobre o passado cármico de Luís XVII. Trata-se das *Memórias* da governanta do Delfim, a Sr.^a de Tourzel. Falando da criança, ela diz:

«Tinha um gosto pronunciado por tudo o que dizia respeito ao militar, e um dos seus maiores prazeres era mandar disparar pequenos canhões no seu jardim, e comandar, de sabre na mão, que se fizesse fogo. Acreditava-se então um pequeno herói. [...] Tinha como que um género de divertimento que lhe agradava infinitamente: era vestir o traje de um antigo cavaleiro francês, revestindo-se de uma pequena armadura que lhe fizera o Sr. Palloi. De capacete na cabeça, a couraça no dorso e a lança na mão, acreditava-se um verdadeiro cavaleiro.» (Sr.^a de Tourzel, *Mémoires*, t. II, p. 298.)

Todos os contemporâneos do pequeno Delfim o descreverão como: «Um carácter vivo e ardente, muito estouvado, muito desportivo, muito violento nas suas cóleras... Apaixonava-se pelos grandes capitães da História.» Que não me venham dizer que todos os rapazes se imaginam obrigatoriamente como cavaleiros destemidos... Há também muitos que se imaginam como índios, ou passam o tempo a bricolar ou a desenhar! O meu filho Gil, por exemplo, imaginava-se um engenheiro moviano, ou seja, lemuriano ou atlante, como contei atrás! Há escolha, mesmo para um

pequeno príncipe do século XVIII (que mal poderia imaginar-se um astronauta). Todas as pessoas que estudaram as sequências de reencarnação dir-vos-ão que a criança brinca muito frequentemente com aquilo que foi outrora na realidade. À época do relato, o Delfim não tem sequer seis anos e a sua família não o encoraja de todo a brincar aos cavaleiros: «Este jogo só era permitido entre nós e apenas no seu apartamento», continua a Sr.^a de Tourzel, «pois tinha-se medo que isso suscitasse críticas malévolas.»

Irresistivelmente sedutor, desportivo, leve, otimista, despreocupado... Tal apareceu o Delfim àqueles que o conheceram, e esta descrição corresponde à de Cayce (o qual, tal como a sua secretária, não ouvira falar de Tancredo de Hauteville ou de Luís XVII em estado de vigília!).

O caso do cruzado feminista (e pacifista!)

Após ter lido as numerosas leituras relativas a estas mulheres de cruzados, abandonadas, deixadas à vigilância de intendentes mal-intencionados, ou gravemente incapacitadas na sua saúde por um cinto de castidade, começava a deprimir... De repente, deparei-me com um caso insólito: um cruzado feminista! Achei que merecia um lugar nesta revista geral das Cruzadas «revisitadas por Cayce». Ei-lo:

A entidade estava em país francês, e era um homem. Esteve entre aqueles que partiram para defender um ideal. Descobriu que havia tantos bons rapazes entre aqueles que a entidade acreditara serem «pagãos», ou pessoas «que esqueceram Deus», achando que a sua abordagem era pouco diferente. Através de uma certa pessoa, que era para ti como um irmão em Deus, surgiram confusões, o que te levou no teu íntimo a decidir nunca mais ser um homem. Pois descobriste nas mulheres muito mais do que pensaras poder esperar anteriormente. A entidade ganhou e perdeu na experiência: ganhando ao compreender o conceito espiritual da Fonte única de todas as energias, perdendo ao atolar-se no lado material da existência. O seu nome era então Marcelus Dewetherna. (Leitura 3376-2.)

A leitura não dá mais detalhes sobre os problemas pessoais deste cruzado, mas compreende-se que ele se tornara igualmente pacifista, não vendo muito bem por que razão o obrigavam a pegar em armas contra pessoas que lhe pareciam bons rapazes. Obviamente, tal atitude só poderia desagradar aos religiosos cristãos de estrita obediência (é o que sugere a leitura). Ver-se-á mais tarde o que custará aos Templários terem feito amizades com os muçulmanos! (Ao ponto de lhes pedirem emprestadas

certas ideias e certas liturgias, o que lhes foi duramente censurado no decurso do seu processo.)

Encontrei frequentemente, entre as minhas consultantes, mulheres que tinham vivido anteriormente como soldados — homens! Enojados com os horrores da guerra, «eles» decidiram reencarnar como mulheres para que não os obrigassem mais a matar o próximo. Como o nosso Marcelus, citado acima... o qual se tornara uma mulher ao tempo de Cayce!

O Carma da Segunda Cruzada

No livro de Mary Ellen Carter, editado por Hugh Lynn Cayce (filho de Edgar), *Edgar Cayce on Prophecy*, encontrei a referência (p. 195) a uma leitura dada em 1941 a uma mulher a quem foi dito:

Aspetos astrológicos invulgares vão afetar neste momento todas as almas da Terra, influenciando os seus pensamentos e as suas pulsões perante os acontecimentos que surgirão nas duas semanas vindouras [...], de 29 de abril a 12 de maio. Faz agora OITOCENTOS ANOS que estas pulsões procuram emergir... Pense na sombria pobreza da vida espiritual de então, e veja qual é a experiência pela qual devem passar tantas almas, e nós próprios, nas relações de homem para homem do nosso tempo. Quererá, como soldado da Cruz, desempenhar o seu papel? (Leitura cujo número não reencontrei, pois a obra não o fornece.)

A autora faz notar que, na primavera de 1941, o mundo estava em guerra. Mas, quando se diz o «mundo», tratava-se para nós da invasão alemã e da ameaça que ela fazia pesar sobre toda a Europa de Leste e o Mediterrâneo. Ora, há oitocentos anos, era a Segunda Cruzada — um fracasso: o rei de França Luís VII e o imperador da Alemanha reembarcaram em abril de 1149, após terem perdido a maior parte dos seus exércitos. Um assunto marcado, como diz Cayce, por uma sombria pobreza espiritual.

Ao reler de perto a história desta cruzada falhada, concebe-se que ela tenha criado um terrível Carma. Primeiro, os motivos: se muitos voluntários da Primeira Cruzada acreditaram responder a um ideal (tinham pelo menos como desculpa conhecer mal o Oriente!), para a Segunda Cruzada, o ambiente era totalmente diferente — já não passava de política, amargas ambições territoriais e violências gratuitas.

Os cruzados deram um exemplo lamentável, disputando incessantemente entre si, traindo-se uns aos outros, devastando os países

que atravessavam, mesmo cristãos! «Os cruzados alemães conduziram-se em terra bizantina como em país conquistado, pilhando, incendiando, violando, recusando pagar os víveres que compravam, enquanto os Bizantinos se vingavam como podiam. De tal modo que os alemães quase sitiaram Constantinopla [...]. É fora de dúvida que Manuel Comneno [o imperador bizantino], furioso, impeliu desde logo os Turcos a esmagarem o exército de Conrado [o imperador da Alemanha]. Os cruzados alemães foram massacrados, de tal modo que apenas escapou pouco mais da décima parte [50].»

Quanto ao exército francês do rei Luís VII, apesar da ajuda dos Templários, acumulou cobardias, irresponsabilidade em relação aos seus próprios soldados, que condenou à fome e ao massacre. A corte do rei estava apodrecida pelas intrigas de pessoas que só pensavam em encher os bolsos... Entretanto, os Turcos ganhavam terreno. Quando se lê o detalhe dos cercos às cidades, fica-se estupefacto com a crueldade dos combatentes, a sua falta de piedade, a sua cupidez. Os Francos são tão cruéis como os muçulmanos, e o amor recomendado por Cristo, inexistente! A leitura destas violências é insuportável: recorda-nos horrores recentes que quereríamos esquecer.

Cayce, na leitura, relaciona bem os dois acontecimentos: cruzada (quando recorda à sua consultante que ela fora soldado da Cruz) e guerra mundial (obviamente no centro de todas as preocupações ocidentais em abril de 1941!). Aliás, Cayce dissera bem, noutra leitura datada de 24 de junho de 1938:

Em França, descobrimos que uma velha dívida terá agora de ser paga. (Leitura 3976-19.) Era a cruzada!

Em junho de 1939, numa leitura seguinte, dirá: «Pergunta o que será da Inglaterra e da França nos seus esforços conjuntos com a Rússia para cercar o regime totalitário [nazi]. Estas nações, enquanto respeitarem as vistas de Deus sobre o Homem, terão sucesso. Quando se esforçam por se proteger sem qualquer consideração pela fraternidade humana, só podem fracassar.» (Leitura 3976-23.)

É de notar também que, nesta Segunda Guerra Mundial, os mais castigados acabaram por ser os alemães. Foram certamente os agressores, mas, depois, que desastre! O que nós sofremos (quero dizer Franceses, Ingleses, Italianos, Holandeses, Belgas...), não era senão pouca coisa em comparação com o campo de ruínas assombrado por esqueletos famintos

que era a Alemanha em 1945! Ora, a História diz que, durante a Segunda Cruzada, foram os cruzados alemães — partidos primeiro — os piores. Estragaram tudo ao provocarem os Gregos bizantinos. De tal modo que, quando passaram os exércitos franceses um pouco mais tarde, o mal estava feito. Os Franceses colheram em consequência a hostilidade dos Gregos (que deveriam, como cristãos, ser tratados como aliados e respeitados como tal).

Em toda esta história das Cruzadas, os judeus foram massacrados como os outros, e provavelmente mais ainda, uma vez que eram pacíficos artesãos locais quando os cruzados desembarcaram. Não tinham exércitos para os defender, como os Turcos e os Gregos. Estes civis sem defesa, protegidos pelo Islão que apenas lhes exigia um tributo, foram muito maltratados pelos cruzados fanáticos, que lhes censuravam particularmente terem crucificado Cristo!

E os judeus não foram as únicas vítimas da Segunda Guerra Mundial. Outros povos foram exterminados ainda mais completamente — os Ucrânios, por exemplo. Muitos videntes atuais pensam que o holocausto hitleriano teve como vítimas pessoas que elas próprias, nas suas vidas anteriores, se tinham comportado como assassinas de judeus (o que não diminui as culpas de Hitler: ser a ferramenta de um ajuste de contas cármico não inocenta por isso o carrasco!).

Coloquei a mim própria outra questão. Levada pelo meu amor muito grego pela simetria, pareceu-me interessante saber se a Primeira Guerra Mundial seria também ela uma consequência do Carma da Primeira Cruzada? Interroguei Cayce, e ele respondeu-me: «Mas sim!» Esta opinião apenas me vincula a mim (como médium).

Joana d'Arc

Ainda não se acabou de esclarecer o mistério de Joana d'Arc. O Mestre Philippe de Lyon dizia: «Joana d'Arc, Napoleão I, Victor Hugo: os seus pais não tiveram nada a ver com o seu nascimento[51]!» Se Cayce não desvenda o mistério desta última, pelo menos fala muito das suas vidas anteriores.

Uma donzela que vem de longe...

Pois o mais belo expoente das encarnações francesas dadas por Cayce é obviamente... Joana d'Arc! Comentei a sua leitura no capítulo III do volume I. Joana d'Arc reencarnada como corretora na Bolsa em Nova Iorque... Se não acreditam em mim, podem ir verificar pessoalmente à Fundação Cayce e pedir para ler o dossier n.º 302 — o da entidade *Joan of Arc*. Verão que não inventei nada. Ora aqui só há duas soluções: ou Cayce é louco varrido — e eu com ele! — ou o que ele diz é verdade... E, se é verdade, há que sonhar!

Alucinante leitura onde a Donzela, a NOSSA Donzela nacional, teria sido a mãe do impetuoso Aquiles na guerra de Troia e, ainda antes, um general egípcio participante numa guerra civil (o que parece ser decididamente a sua especialidade!). Por outro lado, esta leitura relativa a Joana d'Arc sublinhava os seus espantosos poderes «psi».

Foi sem dúvida por isso que a Donzela deixou estupefactos os seus contemporâneos ao reconhecer o Delfim de França, que nunca vira, escondido sob um disfarce no meio dos seus cortesãos! Robert Charroux, passando em revista as inúmeras enigmas da vida histórica de Joana, nota bem o ambiente de ocultismo, de misticismo e de magia — branca ou negra — que a rodeava (*Le Livre de ses Livres*, op. cit.) e também Pierre de Sermoise, *Les Missions secrètes de la Pucelle* (Ed. Robert Laffont).

Aquando da minha primeira estada na Fundação Cayce, procurei informar-me: quem seria então esta Menina 302, a quem Cayce dissera que fora Joana d'Arc reencarnada? Ninguém sabia nada. O dossier n.º 302 indicava apenas o sexo: feminino, a raça: branca [52], a data de nascimento e a profissão: *saleswoman*. Esta última palavra significa de forma geral «vendedora». A bibliotecária da Fundação pensava que seria uma pequena vendedora de supermercado... Ora, alguns anos mais tarde, uma historiadora francesa, a Sr.^a Michèle Geslin Small, professora de francês na Universidade de Northland, no Wisconsin, empreendeu pesquisas sobre esta consultante e

descobriu uma personalidade excepcional. As linhas que se seguem devem-se à Sr.^a Geslin Small, que amavelmente me autorizou a publicá-las. Estas pesquisas esclarecem os extratos de leituras que citei no volume I:

«Todos os escolares o aprenderam nos bancos da escola: Joana d'Arc, a nossa heroína nacional, nasceu em 1412 de uma família camponesa, na aldeia de Domrémy, "nas Marches da Lorena". À idade de treze anos, ouviu vozes que identificou como sendo as de São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida. Estas vozes deram-lhe a ordem de "expulsar os ingleses de França" [estava-se em plena Guerra dos Cem Anos, causada pelas pretensões de Inglaterra ao trono de França]. E assim, à idade de dezasseis anos, Joana deixou a sua aldeia natal.

«O seu carisma excepcional convenceu todos os que encontrou no seu caminho, de tal modo que se viu à frente dos últimos soldados fiéis ao rei de França. Cercou Orleães, obteve ali uma vitória retumbante; depois empreendeu fazer coroar o Delfim, filho do rei Carlos VI, em Reims, a 17 de julho de 1429, sob o nome de Carlos VII. Mas enquanto tentava, à frente das suas tropas, libertar as cidades francesas da ocupação inglesa, foi capturada em Compiègne. A sua curta vida terminou com um processo iníquo, ao fim do qual foi queimada como herética na praça do mercado em Ruão, a 30 de maio de 1431. Desde então, a sua memória permaneceu querida ao coração dos franceses.

«Até ao fim, manteve que "as suas vozes" vinham de Deus e que nunca a tinham enganado. Foi canonizada a 16 de maio de 1920, pelo papa Bento XV. O leitor poderá consultar qualquer enciclopédia que lhe dará mais detalhes. Contudo, "o caso" Joana d'Arc levantou controvérsias sem fim entre os historiadores.

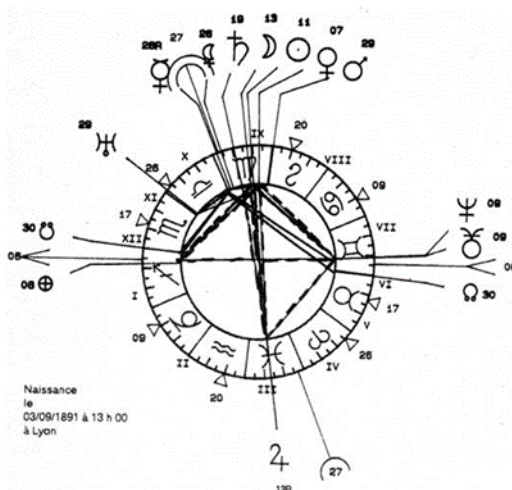
«Alguns colocaram questões sobre as suas origens reais: seria ela uma bastarda de sangue real? Outros afirmaram que ela não fora queimada na fogueira, mas desaparecera de uma forma misteriosa, enquanto outra era queimada no seu lugar, e que ela chegara mesmo a casar-se [53]. E a controvérsia continua ainda atualmente.»

Foi de uma forma totalmente inesperada que o nome de Joana d'Arc emergiu de uma leitura de vidas anteriores, dada a 26 de setembro de 1927. O leitor ficará interessado pelas circunstâncias curiosas em que esta leitura foi solicitada pela pessoa designada sob o número de código 302. Ela exercia a profissão de corretora na Bolsa numa importante agência bolsista de Nova

lorque. O presidente desta, amigo e admirador de Cayce, tinha ele próprio beneficiado de centenas de leituras.

Foi, portanto, graças ao seu patrão que, a 5 de setembro de 1927, esta pessoa pediu a Cayce uma leitura de vidas anteriores, dando como sua data de nascimento o 3 de setembro de 1891 em Lyon, França[54]. Primeiramente, Edgar Cayce tentou dar uma leitura — mas não o conseguiu. Escreveu então à senhora em questão pedindo-lhe mais precisões sobre o seu nome e data de nascimento. Eis como ela respondeu ao questionário:

«NASCI NUMA ESTAÇÃO DE COMBOIOS, QUANDO A MINHA MÃE ESTAVA EM VIAGEM, VINDO DE HAMILTON (ONTÁRIO), NO CANADÁ, E REGRESSANDO A SUA CASA EM LYON, NA FRANÇA. A ESTAÇÃO? UMA DAS DA CIDADE DE LYON, CUJO NOME EXACTO NÃO FOI RETIDO. UM IRMÃO GÉMEO NATIMORTO NASCEU AO MESMO TEMPO. DATA EXACTA: QUINTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1891 AO MEIO-DIA; ISTO É, ÀS 13H05 DA TARDE EM NOVA IORQUE.» (Leitura 302-1.)



Aqui está o tema natal da consultante de Edgar Cayce (Mlle 302), que o Sr. Jacques Masson-Deblaize, presidente da *Astroflash-Ordinastral* nos Campos Elísios em Paris, teve a gentileza de calcular para mim. Este tema é, de facto, extraordinário devido à conjunção Mercúrio - Meio-do-Céu - Lua Negra - Saturno - Lua - Sol - Vénus - Marte que o domina. Isto significa que toda a energia da nativa se aplica à vida profissional (Meio-do-Céu), em detrimento da vida privada e da vida conjugal (muito pobremente apresentada com os dois planetas dissonantes na casa VII). A conjunção Saturno - Lua - Sol, em astrologia cármica, indica suficientemente as vidas anteriores de poder político (Saturno), vividas com uma autoridade brilhante e como homem (Sol, símbolo de realeza). Um tema de uma potência

excepcional. Calculado para as 12 horas (em vez das 13 horas), o Sol colocar-se-ia sobre o Meio-do-Céu, o que seria ainda mais impressionante.

Joana d'Arc, que tinha então trinta e seis anos, não devia estar muito segura da exatidão das suas declarações, uma vez que pediu a Cayce — caso ele falhasse novamente em dar-lhe uma leitura — que verificasse a sua data e local de nascimento. Numa carta a Cayce, o patrão da consultante (designado pelo n.º de código 900) escreve: «Seria maravilhoso para ela, tranquilizá-la-ia consideravelmente: esta incerteza causou-lhe problemas de estado civil inextricáveis.»

A 26 de setembro de 1927, Edgar Cayce pôde dar-lhe uma leitura de vidas anteriores, que se revelará absolutamente extraordinária — mas não sem dificuldade: foi necessário que a Sr.^a Cayce repetisse as suas perguntas para que, finalmente, Edgar conseguisse estabelecer contacto com o registo (akáshico) da entidade n.º 302 — vulgo Joana d'Arc.

A leitura 302-1, a primeira das dez leituras dadas à nossa heroína, começa por descrever as influências astrológicas que marcam a sua vida:

Encontramos a entidade sob a influência de Mercúrio, de Neptuno, de Úrano, de Marte e de Júpiter. (Leitura 302-1.)

O que se pode verificar no tema: posição forte de Marte e de Júpiter, regentes do Ascendente; de Úrano, de Júpiter e de Neptuno pelos seus aspetos ao Sol e ao Meio-do-Céu. As brilhantes aptidões mentais, a forte combatividade e a determinação são, portanto, evidentes. Segue-se uma lista de traços de carácter:

É alguém que reflete profundamente, daí o seu aspeto subtil, sagaz. Alguém que é capaz de aproveitar tudo, que utiliza a seu favor, e para levar os seus planos a bom termo, tudo o que lhe cai nas mãos, todas as ocasiões, boas ou más. É alguém que é capaz de captar no mais pequeno detalhe qualquer circunstância que se apresente; e, sobretudo, que capta muito bem tudo o que toca o mistério, ou seja, o lado oculto, noturno da vida. As coisas escondidas estão no seu espírito como um livro aberto no qual se pode ler.

Na sua manifestação atual sobre a Terra, se considerarmos a força da sua vontade, encontramos alguém que é capaz de utilizar qualquer coisa, os homens, os lugares, as situações, o tempo e as circunstâncias para a conduzir no caminho que ela quer desenvolver — para o melhor e para o pior.

Se analisarmos as suas tendências, descobrimos [...] que seria bom que a entidade fizesse uso da sua vontade no caminho que lhe permitiria florescer melhor, segundo critérios corretos e pelos meios ad hoc. É o que lhe permitiria adaptar-se à sua situação, ao cargo em que se encontra atualmente. No plano das relações humanas, como se vê pelas circunstâncias do seu nascimento, a entidade é capaz de usurpar, ou de dar — isto é, de tirar — tudo o que deseja. Não que ela se despreze a situação, a hierarquia social ou o cargo a assumir — mas a sua vontade, se for estimulada no caminho certo, pode ser um trunfo soberano no desenvolvimento que a entidade persegue. (Mesma leitura.)

É interessante notar que, nesta análise de carácter, Cayce utiliza duas vezes a expressão inglesa *for weal or for woe* (*para o bem ou para o mal*) [55], como se estes trunfos notáveis — aptidão para comandar, dons parapsicológicos [56], vontade indomável — pudessem ser mal empregados, ao ponto de fazer regredir a entidade na sua evolução. Cayce expressa o desejo de que Joana d'Arc utilize estas qualidades na direção certa... O que sugere que ela estava, de facto, num ponto de viragem da sua vida e da sua evolução, e que (como acontece sempre!) tinha todas as cartas na mão.

Outra frase estranha de Cayce é a seguinte:

Como se vê pelas circunstâncias do seu nascimento, a entidade é capaz de usurpar, ou de dar — isto é, de tirar — tudo o que deseja.

Alusão ao irmão gémeo natimorto? A leitura continua com uma seleção de vidas anteriores — aquelas que poderiam ter influência na atual, e cujo conhecimento poderia ajudar a senhora em questão nas condições que vivia então:

[...] [57] Daí esta necessidade que tem hoje, esta aptidão para dirigir e guiar os homens e as mulheres, os primeiros mais individualmente, as segundas mais em grupo. [...] No que diz respeito às competências da entidade, a mais marcada é a que consiste em dirigir os outros, em qualquer domínio onde escolha ser um chefe, um instrutor, um mestre. Isto com a condição de alcançar primeiro, em si mesma, esse conhecimento de si e da sua própria relação com a Energia Criadora [divina]. Caso contrário, nunca encontrará o equilíbrio satisfatório, só alcançará o seu pleno florescimento após uma infinidade de tempo e espaço. Pois tudo é Unidade, e a entidade deve descobrir que o seu eu pertence a essa Unidade. Deve chegar à maior

compreensão possível do que é a União com as Energias Criadoras [divinas] no plano da vida terrestre.

Permaneçam no caminho reto. Amem a Deus e ao vosso próximo como a vós mesmos. Terminou por agora. (Mesma leitura.)

Como acabámos de ver, o temperamento da consultante n.º 302 já era visível na sua vida anterior como Joana d'Arc, mas empregado, diz Cayce, nem sempre na direção certa.

A segunda das encarnações mencionadas por Cayce é como mãe de Aquiles. Uma evocação que faz sonhar, não só por ser o grande período heroico da Grécia antiga imortalizado por Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*, mas também por outra razão: o patrão da nossa consultante (registado sob o n.º 900) fora ele próprio identificado, numa das leituras de vidas anteriores dadas por Cayce, como a reencarnação de Aquiles (leitura 900-1).

Assim, a mãe de Aquiles trabalhava agora com o seu filho da vida grega. O que não facilitava as coisas, como vamos ver, entre estas duas personalidades excecionalmente fortes.

Mas voltemos às vidas anteriores da nossa heroína. Edgar Cayce faz alusão a uma terceira encarnação, no Egito, ao tempo de Ra-Ta [58]. Também aqui reencontramos as mesmas características: mau uso do poder, certamente, mas também uma espantosa aptidão para se mover livre e facilmente no meio de qualquer classe social:

Conquistadores e conquistados, poetas e camponeses, senhores e escravos, como diz o poeta, é o dom daqueles que se sentem à vontade com os reis, sem por isso deixarem de pertencer ao povo. (Mesma leitura.)

E este dom, a consultante n.º 302 certamente o guardara como Joana d'Arc: recordamos que esta pequena camponesa convencera tanto os rudes soldados que lhe permaneceram devotados até à morte, como a Corte real e o Delfim (a quem ajudou a fazer-se coroar como rei de França).

A última frase deste extrato de leitura: «Sempre com esta devoradora necessidade de ação... Sempre ativa, ativa, ativa!» parece descrever um traço de carácter constante de uma vida para a outra na nossa heroína.

A leitura emite um juízo definitivo sobre as aptidões profissionais da consultante e a sua vocação: *Um chefe, um instrutor, um mestre*. E, ao mesmo tempo, uma advertência muito forte de Cayce. Mlle 302 parece ter sido uma

mulher de ação — potência, energia, vontade —, mas a mensagem é clara: para os ativos, para os despertadores, para aqueles que sacodem a Terra para responder ao desafio de uma odisseia interior, há um tempo necessário para situar o seu eu profundo na ordem do mundo. Mas se não experienciarem a unidade interior, não conseguem encontrar o equilíbrio, a medida, a eficácia e a satisfação. É assim que Mlle 302 é claramente avisada, em termos corteses mas muito diretos, de que deve agir em conformidade. A mensagem final: «Permaneçam no caminho reto. Amem a Deus e ao vosso próximo como a vós mesmos» expressa a lei do Universo tal como Cayce a ensina. Não poderia ser mais claro...

Após esta extraordinária revelação, as reações foram muito significativas. Numa carta ao Sr. 900, a 29 de setembro de 1927, Cayce escreve: «Esta leitura para Mlle 302 caiu-nos em cima como uma pinha de uma árvore de Natal! Como deve ter sido também para si [...]. Quando este género de informação nos chega, quando menos se espera, deixa-nos boquiabertos, e precisamos depois de um certo tempo para nos habituarmos e perceber que é verdade!»

Na sua resposta, pelo correio seguinte, o Sr. 900 respondeu: «Recebemos a vossa carta e, como diz, foi um raio que caiu aos nossos pés! O que é sobretudo perigoso é a transição no plano intelectual no momento em que começamos a perceber e a despertar. Para alguns de nós, é bastante duro, e a perspetiva do maravilhoso futuro que nos é prometido quase nos faz desejá-lo. No entanto, essa perspetiva faz-nos sentir que desejamos dar o nosso melhor entretanto — um processo difícil de conceber para a nossa inteligência e que nos encaminhará um pouco mais na via criativa da Vida.» (3 de setembro de 1927.)

A segunda leitura (302-2) levar-nos-á, ao continuar a explorar as suas relações com o seu patrão Sr. 900, a estudar as relações da nossa heroína com um homem muito querido ao seu coração, o misterioso «S. A.». Na volumosa correspondência entre o Sr. 900 e Cayce, encontram-se algumas referências a Mlle 302 muito significativas, frequentemente, da rivalidade aguda e constante entre estas duas poderosas personalidades.

A 6 de novembro de 1927, o Sr. 900 teve um sonho que pediu a Cayce para interpretar. Nesse sonho, Mlle 302 é descrita como «esta rapariga-homem». Na interpretação deste sonho, Cayce alertará o Sr. 900 contra o gosto latente do poder na sua colaboradora:

Temos aqui um ser que é, para o consultante, um enigma, qualquer que seja o ângulo sob o qual o apreenda; no entanto, o segredo do sucesso do ser em questão reside na personalidade profunda da sua alma, da alma individual desta entidade. Compreenda tudo isto — cada palavra — pois só isso lhe permitirá captar o conjunto da situação. (Leitura 900-354.)

Nas perguntas e respostas que se seguem, Cayce diz que Mlle 302 pode ser uma lição para o Sr. 900 e responde à pergunta deste:

COMO DEVO COMPORTAR-ME COM ESTA MULHER?

Com luvas. Sempre! (Mesma leitura.)

O que é muito claro. O Sr. 900 prossegue:

DÊ-ME UM CONSELHO: COMO POSSO EU, NA MINHA VIDA PROFISSIONAL, IMPEDI-LA DE DAR COM TUDO EM NADA?

A resposta de Cayce é também aí perfeitamente clara:

Não tenha medo que ela dê com tudo em nada. Se empregar sempre com ela essa atitude superior, que é a força dela: saber em todas as coisas aplicar o conhecimento. Por aí, você, como entidade, depende desta pessoa para um melhor conhecimento de si mesmo, compreende? Isto aplica-se à forma como se deve respeitar o indivíduo: os conhecimentos que esta pessoa tem no plano psicológico atraem-na em primeiro lugar para as empresas do consultante, compreende? Ou seja, (302) é atraída por (900) devido à superioridade intelectual deste último. E (900), que sabe como esta pessoa, apesar das suas fraquezas, tem tal ascendente sobre os outros, como se viu, deverá sempre manter a situação na mão, em princípio. Daí, manejá-la sempre com luvas. Nunca permitir que as fraquezas contra as quais o alertámos interfiram, de modo algum. (Mesma leitura.)

Aparece claramente, por este extrato, que o Sr. 900 e Mlle 302 tinham pontos comuns (... Aquiles e a sua mãe!); e que Mlle 302, atraída pela inteligência de (900), era de qualquer forma uma força com que era preciso contar. A manejar com precaução, porque tinha o poder de fazer tudo falhar. Quanto a (900), fora avisado de que um homem avisado vale por dois.

A 5 de janeiro de 1928, Mlle 302 pediu a Cayce para interpretar um dos seus sonhos. Tinha pedido o mesmo serviço ao Sr. 900, que lhe dera uma análise aprofundada, mas visivelmente não satisfatória. O que obteve de Cayce, no entanto, permanece num plano geral; a mensagem aconselha-a a

utilizar o que aprendeu para se melhorar a si mesma e melhorar os outros. Contudo, ao terminar, Cayce aprova:

A interpretação dada pelo Sr. 900 merece ser estudada, compreendida e aplicada na vossa vida. Façam-no. (Leitura 302-3.)

A interpretação do sonho de Mlle 302 pelo Sr. 900 é apaixonante — e o leitor interessado pode encontrá-la nos dossiers —, mas não a daremos aqui, porque se trata de uma interpretação muito subjetiva (embora aprovada por Cayce). Mais reveladora do caráter de Joana d'Arc reencarnada em Mlle 302 é a carta que o seu patrão, o Sr. 900, endereçou a Cayce, a 21 de dezembro de 1927, e da qual aqui estão extratos:

«Tem um perfil de chefe, é como uma rainha do tempo antigo. Homens e mulheres, todos procuram agradar-lhe. Esteve em nossa casa na véspera de Natal e ajudou-nos a decorar a árvore; falou com os nossos amigos e todos ficaram seduzidos. A minha mulher (136), algo ciumenta, é no entanto suficientemente objetiva para lhe reconhecer uma personalidade poderosa e um charme extraordinário...

«Certamente, herdei de uma encarnação passada o desejo de ajudar os outros, particularmente os mais humildes, mas, para além disso, restaria inconscientemente algo dessa relação mãe-filho de outrora, da qual me defendo? Mais tarde, provavelmente, compreenderei melhor. Por vezes penso que ela gostaria de me tratar como uma criança, como o seu filho de outrora; noutros momentos, é o plano puramente físico que prevalece e aí, trata-me como aos outros. Manobra para exercer o seu poder, não vendo outro meio de o utilizar senão levar as pessoas a trabalhar para o seu sucesso material... Que sorte seria se apenas ela acordasse a tempo! Por exemplo, ela poderia galvanizar o nosso trabalho, inspirá-lo e conduzi-lo a um sucesso brilhante e rápido. Mas não nos cabe forçá-la, nem fazer pressão sobre ela, nem dizer-lhe o que fazer. É ela que deve escolher livremente.»

Assim, através destas linhas do Sr. 900, podemos fazer uma ideia do carisma espantoso, da estranha fascinação que Mlle 302 deveria exercer sobre o seu ambiente. O próprio Sr. 900 não pode deixar de reconhecer o forte ascendente que Mlle 302 tem sobre ele, e a potência desta personalidade fora do comum, ao mesmo tempo que sonha com o que a sua empresa poderia ter sido — se ao menos a nossa heroína tivesse querido nela aplicar a sua incrível energia, em vez de a desperdiçar!

Passemos agora para uma outra relação, muito especial, de Mlle 302. Trata-se dos seus amores com um cavalheiro, chamado S. A., que tinha um apelido judeu (o dela, afirma Gladys Davis [59], era cristão). O senhor parece ter viajado para muito longe em negócios. Na carta a Cayce de 21 de dezembro de 1927, já citada, o Sr. 900 afirma tratar-se de uma relação que é «moralmente legítima, ou seja, não adúltera, embora fisicamente não esteja legalizada; por outras palavras, uma relação entre duas pessoas não casadas». Acrescenta que «ela tem uma vontade de ferro, uma boa noção das coisas e que ama verdadeiramente o seu homem».

Seria este amor recíproco? Não se sabe. Uma coisa é certa: era um grande motivo de angústia para a nossa heroína. Quando escreve a Cayce para lhe pedir uma leitura especial (a segunda vez), diz-lhe:

SUPLICO-LHE, SENHOR CAYCE, QUE GUARDE O SEGREDO MAIS ABSOLUTO SOBRE ESTAS QUESTÕES, E QUE NÃO HESITE EM DIZER-ME COMO AS COISAS SÃO, MESMO O PIOR. ASSIM SABEREI COMO AGIR. AGRADEÇO-LHE QUE RESPONDA A CADA UMA DAS MINHAS PERGUNTAS, PELA ORDEM 1, 2, 3, TÃO CLARAMENTE QUANTO LHE SEJA POSSÍVEL. É UM GRANDE MOTIVO DE INQUIETAÇÃO PARA MIM, E VOCÊ TEM O PODER DE ME ESCLARECER SOBRE ISSO. (Carta de 7 de outubro de 1927.)

Durante a sessão de leitura, Cayce, interrogado sobre a SUA MUITO ESPECIAL E MUITO PARTICULAR RELAÇÃO PRESENTE E FUTURA COM O SR. S. A., deu uma resposta pouco tranquilizadora:

Sim. Há algo que falta aqui, Menina 302. Algo falta nesta relação, algo falta nesta relação. (Leitura 302-2.)[60]

A leitura em si, bastante curta, insta Mlle 302 a certificar-se de que aquilo que deseja obter física, intelectual, moral e espiritualmente é, de facto, o que lhe convém.

O que é ainda mais interessante é a série de perguntas que ela dirige a Cayce, revelando a sua terrível angústia em relação a S. A., a sua necessidade de saber se ele a ama verdadeiramente, as suas dúvidas, a sua desconfiança... Dez vezes ao longo da leitura — embora curta — Cayce exclama: «Esquecemos algo» ou então «Falta algo aqui». E, no entanto, as perguntas preparadas voltam incessantemente, sempre as mesmas, ansiando por uma resposta que não virá:

ELE CASARÁ COMIGO OU FICAREMOS APENAS COMO HOJE, BONS AMIGOS?

Algo falta aqui. Tendo em conta as condições em que cada um se encontra, é preferível que este casamento não se realize.

TENHO UM AMOR PROFUNDO POR ESTE HOMEM. ELE AMA-ME? ELE PREOCUPA-SE COMIGO TANTO QUANTO EU COM ELE? OU O SEU CORAÇÃO ESTÁ REALMENTE NOUTRO LUGAR?

Há um elemento que falta. No amor, isto depende da forma como se compreende a palavra «amor». E aqui, em cada um de vós, falta algo.

EXISTE ALGUM MEIO PELO QUAL EU POSSA PRENDER ESTE HOMEM A MIM E GUARDÁ-LO SEMPRE COMIGO?

Só se tem o que se merece. Agi de forma a merecer o que desejais. Certificai-vos de que o que desejais é realmente o que quereis intelectual, moral, física e espiritualmente. Pois através das experiências que viveis nesta experiência terrestre atual, há muito a ganhar — mas também muito a perder. Terminámos. (Leitura 302-2.)

Ironia do destino que uma pessoa de tal radiação carismática tenha podido deixar-se invadir por tal aflição, tal desespero — tudo por causa de um único indivíduo! Relação cármica, sem dúvida! E, contudo, a advertência de Cayce, as sérias dúvidas emitidas na sua resposta não parecem ter sido compreendidas pela nossa heroína. Ela quer que se aprove o que decidiu e, sobretudo, que não a arranquem das suas ilusões! Cinco dias mais tarde, responde a Cayce num tom irritado:

ACABO DE RECEBER A VOSSA LEITURA. QUE DECEÇÃO! NÃO ME ESCLARECE DE FORMA ALGUMA. QUANDO UM DOENTE VAI AO MÉDICO, ESTE ALIVIA A SUA DOR OU RECEITA UM REMÉDIO. O DOUTOR É VOCÊ, O DOENTE SOU EU. VIM PEDIR-LHE CONSELHO PORQUE PENSAVA QUE PODIA AJUDAR-ME. MAS A VOSSA LEITURA NÃO ME TRAZ NADA. É VAGA E INCOMPREENSÍVEL. O QUE ME DIZ, JÁ EU SEI! HÁ ALGO QUE FALTA, MAS O QUÊ? [...] TENHO O MORAL TÃO EM BAIXO QUE TODAS AS MINHAS PERSPETIVAS DE TRABALHO ESTÃO GRAVEMENTE COMPROMETIDAS. SE PUDESSE RESOLVER OS MEUS PROBLEMAS PESSOAIS, ORIENTAR-ME NO CAMINHO CERTO, ENTÃO PODERIA VOLTAR EFICAZMENTE AO TRABALHO. O QUE É QUE NÃO ESTÁ BEM EXACTAMENTE? POR VEZES, TENHO ESTRANHOS PRESENTIMENTOS RELATIVAMENTE À NOSSA RELAÇÃO AMOROSA. E

PERDER ESTE HOMEM SERIA ANIQUILAR A MINHA VIDA: É DELE QUE EU PRECISO, E É ELE QUE EU QUERO [...]. MAS O QUE É QUE SERIA PRECISO MAIS, EXACTAMENTE? VENHO A SI, MEU DOUTOR, PARA UM TRATAMENTO. POR FAVOR, GUIE-ME.

A nossa heroína não ia desistir tão facilmente. A 22 de março de 1928, voltou à carga e obteve de Cayce uma segunda leitura, mais precisamente orientada para a sua profissão e as suas relações — e em particular a sua relação com o Sr. S. A. A leitura deve ter sido uma decepção para ela, porque, novamente, nela se vê Cayce propor-lhe perspectivas mais amplas. Após ter resumido os traços mais marcantes da sua consultante, Cayce acrescenta:

O conselho que foi dado é adaptado à entidade, aos critérios que ela deveria ter sob os olhos para trabalhar no seu desenvolvimento pessoal ao longo desta experiência de vida no mundo material. Possa a entidade, com a sua inteligência, compreender a forma como pode exercer a sua influência, o seu poder sobre a vida e as ações alheias. (Leitura 302-5, p. 2.)

Cayce repete então o que já disse ao longo das leituras: que, nos limites da sua profissão e da sua vida social, a sua consultante é capaz de obter absolutamente tudo o que quer. Mas acrescenta ainda uma palavra de aviso:

Tenha muito cuidado! Que aquilo que desejou não lhe deixe um sabor amargo, quando, pelo contrário, a celebridade, a riqueza e a potência lhe podem dar satisfações para além do que desejou. E este sucesso financeiro, social e profissional, tem a possibilidade de o atingir de uma forma honesta, que lhe trará a alegria, a paz, a satisfação de uma vida preenchida. Mas atenção! Pode também seguir um caminho que só lhe trará arrependimentos, perda das suas esperanças, da sua fé, da sua confiança. Assim, que a entidade tenha o cuidado de se certificar de que está a construir na direção certa. (Mesma leitura, *ibid.*)

Quanto ao muito querido Sr. S. A., que não é expressamente mencionado, Cayce avisa a sua consultante:

No que diz respeito às relações humanas, às relações de coração tais como a entidade as deseja no seu espírito, no seu coração e na sua alma, elas são possíveis seguindo os conselhos dados pelo canal, que a entidade solicitou para isso, se todavia no seu corpo, na sua inteligência, na sua alma, a entidade, do fundo do seu coração e do fundo da sua alma, aceitar pagar o preço por isso. (Mesma leitura, *ibid.*)

A leitura termina de forma menos abrupta. Após ter novamente concluído que o indivíduo tem nas suas mãos o poder de usar ou abusar, Cayce parece ter estado pronto para que lhe fizessem perguntas. Depois, após uma pausa, parou com a sua fórmula habitual: «Terminámos esta leitura.»

Não se sabe se a nossa heroína acabou por compreender que Cayce esperava arrancá-la da obsessão pelo Sr. S. A., que tentava encorajá-la a reorientar radicalmente a sua vida e os seus objetivos, e a tomar um caminho mais razoável. Mas obteve ainda uma última leitura a 17 de maio de 1933 (leitura 302-10). Esta é focada na saúde (falaremos disso mais adiante). Na última parte, a das perguntas e respostas, ficamos a saber que a consultante planeia deixar o seu emprego com o Sr. 900 para ir trabalhar com o Sr. 257, o amigo que a dirigira a Cayce originalmente. Este amigo estava no negócio da produção e distribuição de aparelhos domésticos diversos, incluindo frigoríficos. Cayce aprova esta decisão, estimando que a consultante ali encontrará:

Atividades mais interessantes, mais remuneradoras, sob diversos pontos de vista; deixando menos espaço para as especulações abstratas e para o sonho. Ali encontrará mais satisfações intelectuais e materiais. (Leitura 302-10.)

Contudo, a nossa ardente jovem não pode evitar fazer uma pergunta, mesmo que indireta, sobre o famoso Sr. S. A.: **COLOQUEI BEM OS MEUS AFECTOS E DEVO MANTER-ME NA MESMA LINHA?** Ao que Cayce responde no mesmo estilo evasivo: «Encontramos que, de facto, em qualquer caso, está bem. As vossas relações, contactos e associações estão bem.» (Mesma leitura, p. 3.)

Três dias depois, a 20 de março de 1933, Edgar Cayce escreveu uma carta à nossa heroína, na qual repete que a mudança de emprego será boa. Pergunta-lhe em que consiste, uma vez que não conhece esse setor profissional[61]. Anuncia-lhe também que ela se tornou membro ativo da A.R.E. (a Fundação Edgar Cayce).

No que diz respeito precisamente à colaboração da jovem no trabalho da A.R.E., é interessante notar que, quando o Sr. 900 perguntara se ela deveria tornar-se membro, Cayce respondera simplesmente: «A seu tempo.» Era 6 de novembro de 1927. Na correspondência trocada, descobrimos que a jovem fizera campanha em 1928 para recolher fundos para o Hospital Cayce,

com publicidade. A campanha, embora financiada pelo seu empregador (900), devia evidentemente muito à energia da jovem, que fizera ali um excelente trabalho. A 6 de agosto de 1928, Cayce enviou-lhe uma carta anunciando que o comité de direção da A.R.E. lhe votara um agradecimento por unanimidade pelos seus excelentes serviços. Mais tarde, a amplitude da sua dedicação, as suas capacidades de gestão e a sua formidável eficácia serão postas em evidência numa carta que Edgar Cayce enviou a Robert N. Ladd, representante regional da A.R.E., a 13 de maio de 1933, onde diz: «Creio que nunca ninguém foi tão útil à A.R.E. na sua organização material como a Menina 302.»

O conjunto das dez leituras que Cayce deu à jovem decompõe-se assim: uma leitura de vidas anteriores para começar, três interpretações de sonhos, duas leituras sobre a sua vida espiritual e intelectual, uma sobre a sua vida intelectual e material, e finalmente três leituras sobre a sua saúde (leituras 302-7, 8, 9). São estas últimas que mostram mais claramente a falta de equilíbrio da vida levada pela consultante n.º 302.

A 6 de setembro de 1928, ela escreveu a Cayce:

GOSTARIA QUE ME DESSE UMA LEITURA SOBRE A MINHA SAÚDE. HÁ DEZ ANOS QUE SOFRO DE SINUSITE E DE UMA LESÃO NO OSSO ETMOIDE, PORTANTO DO NARIZ E DA GARGANTA EM GERAL. NESTE ESPAÇO DE TEMPO, TIVE DE SUBMETEU-ME A 22 OPERAÇÕES E À ABLAÇÃO DO MASTOIDE. NÃO POSSO MAIS COM ESTA CORREIA DIÁRIA DE IR AO MÉDICO. RESPONDA-ME QUANDO PUDER. SABE QUE ESTOU TODOS OS DIAS NO ESCRITÓRIO, EXCEPTUANDO O SÁBADO.

A leitura que ela recebe é, na verdade, um balanço de saúde completo. Cayce percebe perfeitamente, ao que parece, o que não está bem, mas acrescenta que: «As perturbações locais existentes são antes sintomas da doença que está em causa. E trataram-se os sintomas em vez da doença!» (Leitura 302-7, p. 1.) Segue-se uma análise ponto por ponto das funções orgânicas: deficiência globular, mas bom estado do sistema nervoso:

Contudo, ela aguenta-se mais pela força da vontade do que pelos nervos, pois, muitas vezes, os reflexos do sistema nervoso são tais que, sem o controlo total da sua vontade, tudo se desmoronaria. (Mesma leitura.)

Na análise do estado dos órgãos, Cayce acrescenta:

O cérebro liberta uma extraordinária potência em todas as reações que provoca no organismo. Uma excecional força de vontade comanda este corpo físico. (Mesma leitura.)

Escolhemos citações que ilustram o poderoso caráter da nossa heroína. Contudo, esta leitura de saúde é extremamente precisa e detalhada, dando não só um diagnóstico sobre as zonas doentes mas também uma prescrição muito precisa (medicamentos e manipulações osteopáticas, etc.). Cayce termina dizendo:

Fazei o que vos foi dito se quereis melhorar a vossa saúde. Fazei como vos foi dito. É absolutamente necessário que a causa profunda das perturbações seja corrigida, senão é como um penso num perna de pau! (Mesma leitura, p. 4.)

A 24 de setembro de 1928, a consultante responde: «ESTIVE TÃO OCUPADA QUE NÃO TIVE TEMPO DE LHE ESCREVER E DE LHE DIZER QUÃO MARAVILHOSA FOI A MINHA LEITURA. NUNCA TINHA ESPERADO QUE SE PUDESSE FAZER UMA ANÁLISE TÃO EXACTA E TÃO COMPLETA DA SAÚDE DE ALGUÉM. NATURALMENTE, VOU SEGUIR O TRATAMENTO QUE ORDENA, ATÉ AOS SEUS MENORES DETALHES, E MANTÊ-LO-EI A PAR DOS RESULTADOS. SINTO-ME MUITO MELHOR INTELECTUALMENTE HÁ QUATRO MESES. E PENSO QUE, TALVEZ, O MEU BEM-ESTAR MENTAL CONTRIBUIRÁ PARA MELHORAR O MEU ESTADO DE SAÚDE GERAL.»

Infelizmente, não era o fim das misérias da nossa consultante. Se o estado dos seus seios nasais melhorou, começou a sofrer de VIOLENTAS DORES NOS RINS [...], POR CIMA DOS OLHOS E NOS OLHOS, para as quais pediu ainda uma leitura. Esta (302-8) é uma advertência mais séria. Cayce avisa-a:

Nota de rodapé histórica: O leitor notará que, tal como na vida histórica de Joana d'Arc, a consultante n.º 302 demonstrava uma constituição física que desafiava a lógica médica habitual, sustentada por uma vontade que Cayce classificava de "excecional" ou "soberana".

Eis o resultado do que motivara as minhas advertências; fora avisada contra certas relações e o que daí resultaria como discordância, como aflição, como insatisfação, indo até ao risco de desintegração do seu corpo físico. Tudo isto se deve à falta de controlo de si mesma, para seguir o caminho certo. (Leitura 302-8.)

Cayce diagnostica um esgotamento do sistema nervoso, bem como uma inflamação pélvica. Após ter prescrito um tratamento local, acrescenta:

O seu corpo deveria repousar física e mentalmente e não se corroer de angústia. Isso é-lhe quase impossível e, no entanto, deveria retomar as rédeas de si mesma, se deseja recarregar-se interiormente com as forças vitais indispensáveis. É o único meio de prevenir o colapso do tecido [nervoso], que sofreu tais tensões, tal sobrecarga. (Mesma leitura.)

A 11 de novembro de 1929, ela pedirá outra leitura, pois queixa-se de **UMA FORTE DOR E DE UMA OPRESSÃO NA REGIÃO DO CORAÇÃO**. Cayce responde com uma leitura bastante curta e prescreve um tratamento para aliviar a dor. Mas não pode curar o problema de fundo, que vem da atitude mental e emocional: e a pobre Mlle 302 tem consciência disso, pois numa carta que lhe escreve a 3 de fevereiro de 1930, diz:

NO QUE ME DIZ RESPEITO, PARA SER FRANCA CONSIGO, APÓS TER SEGUIDO ESCRUPULOSAMENTE AS PRESCRIÇÕES DA SUA RECENTE LEITURA, TENHO O PRAZER DE LHE COMUNICAR UMA NÍTIDA MELHORIA. AGORA, COMPREENDO QUE SE TIVESSE SEGUIDO OS SEUS CONSELHOS DA PRIMEIRA E DA SEGUNDA LEITURAS, AS QUE RECEBI HÁ DOIS ANOS, PODERIA TER EVITADO UMA PARTE DOS SOFRIMENTOS POR QUE PASSEI EM 1929. MAS TODOS DEVEMOS PAGAR PARA APRENDER. E PAGUEI CARO POR NÃO O TER OUVIDO MAIS CEDO. FIQUE ASSEGURADO, PORÉM, QUE TAL NÃO VOLTARÁ A ACONTECER E QUE, QUANDO ME DISSER ALGO, OUVI-LO-EI E FAREI TODO O POSSÍVEL PARA SEGUIR À RISCA AS SUAS INSTRUÇÕES.

Quanto à última leitura (302-10), que se situa num plano intelectual e material, e que já mencionámos, é aquela em que Cayce aprova o seu desejo de mudar de profissão. Nas últimas páginas do dossier da nossa consultante, que cobrem apenas alguns anos, encontra-se uma troca de correspondência entre ela e Cayce. As cartas deste são, como sempre, encantadoras, cheias de solicitude e encorajadoras. Também ali, a nossa heroína revela o seu temperamento de fogo. Impaciência, entusiasmo, depressão após reveses financeiros catastróficos, esperança de adotar um filho. O muito querido Sr. S. A. é sempre regularmente mencionado — ela não conseguiu desligar-se dele! A última carta do dossier data de 5 de junho de 1933. Nela lê-se:

QUEIRA ENCONTRAR EM ANEXO A MINHA RENOVAÇÃO DE ADESAO À ASSOCIAÇÃO [...]. ESTIVE MUITO DOENTE NA SEMANA PASSADA. TIVERAM

DE ME EXTRAIR UM DENTE E RETIRAR VÁRIOS CENTÍMETROS DE OSSO DA MANDÍBULA DO LADO DIREITO, NA SEGUNDA-FEIRA PASSADA. FOI EXTREMAMENTE DOLOROSO, MAS NO SÁBADO RETIRARAM-ME OS PENSOS E, DESDE ENTÃO, VOU MELHOR. ESPERO ESTAR RECUPERADA EM BREVE E REAVER A MINHA FORMA.

OS NEGÓCIOS AQUI NÃO CORREM LÁ MUITO BEM. TINHA ESPERADO MUITO MAIS. MAS VOU APLICAR MAIS PACIÊNCIA E TALVEZ NOS SAFEMOS.

ESTÁ MUITO CALOR AQUI, O QUE ME ANIQUILA. NUNCA ESTIVE NESTE ESTADO DESDE A MINHA DOENÇA DO ANO PASSADO. GOSTARIA TANTO QUE ESTIVESSE MAIS PERTO. ADORARIA CORRER A VÊ-LO E CONVERSAR CONSIGO E COM A SUA FAMÍLIA.

O dossier termina com uma nota de Gladys Davis (secretária de Cayce): em 1938, o correio que lhe era endereçado pela A.R.E. foi devolvido à Associação com a menção «partiu para morada desconhecida». Não sabemos como Joana d'Arc reencarnada terminou a sua vida. Perdemos-nos em conjecturas: os seus amores com S. A. terminaram em apaziguamento? Terá tido sucesso no seu trabalho com o Sr. 257? Terá conseguido curar-se? Se vivesse ainda hoje, teria mais de noventa anos. Mas sabe-se que, na atualidade, já não é deste mundo.

«Esta incursão na vida íntima de alguém através do que revelam as leituras de Cayce e a correspondência com ele foi para mim», escreve Michèle Geslin Small, «um fascinante trabalho de investigação. E isto não apenas porque Joana d'Arc foi uma das grandes heroínas da nossa História, mas também porque, à força de trabalhar sobre os elementos deste dossier, uma misteriosa relação se criou pouco a pouco entre este ser humano excecional e eu. No limite, sentia-me como um "voyeur" contemplando os segredos de outra existência.

Mas isso trouxe-me algo de positivo: fiquei maravilhada, através deste exemplo, com a teia complexa que as Leis do Universo tecem em redor de uma vida. Fiquei fascinada por este microcosmo com a sua beleza, as suas contradições internas, o seu sofrimento, a sua mistura de poder e dependência e — sempre, sempre — a indomável energia, a incrível força de vontade desta mulher. Foi um indivíduo excecional e deseja-se para ela que, através das suas provações e tribulações, tenha aprendido as lições cármicas que ela própria escolhera para esta encarnação.

O mundo é mágico: caminhamos nele como adormecidos, rodeados por pessoas que nos parecem exatamente iguais a nós, mas que foram outrora reis e rainhas, senhores e escravos, ricos e pobres, vítimas e carrascos; e não podemos senão maravilhar-nos com a beleza, com a complexidade do majestoso destino que foi concebido para nós, a fim de nos permitir crescer, amadurecer, aprender. Para nos preparar para o exame final: a libertação! Num mundo assim, não se deveria levar nada de ânimo leve!»

Aqui termina o notável estudo da Prof.^a Michèle Geslin Small sobre aquela que foi Joana d'Arc.

As companheiras de Joana d'Arc

Joana d'Arc não chega sozinha: há, nas leituras, todo um grupo de entidades encarnadas ao mesmo tempo, com os mesmos dons mediúnicos:

A entidade estava no país francês, nesse período em que se colocavam questões sobre as visões e as lamentações dessa dama que se elevou até ao poder, graças aos seus talentos místicos. A entidade fazia parte do serviço e da casa onde essa outra entidade, conhecida como Joana d'Arc, veio trazer a sua colaboração política, social, etc. E, contudo, a entidade sofreu nesse tempo. Não pertencia ao clã dos cétricos e foi testemunha de uma grande parte das experiências da entidade Joana. Mas foi-lhe recusado juntar-se a esta última, o que a atormentou e entristeceu nos seus últimos dias. Chamava-se então Marcelle, e ganhou espiritualmente, mesmo que, no plano material, tenha sido contrariada. As suas aptidões, a sua sensibilidade mediúnicas vêm em grande parte da sua experiência de vida nesse tempo. E, hoje, seria necessário que utilizasse essa mediunidade moderando-a com bom senso e avisos práticos... (Leitura 3175-1.)

Eis ainda uma outra companheira de Joana (igualmente chamada Marcelle):

Antes desta encarnação, a entidade estava em França, quando um grupo de pessoas se interessou, com simpatia, pelas experiências místicas de Joana, esse chefe que liderou os homens e foi visitado por vozes vindas de outro lugar. E foi isso que lançou tal confusão entre os materialistas e atraiu sobre ela próprias forças de destruição. E, contudo, esta entidade, nesse ambiente, observando os rituais religiosos da época [...], começou a refletir em profundidade sobre o caminho espiritual que os homens devem seguir individualmente. E refletia sobre a voz interior, sobre as visões

extraordinárias e exteriores. E perguntava-se em que medida se pode, em nome destas, impor sofrimentos materiais a outrem. A entidade chamava-se então Marcelle, e ganhou muito nessa meditação profunda, que lhe trouxe períodos de libertação — libertação das preocupações materiais, dos desejos carnaís [...] Não admira que hoje a entidade tenha, desde cedo, rejeitado todos os rituais de grupo. (Leitura 2402-2.)

Duas outras companheiras de Joana têm direito a uma leitura: Jeanne Feucheur (sic), (leitura 5124-L-1), e Angelica (leitura 2936-2), ambas ex-egípcias como é regra nas encarnações francesas dadas por Cayce. Outras personalidades aparecem ainda, ligadas de forma mais geral à Guerra dos Cem Anos e aos inícios do Renascimento: como Renée Schulette, designada como uma dama da corte, que mandava construir casas, recebia muito e vestia-se com arte (leitura 3806-1). Ou ainda esta outra personagem, indicada como o secretário privado do rei, um dos Carlos (será Carlos V, que vivia entre os seus livros, ou Carlos VI ou VII? Leitura 4286-3). Esta personagem mostra hoje um amor pela roupa branca fina e por adereços que data desse tempo.

6

Francisco I e o Renascimento

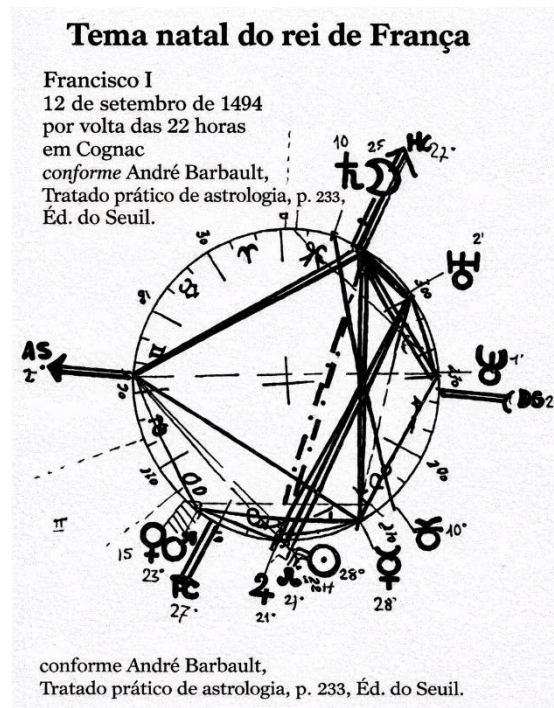
Francisco I, banqueiro indiano

Desçamos os séculos... Saíamos da Guerra dos Cem Anos, onde se ilustrara a Donzela, para chegar ao Renascimento. Vê-se aparecer nas leituras aquele que foi o seu próprio símbolo, a figura de proa... O rei Francisco I!

Eis a sua leitura, dada para um jovem consultante americano de vinte e quatro anos:

Antes disso, a entidade foi esse homem conhecido como Francisco I, rei de França. Não considerado como todo-poderoso, como se vê nos documentos históricos, mas mais frequentemente como uma personalidade em desacordo com o seu ambiente no que diz respeito às relações internacionais. Daí o facto de a política atrair hoje a entidade, que é capaz de dirigir os assuntos de toda uma comunidade, de um país, de uma nação. E frequentemente, quando ouve ou lê uma exposição sobre a situação de um dirigente, americano ou estrangeiro, é capaz de fazer imediatamente uma análise e tirar logo as conclusões que se impõem (ver o tema astrológico e a

sua análise na página seguinte). Dessa encarnação também lhe vem hoje este dom para as línguas, particularmente para os dialetos. E este dom de utilizar a brincadeira a fim de exprimir verdades sobre as pessoas, os acontecimentos, atingindo o alvo por meio de um jogo de palavras. Seria bom que a entidade fizesse estudos para se tornar diplomata, em vez de se confinar à vida política local. Que se mantenha acima das mesquinhezes, das baixas vinganças políticas — como se esforçara por fazer durante essa vida antiga, e nesse ofício muito especial que foi o seu [como rei]. (Leitura 2060-2.)



Empresto ao excelente e indispensável livro de André Barbault o tema natal do rei de França Francisco I. Está em pleno acordo com a análise de Cayce, sublinhando esta inteligência e esta liberdade de espírito do monarca. O Sol em Virgem e o ascendente Gémeos, os belos aspetos de Mercúrio sustentado por Marte na Casa III, conferem, de facto, brilhantes aptidões intelectuais. É um homem que, como diz Cayce, «quando ouve [...] uma exposição [...] é capaz de fazer imediatamente uma análise e de tirar logo as conclusões que se impõem».

O bom aspeto entre Júpiter e Mercúrio confere igualmente ao nativo o dom para as línguas, particularmente para os dialetos (o que é ainda muito mais difícil!). O génio político sublinhado por Cayce exprime-se neste tema pela alta posição de Saturno na Casa X, sustentado por Plutão. Ele utilizou [...] os recursos da sua inteligência para intervir junto dos poderosos em favor dos seus concidadãos [...]. Esta generosidade, no quadro das suas atividades

políticas, ressalta igualmente do Aquário em IX e dos Peixes em X, dois signos altruístas e generosos. O tema de Francisco I é brilhante e manifesta um grande equilíbrio interior.

O retrato de Francisco I é tanto mais interessante quanto corresponde à verdade histórica. Quero recordar aquilo de que estou certa: nem Cayce nem a sua família, secretária incluída, suspeitavam da existência de qualquer rei de França chamado Francisco I. Ainda hoje, juro-vos que na «Beach» [Virginia Beach], ninguém o conhece! Esta ignorância panteonizada que constatei lá — não sem irritação — deve ser realmente levada a crédito de Cayce: as suas leituras nunca foram inspiradas por um conhecimento livresco!

Que Francisco I não foi um ditador, é certo. Durante toda a sua vida, teve de lutar contra os seus vassalos demasiado poderosos que limitavam o seu poder. Preferirá reinar pelo espírito, como um animador cultural: foi ele quem convenceu Leonardo da Vinci a vir instalar-se em França. A sua memória permanece ligada aos castelos do Loire, cuja construção encorajará.

No que respeita à política externa, também não foi um conquistador, estando demasiado feliz por interromper as «guerras de Itália» pelo célebre «1515»: Marignano! E este humanista, este intelectual, o que foi ele nas suas vidas anteriores?

Antes disso, a entidade estava em país romano, no Norte de África, no tempo em que esta fazia parte do Império Romano. A entidade não era um romano, mas daqueles a quem se chamava os Alexandrinos. Era um agente dos mercadores, alguém que dirigia a distribuição dos produtos locais ou nacionais. Era então o que hoje chamaríamos um corretor. Daí a sua aptidão atual quando se trata de vender produtos em qualquer país, para a importação-exportação.

Contudo, hoje, as suas competências comerciais seriam melhor utilizadas como diplomata, pois grandes são as aptidões da entidade para representar um governo, [...] isto é, tudo o que se refere às relações internacionais. O seu nome, nessa época, era Ar-Med-Seid. E ganhou muito na experiência, pois utilizou o seu espírito e os recursos da sua inteligência para intervir junto dos poderosos em favor dos seus concidadãos que corriam o risco de ser escravizados. Daí, hoje [...] a sua finura de análise, a sua acuidade de julgamento, quando se trata de analisar a psicologia das pessoas e dos grupos, a sua filosofia.

Antes dessa vida, reencontramos a entidade na Pérsia e na Arábia, na «cidade das colinas e das planícies» [nome que Cayce dá a Susa]. Era na época em que esse chefe religioso [Uhjltid [62]] ministrava os ensinamentos que trouxeram um progresso físico, mental e espiritual a muitos desses povos comerciantes. Lá, a entidade desempenhava um papel de intermediário — o que hoje se chamaria um banqueiro.

E nesse período excepcional, ocupou-se das trocas entre os Egípcios, os Indianos, os povos do Gobi, a gente dos Cárpatos e outros ainda. Num sentido, era um homem de negócios, mas ocupava-se antes dos meios de troca, das moedas, pois vivia num grande centro comercial. Tirou partido desta situação quando chegou da Índia, mas em acordo com a filosofia que se espalhava então em Susa [...] Desta encarnação vem-lhe um grande talento de orador e uma habilidade para influenciar os outros para os levar a deixarem-se dirigir. O seu nome era Am-en-id.

E ainda antes disso, reencontramos a entidade no Egito, num tempo de reconstrução, após as perturbações da guerra civil. Foi no momento em que se distribuíam os grupos de imigrantes, e os indivíduos, em diferentes serviços ligados ao rei ou ao Sumo Sacerdote. A entidade, ali, desempenhava um papel de diplomata e de homem político. Mas não exatamente no sentido em que hoje se entenderia. Pois o seu trabalho era fazer compreender a cada grupo em particular em que medida era útil à nação no seu serviço particular, ou a outras nações. Isto permitiu à entidade tornar-se um género de conselheiro, de negociador e de diretor para numerosos grupos. E o seu nome era: Ab-El-Do. (Mesma leitura.)

Muito diferente de Joana d’Arc, que apenas sonha em combater e encarna sempre em plena guerra civil, seja qual for o país, Francisco I, ele, escolhe encarnar para trabalhar para a paz. Sendo antes, por natureza, um diplomata, um psicossociólogo e um supersensitivo a estas coisas que dependem dos poderes ocultos do espírito, da inteligência (mesma leitura).

E é exatamente assim que Francisco I (1494 a 1547) aparece aos historiadores atuais. Interessante notar, igualmente, o seu internacionalismo, que data de longe: no Norte de África romano, é estrangeiro, mais precisamente grego de Alexandria. Quando encarna na Pérsia, na vida anterior, é ainda estrangeiro: é um imigrante indiano! E, no Egito, chega no momento em que o Estado tenta integrar os novos imigrantes na nação em vias de nascer. Como rei de França, é — como era regra — filho de uma

estrangeira, Luísa de Saboia (província que ainda não era francesa nesse momento; tão pouco francesa, aliás, que mais tarde a família de Saboia — a *Casa Savoia* — se identificará com a Itália, da qual fará a unidade).

Recordamos também que Francisco I chocou os bem-pensantes ao aliar-se aos Turcos muçulmanos (em particular por um tratado de aliança que permitiu ao corsário Barba-Ruiva atacar as costas italianas e espanholas). Eis por que Cayce diz que ele estava em desacordo com o seu ambiente no que respeita à política externa. E depois, quando se foi egípcio, indiano, persa, grego, se conhece bem o Mediterrâneo oriental e se frequentou tantos povos diferentes como banqueiro, ministro da imigração ou corretor de chá de menta, não se fica chocado com um Turco a mais...

Há ainda outras vidas sob o Renascimento francês em Cayce. Por exemplo, uma favorita do rei Henrique, provavelmente IV, que de qualquer modo teve muitas (leitura 4353-4). Ou ainda a leitura 1562-1, que evoca a existência de um pobre artista flamengo, um aquarelista do início do Renascimento, de nome Arvel Meneaux (?). Fazia muitos esforços para retratar a beleza da Natureza, a beleza do corpo humano. Estes esforços, diz Cayce, trar-lhe-ão hoje os ganhos materiais que lhe tinham faltado outrora. Pois os frutos que tinhas semeado outrora devem ser colhidos na tua experiência atual (leitura 1562-1). (Se Cayce diz a verdade, o pobre Alfandegário Rousseau está hoje reencarnado num negociante de quadros milionário!)

A leitura 5244 descreve um modesto investigador que, na época dos inícios da imprensa, trabalhava sobre as reações químicas da prata, ou seja, os efeitos da luz sobre a prata, e a utilização deste elemento para fabricar certos processos de impressão, daí o seu interesse atual pela fotografia (leitura 5244-L-1).

Estas leituras estão perfeitamente no ambiente do surto científico e cultural do Renascimento. É, aliás, bastante difícil identificar todas as leituras referentes a uma época precisa, pois Cayce nem sempre fornece elementos de datação suficientes. Quando vos diz: «Era quando os Henriques [ou os Carlos, ou os Luíses!] reinavam sobre a França», isso não nos adianta muito: entre Carlos Martel, em 714, e Carlos X, em 1824, há mais de mil anos de diferença...

«Ao tempo dos Luíses»

«Ao tempo dos Luíses», a expressão é do próprio Cayce. No seu pensamento, trata-se de toda uma civilização cujo apogeu se situa nos séculos XVII e XVIII em França.

Richelieu e Luís XIII

O cardeal de Richelieu, todo-poderoso ministro de Luís XIII, aparece pelo menos doze vezes nas leituras. A primeira de todas data de 22 de outubro de 1923: trata-se dessa série de leituras dadas por Cayce para Lammers, o seu amigo impressor. Ali, Cayce fez alusão a uma encarnação que ele próprio teria tido em França, e foi a primeira vez que falou das suas próprias vidas anteriores.

Tinham-lhe perguntado: **ONDE E QUANDO ESTAS QUATRO PESSOAS [Lammers, Cayce, e dois dos seus amigos] ESTIVERAM ASSOCIADAS PARA FINS DESTRUTIVOS?** (Cayce acabara de dizer que Lammers fora Heitor na guerra de Troia.) **PARA CADA UM DESTES QUATRO INDIVÍDUOS, FORNEÇA O SEU NOME, O SEU ESTADO, A SUA PROFISSÃO, AS SUAS ATIVIDADES EM CADA UMA DAS SUAS VIDAS ANTERIORES.**

Após ter respondido que estes quatro indivíduos se tinham encontrado apenas uma vez anteriormente na Terra — na guerra de Troia —, Cayce retomou detalhadamente as vidas anteriores de cada um deles. E quando chegou às suas próprias encarnações, Cayce mencionou primeiro, para si mesmo, as suas duas vidas anteriores mais recentes, as vidas americanas de que falámos no volume I. E depois:

Na vida antes dessa [como fundador da colónia inglesa de Jamestown], vivia em França, sob o reinado de Richelieu, quando, nesse período, se forjavam forças armadas que se tornariam um dia temíveis para alguns. (Leitura 5717-1.)

A curta passagem acima é bastante enigmática. O secretário de Lammers parece ter escrito *Richelieu* na sua transcrição. Ao que a prudente Gladys Davis, muitos anos mais tarde, classificando as leituras, acrescentou um ponto de interrogação, seguido de: «Luís XIII?»...

Para nós, claro, os dois homens estão indissoluvelmente ligados na História, que recorda este casal extraordinariamente eficaz formado pelo rei

e pelo seu ministro. Colaboração estreita que durará quase até à morte de ambos. Enquanto estiver no poder, de facto, Richelieu não cessará de forjar, como diz Cayce, as forças armadas reais que oporá simultaneamente à Casa de Áustria, aos protestantes e aos grandes senhores em perpétua rebelião.

Após a sua morte, quando o jovem Luís XIV é apenas um adolescente, a revolta rebentará; será a *Fronde*, liderada por esses grandes senhores que não aceitam a autoridade do rei. Quanto ao Richelieu citado na leitura acima, é de facto o cardeal, que viveu no século XVII (haverá mais tarde, no XIX, outro Richelieu que será ministro de Luís XVIII). Não há dúvida aqui, porque esta encarnação de Cayce sob o reinado de Richelieu é dada como precedendo a sua encarnação em Jamestown, colónia inglesa da América. Ora a fundação desta data do século XVII.

Dos diferentes reis de França chamados «Luís», lê-se nas leituras este espantoso resumo: *In that period known as the Louises*[63] da França. Quanto ao número do Luís em questão, parece frequentemente ter sido anotado com alguma pressa. Infelizmente para nós, isso faz uma grande diferença... E todas as minhas pesquisas foram dificultadas por esta deslealdade em relação aos números! Noutras leituras, que veremos mais adiante, a vida francesa de Edgar Cayce será situada sob Luís XIV, ou mesmo sob Luís XV... Ora, como ele repete que é uma vida muito pequena de criança, que dura apenas poucos anos, está portanto excluído que tenha vivido o suficiente para cobrir dois séculos e três Luíses!

Em todo o caso, Cayce, fiel à sua teoria das reencarnações de grupo, fornece uma quantidade bastante grande de encarnações nos séculos XVII e XVIII. Naturalmente, trata-se quase sempre de pessoas que tiveram uma encarnação egípcia com ele. Muito frequentemente também de encarnações persas, gregas, bíblicas ou essénias.

Nas encarnações da época de Luís XIII, Richelieu é sempre descrito como aquele que detém o poder real:

Na vida anterior, estava na corte do rei de França, quando era Richelieu quem detinha verdadeiramente o poder. (Leitura 4765-1.)

Encontramo-lo durante esse período em que a Igreja e o Estado, em França, estavam sob o controlo de Richelieu. (Leitura 2694-1.)

A maioria das encarnações sob Luís XIII passa-se na Corte, o que é lógico dado que, como se verá mais adiante, Cayce diz ter encarnado nesse meio. Ambiente de intrigas, por vezes irrespirável:

A entidade era alguém a quem Richelieu foi muitas vezes pedir conselho, nesse tempo. Ela queimava incensos, perfumes, e daí tirava os conselhos que dava, sob o nome de Katrina. A entidade ganhou e perdeu moralmente nessa vida. Ganhando no conhecimento das virtudes e dos poderes do incenso, dos aromáticos e de todas essas matérias purificadas pelo fogo. E perdendo, pelo uso que fez desses perfumes e da sua influência sobre os homens. E, hoje, ela deve enfrentar estas influências cármicas, e corrigi-las por um bom uso dessas substâncias, que deve agora empregar para ajudar as pessoas, homens, mulheres, crianças, a desenvolverem-se, a florescerem. E especialmente o aloés, a mirra, etc. (Leitura 1714-1.)

Reconheceram a descrição de uma feiticeira na melhor das tradições, manipulando essências e venenos na sua oficina. Sob Luís XIV, aliás, rebentará o famoso «Caso dos Venenos», onde será condenada a marquesa de Brinvilliers [64].

Richelieu, aparentemente, consulta muito as videntes:

No início do período em que Richelieu governou o país, quando procurava assegurar o seu poder, a entidade ofereceu os seus bons ofícios de intermediária entre o soberano em título e aquele que, pelas suas aptidões intelectuais, desempenhará o papel dirigente [...] É por isso que, hoje, a entidade tem uma habilidade inata para aconselhar uns e outros, qualquer que seja a sua situação. (Leitura 454-2.)

O Cardeal parece ter tido algumas belas amigas. A palavra empregada por Cayce é *entertainer*, ou seja, alguém que exerce as funções de bobó, de dama de companhia ou de cortesã (ou cortesão... note-se que o feminino e o masculino não têm exatamente o mesmo sentido!):

A entidade estava em atividade em França, logo no início da época do cardeal de Richelieu. A entidade foi uma associada [palavra cayciana que significa, conforme os casos, marido, mulher, amante, amiga, por vezes simplesmente sócia ou membro da mesma família!], sim, e até uma companheira [aqui «amante» em linguagem de Cayce] do cardeal na sua vida, quando este foi atacado e contestado. E os dotes da entidade para distrair, para animar a vida na Corte e alegrar a existência daqueles que encontrava,

levaram-na a ocupar uma posição importante. As suas funções consistiam em dar concertos de música, em encorajar os artistas — e muitas foram as pessoas dessa época a serem recebidas em casa da condessa lascana para a ouvir [...] Esta encarnação traz à vida atual da entidade um talento musical, dotes artísticos, um talento para a animação cultural... E, no entanto, no fundo de si mesma, uma falta de confiança nos seus próximos. (Leitura 5265-1.)

Compreende-se que a condessa mantinha um salão onde se cruzavam artistas e políticos. Recordamos o papel capital desempenhado por estes salões na vida cultural da época. Mas eram também focos de intriga, onde era preciso estar constantemente atento...

Eis uma outra pessoa que parece ter sido, segundo a expressão da época, «muito versada na galanteria»:

A entidade estava entre aqueles que oficiavam sob o reinado conhecido como o de Richelieu. A entidade vivia nos meios dirigentes, próximos do poder, e tinha a função de «distrair» tanto Richelieu como o rei. Chamava-se Isabelle. E, nessa vida, ganhou e perdeu no plano moral. (Leitura 97-2.)

A continuação da leitura indica que esta pessoa guarda daí um talento para representar no teatro, especialmente as personagens dessa época. Talvez fosse atriz?

E eis um abade de corte:

A entidade fazia parte do alto clero, mas sem se preocupar em respeitar os seus votos eclesiásticos. Pois a entidade, com a política de Richelieu, estava dececionada com a Igreja e com a sua forma de aplicar os grandes princípios. Assim, a entidade atirou o seu barrete vermelho [de bispo] às malvas e tomou o chapéu do cortesão. (Leitura 2694-1.)

Um grande camareiro:

Em França, numa época em que grassava a revolta, sob Luís XIII, a entidade estava entre aqueles que eram encarregados de escoltar e proteger o monarca. Era mais especialmente aquele que estava encarregado do seu guarda-roupa. Contudo, não era um lacaio, mas antes alguém que decidia o estilo de traje que convinha às pessoas, uma espécie de mestre de cerimónias. De seu nome Neil, a entidade ganhou com esta experiência, dando o seu melhor conforme exigia o serviço nesse tempo. Daí, hoje, o seu

interesse pelo vestuário, e o seu talento para descrever a forma como cada um está vestido, mesmo num salão cheio de gente! (Leitura 641-1.)

Anteriormente, este homem fora mercador na Grécia, em Salónica. Depois, antes ainda, médico na corte da Pérsia. Ainda antes, no Egito, alto funcionário, cujo insígnia de função era um traje especial que o designava ao respeito das multidões (mesma leitura). Por fim, anteriormente, fora atlante. Mas sempre familiarizado com o decoro oficial...

Aparecem diferentes personalidades desta corte de Luís XIII: o secretário particular de um dos Luíses (leitura 1566-3); um outro cardeal sem princípios morais fixos (de nome indecifrável, leitura 2734-1); uma mestra de dança (leitura 2163-1); uma governanta da casa real que tomava a cargo e tratava os doentes (leitura 38-1), etc.

Como nunca se sabe que bicho picava os secretários de Cayce quando transcreviam um nome francês, nunca estamos seguros destes. Em várias leituras parece aparecer o nome «Conti», ou «Gondi», mas tratar-se-á dos Condé, dos Gondi ou dos Conti? Três grandes famílias distintas, cuja pronúncia por uma boca americana mal se diferencia:

A entidade esteve entre os que fundaram uma família célebre, com um grande desígnio no país, sob o nome de Conti [...]. O seu nome: Jacques Conti. (Leitura 1932-1.)

Deixo aos genealogistas a tarefa de encontrar este «Jacques Conti», que era um grande mercador, colaborava com a administração real e se interessava pela destilação de essências vegetais...

O exílio de Carlos II em França

Cerca de vinte e três leituras descrevem encarnações em França no momento em que o jovem Carlos II, futuro rei de Inglaterra, ali esteve no exílio. Era filho do infeliz Carlos I, decapitado pela revolução de Cromwell, mas igualmente neto do rei de França Henrique IV pela sua mãe Henriqueta. Estas vinte e três pessoas, a maioria francesas, fazem parte de um mesmo grupo cármico e conheceram-se no Egito, na Pérsia, na Grécia, em Israel, etc. O objetivo da sua encarnação em França no século XVII parece ter sido o de assistir o futuro Carlos II. Este, finalmente, recuperará o trono do seu pai e tornar-se-á um grande monarca conciliador. Como soberano, não deve ter sido fácil restaurar a paz religiosa numa Inglaterra devastada pelo fanatismo!

Fiel à política de tolerância do seu avô, Carlos II esforçar-se-á por apaziguar os ódios entre católicos e protestantes:

A entidade estava no país agora conhecido como a França, nessa época em que ocorriam tentativas para restabelecer o rei Carlos II no seu trono. A entidade era então francesa, e desempenhava um papel de intermediária entre os que estavam no poder, entre os conselheiros do rei, e os que representavam a coroa em Inglaterra. (Leitura 308-2.)

No país que se conhece hoje como a França, encontramos a entidade num tempo em que muitas mudanças agitavam os espíritos, por causa da estada do futuro rei Carlos II, que ali se encontrava no exílio. A entidade esteve entre os que ajudaram esta entidade a regressar à sua pátria. Esse momento foi vivido, para uns e outros, para todos, como um ponto de viragem da evolução no pensamento religioso, ligado à ascensão deste príncipe como soberano. E, nesse ambiente, as pessoas refletiam sobre as mudanças, sobre a evolução dos espíritos. (Leitura 421-5.)

Sempre os grandes pontos de viragem da História das civilizações, nos quais encarna este grupo de almas que acompanha a entidade Cayce, vulgo Ra-Ta... Daí a razão desta abundância de leituras sobre Carlos II: este teria sido tio da encarnação francesa de Cayce nessa época...

Cayce neto dos reis de França e de Inglaterra, nada menos!

Ao longo dos anos, Cayce dará detalhes sobre a sua (ou as suas) misteriosa(s) encarnação(ões) na corte de França. Ei-los:

Reencontramos a entidade [trata-se do próprio Cayce] numa experiência terrestre anterior, uma estada em França, que se seguiu a uma entrada em Vénus. E que vida foi essa? Como foi vivida na prática? Um filho do amor! Um filho do amor, a mais entusiasmante de todas as experiências que se podem ter na existência terrestre, mas, para alguns, a mais temida, a mais terrível! (Leitura 5755-1.)

Na vida anterior, encontramos a entidade [trata-se sempre de Edgar] na corte dos Franceses, quando Luís XV [Quinze!] era rei, e a entidade foi confiada à guarda real, mas foi por pouco tempo em número de anos como se contam no plano terrestre. Esta entidade, portanto, foi confiada a um guarda da Corte, que pertencia à casa do rei, e que perdeu a vida a defender aquele que lhe fora confiado [...]. E o nome deste era Ralph Dahl [Rafael?]. (Leitura 294-8.)

Primeira observação: salta-se de Luís XIII (Richelieu citado na primeiríssima leitura no início deste capítulo) para Luís o Bem-Amado. O que cobre um século (Richelieu é em 1624 conselheiro de Luís XIII, e Luís XV começa efetivamente o seu reinado em 1723). Se se trata de uma criança pequena cuja vida foi de curta duração... é que existem, de facto, duas encarnações francesas de Cayce nas leituras: uma sob Luís XIII no século XVII, e uma sob Luís XIV ou Luís XV, no século XVIII!

Vejamos a continuação:

A vida vivida nessa Corte, nos primeiros anos, decorreu no coração e no afeto da sua mãe, que era bela e amorosa tanto quanto é possível sê-lo. A grande provação da entidade — do ponto de vista da Terra — foi a separação entre mãe e filho. Este choque provocou uma profunda languidez nessa jovem vida, que foi pouco a pouco apagada, até ao seu fim provocado pela inveja da Corte. Pois o rei tornou-se consciente da aparência física do jovem rapaz, a qual corria o risco de provocar perturbações armadas perigosas para ele próprio — aparência que traía o segredo dessa mãe que tanto o amava. (Leitura 294-9.)

Reli vezes sem conta esta leitura, tentando colocar-me no espírito da época. Sendo eu própria uma apaixonada por Saint-Simon e por este fim do século XVII, creio que a última frase da leitura suscita várias observações:

- Primeiro, no que respeita à aparência física do jovem rapaz. A minha interpretação pessoal é que, ao crescer, ele se assemelhava provavelmente cada vez mais ao seu pai, revelando assim de quem era filho. Talvez também suscitasse demasiado interesse: a sua existência era obviamente uma ameaça no plano político. Se a criança fosse anormal, não representaria perigo para o rei, e nada justificaria a inveja de que fala Cayce.

- Não se diz, aliás, de que rei invejoso se trata: de França ou de Inglaterra? Pois, como veremos, Cayce sugere mais adiante que a criança terá sido um neto natural do rei de Inglaterra, Carlos I. De todas as formas, uma personagem que podia pretender ao trono seja de França, seja de Inglaterra, pelo seu grau de parentesco bastante próximo. A bastardia não era considerada sob o mesmo prisma que hoje: um bastardo podia ser legitimado e, assim, ter pretensões ao trono. Isso já se vira na História e podia arriscar — quem sabe? — trazer muitos problemas.

Os pais desta misteriosa criança são evocados na continuação das leituras dadas a Gladys Davis, secretária de Cayce. Esta teria sido um pouco a sua alma gémea, em todo o caso uma entidade que ele reencontrava em cada encarnação. Após ter sido sua filha no Egito, terá sido sua mulher na Pérsia, antes de ser sua secretária na América! E, entretanto, em França, reencontraram-se:

Numa corte novamente, como mãe e filho. (Leitura 288-6.)

E QUAL ERA O MEU NOME COMPLETO NESSA VIDA FRANCESA, E DE QUEM ERA EU FILHA?, perguntou Gladys Davis.

De Luís XIV. Nome completo: Agatha Beille. (Leitura 288-27.)

Deslumbrada por tanta glória passada, terá a pequena secretária de Cayce baralhado os algarismos romanos sob a sua pena, escrevendo Luís XIV em vez de XV? Quanto a *Agatha Beille*, é evidente que seria antes: *Agathe-Abeille*, ou seja, dois nomes tradicionais, juntos, como era uso. Gladys Davis, acreditando de boa-fé que as princesas reais do século XVII usavam apelidos burgueses — como toda a gente! — chama-lhe *Beille* nas suas notas! (O uso americano atual para falar de uma personalidade feminina sendo o de dar apenas o seu apelido, sem o fazer preceder nem do nome próprio, nem de Sr.^a, nem de Menina — o mínimo de cortesia possível!)

E FOI MESMO COM TIAGO, O IRMÃO DE CARLOS II, QUE EU ESTAVA NOIVA?

O duque de York, Tiago [em inglês, James]. (Mesma leitura.)

E PORQUE É QUE O CASAMENTO NÃO FOI CELEBRADO?

Intrigas políticas e conjuntura. (Mesma leitura.)

Uma outra leitura deixa entender que o pequeno Ralph Dahl era de facto o filho do duque de York, irmão do futuro Carlos II, que, com efeito, também veio a Paris na sua juventude:

Na época, encontramos a entidade [Gladys Davis] encarnada na Terra na corte de Luís XV [Quinze, desta vez!]. E ali, ela vivia na casa real, sendo a segunda filha do rei, nascida no palácio, da mulher legítima do monarca, criada e educada no convento, isto é, na escola dos conventos que recebiam as pessoas da Corte, mas no entanto, não dentro dos seus muros. À idade de dezassete anos, vemo-la travar conhecimento com o duque de York, filho do monarca reinante no país vizinho. A jovem foi seduzida e deu à luz um filho,

que o soberano relegou para longe da Corte. Com isso, a mãe perdeu o favor do monarca. E, nestas circunstâncias, neste meio, isso provocou nela um grande nojo dos homens. Pois achava que o duque fora infiel. E no entanto, o amor não abandonou o seu coração, mas transferiu-se inteiramente para a criança dessa ligação. (Leitura 288-5.)

Passei horas na biblioteca de Versalhes, onde todas estas personagens reais são conhecidas, fichadas, inventariadas, classificadas, quer tenham sido legítimas ou bastardas. São quase todas objeto de biografias, de citações nas Memórias do tempo. Na Corte, toda a gente observava toda a gente, não havia intimidade. E as pessoas da família real, particularmente, eram espiadas por mil olhos malévolos. Os próprios nascimentos ocorriam em público, com testemunhas para certificar tudo o que se passara, para que não se trocasse uma criança por outra!

Portanto, passei horas a tentar identificar uma filha de Luís XIV que correspondesse ao que diz Cayce. Nenhuma das filhas de Maria Teresa e de Luís XIV se chama Agathe-Abeille, ou algo parecido. Apenas uma filha ilegítima de Luís XV usa o nome de Agathe, mas a sua vida não corresponde ao conjunto das leituras dadas aqui.

Eis outras, que trazem detalhes suplementares, tornando a identificação da princesa ainda mais difícil. Trata-se sempre da filha do rei, «mãe solteira» do indesejado rebento:

Após ter sido expulsa da Corte, tornou-se freira num dos conventos próximos; chegou ali à idade de vinte anos, após ter vivido três anos de amor maternal com o seu filho, Dale [sic]. Até então, tinha beneficiado de muito afeto e de promessas por parte da família do monarca. Mas descobrimos que este se deixou levar por uma grande desconfiança, chegando a exercer a sua vingança sobre a mãe e sobre a criança. Daí o facto de esta última ter sido confiada aos cuidados daqueles que a sua mãe pensava serem os seus amigos mais próximos na casa do rei, quando ela tomou o véu. E ali, no convento, descobrimos que, pouco tempo após ter entrado, não pôde sair durante três anos para ver o seu filho. E quando lhe anunciaram a morte deste, sem lhe darem as razões, isso provocou nela tal desânimo e tal nojo da vida que não pôde encontrar mais ninguém a quem amar para substituir aquele que se lhe tornara mais querido que a sua própria vida. Então encontramos Gracia [outro nome], deixando-se definhar até morrer aos trinta anos. (Mesma leitura.)

Numa outra leitura ainda, onde ela pedia a Cayce para lhe dar os nomes que usou nas suas encarnações anteriores, ele respondeu:

E naquela sob Luís XV: Gracia. (Leitura 288-10.)

Com estas precisões complementares, seria necessário encontrar uma filha real que tivesse tido como alcunha, ou como nome na religião, Gracia. Não reencontrei tal personagem. Talvez outros o consigam melhor do que eu?

Edgar Cayce como um negrinho real?

William Church afirmou que se tratava de um neto negro de Luís XIV. Isto para explicar a alusão de Cayce à aparência física da criança. Qualquer historiador honesto deve guardar-se de projetar os problemas do seu tempo e do seu país sobre uma outra época e uma outra civilização. Edgar Cayce como neto negro de Luís XIV? A hipótese é divertida. Infelizmente, carece totalmente de bases históricas. O historiador que a sustenta conhece mal a história europeia — raciocinando a partir de uma equação simples: Espanhol = Mouro = Árabe = Negro! (Eis o que faria rir os historiadores espanhóis!) Uma vez que Luís XIV casara com uma «Espanhola», pode-se concluir «muito naturalmente» que ela tinha sangue negro? Maria Teresa, mulher de Luís XIV — e loira como as searas! — era uma «falsa espanhola», uma Habsburgo da Áustria. Quanto aos Mouros de Espanha, que eram Berberes brancos na origem, é precipitação assimilá-los massivamente a Negros!

O historiador sério que se der ao trabalho de consultar as fontes, em Versalhes, e de as ler em francês, o que eu fiz (mas o que não pôde fazer William Church que, repito, não lê francês), poderá muito rapidamente aperceber-se de que nada permite sustentar a hipótese de um neto negro de Luís XIV. Verá que há uma confusão com o caso da religiosa «mourisca» encerrada no convento de Moret, de quem Saint-Simon, Voltaire, Mlle de Montpensier e muitos outros falaram. Nada prova até agora que ela tenha sido filha de Luís XIV; e há mesmo o testemunho de Maria Leszczyńska, esposa de Luís XV, que diz que ela era «a filha de um Mouro e de uma Mourisca alojados na Menagerie de Versalhes, que a Sr.^a de Maintenon ali colocara por caridade». E esta «Mourisca» não parece ter tido filhos!

É preciso, antes de mais, ter a honestidade de reler Cayce: em lugar algum ele diz que ele próprio, a misteriosa criança, ou a sua mãe, tivessem sido negros! O que, repito, no contexto da época, teria sido verdadeiramente

difícil! Além disso, esta religiosa «amoitada», de que falam os testemunhos históricos, não se chamava nem Gracia, nem Agathe-Abeille. Morreu muito tarde no século, dez anos antes da Revolução, em 1779, e portanto viveu muito mais tempo do que os trinta anos de que fala Cayce. E se Voltaire, que a visitou, achou que ela se parecia com Luís XIV, tal não prova nada... senão que era talvez mais uma bastarda desse rei que teve muitos!

Por outro lado, esbarra-se noutra inverosimilhança: se esta princesa real viveu na Corte, à vista de toda a gente, como diz Cayce — o que lhe permitiu conhecer o duque de York —, é inverosímil que não se tenha qualquer documento sobre ela. Todos os partos da família real foram objeto do cerimonial tradicional, e devidamente anotados nos arquivos. A mania da papelada, bem francesa, já grassava no século do Rei-Sol!

Se uma das filhas legítimas do casal real, tendo vivido até aos dezassete anos na Corte, tivesse sido morena como esta religiosa e tivesse dado à luz um bebé negro, imagine-se se as más línguas não teriam saltado sobre a ocasião! Teria-se sabido!

Quanto ao caso de um pequeno «ameixoeiro» de que a rainha Maria Teresa deu à luz em 1664, há a mesma incompatibilidade com os detalhes fornecidos por Cayce. Mlle de Montpensier, nas suas *Memórias* (volume IV, p. 15 e 16), conta que «a rainha deu à luz uma menina muito parecida com uma pequena Mourisca». Mas acrescenta: «É falso que a Rainha tenha trazido ao mundo uma negra. O falecido Monsieur, que estivera presente, dizia que a pequena princesa era feia, mas de modo algum negra. Não se pode tirar da cabeça do povo que a criança ainda vive, que está num convento em Moret perto de Fontainebleau.

No entanto, é certo que a criança feia morreu: toda a Corte a viu morrer!» Nascida a 16 de novembro, extinguiu-se a 26 de dezembro seguinte, pelas sete horas da noite, e o seu corpo foi levado, com o cerimonial ordinário, para Saint-Denis. O próprio Luís XIV escreveu a notícia à sua sogra, a rainha de Espanha... Vê-se que isto não concorda com o que Cayce fornece, pois ele fala de uma jovem que viveu, e foi pelo contrário muito bela, enquanto as testemunhas do tempo insistem na fealdade do aborto! (Ela foi batizada como Marie-Anne, e não Agathe-Abeille ou Gracia!) Não posso, portanto, para agradar aos colegas historiadores americanos, nem ressuscitar o bebé «mourisco» de Maria Teresa, nem deslocar a data da morte da outra

Mourisca, a do convento, nem sequer atribuir-lhe um filho negro de quem NENHUM memorialista fala!

Um drama sob a Regência?

Uma outra leitura fala, ao que parece, do Regente, Filipe de Orleães, que reinou de 1715 a 1723, enquanto o jovem Luís XV não atingia a maioridade. Esta leitura diz que o futuro «Bem-Amado», sendo muito jovem no momento do drama, não é por isso responsável:

Na vida anterior, ela viveu [trata-se da entidade 288, ou seja, a infeliz princesa «mãe solteira», isto é, Gladys Davis] na corte de Luís Quinze, quando esse soberano sendo muito jovem, o reino estava sob a autoridade daquele que tinha o encargo do mesmo. A entidade vivia então na Casa de Luís XV, vindo da Casa de Luís XIV. E a entidade só encontrou um desenvolvimento moral no fim da sua vida. Pois, nessa encarnação, conheceu, desde os seus anos jovens, a desolação, as lágrimas, a angústia, antes de se ver encerrada num convento do qual se tornou parte integrante. Deixou a vida terrestre na sua juventude, ou seja, aos vinte e três anos. Quanto ao seu desenvolvimento espiritual neste plano terrestre, nesse tempo, descobrimos que foi apenas nos seus últimos dias que acabou por aceitar as suas condições de vida e a perda do seu filho. (Leitura 288-10.)

E noutras leituras:

Na vida imediatamente anterior a esta, reencontramos a entidade [Gladys Davis] nascida numa casa real, e na família do rei, na Corte do rei Luís Quinze. Como própria filha do rei, e nas condições de vida que eram as da corte desse país, à qual pertencia a entidade, com toda a glória, a pompa, o luxo, a magnificência deste espetáculo dado ao mundo por essa nação, nesse tempo. A educação estava nas mãos do clero, que a impunha aos espíritos leigos desse tempo. O primeiro ponto de viragem foi o décimo sétimo ano da jovem, quando conheceu o duque de York — como lhe chamavam — e ficou noiva dele. Este noivado nunca resultou em casamento. Daí este nojo dos homens, esta desconfiança em relação ao sexo oposto, que sentiu esta entidade; o seu corpo foi então confinado dentro das muralhas, onde passou o resto da sua vida, pois viveu apenas até aos trinta anos. (Leitura 288-1.)

As duas leituras não fornecem sequer uma duração de vida idêntica para a princesa abandonada: aqui trinta anos, mais acima, vinte e três anos;

quando se conhece a precisão de que Cayce é capaz, tal sugere que há na verdade duas vidas diferentes — e repetitivas — descritas nas leituras 288.

Nas leituras dadas para as vidas anteriores do próprio Cayce, lê-se:

Na vida anterior, reencontramos a entidade na Corte de França, em vida de Luís Quinze, e na casa do monarca, mas privada dos cuidados daqueles que deveriam tê-lo criado, normalmente — pois estes, carecendo de influência, não puderam velar pelo seu desenvolvimento na Terra nessa vida. E não foi nessa encarnação senão uma criança pequena, que viveu apenas até aos cinco anos. Na sua personalidade atual, encontramos mais traços de caráter provenientes da encarnação seguinte, como Bainbridge... (Leitura 294-19.)

Quanto à princesa, ela guardara de toda esta história muita amargura:

Isto explica que a entidade, ex-pessoa real, despreze ou guarde rancor daqueles que não têm o dom de a compreender. É isso que ela deve superar hoje. (Leitura 288-10.)

E eis porque, se esta leitura de Cayce for verdadeira, nunca consegui obter uma entrevista com Gladys Davis — que eu solicitara inúmeras vezes na qualidade de escritora francesa.

Cruzava-me com ela quase todos os dias na escadaria — majestosa, é verdade! Um dia, violando a etiqueta das Cortes, permiti-me abordá-la para lhe expor o meu problema: o que fazer com estes nomes franceses das leituras, massacrados ao ponto de serem inutilizáveis? Supliquei a esta intimidante alteza que tivesse a bondade de mos ler em voz alta, como ela própria os ouvira, de modo que eu pudesse retranscrevê-los de uma maneira verosímil.

Sempre majestosa, opôs-me uma recusa cortês, mas firme: não, tal não lhe interessava! Visivelmente, a pobre ex-princesa real encarnada tinha boas razões para desejar esquecer tudo o que diz respeito à França (incluindo os escritores franceses perdidos em Virginia Beach!). Cayce nota frequentemente nas leituras o quanto se ganha horror aos países onde se sofreu muito numa vida anterior. Em todo o caso, imaginava muito bem Gladys Davis como princesa real, pois tinha muita distinção, e compreendia bem que ela não tivesse vontade de mergulhar novamente neste doloroso assunto. Agora que se juntou a Cayce no outro mundo, espero que as suas más recordações estejam apagadas!

Louise de La Vallière entre Fouquet e Luís XIV em Virginia Beach...

Cayce tinha na sua equipa, no início da Segunda Guerra Mundial, uma jovem muito bonita chamada Mae Gimbert Verhoeven, depois Mae Saint-Clair, pois estava divorciada. Ela figura em várias fotos do álbum de família dos Cayce, notável pela sua elegância e pela finura dos seus traços. Dir-se-ia descida diretamente de um retrato do século XVII...

Como muitos dos íntimos de Cayce, ela pediu-lhe e obteve toda uma série de leituras. E eis o choque para nós: Cayce disse-lhe que ela fora a amante de Luís XIV... Enquanto o seu ex-marido era uma reencarnação deste último! Oiço daqui os protestos dos meus leitores: porque é que só há pessoas célebres nas leituras? Gina Cerminara, no seu livro que traduzi sob o título *Muitas Vidas, Muitos Amores* (op. cit.), respondeu a esta objeção, falando das leituras de Cayce e da investigação das vidas anteriores em geral. Ela diz — e eu próprio o constatei — que, em milhares de «leituras de vidas» dadas por Cayce, há muitas, muitas existências obscuras.

Recai-se apenas de vez em quando sobre alguma celebridade. Mas, para o historiador, como eu, estas são muito mais interessantes, pois podem-se verificar mais facilmente os detalhes históricos fornecidos por Cayce. As estrelas, qualquer que fosse a época, foram descritas pelos seus contemporâneos com muitos detalhes — e detalhes que se cruzam! O que é fascinante é que Cayce, que não tinha verdadeiramente nenhuma noção de História, alcance tal exatidão nas descrições históricas que fornece. E isto mesmo em leituras dadas para consultantes diferentes, com vários anos de distância!

E depois acho extremamente interessante que ele fale de personagens que pertencem à nossa História. Dito isto, darei mais adiante exemplos destes inúmeros casos anónimos quando a leitura é suficientemente longa e permite situá-los no tempo (por vezes, há apenas duas ou três linhas, nenhum nome, uma datação incerta e poucos detalhes).

No caso de Mae Gimbert-Saint-Clair, pelo contrário, Cayce desenvolve uma verdadeira biografia histórica. Não na primeira vez, onde se contenta com alusões (o que faz em geral). Mas Mae vai insistir, pedir-lhe até quinze leituras, voltando à carga sobre a sua encarnação francesa. Ei-la:

Antes disso [acaba de falar de uma vida americana no século XIX], encontramos a entidade no país francês, no início do tempo dos Luíses.

[Cayce ignora resolutamente os «Luíses» da Idade Média!] Nessa época, muita gente ativava-se no que se chamaria hoje grupos de pressão, na corte do rei. (Leitura 1523-4.)

Cayce utiliza a palavra *lobbyist*. O «lobby» é, na gíria política americana, o grupo de pressão que tenta agir nos meios do poder, para influenciar quem governa e pesar sobre as suas decisões. Assim é descrita a Corte de França como um meio onde as pressões exercidas sobre o rei eram particularmente violentas e, naturalmente, contraditórias. Mas continuemos a leitura:

Neste quadro, os agires da entidade foram criticados. Contudo, a entidade, no seu corpo e no seu comportamento físico, soube guardar-se pura. Embora a entidade fosse contestada pelos seus próximos, e até pelos da sua própria família, criticada pelas suas próprias companheiras e relações, foi capaz de utilizar muito da sua influência para o bem dos seus. Contudo, nesta estada terrestre, a entidade tornou-se egoísta. Tal não ressalta na sua encarnação atual, mas é latente. E quando chegam a tormenta e a aflição na sua vida de hoje, a entidade frequentemente levanta a cabeça com tendência a culpar os outros [...]. E no entanto, saiba que, dia após dia, constantemente, enfrenta o seu próprio eu, nas escolhas que fizera outrora entre o que é construtivo, criativo e o que é egoísmo, orgulho, vaidade. Por isso, não permita que o seu ego, o seu eu, se torne uma pedra de tropeço. Pois colherá o que semeou. Nesta experiência de vida, a entidade chamava-se Margo Meguiette. (Mesma leitura.)

(Já disse anteriormente o que se deve pensar da grafia fantasiosa dos nomes franceses transcritos pelos secretários de Cayce!)

Entre as aptidões ganhas nesta estada terrestre, há a de ser capaz (qualquer que seja a coisa que a entidade decidiu empreender) de influenciar as pessoas, qualquer que seja a sua posição social — quer seja alguém importante, quer seja o cozinheiro, quer seja o homem das limpezas! A entidade é capaz de os fazer marchar ao som da sua música. Empregue este talento para construir, nunca com fins egoístas. Este dom é bom se for bem utilizado... (Mesma leitura.)

A leitura continua depois recuando nas vidas anteriores de Mae. E descreve longamente uma vida greco-romana como Vesta, nobre dama de uma família aliada aos Césares, no início da era cristã, da qual falaremos. Aquando desta primeira leitura, Mae não percebe logo porque é que as suas atividades tinham sido contestadas na encarnação evocada. Não é ainda dito

com todas as letras que ela era a amante do soberano. Depois ela reflete, e pede um pouco mais tarde uma outra leitura a Cayce, para esclarecer as suas relações atuais com diferentes pessoas. Cayce evocará então uma segunda vida em França, no período imediatamente antes da Revolução Francesa, onde ela já estava associada com o seu atual segundo marido.

E depois Mae encontra o seu ex-marido em Virginia Beach, o que a lança numa tempestade interior, de tal modo que acaba por voltar a pedir uma nova leitura de vidas anteriores a Edgar para saber, no fundo, porque é que não consegue desligar-se deste ex-marido. É Gertrude Cayce quem «conduz» a leitura, ou seja, sugere ao marido que adormeça e faz-lhe as perguntas.

Gertrude:

TEM DIANTE DE SI UMA EXISTÊNCIA NO PLANO TERRESTRE DA ENTIDADE MAE GIMBERT [ou seja, o número 1523], NASCIDA A 2 DE DEZEMBRO DE 1908 EM OCEANA, VIRGÍNIA, E A EXISTÊNCIA TERRESTRE DESTA ENTIDADE COMO MARGO MEGUIETTE, EM FRANÇA, NO INÍCIO DO TEMPO DOS LUÍSES. QUEIRA DAR UMA BIOGRAFIA DA ENTIDADE NESSA ÉPOCA NO PLANO DA EXISTÊNCIA TERRESTRE, DESDE A SUA ENTRADA NESSE PLANO ATÉ À SUA PARTIDA, DANDO UM APANHADO DOS ATRASOS OU DOS DESENVOLVIMENTOS [no plano moral] DESTA EXISTÊNCIA. DEPOIS, RESPONDERÁ ÀS PERGUNTAS QUE ELA COLOCOU, À MEDIDA QUE EU AS ENUNCIAR, RELATIVAMENTE ÀS SUAS RELAÇÕES DA VIDA PRESENTE QUE VIRIAM DESSE PERÍODO E COMO ELA PODE RESOLVER DE FORMA CONSTRUTIVA OS PROBLEMAS QUE DAÍ DERIVAM.

Notar-se-á que a boa Gertrude Cayce, que falava todos os dias o americano normal do seu tempo, retoma o vocabulário habitual das leituras para fazer perguntas ao marido adormecido. Diz "a entidade" em vez de "a nossa amiga Mae", "a entrada no plano terrestre" em vez do nascimento, "a partida da entidade" em vez da sua morte, etc., repetindo a mesma ideia sob várias formas na frase... em suma, o estilo cayciano! Do qual vos poupo em geral, uma vez que a tradução permite evitar as repetições e escolher uma expressão mais concisa.

Desta vez, Cayce não se vai contentar com alusões vagas, mas entrará em detalhes surpreendentes:

Sim, temos os dossiers desta entidade agora chamada Mae Gimbert, e os dossiers desta entidade nas suas experiências ao tempo dos Luíses em

França. Para os interpretar, dando um apanhado desta vida, seria bom compreender as atividades e as condições de vida na época.

A entidade, pelas pessoas com as quais estava associada, estava entre aqueles que chegaram ao poder graças às suas atividades e às suas competências, e encontravam-se em estreita colaboração com os Luíses que reinavam então sobre a França. A entidade, portanto, pertencia às famílias próximas do poder, e viveu as suas experiências no meio das pessoas da nobreza da sua época.

As condições de vida eram as de uma corte, com atividades diplomáticas que faziam parte da vida quotidiana da entidade, sobretudo quando se tornou uma mulher adulta. Foi então que atraiu a atenção de Luís, até se tornar sua companheira — de certa forma sua cónjuge —, entrando assim numa engrenagem de atividades e experiências que lhe trouxeram muitas críticas, não só da parte da sua família e das relações familiares... mas também da autocrítica, quando veio a ser substituída por outras ligações, vindas de outras cortes. O que trouxe então à entidade ódio e perturbações interiores, e o desejo de prejudicar.

Assim, a entidade procurou minar as atividades de algum(a)s dos seus companheiro(a)s para os indispor com os que estavam no poder. Isto, como sempre do ponto de vista das energias mentais e espirituais, apenas fez com que a entidade se voltasse para a gratificação dos desejos materiais e, finalmente, para esta entidade, a impulsioneasse a renunciar ao mundo para se voltar para a Igreja.

Foi então que teve de enfrentar duas provações muito duras. Pois, algum tempo depois de se terem produzido essas mudanças que a tinham decidido a renunciar ao mundo, Luís procurou-a de novo e desejou-a fisicamente. O que lhe trouxe uma grande confusão interior. E a própria forma como isso se processou trouxe fricções entre a Igreja e Luís [...]. No entanto, embora muito perturbada no seu corpo e no seu espírito, a entidade terminou o resto desta vida na fidelidade aos seus votos, esforçando-se por reparar os pensamentos, ações e objetivos da primeira parte da sua vida.

E, finalmente, a sua vida tornou-se uma vida de sacrifício de si própria, mas nunca conseguiu pôr completamente de acordo o seu corpo e o seu espírito. E agora, na vida presente, para aplicar as lições provenientes do que se chama as influências cármicas, é certo que surgiram problemas, e vão surgir. O que significa que a entidade enfrenta os seus próprios problemas —

não os de outra pessoa. É preciso começar por encontrar qual é o teu objetivo, as atividades que desejas levar a cabo, e manter-te fiel a esse objetivo, com todas as tuas forças e com todo o teu ideal.

Pronto para as perguntas.

COM QUAL DOS LUÍSES É QUE TIVE ESTA PRÓXIMA RELAÇÃO?

O décimo quarto, antes do décimo quinto.

CONHECI AGATHA BEILLE? [Ver atrás a encarnação francesa de Cayce e da sua secretária Gladys Davis] E, SE SIM, O QUE TINHAMOS FEITO JUNTAS?

Nesse período, quando ambas estavam no convento, sim.

ESTIVE ENVOLVIDA EM TUDO O QUE DIZIA RESPEITO AO SEU FILHO? E, SE SIM, COMO?

Na sua guarda. Isso fez parte das vossas atividades e trouxe-vos muita alegria, criar crianças. Embora, no que diz respeito a esta entidade, a criança, tenha morrido durante esse tempo.

E PORQUE É QUE SINTO ESTA EMOÇÃO QUANDO SE ABRE OU SE FECHA UMA PORTA?

Quantas vezes, e quão frequentemente, viveu a experiência de saber que se passava algo atrás da porta, e de escutar o que se dizia atrás desta, na Corte!

PORQUE É QUE ME SINTO DEPRIMIDA E SOZINHA AO CAIR DA NOITE?

É o destino comum dos homens. Pois o dia e a noite vão juntos na existência do Homem e marcam as suas emoções. Muito poucos humanos — mas há-os, ainda assim, muitos — sentem esta hora do crepúsculo como um tempo de espera. A maioria dos outros acha que é um momento em que se sentem sós, abandonados. Pois foi muitas vezes, como tantos outros, deixada ao crepúsculo. (Leitura 1523-13.)

Interrompo-me aqui para sublinhar esta belíssima passagem de Cayce sobre a hora a que chamamos "entre o cão e o lobo", antes do cair da noite. É uma hora que todos os místicos, tanto orientais como ocidentais (e o próprio Cayce), recomendam para a oração e meditação. Aliás, no Génesis, diz-se que o "Eterno passeava no jardim (do Paraíso terrestre) à brisa da tarde". Foi o dia do pecado original e da Queda! Por outras palavras, é uma hora privilegiada para o encontro com o Criador. Além disso, no caso de Mae

Gimbert, conhecendo o estilo muito particular de Cayce, sou também tentada a traduzir uma ideia subjacente: *É a hora em que muitas vezes deixou o mundo terrestre, ao crepúsculo*. O texto inglês diz: *For you were oft - as have been many - left at even tide*. Pode compreender-se deixada pelo seu corpo físico no sentido em que dizemos: "O meu coração falha-me... a minha vitalidade abandona-me, o meu corpo não acompanha."

Na astrologia, o crepúsculo situa-se na Casa VII, a da Balança — cuja eterna hesitação corresponde ao que diz Cayce: *um tempo de espera*. É também, na astrologia, a Casa do casamento, a hora em que os casais se reencontram depois do trabalho para jantar juntos. É também a Casa do diálogo. Eis porque os que estão sós sentem dolorosamente esta hora em que outros estão acompanhados.

A Casa anterior, logo acima, é a Casa VIII, que é a da morte. E aqueles cujos planetas habitam esta Casa sentem frequentemente uma descida de vitalidade a meio da tarde. É aí que o cansaço do dia se faz sentir, preparando o terreno para a depressão do crepúsculo... Isso sabe-se na tradição dos povos. Eis porque, em todo o Mediterrâneo, se faz a sesta à "hora da morte", de modo a recuperar as forças para o fim da tarde. E eis porque os ingleses bebem chá, que é um tónico cardíaco, às cinco horas. E porque damos o lanche aos nossos filhos às quatro e meia, permitindo-lhes terminar o dia. (Eles recuperam, aliás, todas as forças ao cair da noite! No momento de se deitarem, estão de novo em plena forma...)

Nos mosteiros, há a oração das seis horas da tarde, ao pôr do sol, conforme a estação. Na minha infância, o meu avô Maurice-Pontien Viée levava-nos, no verão, a ver o sol pôr-se no cabo Fréhel. Aguardávamos o raio verde. Momento que era para nós, crianças, um grande maravilhamento. Desde então, se me sinto em baixo ao fim da tarde, saio para passear e medito admirando o céu, as árvores, a Natureza. Cayce recomendou a meditação a essa hora, entre o fim da tarde e o pôr do sol.

Mas voltemos a Mae Gimbert. Como ela continuava dividida entre os seus dois maridos, o "ex" e o oficial, perguntou a Cayce:

ESTIVE JÁ ASSOCIADA AO MEU MARIDO ATUAL NESSE PERÍODO?
[Trata-se do tempo de Luís XIV de que acabámos de falar] **E, SE SIM, QUAIS SÃO OS IMPERATIVOS CÁRMICOS VINDOS DESSA VIDA, QUE DEVEM SER POSTOS EM RELAÇÃO COM O MEU PROBLEMA DE AGORA?**

[O seu marido atual] era aquele que utilizava para fazer frente a essas experiências [a relação com Luís XIV], por isso faça o paralelo com o que se passa agora. Está a fazer a mesma coisa! O que vai fazer com cada um deles?

Efetivamente, na vida de Louise de La Vallière, uma vez que se trata dela, sabe-se que ela repeliu os avanços do superintendente Fouquet... antes de cair nos braços de Luís XIV. Seria para excitar este último que ela fazia correr Fouquet, ou seria para se proteger do rei que se deixava cortejar pelo superintendente? Ou ambos?

TENDO EM CONTA O QUE DISSE, RELATIVAMENTE AOS DONS QUE TENHO, DATADOS DESSE PERÍODO, POR FAVOR, ACONSELHE-ME. DIGA-ME COMO PODERIA INFLUENCIAR, OU AJUDAR, O MEU EX-MARIDO A TRAZER MAIS POSITIVO PARA A SUA VIDA. E ISSO SEM ESQUECER OS OBJETIVOS COMUNS QUE ME LIGAM AO MEU MARIDO ATUAL E TENDO EM CONSIDERAÇÃO O QUE ESTAMOS A CONSTRUIR JUNTOS.

A isso, só você pode responder. Como se viu, houve esses períodos nos quais estava submergida pelas dúvidas e pelos desejos. Perdia de vista os seus objetivos. Não deixe que isso recomece.

SERIA UMA BOA COISA FALAR AO MEU MARIDO ATUAL DOS MEUS DESEJOS E DOS MEUS OBJETIVOS RELATIVAMENTE A ESTE PROBLEMA? HAVERIA UM MEIO DE LHE PEDIR QUE ME AJUDASSE?

A agravar o teu próprio descalabro?

O QUE É QUE, NAS MINHAS ASSOCIAÇÕES PASSADAS COM O MEU EX-MARIDO, ME DÁ HOJE O SENTIMENTO DE QUE NENHUM PROBLEMA É INSUPERÁVEL — QUANDO PENSO NAS NOSSAS DIFICULDADES EM VIVER JUNTOS? É ASSIM APENAS NOS MEUS SONHOS, E ISSO APOIA-ME NA MINHA VIDA QUOTIDIANA.

É porque tens o sentimento de que ele te tinha voltado! Não te embales em ilusões... (Mesma leitura.)

(Aqui Cayce designa nominalmente o ex-amante real de uma vida anterior, que, como veremos adiante, tinha voltado tão bem para a sua amante que a mandou raptar do seu convento!)

E O QUE FAZ COM QUE CADA UM DE NÓS SINTA TÃO FORTEMENTE A NECESSIDADE DE FALAR OU DE SE VER, MESMO APENAS DE PASSAGEM?

O que está na base do desejo. Umas vezes uma força destruidora, outras uma força criadora... Depende de como se utiliza.

COMO DESEJO AJUDAR O MEU EX-MARIDO, SENDO ESSE O MEU OBJETIVO, DIGA-ME COMO DEVO ACONSELHÁ-LO E ENCORAJÁ-LO A UTILIZAR COM PROVEITO AS DIRETRIZES QUE LHE FORAM DADAS NA SUA LEITURA MÉDICA.

Deixa-o manter-se de pé pelos seus próprios pés, não pelos teus!

E COMO POSSO IMPEDIR ESTA FORÇA QUE NOS ATRAI UM PARA O OUTRO POR MOMENTOS DE INTERFERIR NAS MINHAS RELAÇÕES COM O MEU MARIDO ATUAL COM O QUAL TENTO CONSTRUIR UMA UNIDADE?

Mantém-te honesta perante ti própria. (Mesma leitura.)

Cayce, que não é ingénuo, vê bem que, sob o nobre projeto de ajudar o seu ex-marido, é ainda o fogo dos desejos físicos que consome a sua consultante. Sempre dividida entre os dois homens, Mae perguntou então a Cayce uma outra leitura, um pouco mais tarde. Ele aconselhou-a a rezar, a refletir sobre a natureza profunda do desejo sexual, sobre a necessidade de não ser escrava dele; disse-lhe que, ao aprender a dominá-lo, se ganha uma melhor compreensão das relações entre o espírito e a matéria (leitura 1523-15).

Finalmente, ela perguntou: **QUE LIVROS SOBRE A HISTÓRIA DE FRANÇA PODERIA LER, QUE ME PERMITISSEM COMPREENDER MELHOR O QUE SE PASSA ENTRE MIM E O MEU EX-MARIDO?**

Lerás melhor em ti própria do que em qualquer livro de História. Porque é aí, em ti própria, que deves enfrentar o problema, aí que o viveste. Sabe qual é o teu objetivo. Se se trata de controlar o teu eu ou de controlar o teu ex-marido!

EU FUI A ENTIDADE CONHECIDA NA HISTÓRIA DE FRANÇA COMO LOUISE DE LA VALLIÈRE? [Aqui vê-se que Mae tirou tempo para se documentar!]

Nós não temos a História de França aqui, nós temos Mae Gimbert! (Mesma leitura.)

Cayce mofa gentilmente da magra cultura histórica da sua consultante. Pois a sua descrição é suficientemente precisa para identificar sem qualquer dúvida a personagem histórica de Louise de La Vallière. Se o Rei Sol teve

imensas amantes, na verdade ele lamentava-o e preferia viver quase conjugalmente com uma só. Poucas são, portanto, as que podem responder à descrição de Cayce: *companionship as a consort*, ou seja, um companheirismo como se fosse um cônjuge.

Destas favoritas de longa duração, retém-se sobretudo Louise de La Vallière, a Montespan e a Sr.^a de Maintenon. Das três, apenas uma fez a Corte tagarelar com as suas histórias de convento, e essa é La Vallière. Eis a sua biografia tal como a dá o *Dicionário de História e de Geografia de Bouillet*:

«Louise Françoise de La Baume Le Blanc de La Vallière, nascida em 1644, na Touraine, de uma família originária do Bourbonnais, perdeu o pai cedo e foi colocada como dama de honor junto da duquesa de Orleães, Henriqueta de Inglaterra.»

O que Cayce diz das origens dela é exato: vinha de uma boa família e foi colocada muito jovem nos corredores do poder. O que ele diz das suas atividades diplomáticas é justo também: pois Henriqueta de Inglaterra, filha de Carlos I e irmã de Carlos II, foi encarregada por Luís XIV de uma missão secreta junto deste (tratava-se de desencorajar o rei de Inglaterra da aliança com os Holandeses). Era normal que a dama de honor da duquesa participasse mais ou menos neste assunto, sobretudo sendo inteligente, bem educada e de boa aparência. Nesse tempo, a diplomacia era também assunto de mulheres. A missão teve sucesso... mas Henriqueta regressou a Paris para morrer («Madame está a morrer, Madame morreu», proclamará Bossuet na sua oração fúnebre). Mas, retomemos o Bouillet:

«Após ter resistido às ofertas do superintendente Fouquet, deixou-se seduzir por Luís XIV, pelo qual sentia uma viva admiração, que se mudou em breve em amor verdadeiro. Tornou-se a amante de Luís XIV em 1661. Esta ligação, que de início fora mantida secreta, foi tornada pública em 1663. O rei deu à sua amante vastos domínios e elevou para ela a terra de La Vallière a ducado (1667). De resto, Mlle de La Vallière não usou a sua influência senão para fazer o bem. Piedosa, mas fraca, ela própria corava das suas faltas. E, duas vezes, refugiou-se no convento das Carmelitas de Chaillot (1670-1671). Mas Luís XIV mandou-a retirar dali e levou-a de volta para a Corte. No entanto, viu-se, ao fim de alguns anos, negligenciada em favor de Mme de Montespan.»

Cayce, mais atrás, diz que La Vallière foi substituída por outras ligações vindas de outras cortes. Eu perguntava-me porquê — e eis o que diz o

Bouillet: «Mme de Montespan vinha de uma ilustre família da Gasconha e foi pouco depois ligada à Corte como dama do palácio da rainha.» Efetivamente, nascera Rochechouart-Mortemart, família brilhante de que fala muito Saint-Simon (evocando o célebre «espírito dos Mortemart»). Já conhecera na sua família «cortes» locais, e começou a sua carreira de favorita pela casa da rainha — a qual mantinha uma «corte» separada da do rei — com as suas damas espanholas beatas e os seus eclesiásticos. Mas retomemos o Bouillet, que é uma mina de ouro:

«E após ter sofrido durante um prazo bastante longo a partilha de Luís entre ela e a sua rival, retirou-se definitivamente, em 1674, para as Carmelitas do faubourg Saint-Jacques e ali tomou o véu em 1675, sob o nome de irmã Louise de la Miséricorde. Ali morreu em 1710, após ter passado os seus últimos anos nos exercícios da mais austera piedade. Deixou "cartas", publicadas em 1767, e edificantes "Reflexões sobre a Misericórdia de Deus", publicadas já em 1680. Dois dos seus filhos, Mlle de Blois e o conde de Vermandois, foram legitimados.»

Confesso ter tentado mastigar, de boca cheia de *corn flakes*, as palavras «Louise-Françoise de La Baume Le Blanc de La Vallière», com o meu melhor sotaque americano... continuo a não compreender como a secretária de Cayce pôde extrair daí «Margo Meguiette». Quanto ao resto, a leitura corresponde muito bem à História: o convento, os filhos que foram a sua alegria, os seus escrúpulos de consciência, a rivalidade com a Montespan, etc. Não se encontraria outra amante de Luís XIV que respondesse tão bem ao retrato de Cayce. Quanto a Luís XIV, reencarnado na América, pergunto-me como se sentiria na «Beach»... Como rei de França, terminara como um velho tirano. E sanguinário ainda por cima, quando se pensa na atroz devastação que causara em França a revogação do édito de Nantes, estupidez monumental de que Luís XIV assumiu sozinho a responsabilidade (todos os seus conselheiros o tinham dissuadido de anular o édito do seu avô Henrique IV, que concedia a liberdade religiosa ao reino).

Portanto, se o reencontramos três séculos mais tarde na «Beach» como um cidadão muito comum, tendo ainda por cima perdido a mulher, é porque não merecia melhor!

Quanto ao superintendente Fouquet, que fora ludibriado por La Vallière, ele recupera nesta vida a mulher que lhe escapara. *Ele era aquele que utilizavas para fazer frente a essas experiências [com o outro]*, diz Cayce. E

recupera-a como esposa legítima... justo retorno das coisas! No entanto, tal não corre sem sobressaltos, pois a bela continua a hesitar entre os dois homens.

Na sua vida como Fouquet, o superintendente pagara bastante caro essa rivalidade com Luís XIV. Este, que nada esquecera, mandou-o prender e condenar por um tribunal (composto pelos seus inimigos) ao banimento perpétuo. O rei interveio então para agravar a pena, e o infeliz foi condenado a prisão perpétua, o que é muito pior! Foi encarcerado na cidadela de Pinerolo onde morreu após... dezanove anos de detenção! A bela Louise parece ter tido responsabilidade no comportamento rancoroso do rei, a crer nas consequências cármicas que reencontra na sua encarnação ao tempo de Cayce. Daí a resposta irónica deste quando ela lhe pergunta se pode pedir ajuda ao seu atual marido (ex-Fouquet) para a ajudar a resolver as suas relações com o seu ex-marido (ex-Luís XIV). Imagina-se a simpatia que o primeiro teria pelo segundo... E nestes casos, a caridade conjugal dita que se resolva este género de problemas sozinha, em vez de embarcar o pobre marido no seu próprio descalabro, como diz Cayce.

A encarnação seguinte de Louise de La Vallière é interessante — as leituras situam-na no fim do século XVIII / início do XIX (é dada a data de 1812) nos Estados Unidos. Sob o mesmo nome de Mae, viveu em Chicago (em Fort Dearborn) na época dos «*coureurs des bois*» e outros traficantes de peles. Depois foi arruinada durante as guerras com os índios, teve de fugir para leste e finalmente encontrou refúgio na região de Virginia Beach. A leitura diz que ela tinha muita autoridade; que no meio desta fauna de aventureiros e traficantes do Novo Mundo era muito respeitada, que vinham frequentemente pedir-lhe conselho, pois dizia-se que era alguém que obtinha tudo o que queria (leitura 1523-4).

O que é interessante numa análise cármica como esta é a sequência das quatro vidas anteriores analisadas — sequência que mostra os mesmos fios condutores através de quatro existências.

Primeiro, três posições de poder onde a entidade exerce autoridade e influência. Na vida como Vesta, princesa greco-romana, a entidade *pertencia ao poder real, não sendo dos Césares que reinavam então, mas na família dos seus primos, como diriam, e numa posição onde podia beneficiar de influências na Corte, bem como de influências nos lugares-chave do Império, através da Macedónia, da Grécia, da Palestina, do Norte de África...* (Mesma leitura.)

Também ali, a entidade estava num serviço diplomático (mesma leitura). A mesma situação de poder vai repetir-se na sua vida como La Vallière, onde está, desde o início, bem colocada politicamente (e num trabalho com aspetos mais ou menos diplomáticos). Mesmo na sua primeira vida americana como Mae Umbor, era *considered*, ou seja, uma autoridade local respeitada.

Depois, em cada vida, o contacto com Cayce. Na vida do primeiro século da nossa era, como Vesta, tornou-se especialmente associada a um certo Lucius (do qual sabemos que foi uma encarnação judaico-grega de Edgar — ver volume I; mesma leitura).

Como havia ligações entre pessoas que tinham adotado a fé cristã, ou então judaica e cristã, isso trouxe-lhe problemas. O seu companheiro sendo então Lucius, nessa vida ela adotou alguns dos seus costumes [dos judeus ou dos cristãos]. E houve acordos, um contrato de casamento com Lucius [...] e nasceram-lhes filhos desta união na primeira parte da vida [...]. Mas, quando Lucius [...] aceitou viajar para a Palestina, para Jerusalém, houve disputas. Durante esta experiência deu-se o casamento entre a entidade que fora o companheiro de Vesta, Lucius [ou seja, Cayce], e Mariaerh [uma outra mulher!]. O que trouxe, claro, críticas a Vesta e desacordos [...] com os da sua própria família. Um desacordo surgiu em particular com [São] Paulo [ver volume I sobre esta história]. Paulo tomou o partido de Vesta. (Leitura 1523-16.)

E Vesta vingou-se tão bem que convenceu Paulo a dizer a Lucius para se separar da sua nova mulher (a qual, crime supremo, era jovem e bonita!) sob o pretexto de que os bispos, como Lucius, não deviam ser casados.

A entidade, em virtude dos ensinamentos de Paulo, e das suas atividades com Lucius, impeliu à separação entre Lucius e a sua companheira Mariaerh. (Leitura 1523-4.)

Finalmente:

A entidade não casou após esta experiência e conheceu o seu maior desenvolvimento moral consagrando-se a diversos grupos de cariz religioso. (Leitura 1523-16.)

Já conhecia o seu atual marido a quem uma leitura de vida anterior dissera que se chamava Pitmumus, e era um muito bom amigo que ela introduzira nas atividades da Igreja. Era então pescador (mesma leitura).

(Trata-se do nosso Fouquet, que pescara peixes um pouco grandes demais em águas turvas ao tempo de Luís XIV!)

O paralelo entre a vida como La Vallière e a vida como Vesta é interessante: em ambos os casos, vive com um homem que perde e do qual, no entanto, tem filhos. E termina a sua vida sozinha, em boas obras e na Igreja... Na vida como Vesta, existe igualmente este episódio de rivalidade com uma outra mulher que ela tenta destruir (o que Cayce lhe censura na leitura).

Como La Vallière, vai reencontrar Cayce — como esse menino de quem cuida porque a mãe está no mesmo convento que ela. E porque essa mãe é a filha do seu real amante (ver atrás, capítulo anterior). Na vida americana, esta espécie de «Annie do Far West» terá a ver com John Bainbridge (outra encarnação de Cayce que evocámos no volume I). Desta vez, Cayce não é bispo, mas um aventureiro que consome as mulheres e estoiras fortunas... Como diz a leitura 1523-4, a entidade teve de fugir com alguém que foi para ela a causa de muitas perdas materiais — o que lhe deu amargura.

Finalmente, numa quarta vida, reencontramos Mae como assistente do «profeta adormecido» em Virginia Beach onde se integra na equipa da *Association for Research and Enlightenment* (ou seja, a A.R.E.).

Para além do lado anedótico relativo a uma personalidade célebre, esta sucessão de vidas dá-nos toda uma lição de Carma e explica-nos como os pântanos afetivos que atravessamos mergulham as suas raízes num passado anterior. Pois somos de tal modo motivados pelas reações das nossas vidas anteriores! E este desejo que nasce numa vida por um outro ser, e que renasce na vida seguinte, onde chama de novo ao encontro de dois parceiros... Eis o que nos deve tornar indulgentes perante os transbordamentos amorosos alheios!

Para terminar, pode notar-se o interessante comentário de Cayce sobre a entidade que, apesar de tudo, permanecera pura nos seus atos físicos. De facto, Louise de La Vallière, segundo todos os testemunhos da época, nunca foi considerada uma devassa e parece ter amado sinceramente o rei.

A vida ao tempo de Luís XIV

Outras leituras falam de vidas à época de Luís XIV insistindo na confusão religiosa que reinava então. Tendo o protestantismo ganho os países anglo-saxões, muita gente em França punha em causa o ensinamento da Igreja

Católica. Luís XIV teve de arbitrar as querelas trazidas por um certo número de movimentos religiosos: jansenistas, quietistas, protestantes, etc.

Eis, por exemplo, uma dama da Corte, não identificada:

Antes disso, reencontramos a entidade no país francês, quando numerosas mudanças eram trazidas pelas guerras, as trocas e os contactos com a aristocracia espanhola e inglesa [...]. A entidade estava então na Casa dos Luíses, no início da sua época. Ou seja, Luís XIV [Cayce continua a ignorar os «Luíses» da Idade Média!]. Isto trouxe à entidade a experiência dos contactos com a realeza. E na posição em que se encontrava a entidade, nas suas atividades, como Louise, teve de contribuir para o bem geral, dando conselhos e pareceres aos que estavam no poder, com quem tinha trato. A entidade ganhou e perdeu moralmente pois, enquanto estava em relação com os chamados poderes espirituais, ou seja, a Igreja, perdeu confiança devido aos seus agires. Perdeu a fé naqueles que se proclamam competentes para dirigir os outros e acreditam que têm a missão de lhes dizer o que devem fazer. (Leitura 630-2.)

Mais acima, na mesma leitura, Cayce diz que a sua consultante é extremamente inteligente e pode ler facilmente os caracteres. Daí as suas competências como gestora ou guia. Mas as decepções levam à amargura, a qual cria um Carma negativo se se implantar profundamente no psiquismo.

Leitura para um homem que sofreu dos círculos de influência e intrigas da Corte:

Estava no país agora francês. O nome da entidade era Rhaouldth [Raoul?] e vivia numa época em que havia muita contestação e desolação, nos assuntos políticos, sociais e religiosos. Contudo, a entidade tirou numerosas lições desta experiência, observando as pessoas. Pois o seu papel consistia em escolher as roupas do guarda-roupa do soberano. Não como lacaio, mas antes como mestre do guarda-roupa, que decidia o traje, o estilo, o tecido[65]... E, no entanto, combatido muito frequentemente, com alternâncias de favor e desfavor junto de muitos nessa época. Presentemente, é imperativo que não se meta em política. (Leitura 2653-2.)

Os costumes do tempo mal deixavam outras escolhas às mulheres que não o marido (em geral imposto), a prostituição ou o convento. Eis alguém que foi uma filha de Luís XIV — natural ou legítima, não é precisado:

Reencontramo-la à época de Luís XIV, em França. A entidade era então uma das filhas do soberano, que, dececionada com o seu ambiente, decidiu à idade de vinte anos professar os seus votos como enclausurada. Chamava-se Lois, ou Louise [...]. E desta estada vem-lhe hoje a necessidade imperativa, na sua esfera atual, de velar por que os fortes deem aos fracos, e de procurar o amor na sua vida — coisa em que nunca fora satisfeita até então. (Leitura 2740-2.)

Pois o convento, sob o pretexto da religião, que podia ser um refúgio para as raparigas dececionadas, para as raparigas indesejadas, para as raparigas pobres ou ilegítimas, que não tinham encontrado marido, foi finalmente para muitas uma espécie de prisão onde envelheciam frustradas de corpo e de coração.

Eis outra leitura onde são evocadas as célebres sobrinhas do cardeal Mazarino, as cinco irmãs deslumbrantes de beleza e espírito: Laure, Olympe, Marie, Hortense, Marie-Anne (é Marie Mancini por quem Luís XIV esteve apaixonado e com quem não pôde casar).

A entidade estava no país francês onde fazia parte desse grupo de irmãs que frequentavam os Luíses. A entidade pouco apreciava as atividades e as ligações das suas irmãs, pois, sendo materialista, estava sob a influência dos princípios ditados pela Igreja, e para ela, devia-se abrir caminho na vida seguindo a lei à letra, sem nela pôr muito espírito... Foi assim que foi levada a condenar, mesmo os seus próximos. Tal atitude de condenação deve ser hoje eliminada. (Leitura 4046-1.)

Após ter-lhe dito que ela vai reencontrar hoje, nas suas relações, essas mesmas pessoas, Cayce continua:

Vós as tínheis condenado pelos seus agires, pois, para vós, elas estavam em desobediência total à lei. Mas qual é o maior erro: aquele que é fraco na sua carne, ou aquele que, condenando os outros, se condena já a si próprio, como deveria saber? Qual é o maior pecado? Pois, como o Mestre disse, é mais culpado olhar para um homem ou uma mulher com concupiscência do que cometer o ato em si — que pode ser perdoado, e pode levar a viver eventualmente uma experiência; a qual, do ponto de vista espiritual, pode ser criadora no espírito e no corpo. A entidade conhecida como irmã Celecia ganhou moralmente. Mas a entidade criticou; por causa do que, presentemente, se reencontra ela própria num estado de confusão mental. (Mesma leitura.)

Nenhuma das cinco irmãs Mancini se chamava Celecia. Mas talvez Cayce evoque o nome que uma delas tomou na religião. Sabe-se que Maria nunca se consolou verdadeiramente de ter perdido Luís XIV, levou uma vida errante e agitada, separou-se do marido e tomou o véu em Madrid. Será dessa que se trata?

Mudemos de cenário e passemos a outra leitura:

A entidade, nos inícios do reinado de Luís XIV, pertencia então aos grandes exércitos que defendiam o local onde o rei tinha a sua residência oficial. Estava entre os que defendiam os bons princípios tais como eram apresentados pela realeza. A entidade, ali, chamava-se Doran — D. Doran. Procurou, de facto, um desenvolvimento espiritual, mas deixou-se submergir pelas forças constrangedoras que deflagraram na sua vida. Na sua personalidade atual, a entidade procura saber quais são as energias profundas que motivam cada pessoa que lhe propõe a sua amizade. O que faz com que seja lenta a fazer amigos. (Leitura 228-2.)

Moralidade: no ofício de soldado, é preciso por vezes saber resistir às ordens e, sobretudo, às camaradagens nefastas...

Eis, contudo, alguém que aproveitou bem a sua vida sob Luís XIV:

A entidade estava no país francês, e as suas atividades colocavam-na entre os cortesãos da casa — do primeiro e do segundo Luís [entenda-se, de Luís XIV e de Luís XV]. O seu papel consistia, como anfitriã, em distrair as pessoas. Assim, ser-vos-ia perfeitamente possível hoje conseguir um lugar como atriz de teatro, de televisão ou de rádio. Talvez a rádio seja a melhor saída nas circunstâncias atuais para vós. Mas, como a vida é um grande teatro, possa a entidade encontrar as mais interessantes atividades extraíndo-as das experiências passadas que acabámos de indicar acima. (Leitura 5248.)

Ao início, eu tinha lido mal. Como havia *courte-sans* [cortesãs] no texto, tinha compreendido que se tratava de uma dama de "virtude duvidosa", profissionalmente falando. E depois, reli o texto. Ela é qualificada como *entertainer*, ou seja, como anfitriã. E recordei-me que era a época dos salões... As grandes damas de Paris, e todas as outras a segui-las, tinham empenho em manter um salão literário ou artístico, no modelo do da marquesa de Rambouillet. Ali liam-se versos, peças de teatro, romances, cantava-se, dançava-se, mandavam-se vir os artistas, músicos, bailarinos, atores. Na

leitura, a tónica é posta no aspeto artístico das atividades da dama. (Todavia, nem as do Hotel de Rambouillet nem as outras eram necessariamente modelos de virtude!) Os salões literários e artísticos conheceram uma enorme voga em França nos séculos XVII e XVIII, e a tradição perpetuou-se até aos nossos dias.

O Bem-Amado em pessoa...

Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que o dossier n.º 1001-7, estabelecido para um jovem consultante americano de vinte e três anos, relatava a sua encarnação como Luís XV:

Que ele se mostre atencioso, compreensivo, para ajudar o maior número de pessoas nas suas diferentes situações. E a aplicação da sua vontade a este programa dependerá dele, da sua reação às diferentes situações que encontrará neste plano terrestre; pois sobre a sua vontade, sobre o seu comportamento, pesarão as influências mentais [de outrora]. A entidade não é um mercenário pronto a vender-se a quem der mais, nem, todavia, um idealista completo. É antes um homem que mantém um certo equilíbrio entre racionalismo e idealismo. Ou seja, esta entidade considera que os ideais devem entrar numa parte razoável na sua vida. Portanto, a entidade quererá primeiro começar por se conhecer e compreender as relações que o seu próprio «eu» mantém com o que a rodeia?

Quererá trabalhá-las através das suas atividades presentes, e segundo o que construiu outrora? Se sim, então esta entidade poderá tornar-se um ser que trará muito aos outros, que os ajudará a expressarem-se, quaisquer que sejam as situações em que possam encontrar-se. Pois, sabendo no fundo de si mesmo que existe um ideal possível, e que esse ideal pode também ser uma coisa razoável, deverá conformar-se ao preceito dos Antigos: «Oferece o teu corpo como um sacrifício vivo, tornando-o santo e agradável Àquele que é o Dispensador de todos os bens. É um justo e razoável serviço.» E porquê? Mas porque isso foi, e será ainda na sua vida atual, o objetivo perseguido por esta entidade!

Das condições de vida antigas, de onde provêm muitas das experiências atuais da entidade, ela guarda uma vivência, que se poderia traduzir assim: «Como os poderosos caíram baixo!» É o que ele sente profundamente, e por vezes pode ver-se que o exprime pelos seus traços, pela sua fala, pelo seu comportamento. Pois na vida antes desta, reencontramos esta entidade como Luís XV... (Esperemos que a secretária não se tenha enganado no

número... Mas a descrição da personagem que vamos ver corresponde muito bem ao que se conhece do «Bem-Amado».)

Continuemos:

... que reinou sobre a França, com muito poder. Foi dos que procuraram demasiado satisfazer os seus desejos egoístas, ganhando e perdendo no plano moral. Ganhando, porque prestou serviço a numerosas pessoas e foi atencioso para com muitos. Perdendo ao procurar satisfazer as suas paixões, os seus desejos físicos, perdendo pelo mau uso que fez dos seus atributos físicos e mentais. O que atraiu sobre ele forças destruidoras nessa vida, de tal modo que presentemente a entidade procura antes libertar-se das satisfações e desejos da carne. Tenta contrabalançá-los mergulhando no racional, que pretende ser o elemento diretivo de toda a atividade humana, de cada ato do Homem. Prega os atos racionais, com a Razão como base de todo o comportamento. Vê-se-lhe também, hoje, um vivo talento para a música, para o canto, e esta aptidão para prestar serviço a todos. (Leitura 1001-7.)

Seguem-se uma série de conselhos para a vida atual, que não traduzo por repetirem o que já foi dito. Detalhe interessante: Cayce menciona Saturno como planeta influente neste nativo. Ora, recorda-se que Luís XV, com o Sol a 26° de Aquário no nascimento, estava portanto simultaneamente sob a influência de Saturno e de Úrano. O primeiro planeta dá o gosto pela solidão, pela reserva, o que explica por que o rei era tão tímido e detestava aparecer em público. Quanto a Úrano, confere nativos dotados para as artes, as ciências e a música, que Luís XV muito apreciava.

Na vida antes desta, reencontramos a entidade nesse período como o regresso à Terra Prometida. A entidade vivia no tempo em que Ezequiel era o guia, o chefe — com os de Zorobabel que regressaram à Terra Santa — e a entidade ajudou ao reconhecimento da música sagrada no Templo. Pois é uma das primeiras atividades que foram restabelecidas; e como as pessoas regressavam do exílio com a intenção de se porem ao trabalho, a entidade contribuiu para isso, como músico no Templo, e sob a direção dos filhos de Zorobabel. O seu nome era Apolinarius. Na experiência, a entidade ganhou ali, na sua aparência exterior. Mas perdeu moralmente, ao deixar-se levar pelos desejos do olhar, mais fortes que as suas atividades intelectuais. Mas ganhou no domínio do canto, da poesia, nos talentos musicais. Assim, hoje, a entidade estará voltada para essas atividades. (Mesma leitura.)

Depois, Cayce recomenda ao consultante que ouça o *Glória* e o *Aleluia do Monte das Oliveiras* [Spring] de Mendelssohn, para reencontrar o que sentia nessa vida como músico. Pode notar-se também que, no tema de Luís XV, a Casa XII, que indica as vidas anteriores recentes, é habitada pelo signo de Peixes. Signo da poesia, da vida religiosa, da inspiração musical...

Mas continuemos:

Na vida antes desta, reencontramo-lo num período egípcio, enquanto a guerra civil perturbava o país. E quando o ambiente foi mais para o espírito de serviço e para uma melhor cooperação entre os indígenas e os governantes [...], a entidade esteve entre os que fizeram obra construtiva. Nesse tempo, estabeleceu códigos morais e, embora não se possa dizer que tenha sido um moralista, guarda disso um sentimento inato das leis morais. E esse sentimento manifesta-se ainda hoje; não estava ausente sequer da sua vida francesa, o que lhe causou muitos conflitos de consciência. (Mesma leitura.)

Seguem-se conselhos morais e profissionais, e depois as perguntas do consultante:

QUE RELAÇÃO ESTA ENTIDADE TEVE COM A ENTIDADE N.º 294 [o próprio Cayce] NESSE PERÍODO FRANCÊS?

Avô.

A ENTIDADE PODE TER SUCESSO NA INDÚSTRIA DA RÁDIO?

Pode ter sucesso em qualquer coisa, à sua escolha, desde que se encontre a si mesma. (Mesma leitura.)

É de notar ainda que a rádio, tudo o que toca as ondas, é regido por Aquário.

Por outro lado, esta leitura afirma que Luís XV, o Bem-Amado, foi o avô de Edgar Cayce numa das suas vidas antigas... Mas, sabendo que reinou de 1715 (como tinha então apenas cinco anos, foi o Regente que reinou em seu nome) a 1774, como conciliar a leitura acima com as anteriores?

Sabe-se que Luís XV pouco tinha o carácter para mandar assassinar a sangue-frio um dos seus netos, mesmo que incómodo. Pois era muito "família". Tímido, artista, sensual e sensível, guardava uma certa ética moral, como sublinha a leitura acima, mesmo nos seus transbordamentos amorosos. Nunca figurou como homem sanguinário, pelo contrário. Tinha muito mais

compaixão que o seu antepassado Luís XIV (que deixou friamente massacrar os protestantes, por exemplo).

No estado atual das leituras e dos nossos conhecimentos históricos, há apenas uma hipótese possível: Cayce terá tido várias encarnações francesas! Uma sob Richelieu, outra sob Luís XIV, a última sob Luís XV... por que não? E talvez duas vezes como neto de um desses reis (e dos de Inglaterra?). Não é uma hipótese a excluir.

Pois a análise aprofundada das leituras revela por vezes "duplicados". Refiro-me a vidas que se repetem no mesmo país, no mesmo século, sob o mesmo nome, a mesma família... Já tínhamos falado disso a propósito da dupla vida de John Bainbridge. Ver-se-á também no caso de Molière: mesma data de nascimento e mesma profissão. Notei que Cayce começa sempre por dar apenas uma encarnação por país. E é apenas se o consultante insistir muito, e voltar à carga, que ele se decide a dar outras vidas no país em questão. Por exemplo, a consultante norueguesa (ver volume I) ouve dizer que já teve, antes desta, duas vidas ligadas à Noruega.

A consultante francesa (ver acima), a quem Cayce revela uma vida em França sob as Cruzadas, fustiga-o de tal modo que ele acaba por lhe confessar que ela teve uma terceira vida francesa, da qual mais vale não falar. Os comentadores de Cayce perguntam-se mesmo se ele próprio não teve duas vidas egípcias: uma como o célebre Ra-Ta, outra, obscura, como um certo Asapha (leitura 294-142). Para a sua geração, que descobria a reencarnação, já era um bocado difícil de engolir. Assim, Cayce forneceu (incluindo para si mesmo) sequências de vida simplificadas, com uma única encarnação por país para não confundir o seu público!

Isso explicaria que nenhuma princesa real, filha de Luís XIII, de Luís XIV ou de Luís XV, corresponda exatamente à descrição dada por Cayce. Nesta perspetiva de várias vidas francesas repetindo a mesma situação, a hipótese de um neto negro de Luís XV é ainda mais inverosímil. Pois Luís XV casara com Maria Leszczyńska, à qual ninguém, até agora, atribuiu a mínima gota de "sangue negro", pela boa razão de ser arqui-polaca... Mais uma vez, uma princesa real negra com um filho negrinho, no contexto da época, não teria passado despercebida. Tanto mais que, diz ainda Cayce, esta Gracia, que teria sido a sua mãe no século XVIII, era bem conhecida:

A entidade [Cayce] nascera de Gracia, a criança querida da Corte, e do filho do soberano do país em frente, do outro lado da água. As mudanças

ocorridas nas leis que regiam as cortes impediram que esse soberano [a palavra *ruler* empregada aqui pela segunda vez por Cayce refere-se a esse soberano do outro lado do mar] reconhecesse a paternidade terrestre de Dahl. (Leitura 294-9.)

Mantenho-me, portanto, fiel à hipótese de várias vidas francesas (ou franco-inglesas) de Cayce. E sempre em famílias reais! Ele já tinha o hábito das cortes, visto que Ra-Ta como Ujhldt, antigas encarnações de Cayce, eram quase-soberanos. Creio que é muito difícil, nas existências gloriosas e poderosas, não criar nenhum Carma por abuso de poder, prazeres fáceis, desprezo pelos pobres ou violência. Esses Carmas, parece, devem ser corrigidos por um nascimento e uma vida dolorosos no mesmo quadro, isto é, entre os grandes deste mundo. É precisamente o que Cayce sugere:

Pois esta vida na terra, onde a entidade [Cayce] não viveu senão como uma criança pequena, tinha muito a ver com outras condições de existência que já tinham sido as suas noutras vidas terrestres. (Mesma leitura.)

Sobre as vidas repetidas na mesma civilização, no mesmo país, na mesma língua ou até na mesma família, muitas razões foram dadas: necessidade de continuar o mesmo trabalho no mesmo contexto, amor por um país ou por uma família particular que se quer reencontrar. Num plano mais geral, a estabilidade de uma civilização: as entidades evoluídas desejam voltar para ajudar os seus compatriotas a progredir. É assim que Wilfried Chetteoui (*La Nouvelle Parapsychologie*) explica a estabilidade cultural do Antigo Egito ao longo de milénios. É também o ponto de vista dos Druzos, que consideram que um Druzo renasce sempre entre os Druzos, pois são iniciados.

Segundo o Prof. W. Chetteoui, a mumificação teria tido como objetivo atrair as entidades ainda não libertas do ciclo da reencarnação, incitando-as a regressar ao seu querido país do Egito (para as vidas ainda por viver).

Em torno de Luís XV

Eis ainda algumas personagens do «século de Luís XV», cuja vida recolhi nas leituras, e que são interessantes para ilustrar as leis gerais da reencarnação.

Para começar, um neto de Luís XV, acerca do qual Cayce não diz se foi legítimo ou não... o que torna as pesquisas históricas aleatórias (atribuem-se a Luís XV muitos filhos naturais).

... No tempo do reinado dos Luís, a entidade era então um dos filhos de uma das filhas de Luís XV. A entidade progrediu muito espiritualmente, sob o nome de Luís. Dessa vida advém-lhe hoje o dom de se adaptar a qualquer situação, seja ela qual for. Contudo, a entidade está frequentemente fisicamente cansada, e isso provém da morte precoce dessa vida. (Leitura 1719-1.)

A leitura não especifica porquê. As entidades escolhem por vezes um programa de vida curto, que lhes parece mais fácil de cumprir, ou terão feito a escolha de aprender apenas aquilo que é próprio da juventude: as relações familiares, a disponibilidade, o contacto com os espíritos da Natureza, e também os estudos que constituem as ocupações da infância e da adolescência? Nos mapas astrológicos, vêem-se os nativos que preferiram escolher vidas curtas: têm o Nodo Norte, ou a cúspide da Casa XII, ou ainda a Lua, em Gémeos, signo da juventude. São frequentemente pessoas brilhantes: sabem muitas coisas, acumularam anos de estudos nas suas curtas vidas anteriores. Mas ainda não puseram os seus conhecimentos em prática, não tendo tido tempo para se envolver numa verdadeira vida adulta. Eis por que Cayce encoraja o jovem consulente (tem apenas dez anos) a desenvolver a sua vontade de agir:

Sê alguém ativo, não apenas alguém que escuta. (Mesma leitura.)

Por outras palavras, é bom ser estudante e escutar os mestres... mas um dia será necessário aprender a traduzir os conhecimentos no plano prático.

Eis agora uma das amantes de Luís XV, com um comentário geral sobre o ambiente da Corte:

[...] No país conhecido como França, nessa época em que as relações entre os indivíduos e os poderosos que governavam eram regidas pelas paixões, mais do que por princípios intelectuais aplicados ao Bem geral.

A entidade, portanto, encontrava-se na Corte de Luís XV, e entre aquelas que se tornaram favoritas, e que era adorada pelos do país. Contudo, um dia viu-se desprezada. E a última parte da sua vida foi devorada pelo remorso, pela tristeza e pela determinação de acabar com tudo. Assim, morreu tomando veneno. Chamava-se Élian(e). Dessa vida advém o facto de os outros não cumprirem as promessas feitas a ela. Foi uma existência ensombrada, de certo modo. Contudo, tentou muitas vezes dar alegria, prazer, acolhimento compreensivo, àqueles com quem estava em contacto. A

sua vida foi uma luta, em certo sentido, na qual ganhou algum desenvolvimento do corpo mental e do corpo espiritual. (Leitura 1918-1.)

Esta leitura, dada para uma convalescente de quarenta e seis anos, descreve um ser que lutou... e depois acabou por se cansar da luta. Cayce insiste no facto de que o suicídio numa vida traz muitos problemas nas vidas seguintes. As leituras chamam a atenção para o Carma negativo criado pelo suicídio. O que, aliás, foi também o caso do próprio Cayce (ver tomo I).

Eis outra favorita de Luís XV:

A entidade encontrava-se então na casa de Luís XV. Foi uma época louca na vida da entidade, tanto pela quantidade de energia continuamente despendida no serviço como pela corrida às vantagens egoístas que caracterizava então a vida nesse país. Chamava-se Élois [Héloïse?] e era uma companheira do rei e uma companheira das companheiras do rei [as duas coisas ao mesmo tempo]. Na experiência, a entidade perdeu moralmente, depois ganhou, depois voltou a perder. Pois procurou muito os prazeres físicos; e, com a situação fácil que tinha, pouco se importava com a forma como procurava o seu prazer. Foi isso que lhe trouxe a situação penosa que se constata na sua vida atual. Era o amor da facilidade, o amor do conforto, o amor do luxo, a recusa de enfrentar as vicissitudes da vida. Mas, quando prestava serviço, fazendo um esforço, impondo-se uma disciplina, ganhava moralmente com isso. Contudo, regrediu a maior parte do tempo, e é isso que lhe vale os seus problemas atuais. (Leitura 1916-5.)

As vidas de cortesãs abundam nas leituras, em todas as épocas e em todos os países. Contudo, nunca são condenadas enquanto tais. Em algumas dessas vidas, Cayce diz mesmo que a entidade ganhou moralmente de forma completa.

Cayce nem sequer condena, aqui, o facto de «Héloïse», «Élois» parecer ter amado tanto as senhoras como os senhores! O que lhe é censurado é o seu egoísmo, a sua falta de consideração pelos outros na busca do seu prazer. Foi isso que criou um Carma — de modo nenhum o facto de as suas relações físicas terem sido ilegítimas, múltiplas... e bissexuais...

E eis outra mulher, que desempenhou na Corte funções oficiais:

A entidade era então dama de honor na Corte, e conhecia a fundo a vida privada do rei — primeiro Luís XIV, depois Luís XV. Pois a entidade sabia muitas coisas acerca das atividades de uns e de outros na Corte, sobre as suas

relações, as suas intrigas. Atualmente, é competente em matéria de elegância. Quando usa branco, malva, certos tons de púrpura real, sente algo muito especial, que não sente com outras cores. Pois isso está ligado à sua experiência de então [...] Mas não esqueçais de ter sempre uma atitude construtiva nas vossas relações com os outros, de lhes trazer sempre algo de positivo. Não abandonéis a Igreja, ainda que as vossas atividades nessa vida não vos tenham levado muito a honrá-la como devíeis tê-lo feito a título individual. O nome da entidade nessa experiência de vida era Matilda Snell [Mathilde Estelle?], embora fosse conhecida sob outro nome entre as pessoas da Corte, quando veio de Château-Thierry. A entidade teve conhecimento das atividades que conduziram à Revolução. Atualmente, deve tomar consciência das tendências que trazem energias positivas à vida dos povos, e trabalhar nesse sentido. (Leitura 1612-1.)

A leitura é dada para uma mulher de cinquenta e um anos, a quem é portanto aconselhado trabalhar no social e no político. Quanto ao conselho de Cayce relativo à Igreja, que a entidade em questão é encorajada a frequentar, não é um conselho dado de forma geral a todos. Trata-se antes de um conselho pessoal, dado para um caso particular: a consulente faz parte daquelas pessoas que precisam de estar enquadradas numa estrutura bastante precisa, caso contrário não fazem nada de bom.

Provavelmente já era o caso dessa dama da Corte, cujo escolha de encarnação nesse tempo a conduziu a um meio regido pela etiqueta, onde os comportamentos eram codificados segundo regras minuciosas. Habituada a trabalhar segundo diretrizes exigentes, essa senhora tem provavelmente necessidade de reencontrar algo semelhante numa Igreja. Não está madura para a independência..., como dizia a poetisa Carmen Sylva, rainha da Roménia: «A etiqueta é feita para as pessoas que não têm educação. A Igreja, para as pessoas que não têm religião. E a moda, para as mulheres que não têm gosto.»

Passemos agora a outra leitura de vida anterior, a de um médico:

Encontramo-lo como médico da Corte sob Luís XV, e evoluiu como o homem espirituoso que faz rir a assistência, o animador, mas com muita classe. Esse humor exprime-se hoje na sua personalidade [...] Trará muita alegria aos seus, em casa, especialmente quando está em contacto com pessoas nascidas nos últimos dias de Janeiro, de Junho ou de Novembro. (Leitura 4169-1.)

Em matéria de humor, os campeões são os que nascem com o Sol em Capricórnio, em Gémeos ou em Escorpião. Tendo em conta a correção (ayanamsa) necessária devido ao desfasamento provocado pela precessão dos equinócios — da qual Cayce é partidário —, os nativos do fim de Janeiro são efetivamente Capricórnio (pelo seu Sol); do mesmo modo, os do fim de Junho são de facto Gémeos, e os do fim de Novembro claramente Escorpião. Os grandes humoristas, os profissionais do humor, têm quase sempre um mapa marcado por estes três signos. Ora é Sol em Capricórnio, ascendente Gémeos; ora Sol em Gémeos, ascendente Escorpião; ou ainda Sol em Escorpião, ascendente Gémeos, como em Capricórnio, etc.

Capricórnio, a cabra dos glaciares com a sua barbicha, representa o sábio, aquele que sabe observar com distanciamento, friamente. Gémeos, símbolo da adolescência, dá o gosto pelos jogos de palavras, enquanto Escorpião tem um prazer malicioso em emitir opiniões perturbadoras... Os três signos são globalmente regidos por Mercúrio (a inteligência), Saturno (a reflexão), Marte (o dinamismo) e Plutão (a intuição das coisas secretas). Cayce diz algures que a intuição é o primeiro grau do desenvolvimento das faculdades «psi», e o traço de humor brilhante, incisivo e intuitivo é disparado por aquele que não se deixa afogar pelas provações da vida terrestre, aquele que as domina de um pouco mais alto. Em suma, quando reunis Capricórnios, Gémeos e Escorpiões, é um festival!

Por fim, eis duas leituras que descrevem vidas de altos dignitários da Igreja, ocupados com política:

Na vida anterior à atual, encontramos-lo como Bélarn [Béarn?] nas cortes do tempo de Luís XV; a entidade era então francesa, e era mesmo cardeal nessa Corte. Dessa permanência terrestre vem-lhe essa tendência que tem na vida presente para desconfiar daqueles que depositam demasiada confiança nas religiões. (Leitura 182-2.)

O consulente, um homem de trinta e seis anos, tinha feito estudos religiosos numa vida grega — já então.

Ao outro consulente foi dito:

Chamava-se Rhoul [Raoul] no tempo de Luís XV em França. A entidade exercia então funções de cardeal, o segundo nessa época. O estado eclesiástico, que se manifestava publicamente através do traje, com as suas prescrições relativas à vida física no século, trouxe-lhe uma profunda angústia

e uma grande desconfiança dos outros em relação ao indivíduo que ele era. Daí que não tenha encontrado nessa vida o florescimento que se poderia esperar, na posição de poder que ocupava. Daí hoje a sua desconfiança em relação às pessoas, procurando saber quais são as suas motivações determinantes, logo que entra em contacto com elas. Considera muitas vezes que a confiança que nelas foi depositada é mal colocada! (Leitura 195-14.)

O consulente tinha sido, no Antigo Egipto, astrólogo e profeta, um vidente religioso, e ocupara-se particularmente da construção da grande Esfinge de Gizé. Colocou a Cayce uma pergunta sobre a sua vida francesa do século XVIII:

QUAL ERA A POSIÇÃO OFICIAL DA ENTIDADE EM FRANÇA?

Aquilo a que hoje se chamaria o secretário privado, o assistente de De Fleury [66]. (Mesma leitura.)

Depois colocou uma pergunta para saber em que medida tinha participado precisamente na construção da grande Esfinge de Gizé; ao que Cayce respondeu:

À medida que se reconstruíam os monumentos da planície onde hoje se encontra a pirâmide de Gizé, a entidade que foste construiu os alicerces da Esfinge. Exerceu funções de superintendente. Foi ele quem desenhou os planos geométricos.

Dei a leitura no tomo I.

Assim, o nosso século XVIII foi povoado de pessoas que tinham «feito» o Antigo Egipto... Daí a esplendorosa grandeza artística e intelectual inigualável do «século de Luís XV».

Noutra leitura, o mesmo consulente tinha ouvido dizer:

Que estava no país das cortes francesas no tempo de Luís XV, e que nesse momento se encontrava na Corte, oficialmente a segunda autoridade no mundo eclesiástico da época, e que estava no gabinete do cardeal daquele tempo. (Leitura 195-8.)

Eis o que diz o meu precioso Dicionário Bouillet sobre o cardeal de Fleury:

«André Hercule de Fleury, cardeal e ministro nascido em 1653 (...), tornou-se preceptor do jovem Luís XV e soube conquistar toda a confiança do

jovem aluno. Em 1726, foi escolhido para substituir o duque de Bourbon no cargo de Primeiro-Ministro; no mesmo ano, foi nomeado cardeal...»

Não fiz pesquisas biográficas detalhadas sobre Fleury para saber quem era o seu secretário... pobre jovem a quem o traje eclesiástico incomodava muito na sua vida amorosa na Corte!

Cayce, na leitura dada para este consulente, coloca a palavra «cortes» no plural — o que não tinha feito para aqueles que viveram sob Luís XIV. Com efeito, durante a menoridade de Luís XV (que tinha apenas cinco anos à morte do seu bisavô Luís XIV), houve a corte do Regente — diferente, pelo seu ambiente, da de Luís XV quando atingiu a idade adulta. Os membros importantes da família real, assim como os Grandes, tinham a sua corte (mas «a Corte», com maiúscula, era a do Rei).

Por fim, depois de todo este mundo dourado nas margens, eis uma entidade que foi guarda do exército na Corte de Luís XV. Daí a sua aversão atual por esse tipo de situação (leitura 4121-2).

Pois ali perdeu a vida.

Este guarda tem várias características interessantes: tivera uma vida grega durante a guerra de Troia — com Cayce (ver tomo I) — na qual era soldado e guarda do portão principal da cidadela (segundo a leitura 5717-5), depois ainda outra vida grega, desta vez no mundo helenístico:

Quando Alexandre veio acampar diante da porta da cidade de Hélicie, onde os invasores, com a sua infantaria, destruíram o batalhão armado comandado por este indivíduo. (Leitura 4121-2.)

Eis alguém a quem, em três vidas consecutivas, foi atribuído o papel de sentinela armada diante de uma porta... Espera-se que este jovem consulente de vinte e cinco anos não tenha sido obrigado a cumprir o serviço militar como plantão no exército americano! Enfim, como todas as encarnações francesas, reencontramo-lo um dia no Egito, na região das colinas (mesma leitura, que não detalha... e é pena: teria sido interessante saber que palácio de faraó guardava nesse tempo!).

O paraíso das artes e das letras

A intensidade da vida cultural francesa no tempo dos Luís, como diz Cayce, reflete-se nas leituras: entre as cerca de trinta vidas descritas nesse período, são muito numerosos os artistas, os intelectuais, as pessoas

ocupadas com a arte a diversos níveis. Se a grande maioria das encarnações evocadas decorre na Corte e em Paris — a Corte e a Cidade! —, é também porque os reis e os grandes senhores dessa época tiveram a peito exercer mecenas junto dos artistas. Toda a gente participava então na vida cultural e artística, incluindo o povo miúdo de Paris.

A arte é, nessa época, um meio de promoção social, e exprime-se por toda a parte. Paris é então uma cidade de artesãos e artistas que fabricam objetos de rara finura, reputados em toda a Europa pela sua qualidade — daí o seu preço hoje! Desde os «salões» do século XVII até aos «bistrôs» do século XX, parece que os Franceses, fiéis nisso às suas origens egípcias, sempre consideraram a arte tão necessária como o pão!

Assim, séculos de intensa criatividade cultural e artística refletem-se nas leituras. Pensei que isso merecia um capítulo especial. Já evoquei os artistas do período gaulês e do Renascimento, mas vamos sonhar um pouco com estas vidas de escritores e artistas, entre os quais o mais conhecido de todos: Jean Poquelin, conhecido como Molière! O mais célebre dos nossos clássicos!

A leitura foi feita para um bebé nascido a 15 de Janeiro de 1942, nos Estados Unidos[67]:

Esta criança manifestará um grande interesse pela decoração de interiores e por tudo o que com ela se relaciona. Interessar-se-á também pela música, e igualmente por tudo o que diga respeito à arte dramática. [...] No que se refere às influências astrológicas, será melhor falar disso quando lhe for útil. Por agora, indicaremos apenas uma existência passada no plano terrestre, que os seus pais e educadores farão bem em conhecer para saberem como agir com esta personalidade.

Com efeito, acontece muitas vezes — como no caso desta entidade — que se encarne para completar um ciclo, isto é, que se encarne na mesma data e com o mesmo bagagem astrológica que na estadia terrestre anterior. Em termos claros, renasce-se no mesmo dia e no mesmo mês (aproximadamente, pois houve variações nos calendários). Assim, os períodos de atividade desta vida serão muito semelhantes aos da anterior, reencontrar-se-ão as mesmas tendências latentes, bem como as visíveis. A psicologia, a filosofia, a arte dramática, a crítica teatral, eis para onde o levarão os seus gostos e o seu temperamento.

Pois, na vida anterior, a entidade encarnou em Jean Poquelin, conhecido como Molière, o grande autor dramático francês. [Com efeito, Jean-Baptiste Poquelin, dito Molière, nasceu igualmente a 15 de Janeiro de 1622.]

No que diz respeito às características da sua personalidade, a influência mais forte dessa vida foi a da sua mãe, com quem mantinha laços estreitos. Assim será também hoje. Ela terá grande importância no desenvolvimento desta criança, desde os primeiros anos. Não apenas devido à tendência natural de uma mãe para se sentir mais atraída por um dos seus filhos, por causa de alguma aflição aparente de que pensa que ele sofre [o bebé para quem foi dada a leitura nascera com lábio leporino], mas também por causa desse laço na vida anterior, em que a morte precoce dessa mãe tinha perturbado profundamente a sua existência. (Leitura 2814-1.)

A mãe de Molière, efetivamente, morreu quando o seu filho era muito jovem. Ela tinha-se, segundo Cayce, reencarnado como a mãe atual deste bebé, daí o amor que a sua mãe nutre por ele, assim como as numerosas discussões que terão entre si. E é isso que terá a maior influência nos seus anos de juventude. Pronto para as perguntas.

QUAIS SÃO OS SEUS TALENTOS, AS SUAS APTIDÕES? pergunta a família do bebé (que não compreendeu muito bem quem era esse Poquelin, conhecido como Molière):

Como já dissemos, a decoração e o mobiliário de interiores. Pois, enquanto Molière, ele também trabalhara para Luís XIII na decoração de aposentos e habitações. E tudo isso se combinava com a arte do diálogo, com a filosofia. Pois esta criança dar-vos-á sempre as razões pelas quais fez isto ou aquilo, mesmo muito nova. Se lho perguntardes, nunca responderá: «Não sei», mas dar-vos-á sempre a causa, a razão dos seus atos, e filosofará sobre isso! Assim, desde os seus estudos primários, deveríeis orientá-lo para a psicologia e para tudo o que diga respeito às coisas do espírito, mesmo muito novo. Tende o cuidado de lhe explicar tudo. Colocar-vos-á muito mais perguntas do que os outros rapazes da sua idade.

E POR QUE VEIO PARA JUNTO DOS SEUS ACTUAIS PAIS?

Por uma atração natural, em particular em relação à sua mãe.

E COMO PODE A SUA AVÓ AJUDÁ-LO DA MELHOR FORMA NA SUA VIDA?

Respondei às suas perguntas! E fará imensas! Prestai atenção às linhas orientadoras que vos demos. A criança precisará disso, precisará dessa atenção que lhe dedicareis esforçando-vos por dar a resposta certa. Não eviteis as suas perguntas. Quando interrogar, respondei, o mais exatamente que puderdes, e na medida em que souberdes a resposta! Eis que desta vez terminámos. (Mesma leitura.)

O que Cayce diz é exato: Jean-Baptiste Poquelin herdara do pai o cargo de «tapeceiro do rei», e foi nessa qualidade que acompanhou Luís XIII a Narbonne em 1642. É igualmente verdade que fez excelentes estudos no «colégio de Clermont» (actualmente liceu Louis-le-Grand), onde brilhou particularmente na filosofia...

Eis agora uma encarnação de pintor, muito interessante, porque também mostra interesses artísticos que se prolongam de uma vida para a outra, pois este aluno de Rubens fora, anteriormente, um escultor grego e, antes ainda, um decorador egípcio!

A entidade encontrava-se em França, nessa época em que a arte, em que os talentos artísticos eram apreciados ao mais alto nível, tanto na Holanda como em certas regiões de França. E, nos seus estudos de arte, seguiu sobretudo esse grande artista que foi Rubens. O seu nome era: Heimer. A entidade foi um grande aluno de Rubens, de quem aprendeu a arte de representar o corpo humano e as suas expressões, a arte de representar certos pormenores como as vestes e os drapeados. E verificamos que hoje a entidade deveria seguir essa via, quer como aguarelista, quer na pintura a óleo [...]. De qualquer modo, que se inspire em Rubens e nas suas composições, não apenas para retratos, mas para tudo o resto, pois foi seu estudante, seu sucessor, nessa época e nesse país. E toda essa vida, nesse período, foi para a entidade um momento de grande desenvolvimento. (Leitura 1789-7.)

Deixo aos especialistas o cuidado de reencontrar esse aluno de Rubens...

E eis outra leitura, excecional no sentido em que analisa o que a arte pode trazer de abertura espiritual a toda uma sociedade:

A entidade encontrava-se em França, na Corte de França, sob o reinado dos Luís, nessa época, e num ambiente em que o teatro exercia uma fortíssima influência nos meios próximos do rei e da família real. A entidade

era familiar de Voltaire, e sua aluna. Seguia-o em tudo o que dizia respeito não apenas à música, mas também ao estudo dos costumes, à pintura da vida em sociedade, à psicologia dos indivíduos; tudo isso era posto em cena e interpretado pela entidade nessa época, que se chamava Duchaine — Mme Duchaine. E, apesar das provações sofridas no plano físico, havia sempre o amor, a exaltação da sua profissão, que sustentava a entidade e trazia esperança, ainda que numa linha que muitas vezes parecia revolucionária às pessoas daquele tempo.

E assim a entidade prestou serviço à humanidade ao lutar pela liberdade de expressão; lutou para libertar aqueles que eram oprimidos pelo egoísmo de certos indivíduos, que tinham em vista apenas os seus próprios apetites e prazeres pessoais... A entidade fez muito para trazer às pessoas da sua época uma visão espiritual e explicar as relações de todo o indivíduo com as Forças Criadoras [isto é, Deus] aplicadas na experiência quotidiana das relações com os outros. Que a entidade faça o mesmo hoje nas suas atividades, não tanto na arte dramática, mas naquilo a que se chamará o «coloquialismo», isto é, a relação, a comunicação, entre os diversos grupos e os diversos indivíduos. (Leitura 1510-1.)

Esta mulher fora anteriormente grega, de grande beleza e grande talento; depois de ter colocado essa beleza ao serviço da política — por vias pouco morais —, colocou-a em seguida ao serviço do Templo fundado por Ujhlt. Antes ainda, fora a favorita de um faraó egípcio.

Ao reler a leitura, fiquei impressionada com a personalidade excepcional que dela se destacava: uma mulher inteligente, artista, culta, preocupada com o progresso social numa linha muitas vezes revolucionária. Uma personalidade de primeiro plano, além de aluna de Voltaire... Mas trata-se da célebre Mme du Châtelet! Cayce, ao datar a leitura, tinha, ao que parece, tido o cuidado de repetir por duas vezes o seu nome. Mas o ouvido pouco treinado da sua secretária compreendeu Mme Duchaine, quando é certamente Mme du Châtelet, essa mulher esclarecida e generosa que corresponde tão bem à descrição de Cayce.

Começa por dizer que a entidade estava em França, na Corte de França, sob o reinado dos Luís. E o Larousse descreve assim o início da carreira da amiga de Voltaire: «Émilie Le Tonnelier de Breteuil, marquesa du Châtelet (Paris, 1706, Lunéville, 1749). Filha do barão de Breteuil, introdutor dos embaixadores na Corte de Luís XIV, tornou-se, após o seu casamento em 1725

com o marquês du Châtelet-Lomant, alto-general dos exércitos do rei, dama de tabouret da rainha.»

Com efeito, Cayce fala dos meios próximos do rei e da família real. Fala do teatro e da sua influência. Ora, sabe-se que Voltaire escreveu um certo número de peças. No castelo de Cirey, na Champanha, onde viveu com a marquesa du Châtelet, havia um teatro onde essas peças eram representadas — peças que hoje nos parecem bem fora de moda, mas que tiveram, na época, uma influência importante.

Continuo a leitura:

«A sua ligação com Voltaire, por quem a bela Émilie, como ele a chamava, deixou o marido e a sua posição na Corte, começa em 1733. Durante quinze anos, ela foi para ele uma amiga segura e uma conselheira prudente. Retiraram-se primeiro para Montieu, perto de Autun, depois para Cirey, na Champanha. A marquesa era muito erudita; para lhe agradar, Voltaire montou um laboratório, comentava Newton, e enviava à Academia das Ciências uma memória sobre o fogo.»

A marquesa tinha mesmo traduzido Newton para francês (Tradução dos Princípios de Newton, em 1756).

Na leitura, Cayce presta uma homenagem indireta, através da sua aluna e amiga, à generosidade de Voltaire. O escritor tomou corajosamente partido pela liberdade religiosa quando alguns dos seus concidadãos foram atacados por causa da sua pertença às comunidades judaicas e protestantes (casos Calas e Sirven). Ele e ela militavam através dos seus escritos — e é isso que diz Cayce — pela tolerância, pelas liberdades, não só religiosas, mas também cívicas. Pois a doçura de viver do século XVIII deixava, ainda assim, muitos excluídos. Voltaire foi odiado pelos beatos porque criticou a hierarquia eclesiástica. Estes fizeram-no passar pelo próprio Diabo!

Na realidade, ele e ela eram crentes, mas recusavam enclausurar Deus no espartilho dos dogmas católicos de então. Era isso que, na época, se chamava «ser deísta». Cayce, aliás, põe a tónica na orientação espiritual de Émilie du Châtelet — e, portanto, na verdade, de Voltaire, com quem ela partilhou todas as grandes ideias do século XVIII.

A entidade fez muito para trazer às pessoas da sua época uma visão espiritual e explicar as relações de todo o indivíduo com as Forças Criadoras, isto é, Deus.

Mas esta visão não convencional de Deus só podia atrair críticas violentas ao célebre casal. As suas ideias contribuíam certamente para a tomada de consciência de toda uma sociedade — numa linha revolucionária, como diz Cayce. As devotas de sacristia fizeram passar Voltaire por um «libertino» e a sua amiga por uma louca (mesmo nessa época, era difícil ser mulher e fazer respeitar as suas ideias!).

E, no entanto, nesta longa ligação de quinze anos, não houve «libertinagem». Apenas uma paixão total e partilhada, com um ideal em comum — paixão que acabou por se gastar com o tempo, evoluindo para afeição e amizade. A memória de Émilie foi enlameada por invejosos[68]. Cayce faz-lhe justiça ao descrever a sua vida como benéfica e útil à sua época. Reparaste neste nome próprio, Émilie? Este nome e todas as formas próximas (Amélie, Amé, Aimé, Émile, Émilienne, etc.) vêm da Atlântida, onde Cayce diz que o Cristo cósmico se encarnou sob o nome Amilius — a bela Émilie tinha sido atlante!

A leitura evoca também as provações suportadas no plano físico. Mme du Châtelet não tinha boa saúde — é, aliás, uma das razões pelas quais preferia uma vida calma no campo — e parece ter sofrido de problemas ginecológicos, que, por fim, a levaram à morte: sabe-se que morreu de parto (para desespero de Voltaire, que não era responsável pela criança). Podem ver-se algumas recordações desta mulher notável no castelo de Breteuil, no vale de Chevreuse, a sul de Paris.

Esta leitura extraordinária confirma, uma vez mais, a continuidade espantosa da criatividade artística entre a França, a Grécia antiga e o Egipto faraónico.

Esta época apaixonante estimulava não só as artes e as letras, mas também toda a investigação intelectual e científica. Foram numerosas as descobertas, ou redescobertas, desse tempo.

Eis, por exemplo, uma leitura sobre o marquês de Jouffroy d'Abbans, que construiu os primeiros barcos a vapor:

Antes disso, a entidade esteve entre aquelas pessoas que receberam a visita do inventor da máquina a vapor, isto é, Fulton, que veio visitá-las em França. O seu nome era Eben Claire [a secretária de Cayce, honestamente, acrescentou um ponto de interrogação, significando com isso que não tinha a

certeza de ter compreendido o nome. O resto da leitura mostrará que se trata de Jouffroy d'Abbans, que corresponde perfeitamente ao retrato].

E esta entidade estava na casa onde a entidade Fulton veio visitar; e a entidade Eben trabalhou, no plano técnico, para aplicar, neste país, as ideias que tinham sido concebidas no decurso desta colaboração com Fulton, durante a sua estadia lá. Falou-se muito pouco disso, e estas atividades da entidade no Sena são muito pouco conhecidas... (Leitura 490-1.)

É Jouffroy d'Abbans, com efeito, quem construirá o primeiro barco a vapor.

O «pyroscaphe [69]» ou «navio de fogo» tinha cento e trinta pés de comprimento (quarenta e cinco metros), catorze pés de largura e um calado de três pés. Estava munido, de cada lado, de rodas motrizes de pás, às quais uma máquina a vapor de dois cilindros imprimia um movimento de rotação contínuo.

Após vários ensaios conclusivos, a experiência pública foi fixada para 15 de Julho de 1783. Nesse dia, dez mil pessoas, e todas as sumidades científicas da cidade, reúnem-se nas margens do Saône para ver evoluir o pyroscaphe, o primeiro navio movido a vapor.

Claude de Jouffroy está ele próprio no barco, decidido, diz-se, a matar-se com um tiro de pistola se a experiência falhar, essa experiência em que pôs toda a sua alma e toda a sua fortuna. Mas, com à-vontade e majestade, diante da multidão maravilhada, o pyroscaphe sobe o Saône até à Île Barbe. Durante mais dezasseis meses, funcionará na perfeição.

Um acto notarial é imediatamente lavrado em Lyon e oficializa o feito de ter feito avançar um barco «sem o auxílio de qualquer força animal e pelo efeito da bomba de fogo».

Vinte anos antes de Fulton, cujo barco a vapor navegará no Sena em Agosto de 1803, Claude de Jouffroy d'Abbans foi o primeiro a conseguir aplicar o vapor à navegação. O mecânico americano, muito lealmente, não contestará esse mérito ao francês e exclamará: «Se a glória do pyroscaphe pertence a alguém, pertence ao autor das experiências de Lyon, feitas em 1783 no Saône.» Pode ver-se o barco a vapor de Jouffroy d'Abbans no Museu da Marinha, em Paris.

Em 1816, renovará a experiência em Paris e fará navegar o Charles-Philippe no Sena. Mas Jouffroy d'Abbans arruinou-se, teve uma vida muito infeliz e nunca fez fortuna com a sua invenção, que foi explorada por outros. Napoleão, pouco interessado na marinha, não lhe deu apoio. Quanto à «Royale», não via interesse em sujar as suas velas com vapor...

Morreu quase sozinho, em 1832, numa miséria negra. Os seus restos seriam lançados ao acaso com os outros no cemitério dos Inválidos. Quando, em 1859, o cemitério for suprimido, os ossos serão despejados no grande anonimato das Catacumbas parisienses. Até no túmulo, Claude-Dorothée, marquês de Jouffroy d'Abbans, inventor da navegação a vapor, devia permanecer um desconhecido.

Esta justiça, que através do seu nome a França devia fazer a si própria, demorou muito a chegar. Foi o nome de Fulton que levaria o primeiro couraçado francês. Teria de se esperar até 1887 para que o nome de Jouffroy fosse dado a um modesto aviso da Marinha nacional destinado à polícia do Senegal. Nenhum navio da marinha de guerra ou da marinha mercante francesa foi desde então baptizado «Jouffroy d'Abbans».

Hoje, o alcance e a prioridade de Jouffroy são claramente reconhecidos tanto no estrangeiro como em França. Foi necessário, ainda assim, mais de um século para que este grande franc-comtois obtivesse reparação.

Toda a sua vida não terá sido senão uma sucessão de deceções e desgraças. Ao dedicar-se, ele aristocrata, a um trabalho manual julgado indigno da sua condição, invadindo ao mesmo tempo as prerrogativas da burguesia do terceiro estado, ciumenta de reservar para si a indústria e o comércio, que lhe ofereciam incomparáveis possibilidades de enriquecimento; arruinando-se a si e aos seus com realizações e experiências cujo interesse, de resto, escapava, sem se justificar pelo sucesso; Jouffroy colocou-se à margem de uma sociedade rígida, onde cada classe tinha os seus deveres, os seus privilégios e, sobretudo, os seus preconceitos, que deviam sobreviver muito depois da Revolução.

E Cayce tem razão: Jouffroy d'Abbans continua pouco conhecido. Pode, aliás, visitar-se o surpreendente pequeno museu que conta a sua história trágica, no seu castelo natal no Jura (castelo d'Abbans-Dessus, no Doubs).

A continuação da leitura é ainda mais espantosa. Pois Jouffroy d'Abbans não estava na sua primeira vida de inventor:

Antes disso, a entidade encontrava-se num ambiente algo diferente e, no entanto, muito próximo no tipo de atividade desenvolvida, pois vivia no tempo em que este grande artista, este grande músico, este grande sábio realizou as primeiras experiências de máquinas mais leves do que o ar, ou ainda pintava figuras que se tornaram como a ilustração do mistério do sorriso — para uma delas em particular... Pois a entidade chamava-se então Guiraleldio e era o assistente de Leonardo da Vinci nas suas experiências científicas. E atribui-se a Vinci, enquanto investigador científico, muitas invenções que, na verdade, se devem à entidade em questão. Nessa vida, a entidade perdeu e ganhou — perdendo confiança em si no plano das relações humanas e da justa inteligência dessas relações. Pois a entidade desperdiçou em grande parte os seus talentos, porque levou uma vida de devasso, de fora-da-lei, sob a influência de más companhias. (Leitura 490-1.)

Temperamento revoltado, não se tinha apaziguado completamente na vida seguinte, pois, enquanto Jouffroy d'Abbans, manifestou na juventude um carácter impulsivo e briguento — que o levou a cumprir dois anos de prisão no forte Sainte-Marguerite (na cela do misterioso «Máscara de Ferro»!). Tinha, na Corte, insultado o conde d'Artois — futuro Carlos X — numa rivalidade amorosa que o opunha a esse irmão do rei. A sua total falta de diplomacia foi em parte responsável pela sua ruína financeira: não soube inspirar confiança aos poderosos do seu tempo, que poderiam, e deveriam, tê-lo apoiado. Mas era então preciso saber fazer a corte àqueles que tinham meios de lhe encomendar trabalhos. «A sua invenção, diz o Dicionário Bouillet, fez a glória e a fortuna de Fulton.» Só após a sua morte — demasiado tarde para ele! — foi reabilitado: «A Academia das Ciências reconheceu e proclamou os seus direitos em 1840.» (Ibid.)

Luís XVI, Maria Antonieta e a Revolução

Muitas leituras descrevem vidas francesas sob a Revolução. Alguns episódios, como a fuga para Varennes, são particularmente marcantes. Isto, provavelmente, por causa do fenómeno da reencarnação de grupo, que reúne certas pessoas em torno de certos acontecimentos precisos.

A família real tem o papel principal, com todos os mistérios que a rodeiam, mas muitos atores secundários, à sua volta, desempenham papéis diversos.

Esta luz lançada sobre um dos dramas mais controversos da nossa História apaixonou-me, e espero que apaixone também os meus leitores!

A faraó Maria Antonieta

A mulher de Edgar, a requintada Gertrude, tinha uma tia extraordinariamente dinâmica que ajudou muito os jovens cônjuges Cayce nos seus começos. Esta tia tinha um marido que foi um dos raros médicos do seu tempo a acreditar na medicina cayciana. Vieram instalar-se em Virginia Beach para trabalhar no Hospital Cayce. O casal ficou durante muito tempo sem filhos e, finalmente, teve um filho. Claro que, sempre que surgia uma dificuldade, e em particular durante essa gravidez tardia, o tio e a tia pediam uma leitura ao seu sobrinho.

Ora, um dia, tiveram a surpresa de ouvir dizer... que já tinham sido casados um com o outro, em França, no fim do século XVIII! Que o bom Dr. House não era outro senão a reencarnação de Luís XVI, a sua mulher de Maria Antonieta, e o filho deles... de Luís XVII! Levaram a coisa com inocência e não se melindraram minimamente, pois, nos seus dossiers, não há uma única pergunta sobre estas três personagens históricas! Isso não devia interessar-lhes muito. Tu e eu teríamos assediado Cayce com perguntas do género: «E como é que o pequeno Delfim foi arrancado à sua prisão? E como é que morreu? E era ele filho de Axel de Fersen? E quem o fez fugir? E Napoleão sabia? E... as vidas anteriores de Luís XVII? De Napoleão?» Ah, que pena que Cayce tenha morrido!

Quero ainda acrescentar que tive a curiosidade de ir procurar fotografias antigas do médico e da sua mulher: bem, acredita se quiseres, há semelhança! O médico, na fotografia, tinha o nariz comprido, o queixo mole e o olhar um pouco desencorajado que se vê em tantos retratos de Luís XVI.

Quanto à tia, sendo morena, a sua aparência geral, a sua postura, o seu porte de cabeça ofereciam uma semelhança certa com a rainha: o mesmo encanto, a mesma atitude bastante ativa, o mesmo olhar brilhante e agudo. Não se pode falar de cópia conforme — a semelhança não é exata —, mas é antes um «ar de família», uma mesma impressão que se desprende. Aqueles que conheceram a tia House dizem que toda a gente se voltava para ela na rua, reparando no seu «porte de rainha» e na sua elegância...

A minha amiga Geneviève Galliford, cônsul de França em Norfolk, que descobriu comigo estas leituras, contou-me que, na sua família, existia uma tradição: a criança real arrancada ao Templo teria sido levada para o fundo de um castelo de Auvergne, para casa de um dos seus antepassados, a fim de aí ser escondida...

Última observação, enfim: o Sol, que indica o programa de vida, não se realiza totalmente numa vida; muito frequentemente, é necessária a seguinte... Recorda-se que Luís XV, com o Sol em Aquário, tinha portanto como programa de vida a música e a amizade. Não tendo podido realizar senão incompletamente o seu programa, é nesta vida americana que o vai fazer (o seu dossier menciona que ele já compôs música). Luís XVI tinha o Sol em Virgem, signo do médico: foi isso mesmo que ele se tornou na encarnação seguinte! Sabe-se que ele se interessou muito — enquanto rei — pelos trabalhos de Mesmer, e incentivou toda a Corte a vacinar-se contra a varíola, então uma novidade médica!

Quanto a Maria Antonieta, tinha o Sol em Escorpião, signo das bruxas e das fadas feiticeiras! Se, enquanto rainha, não conseguiu conjurar o mau destino, nesta vida ela foi a boa fada dos Cayce... Ei-la:

É alguém que, ao que parece, dando muito aos outros, atrai para si próprias situações muito pouco satisfatórias para ela. Alguém que atribui grande importância ao desenvolvimento da Verdade, tal como a percebe através das faculdades parapsicológicas, da mediunidade, de tudo o que estas podem trazer como ajuda aos indivíduos. Alguém que teria sido uma maravilhosa enfermeira. Alguém que tem o dom de simpatizar com qualquer pessoa, seja qual for a sua condição, e vai muito mais longe do que os outros nesse dom de simpatia, nesse dom de atrair o outro.

No que diz respeito às vidas anteriores na Terra, elas têm muitos laços com a sua existência atual.

Na vida que precedeu esta, encontramos que esta entidade foi a rainha que foi decapitada, enquanto Marie-Thérèse, isto é, Maria Antonieta, como é conhecida na História. E essa vida foi ao mesmo tempo um desenvolvimento e um atraso morais. Pois, no início do exercício do seu poder real no plano terrestre, trouxe simultaneamente muito bem e muito mal a inúmeras pessoas. E agora deve enfrentar tudo isso no plano terrestre. Isso, é apenas assim que atingiremos a Força que o Mestre manifestou quando Se encarnou na Terra. Na vida anterior a essa, reencontramos a entidade nos exércitos gregos, numa época em que esses povos conheciam uma expansão do seu domínio sobre o mundo, pelo menos sobre uma parte do mundo. O seu nome foi: Airdarel.

A entidade fazia companhia àquele que era Xenofonte e vivia na sua casa. [«Companion» designa aqui, ao que parece, o protegido (mignon) de Xenofonte, em conformidade com o uso estabelecido entre os Gregos!] Era sob a República, e a entidade ajudou esse dirigente a trazer aos seus concidadãos o melhor que podia. Nisso, a entidade desenvolveu-se moralmente. Ficou-lhe uma aptidão para aconselhar e fazer-se ouvir quando os outros falham. Quanto às competências da entidade nessa época, poder-se-á saber muito mais quando se tiverem descoberto os seus escritos, que ainda existem nas ruínas das cidades destruídas desse país. (Leitura 760-4.)

Abramos um parêntesis para notar que Maria Antonieta, no fim do seu reinado, se viu apanhada no turbilhão das ideias novas, em que já só se jurava pela Antiguidade grega! Se releses a História dessa época, verás que os homens políticos de então não tinham na boca senão a palavra «democracia». Os franceses quiseram então ser «cidadãos», como na cidade grega, e não mais «súbditos» do rei. Quanto a Maria Antonieta, sabe-se que a mãe a tratava sempre no masculino: «o meu Antoine»! Muito significativo!

Mas antes desta vida grega como homem, ela vivia:

...entre os exércitos egípcios, quando foram promulgadas essas leis de grande elevação moral. Foi nesse período em que, sob o segundo faraó dessa dinastia, apareceu a mais evoluída de todas as civilizações que alguma vez existiram na Terra. E foi então que os primeiros templos aí foram construídos. A entidade chamava-se Usisso, e oficiava na liturgia do Templo, pois era filha do primeiro faraó dessa dinastia, sendo um dos seus irmãos o segundo faraó, aquele que deu essas leis ao povo. A entidade trouxe muito ao seu país. O seu desejo era conservar as relíquias, as lembranças religiosas, antigas e novas, e

favorecer o fervor religioso sob todas as formas, quer fosse nas associações amistosas, quer nos oráculos e profecias ao nível mais elevado. Deu o melhor de si mesma, mantendo-se muito longe de um formalismo beato. Tinha também dons artísticos e podia desenhar o retrato de qualquer pessoa, fosse quem fosse. E, aliás, a maior parte das decorações do Templo era obra sua. E, no seu domínio, procurava sempre ir mais longe, percebe?

Na vida anterior a essa, reencontramos a entidade no Peru, quando reinavam os Ohlms [Aymaras?]. Aí, chamava-se Dolrhales e contribuiu muito para a degradação das pessoas que se tinham revoltado contra o poder. E isso levou-a a ser condenada. Pois esta entidade procurara destruir tudo o que tinha sido feito de positivo para educar os cidadãos, para os despertar para o espírito de serviço num sentido espiritual, tal como isso se apresentava na época.

E, no que diz respeito às aptidões da sua vida atual, [...] a sua maior energia dirige-se para a casa e para as suas amizades. Está marcada pelas influências ocultas e místicas de Neptuno combinadas com Marte, embora estas por vezes tragam muitas perturbações. (Mesma leitura.)

Como se conhecem mal as antigas civilizações pré-históricas dos Andes, a influência de uma vida peruana sobre Maria Antonieta é pouco evidente para nós. Por mais que eu olhe para o seu grande nariz de raiz forte, os seus olhos grandes e descaídos: será o «look» pré-colombiano? Talvez... Quanto às vidas grega e egípcia, parecem ter-lhe dado essa elegância que fazia a admiração de todos, esse gosto perfeito em matéria de arte — ao ponto de o «estilo Luís XVI» dever chamar-se o «estilo Maria Antonieta»! Mas, do ponto de vista cármico, é claro: o doloroso destino da rainha explica-se pelo Carma negativo criado numa vida peruana como agitadora niilista!...

O rei de Roma era Luís XVI!

Eis agora a leitura que foi dada em 7 de Agosto de 1926, para este médico de cinquenta e sete anos que era, portanto, o tio por afinidade de Edgar Cayce, o Dr. House, marido da personagem anterior:

... É alguém que gostaria sempre de fazer bem aos outros, que prefere sempre os outros a si próprio [...] Alguém que considera que o melhor na vida é ajudar e assistir o próximo. Alguém muito consciente dos seus erros. Alguém que gosta de ver o bom e o bem na vida dos que o rodeiam, e que não gosta nem da mesquinhez nem da avareza. Alguém que gosta de jogos,

de desportos, bem como de tudo o que solicita a agilidade mental. Alguém que poderia trazer tantas coisas boas aos outros, se pusesse nisso toda a sua vontade. Mas, quando não é esse o caso, dá a impressão contrária, trazendo o oposto do que deseja àqueles que dependem dele [...] Alguém que, muitas vezes, sob a influência de Peixes, atraiu sobre si essas forças desviantes, mal compreendidas pelos outros, que trouxeram às suas atividades essas influências nefastas, essas paixões físicas. [...]

Na vida anterior a esta, encontramos a entidade no poder, no reino hoje chamado França. E era a entidade conhecida como Luís XVI. Aí, a entidade ganhou através das perseguições que sofreu, perdendo moralmente pela sua incapacidade de usar a sua vontade para o bem dos outros. Daí provêm hoje as duas influências divergentes que se veem opor-se nele. Daí este amor pelo pormenor cuidado, em particular na mecânica: a entidade teria sido um maravilhoso relojoeiro ou reparador de relógios! A entidade sentia atração pela medicina, pela mecanoterapia, como o mostrou durante essa vida.

Na vida anterior a essa, reencontramos a entidade enquanto Rômulo, que participou na fundação daquilo que hoje é conhecido como Roma. E a entidade perdeu e ganhou moralmente nessa época. Pois os seus trabalhos trouxeram-lhe sucesso, e o sucesso desenvolveu o seu egoísmo. Isso levou a entidade a oprimir os outros. Eis por que hoje a entidade não suporta a opressão, seja qual for a forma, seja qual for a vítima, mesmo que seja um animal, um mineral, um vegetal...

Na vida anterior, encontramos a entidade na época em que se construía essa cidade cujas ruínas em breve se descobrirão nas planícies da Arábia. A entidade, então, tinha o nome de Obdieugoan, e ganhou moralmente nessa época, por causa dos serviços prestados às pessoas, por causa da assistência que trouxe aos que sofriam. E são as circunstâncias dessa vida que, atualmente, empurraram a entidade para a medicina, para consolar os aflitos [como ela viu em sonho]. Esta compaixão, construída outrora no seu mental, procurou hoje exprimir-se pela medicina, continuando assim essa vida antiga.

Na vida anterior, encontramos a entidade no país onde a torre de Babel estava em construção, e programada para subir até aos dois! A entidade esteve entre aqueles que trabalharam nesse edifício, mais intelectualmente do que fisicamente. Pois, enquanto condutor das obras, a entidade esforçava-se por ajudar os trabalhadores; explicava-lhes para que deveria servir esse edifício. Sob o nome de Ouiael, a entidade ganhou nessa experiência, nos

seus esforços para ajudar essas pessoas. Contudo, foi esmagada por aqueles que se elevaram como chefes acima dele. Daí a sua tendência atual para exprimir as suas ideias sob a forma de objetos, criados na matéria, e o interesse que mostra pela sua realização. A entidade teria sido um bom escultor.

Na vida anterior, encontramos a entidade no Egito, num período de guerra civil. Tendo o estatuto de conselheiro no Grande Conselho, era o sábio que guiava aqueles que tinham a cargo os armazéns; cabia-lhe assegurar a subsistência das pessoas que dependiam disso, bem como todos os abastecimentos desejados pelo soberano. Foi assim que, sob a direção da entidade, esse país se tornou uma terra de asilo para todos os que eram infelizes, tanto física como moral ou financeiramente.

O seu nome era Didois. Este reinado trouxe-lhe muitos dissabores, pois a entidade não se deixava submeter nem pela Igreja nem pelo Estado. Daí, em tudo o que a entidade pode realizar hoje, esta tendência para reunir aqueles que trabalhavam nesse tempo e construir com eles o que os possa ajudar, trazer-lhes uma certa doçura de viver, fortalecê-los de corpo e de espírito. (Leitura 5618-8.)

Cayce, tendo tomado consciência do interesse excepcional deste texto, escreveu ao seu tio em 1926:

Quanto à leitura em anexo, creio que a achará interessante, na medida em que dá o regresso entre os nossos de uma das mais importantes personagens dos assuntos do Velho Mundo.

Queria ele falar de Luís XVI... ou de Rómulo?

Há, de facto, aqui matéria para meditar. Deixo aos historiadores o cuidado de estudar o caso de Luís XVI, como o de Maria Antonieta, à luz destas leituras. As suas vidas são bem conhecidas, visto que, na Corte, os gestos quotidianos dos soberanos constituíam um espetáculo permanente, registado por numerosos testemunhos! Parece que a condenação e a execução deste soberano foram consequência de uma dívida cármica criada por ele próprio enquanto Rómulo, primeiro rei de Roma! Faz um efeito estranho ver aparecer esta personagem que se julgava lendária, Rómulo, irmão de Remo! Os gémeos amamentados pela Loba!

Recorda-se que, quando Rómulo, com a sua charrua, traçou um sulco delimitando a superfície da futura cidade de Roma, o irmão troçou dele e

saltou, a pés juntos, por cima do sulco sagrado, a rir-se: «A tua cidade, é isto que eu faço dela!»

Louco de cólera (e desprovido de sentido de humor), Rómulo assassinou o seu gémeo. Plutarco conta com muitos pormenores a vida deste primeiro rei de Roma, que morreu aos cinquenta e quatro anos, após trinta e oito de reinado.

Quanto a Napoleão I, sucessor de Luís XVI (Napoleão que casara com a sobrinha de Maria Antonieta e que, por isso, se tornara sobrinho do último rei de França!), lembras-te de que título deu ele ao seu filho, o mais prestigioso que pôde encontrar? O Rei de Roma... Estranha, não é, esta consciência inconsciente do passado anterior? Mas Napoleão agia muitas vezes como um vidente inspirado...

Uma boa notícia: Luís XVII escapou, de facto, do Templo...

Um dos maiores mistérios da nossa História: que foi feito do pequeno Delfim? Quando Cayce der uma leitura para o filho único e tardio do casal acima referido, o médico e a sua mulher, essa leitura trará pormenores interessantes sobre a sua encarnação enquanto Luís XVII:

E, no que diz respeito às vidas anteriores: na anterior a esta, reencontramos a entidade como aquele que estava destinado a reinar, enquanto rei de França. E cujo pai e mãe foram então decapitados. E, nessa vida, a entidade ganhou apenas no conhecimento das Forças da Terra, através dos sofrimentos que viveu. Pois a sua vida nesse tempo foi apenas de quinze anos. (Leitura 1005-2.)

Cayce precisa, em americano: *half a score years plus five*. O que significa: a metade de vinte anos mais cinco (um score = vinte). Esta breve passagem sobre Luís XVII deixa, portanto, entender que ele não terminou a vida no Templo, como prisioneiro, já que morreu, oficialmente, a 8 de Junho de 1795, com dez anos! Um certo número de tradições locais, em todas as províncias francesas, conta que se viu o Delfim aqui ou ali, escondido pelos Chouans, ou por outros realistas. A maioria dos historiadores parece estar de acordo quanto ao facto de que a criança que morreu no Templo na data acima indicada não era o filho de Luís XVI e de Maria Antonieta. Alguns, que o visitaram várias vezes em poucos meses, constataram que não era a mesma criança. Até com uma cor diferente de olhos, quando o pequeno Delfim tinha

inesquecíveis olhos azuis! A viúva do sapateiro Simon proclamava-o, aliás, a quem quisesse ouvi-la, e intimaram-na a calar-se!

... Mas continuemos:

Daí, atualmente, após essa experiência, a necessidade irresistível de se entregar a todos os desportos, a todos os prazeres da vida que se possam encontrar neste planeta! (Mesma leitura.)

Segue-se depois o fragmento da mesma leitura que já citei mais acima, no capítulo das Cruzadas, que afirma que Luís XVII foi a reencarnação de um cruzado, o brilhante Tancredo d'Hauteville. Em seguida, a leitura dá uma encarnação peruana, como a sua mãe. Teria vivido no Peru, sob o reinado dos Incas, e, aí, era o Grande Sacerdote. O seu nome era Naat. As suas atividades diziam respeito à mecânica, às máquinas [...]. Antes desta vida [como Inca], reencontramos esta entidade na América do Norte, quando as terras começaram a ser habitadas. O seu nome era então Ooul. A entidade era a primeira personagem da casa de um dos dez povos que aí se estabeleceram. Nesta vida, aprendeu muito, ao serviço daqueles que habitavam nesse país (mesma leitura).

Luís XVII como Grande Cacique... aceito. Mas parece ter tido também — como é regra, ao que parece, para todos os franceses — uma vida egípcia. Isto por cruzamento com outras leituras que não apresento aqui. Parece ter conhecido Maria Antonieta numa vida no Egito, o que explica seguramente o apego excecional da mãe e do filho.

O carcereiro de Luís XVII

Mas não é tudo: a leitura 23-1 evoca o carcereiro do pequeno Delfim, o sapateiro Simon:

Na vida anterior a esta, reencontramos esta entidade durante um período extremamente conturbado, neste país conhecido como França. A entidade era então aquele a quem o jovem rei, o futuro soberano, tinha sido confiado, e de quem foi o guardião até à sua própria morte. A entidade perdeu e ganhou moralmente nesta história. No início desse período, a entidade perdeu, pois demasiadas vezes o pequeno rei trazia nas costas a marca dos golpes dados pela entidade. Depois, numa segunda fase, a tristeza e a dor de que era testemunha tocaram-no e levaram esta entidade a muito mais compreensão. Chegou a perguntar-se se não teriam podido estabelecer-se melhores relações entre os aristocratas e aqueles que eram os seus

guardas, os seus criados, nesse tempo. Eis por que hoje a entidade acha que as pessoas no poder são uns néscios... Portanto, é alguém que não se impressiona com o poder e não se julga obrigado a nada pelo discurso dos homens políticos [...] Para a entidade, há apenas uma única Causa, e todos os povos são um. (Leitura 23-1.)

Esta passagem coincide bastante bem com a biografia do sapateiro Simon, que guardou o Delfim no Templo de 3 de Julho de 1793 a 19 de Janeiro de 1794 — portanto, seis meses e meio — praticamente até à sua morte, *aí* Simon, como diz Cayce. Pois seria guilhotinado a 28 Termidor (Julho de 1794). Simon, violento e bêbedo, foi-se amolecendo pouco a pouco em relação à criança. A sua mulher, essa, gostava do pequeno Delfim e tratou-o de bom coração. Simon pode ter procurado facilitar a evasão do seu jovem prisioneiro. Foi suspeito de ter querido vendê-la aos realistas; essas tentativas ter-lhe-iam custado a cabeça!

A sua mulher estava, portanto, particularmente bem colocada para saber a verdade sobre essa evasão. Existem bastantes documentos que parecem provar que a viúva Simon dizia a verdade. Mas, voltando à leitura 23-1, a coisa mais espantosa é que Simon não estava na sua primeira vida como guarda de prisão... Pois, numa vida anterior, tinha sido esse carcereiro muçulmano de que já falámos no capítulo das Cruzadas, e que converteu um grande número de cruzados feridos confiados à sua guarda! Nessa vida, era, no entanto, um carcereiro simpático... Cayce diz que ele tinha ganho com a experiência!

No Antigo Egipto, anteriormente, ele tinha sido também uma espécie de guarda:

Era um dos que tinham a cargo o guarda-roupa e os panos do Templo, e tudo o que era necessário à liturgia. E, nessa vida, era, na verdade, aquele que fabricava linho fino, que desenhava modelos para o vestuário dos povos desse tempo. E, durante toda essa época conturbada, quase não fez outra coisa senão manter-se no seu lugar, cumprindo as suas obrigações. [...] Nessa vida, ganhou moralmente. (Leitura 23-1.)

O seu ofício de sapateiro, ou remendão, no tempo de Luís XVI, era uma longínqua reminiscência das suas antigas atividades de alfaiate. Na sua vida do século XVIII, Simon estava sob a influência do signo de Peixes, que rege ao mesmo tempo os pés, a prisão, a embriaguez, a compaixão... e a traição! Ele também parece ter escolhido, de forma repetitiva, encarnar nos períodos

conturbados: Revolução Francesa, guerra civil no Egipto, invasão dos cruzados... Mas porquê uma tal decadência enquanto Simon, quando as duas vidas que acabo de citar parecem ter sido corretas? É que ele tinha um velho Carma atlante mau:

Na vida anterior a essa [a egípcia], reencontramos a entidade no país conhecido como Poseídia [...], vivendo então na casa dos reis desse país, com muita pompa, poder, luxo, todas as facilidades que tinham por objetivo favorecer os prazeres físicos, materiais. A entidade desregrava-se nesta experiência, perdendo moralmente [...]. Pois o espírito é sempre o construtor, se for guiado pela verdade espiritual, a Vida e a Luz que trazem a verdadeira satisfação. Mas se se visa apenas gratificar os desejos egoístas da carne, do ego, então atrai-se aquilo que é da carne: decepção, insatisfação, falta de confiança em si, doença... em todos os domínios! (Mesma leitura.)

A embriaguez de Simon remontava, portanto, a uma vida de corte na Atlântida. Neste pequeno rapaz criado na seda e nas rendas que lhe foi confiado, Simon desprezava o seu próprio aviltamento passado numa corte atlante... Desta vez, reencarnado em mulher em Virginia Beach em 1910, e na família de Cayce, não corria o risco de apodrecer com o luxo!...

O mistério de Madame Royale

O caso da irmã mais velha do Delfim é ainda mais estarrecedor. Ainda bem que estas leituras foram dadas na América, para pessoas ignorantes, que não se escandalizavam: tais afirmações teriam sido impensáveis em França... Não sei se tudo isto é verdade, mas, se for falso, também seria preciso prová-lo! Uma amiga minha, borbulhante de espírito, declarou-me um dia, de rompante: «Oh, e depois a Maria Madalena nunca foi muito esperta... Boa rapariga, com jeito para assar a vassoura, mas nunca inventou o fio de cortar a manteiga...» Ri-me até às lágrimas durante dois dias! E pensar que se trata de uma das nossas grandes santas nacionais! Já tivemos ocasião de a encontrar (no tomo I) enquanto amiga de Cristo. Alguns, aliás, tinham-na suspeitado claramente de ter sido amante de Jesus, e colocaram a pergunta a Cayce. Que respondeu que Ele nunca tivera outra ternura física senão a das criancinhas. Na minha opinião, Ele tinha bem mais que fazer...

Portanto, para usar a expressão cayciana, reencontramos a entidade Maria de Magdala reencarnada na Corte de França. Juro-vos que não invento nada, limito-me a traduzir. Encarnação sem alegria: ter sido a filha de Luís XVI e de Maria Antonieta, sobreviver ao assassinato de toda a sua família após

meses de prisão e de traumatismos... Que ideia estranha ir meter-se neste sarilho, quando se foi Maria Madalena! O que mais me espanta é que ela ainda tenha Carma a liquidar depois de ter conseguido imortalizar-se como «A Madeleine» (com, de bónus, uma das estações de metro mais elegantes de Paris!).

Enfim, eis:

Na vida anterior, antes desta, a entidade vivia nesse período em que reinava o último dos Luís: era sua filha, que escapou na neve, quando ocorreu essa tentativa de fuga, no momento da Revolução. A entidade foi a única pessoa da família real a escapar nesse momento, tendo sido furtivamente levada para a Áustria. A entidade mudou de nome e tomou o de Marie-Augusta. Ganhou moralmente com a experiência, quando se pôs a trabalhar o canto e a cantar, sem ter em conta as condições do seu estatuto e tudo o que tinha causado a queda dos seus pais e do resto da sua família. Ganhando ao prestar serviço a muitos, àqueles que tinham sido vítimas de certas formas de opressão. Consolou-os, reconfortou-os através do canto e por esses pequenos serviços que trouxeram um pouco de alegria à sua vida, de resto insatisfeita. Daí, hoje, o facto de a encontrarmos sempre em busca de qualquer coisa, nunca completamente satisfeita nem contente. (Leitura 295-1.)

A descrição corresponde em parte a **Madame Royale**, a única que, de facto, sobreviveu, pois foi acolhida pela família da sua mãe na Áustria. Ela tem má reputação perante o tribunal da História: é-lhe muito censurado o facto de ter sabido o que acontecera ao seu irmão Luís XVII e de nunca o ter revelado. Mas Luís XVIII, de quem era sobrinha, não tinha interesse em que ela falasse... Na sua vida no início do século XIX, mais exatamente sob o último dos Luíses (visto que o texto de Cayce parece ter esquecido a Restauração), passava por uma solteirona ríspida. Aqueles que tinham amado a deslumbrante Maria Antonieta, o irresistível pequeno Delfim e esse bom homem que era Luís XVI, teriam gostado de transferir a sua afeição para ela... Mas era uma personagem fria, empolada, uma beata de espírito estreito: não despertava o entusiasmo de ninguém. (E, além disso, se tivesse sido Maria Madalena, deveria ter horror a qualquer galanteria!) Alguns tentaram desculpá-la, dizendo que, após o que vivera no Templo, era uma pessoa quebrada... No entanto, em Versalhes, quando era ainda uma jovem princesa em toda a sua glória, o seu carácter ríspido não atraía simpatias. Estranho...

É que há um mistério em torno de Madame Royale: uma substituição de pessoas, tal como a que permitiu ao Delfim sair do Templo. Segundo alguns, a irmã mais velha de Luís XVII teria terminado a sua vida como reclusa num castelo da Alemanha no século XIX, desconhecida de todos. E aquela que morreu sob o nome oficial de Madame Royale não teria sido senão uma criada, filha adotiva de Maria Antonieta. Trabalhei sobre a sua biografia, e esta personagem oficial corresponde apenas em parte ao que diz Cayce sobre a entidade filha de Luís XVI. (Ver sobre esta questão a magistral *História da Emigração* de Ghislain de Diesbach, na Librairie académique Perrin.) Para voltar à verdadeira Madame Royale, Cayce fala de uma vida de corte no Egito:

Tinha sido música no Templo, após a restauração do Sumo Sacerdote [note-se também que a mesma entidade teria vivido igualmente uma «Restauração» em França sob Luís XVIII!], e poder-se-ão encontrar muitas composições musicais devidas a esta entidade, e datadas desse período, quando a primeira das pirâmides for aberta. Chamava-se então Ishta. Hoje, na sua experiência de vida presente, deve coordenar as crenças religiosas, que lhe vêm dessa vida, com as vividas nessa outra experiência de vida, ao tempo do Mestre, e ver que são compatíveis, pois trata-se dos mesmos princípios. Como já indicámos, estas são as bases do que foi depois ensinado pelo Mestre na Sua vida terrestre. As aptidões desta vida egípcia devem encontrar a sua aplicação hoje, e os pensamentos, as experiências dessa vida antiga devem ser hoje integrados na totalidade da personalidade. (Leitura 295-4.)

É provável que esta interessante entidade tenha tido outras encarnações que Cayce não cita. Uma constante das que ele fornece parece ser o amor pela arte, pela beleza e pelo luxo (recorde-se que Maria Madalena, filha de um notável judeu e de uma princesa síria [70], pertencia a uma das famílias mais ricas de toda a Jerusalém!). Cayce aconselhou a sua consultante a tratar dos doentes e a fazer música. Disse-lhe que ela tinha ainda muito que trabalhar sobre si mesma para vencer o seu medo:

A entidade será hoje capaz de ajudar um grande número de pessoas, intuitivamente, se o seu medo der lugar ao amor. Não o amor sentimental, mas esse amor que expulsa todo o medo, tornando tudo possível através d'Ele, que é a lâmpada, o Guia, a Luz, a Vida para esta entidade, nesta vida como anteriormente. [Compreendeu-se que se trata de Cristo.] (Leitura 295-1.)

Após ter relido todas estas leituras, regressei a Versalhes. O palácio e os jardins ressuscitaram graças ao corajoso combate travado por Gerald Van Der Kemp e pela sua mulher Florence. A «Versailles Foundation», graças a eles, soube interessar mecenas em todo o mundo, e particularmente generosos dadores americanos, na restauração deste palácio adormecido. Numa perspetiva cayciana, será possível que muitos deles sejam a reencarnação de homens e mulheres que outrora viveram neste admirável edifício? E que ele esteja misteriosamente destinado a abrigar o futuro «Grande Monarca»?

Quando se conhecerem melhor os mecanismos da reencarnação de grupo, compreender-se-á por que razão alguns se sentem chamados a realizar, através de mil dificuldades, uma obra que responde às aspirações cármicas da sua época e que, frequentemente, as ultrapassa. No que diz respeito a Versalhes, há certamente ali a ressurreição de um alto lugar antigo cujo significado esotérico apenas compreendemos em parte. Estará ligado ao regresso da monarquia de que falam Nostradamus e todos os outros profetas (incluindo Cayce! — ver o volume I onde ele evoca esse jovem rei que deve nascer em breve na Alemanha [71])?

Muitos mistérios históricos esclarecer-se-ão na era de Aquário. Os nossos netos estarão mais bem informados do que nós, e os historiadores futuros escreverão coisas mais inteligentes... No que respeita à Revolução, não esgotei o assunto: há ainda muitas outras leituras fascinantes!

O encontro falhado de Varennes

Luís XVI, já quase prisioneiro, considera que só lhe resta retirar-se para longe de Paris, de preferência perto da fronteira, de modo a poder deixar a França se as coisas correrem ainda pior. Maria Antonieta, por seu lado, quer reencontrar a família em Viena. Mas o fracasso não perdoa: será explorado contra eles na opinião pública. Luís XVI será acusado de alta traição por ter procurado a ajuda das potências estrangeiras contra o governo. Depois de Varennes, Luís XVI e Maria Antonieta perderão definitivamente toda a liberdade e toda a esperança. Varennes marca um ponto de viragem importante.

Porque falhou a evasão? Dois historiadores, os Girault de Coursac, no seu livro *Na Rota de Varennes* (Ed. La Table Ronde), analisaram todos os detalhes do assunto. Estes mostram que o marquês de Bouillé, encarregado da organização da viagem, a «desorganizou» subtilmente, na sombra, para a fazer fracassar. Ao chegar a Varennes, Luís XVI não encontrará nem cavalos

frescos («as mudas») nem hussardos para o proteger. Os oficiais fiéis ao rei foram afastados ou neutralizados. As contas do marquês de Bouillé mostram que ele traiu Luís XVI em proveito dos irmãos do rei, que o invejavam — já emigrados, eles próprios. Recorde-se que Luís XVI, como Rômulo (cf. supra), matara o seu irmão Remo. Ao tempo da Revolução, ele será vítima deste Carma fraternal: «Provença e Artois assassinaram-nos», repetia Maria Antonieta, com razão... (Provença tornar-se-ia Luís XVIII e Artois, Carlos X).

Eis as leituras sobre Varennes:

A entidade estava entre os que serviram o rei durante a sua tentativa de fuga para fora de França, na cidade onde a berlina avariou, sob o nome de Yonvel. (Leitura 101-1.)

Totalmente exato. Entre Châlons e Montmirail, em Étoges, o rei teve de parar durante uma hora para mandar reparar a carruagem.

Nesta experiência de vida, a entidade ganhou e perdeu moralmente. Ganhou no serviço executado como lhe fora pedido. E perdeu quando foi elevada a uma posição de poder pelos chefes da Revolução. Contudo, ganhou de novo quando compreendeu a lição, e aplicou-se, na segunda parte da sua vida, a ajudar os que tinham sofrido fisicamente com a Revolução. (Mesma leitura.)

O nosso jacobino vinha de uma encarnação grega na guerra de Troia: não era a primeira vez que enfrentava a guerra civil, tinha o hábito! Um historiador poderia talvez encontrar a personagem — mas tal exigiria mais pesquisas do que quando se trata de uma personagem de primeiro plano.

Eis outro interveniente do drama, uma vítima anónima:

No país agora conhecido como a França, a sua experiência de vida nesse tempo, embora de curta duração, colocou-o entre os guardas do rei e da rainha, que fugiram para a província. Esteve entre os que perderam a vida a defendê-los, aquando desta tentativa de alcançar a fronteira. A dada altura, guardou na estalagem um dos membros da família, perdendo a vida a defender essas pessoas. Jovem, e contudo tendo tido tempo para dar muito no serviço, como lhe tinham ensinado, seguindo o treino que recebera. Hoje, na vida presente, tem uma atitude muito especial, que lhe vem dessa vida anterior: sente um ressentimento contra a realeza, contra as pessoas no poder. E no entanto, ao mesmo tempo, sente que estas têm a sua razão de ser, para zelarem pelo Bem geral [...]. A entidade deve perceber que esta

experiência de uma vida anterior tem muita influência na sua atitude religiosa atual [...]. Pois este sentimento inato deve encontrar uma resposta — a questão é, de facto: em nome de que princípios [...] se deve utilizar o poder que se exercerá sobre os outros? [...]. Chamava-se Beauard [Bernard?], nome que mudou para René quando se tornou guarda. Na vida atual, a entidade procurou um regresso imediato a um lugar onde a sua formação militar lhe possa servir de novo, ou seja, como soldado. (Leitura 348-14.)

Cayce, na leitura, disse-lhe que ele chegava diretamente de uma vida americana no século XIX, onde era um oficial que combatia nas guerras contra os índios na região de Chicago (Fort Dearborn). Na sua vida atual, era também oficial.

E eis outra testemunha da detenção do rei:

Sob a Revolução Francesa, quando o país estava dividido sobre a conduta a seguir perante a revolta que rugia contra a Coroa. Nessa mesma região que o soberano atravessou na sua tentativa de fuga, e nessa estalagem na qual ele, os outros membros da Corte e os seus ajudantes de campo tinham parado, a entidade era uma menina; nesse tempo, vivia na casa do estalajadeiro e chamava-se Iccirice. Nesta experiência, a entidade ganhou e perdeu moralmente. Nessa circunstância, quando a entidade estava precisamente na viragem da adolescência, ou seja, com doze anos, ficou impressionada pelo que se dizia em seu redor, e pelos acontecimentos, ao ponto de ficar marcada para o resto da sua vida de então sobre a Terra. Viveu num período de grandes mudanças, sendo de uma natureza curiosa de tudo [como hoje], procurando tudo saber, tudo penetrar... (Leitura 301-5.)

É difícil identificar a estalagem de que fala Cayce: em cada pequena cidade atravessada, havia uma que servia de muda de cavalos para as carruagens que passavam. Ora, ao chegar a Varennes às 11 horas da noite, Luís XVI, que não conhecia a localidade, devia ali encontrar a estalagem que lhe forneceria os cavalos. Naturalmente, o traidor Bouillé zelara para que eles ali não estivessem! O quarto de hora perdido dará tempo ao mestre de postas Drouet, que recebera ordens de Paris, para alertar os habitantes de Varennes e o procurador do município, Sausse. É na casa deste, e não na estalagem, que a família real será guardada. Na multidão que invade as ruas, ao som do rebate, uma menina de doze anos escuta com toda a atenção. Para os habitantes de Varennes, pequena povoação perdida onde nunca acontecia nada, era um acontecimento inesquecível: viram o seu rei em carne

e osso, e toda a sua família, e viram-no ser detido na sua terra... É motivo para ficar marcado para a vida, como diz Cayce.

Eis outra menina envolvida no drama:

Era uma jovem de treze a catorze anos nessa vida, quando aqueles que são agora o seu pai e a sua mãe (a sua mãe atual estava ao serviço do seu pai atual) foram detidos com o rei e a rainha. A entidade pertencia à família do estalajadeiro quando se deu a detenção. Chamava-se Arabela. Nesta experiência de vida, a entidade sofreu nos seus sentimentos em relação a estas pessoas reais que eram para ela tão superiores aos outros; e é por causa da sua gentileza, da sua doçura, dos seus sentimentos que a entidade quis reencontrar hoje um ambiente semelhante. (Leitura 2015-3.)

Vimos atrás a leitura onde Cayce anuncia ao seu tio, o Dr. House, e à sua mulher que foram Luís XVI e Maria Antonieta (o que não lhes fará nem frio nem calor!). A entidade em questão quis reencontrar-se no círculo deles, onde reinava este ambiente familiar cortês e informal que caracterizava a intimidade de Luís XVI (pois o rei e a rainha tinham muita afeição recíproca, amavam os filhos e tratavam bem os criados). Do mesmo modo, um século mais tarde, o ambiente nos Cayce e nos House mostrava estas mesmas características de benevolência, gentileza e paz familiar — um oásis quando comparado com o que se passa agora na selva das grandes cidades americanas, onde as relações familiares estão destruídas.

Na última parte dessa vida, a entidade sofreu o martírio por essa causa, e em certos períodos da sua vida aqui, a sua vida atual, terá a mesma atitude determinada. (Mesma leitura.)

A leitura fora dada para uma bebé de quinze dias. Na primeira leitura, Cayce descreve-lhe uma vida (intermédia entre a vida sob Luís XVI e a vida em Virginia Beach) onde fora Frances Willard (1839-1898), militante que desempenhou um grande papel no movimento feminista americano. Nessa vida política, lutou, de facto, com muita determinação em favor dos direitos dos pobres, das mulheres (das operárias, em particular) e das vítimas do alcoolismo. E Cayce diz que ela vai recomeçar a milite nesta vida!

Numa vida anterior, fora princesa e sacerdotisa do Templo da Beleza, que também militara em favor das mulheres. Certamente que terá apreciado a companhia de Luís XVI que, exceccionalmente bondoso, nada tinha de «macho» (ao ponto de encorajar Maria Antonieta a manter Axel de Fersen em

Versalhes, porque via bem que ela ficaria demasiado triste se a privassem do seu grande admirador! Alguns suspeitam até que este último seja o pai de Luís XVII!...).

O bom anjo de Luís XVI na prisão: Madame Élisabeth

As leituras sobre este período são tão abundantes que não sei bem como as classificar. Há pessoas da Corte e o seu pessoal. No oposto, os revolucionários. E depois, entre os dois, as inúmeras personagens que passam de um campo para o outro, mudam de opinião, «viram a casaca» várias vezes — todas as cores e meios-tons de opinião que esta apaixonante época oferece refletem-se nas leituras. Começarei, portanto, por uma monárquica que não podia ser de outra forma, visto que pertencia à família do rei! (Ainda que ser seu primo não tivesse impedido Filipe de Orleães de votar a morte de Luís XVI!)

Na vida antes desta, a entidade vivia ao tempo de Luís XVI. Era a irmã do soberano, e aquela que o assistiu nos últimos dias da sua vida física. Assim, a entidade, nos seus últimos dias, ganhou muito da firmeza de alma que se lhe vê hoje, lutando com coragem e encontrando nisso um grande desenvolvimento moral. Não era o caso da primeira parte da sua vida — e na sua vida, neste plano, a existência tornara-se-lhe pesada. O seu nome era então Angelica. (Leitura 1187-2.)

A descrição corresponde bem a **Madame Élisabeth**, irmã de Luís XVI, que, diz o Bouillet, «se fez notar pelo seu amor e dedicação ao irmão; não o abandonou nos momentos mais perigosos e foi encerrada no Templo com o resto da família real. Conduzida ao cadafalso em 1794, sofreu o suplício com uma admirável resignação».

Ela nasceu em 1764 e tinha, portanto, trinta anos. Deixo aos historiadores especialistas desta época a tarefa de verificar se, entre os seus inumeráveis nomes, ela usava o de **Angelica...** (ou se foi uma ideia da secretária que achou a personagem «angélica»? É, aliás, exatamente esse o efeito que ela causou aos seus contemporâneos!).

Mirabeau-Tonnerre

Eis agora alguém que se apresentou como um conselheiro do rei. Sabe-se que este último nunca careceu de bons conselhos... Que não teve a coragem de seguir:

... Nesse período de tormenta e nesse país conhecido agora como a França, ele era dos que detinham a autoridade, e deviam — ou deveriam ter sido — os conselheiros do rei. Estava entre os intermediários entre o povo e o poder. O seu nome era então Burgette [sic!]. E, nessa atividade, teve com o seu pai, e outros, de dar conselhos e explicar como se teriam podido evitar certos erros. Muitos perceberam, para seu desespero, que os seus conselhos eram bons. Mas isso desencorajou a entidade e fê-la compreender a necessidade de mudar de relações e de meio. Ao contacto de alguns dos chefes revolucionários, a entidade foi vítima de experiências físicas bastante tristes. Contudo, elas trouxeram-lhe a força de alma e a força mental que lhe valeram um desenvolvimento espiritual. Eis por que tem hoje esses talentos de chefe que lhe vêm do que ganhou nessa experiência, bem como o bom contacto humano com as pessoas de diversas classes sociais, com aqueles que, qualquer que seja o seu nível, têm de analisar as situações políticas. Graças às suas vidas anteriores planetárias, tem qualificações excepcionais. (Leitura 510-1.)

Tinha, diz Cayce, vivido já no Egito ao tempo de uma revolução. A descrição poderia convir a vários dos bons conselheiros de Luís XVI — de quem se percebeu demasiado tarde que tinham tido razão. Um detalhe significativo pode encaminhar-nos para **Mirabeau**: o célebre orador tinha igualmente um pai, homem político muito ligado aos economistas (incluindo intelectuais liberais que preconizavam reformas). O segundo Mirabeau é o mais brilhante orador da Revolução. Não cessou de aconselhar ao rei reformas razoáveis. Infelizmente, o rei e a rainha hesitavam em ouvi-lo, porque era considerado na sua vida privada como um devasso. Foi um dos raros intermediários competentes entre o rei e o Terceiro Estado.

O que o meu dicionário Bouillet não diz claramente é por que razão (segundo Cayce) a entidade foi vítima de tristes experiências físicas devidas aos revolucionários. Disse-se muito que ele fora envenenado, torturado ou assassinado pelos seus amigos revolucionários, furiosos por o verem regressar ao rei, precisamente no momento em que este e a rainha se iam decidir a ouvi-lo! Terá sido já vítima de tentativas de envenenamento ou de sevícias corporais? É certo que teve muita amargura e desânimo por não ser levado a sério. A rainha demorou muito tempo a apreciá-lo, porque ele era feio (completamente desfigurado pela varíola), porque defendia com violência os interesses do povo... e porque dizia a verdade!

Quanto a este nome, **Burgette**, pergunto-me como a secretária de Cayce pôde lá chegar, partindo de «Honoré-Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau». Cayce, na leitura, estende-se sobre as extraordinárias aptidões intelectuais do primeiro:

De Mercúrio vem a influência que lhe dá essa energia mental, essa atividade intelectual, essas aptidões que se encontram no indivíduo atual e que se tornaram excepcionais: esse discernimento, esse espírito analítico que lhe permitem avaliar a inteligência daqueles com quem está em contacto. (Mesma leitura.)

Recordamo-nos que Mirabeau era «muito inclinado a Vénus», visto que, a primeira vez que se ouve falar dele, «foi, a pedido do seu pai, encerrado em Vincennes por rapto e adultério». Na verdade, tinha seduzido a condessa de Monnier, tão bela quanto ele era feio. A sua correspondência terna com ela será publicada sob o título *Cartas a Sophie*.

O ambiente de Luís XVI e de Maria Antonieta

Eis, a granel, algumas fatias de vida na Corte. No que diz respeito à identificação das personagens, nem sempre é fácil quando são obscuras. Mesmo astros de primeira grandeza, como Mirabeau, são impossíveis de identificar apenas pela retranscrição do seu nome. Muitas vezes, também, há poucos detalhes, porque Cayce se empenha mais em fazer o balanço moral de uma vida.

Eis alguns outros familiares do rei:

Vivia em França na época em que o rei foi impelido para o exílio, quando rugia a revolta. A entidade era uma pessoa de idade, com a qual o rei conferenciava em tempos mais calmos. Chamava-se Markle, e era mais conhecido como o conselheiro do jovem rei, que devia educar, a quem devia ensinar a comportar-se para consigo próprio bem como para com os outros. Em suma, o seu professor. Daí a sua aptidão hoje para aconselhar os que se encontram em circunstâncias difíceis. (Leitura 108.)

A leitura seguinte descreve uma dama de honor de Maria Antonieta:

Nesse período em que ocorreram grandes convulsões, sob um regime destruidor — trazendo a Revolução em França —, a entidade estava entre as pessoas que vinham à Corte, e daquelas que serviam como damas de honor da rainha desse período. Pousada, calma, dando sempre muitos conselhos,

ganhou muito moralmente na sua vida nesse período. Mas perdeu moralmente no medo de exprimir o seu eu profundo. O seu nome foi Lucia. (Leitura 778-1.)

E eis finalmente uma nota, muito negativa, de um padre organizador de... «balas cor-de-rosa»:

A entidade estava então nesse país conhecido como a França, mesmo antes da Revolução. De seu nome Charles Characters, ela fornecia às pessoas distrações para egoístas. Pois, como padre, a entidade utilizava os ofícios, e as relações que isso lhe trazia, para satisfazer não só os desejos da sua carne, mas ainda o que lhe permitia construir uma situação, uma vida luxuosa e confortável. (Leitura 366-5.)

Este triste arrivista reencarnado num homem de trinta e seis anos, à época da leitura, era... inválido. Através do estilo empolado de Cayce, compreende-se que o mau uso do seu corpo físico — abuso dos prazeres egoístas — nas vidas antigas é a causa da decrepitude do seu corpo atual:

Eis por que hoje tem necessidade de ser assistido pelos outros para as necessidades do seu corpo, do seu espírito, para tudo o que o rodeia. Não há ali nada mais do que a «fatura» do que tu próprio tinhas carregado no teu «eu». (Mesma leitura.)

A cada um a sua verdade

Como diz muito bem a leitura seguinte:

A entidade estava em França nessa época em que muitos se interrogavam sobre os princípios fundamentais sobre os quais basear a moral dos povos. Embora a beleza, a harmonia, a música e a arte estivessem em destaque, eram utilizadas antes para a procura de prazeres físicos. A entidade, de nome Fauchee Bannssten [sic], ganhou moralmente nessa vida em conhecimento, mas não muito em compreensão. (Leitura 5231-1.)

Era uma época em que cada um devia encontrar a sua verdade e a sua linha de conduta pessoal, e assumi-la sozinho. Foi óbvio que o Antigo Regime se quebrara sobre um espartilho de instituições demasiado rígidas que se deveriam ter flexibilizado há muito tempo.

Um jacobino:

Nesse período de guerras e de combates entre as pessoas do povo e aqueles que eram conhecidos como monárquicos, em França, a entidade

vinha do povo, e esteve entre os que trabalharam para a ascensão do poder popular, que impeliram muita gente a reagir contra a agressividade — como era sentida — das pessoas no poder que abusavam da sua riqueza. Chamava-se Arney. A entidade ganhou e perdeu moralmente. Sendo considerada como um «duro», a entidade ativava-se muito a apoiar os agitadores, e não recuava perante nada para inflamar as imaginações e o desejo de liberdade. Daí lhe vêm, como se constata agora, estas tendências para se mostrar tirânico. (Leitura 398-1.)

A leitura é dada para uma menina de dois anos. Como diz Cayce, o drama dos jacobinos foi o de caírem nos excessos que eles próprios tinham condenado, e a ditadura do povo acabou por ser tão pesada que esmagou toda a gente.

Um homem político:

Antes desta vida, reencontramos a entidade neste país agora conhecido como a França, nesse período em que certas ideias, certas orientações eram tomadas, relativas aos poderes a dar aos grupos e às massas. Ali, a entidade colaborava estreitamente com aqueles que desempenharam um papel determinante não só na vida política em si mesma, mas no plano nacional de todo o país. E isto tem um significado profundo na experiência de vida da entidade. Era então um conferencista — conhecido em direito hoje — e um dos mais firmes advogados do Terceiro Estado.

O seu nome: Charlean Heltzlett. Nesta experiência de vida, a entidade ganhou moralmente pois, embora estando num sexo diferente do de hoje, fez muito para favorecer o acesso de um grande número às responsabilidades governamentais. E tudo o que vem desse país, a entidade sente-o como uma parte de si mesma, como um saber inato. E as emoções que sente hoje, na sua vida atual, vêm-lhe da influência e das energias experienciadas nessa vida. (Leitura 1847-1.)

A leitura foi dada para uma mulher de sessenta anos que, tendo sinceramente procurado servir, apenas recebe felicitações de Cayce por esta vida francesa!

Eis uma outra figura política menos pura:

Reencontramo-lo nas cortes de França, quando o poder mudou de mãos para passar para as do povo. A entidade fazia parte da Assembleia [Nacional] e chamava-se Myratt. A entidade ganhou e perdeu moralmente nesta estada,

pois as motivações egoístas de engrandecimento do eu trouxeram-lhe uma destruição do seu mental e das suas forças espirituais. Daí a sua necessidade, presentemente, de dar ordens a toda a gente, mesmo quando tal não é necessário. (Leitura 3929-1.)

A famosa jornada de 5 de outubro de 1789 é evocada. É aquela em que as mulheres de Paris, em particular as vendedoras de peixe do mercado (*Halles*) — as «*poissardes*» —, irão buscar o rei e a sua família a Versalhes para os trazerem de volta a Paris, gritando: «Trazemos o padeiro, a padeira e o pequeno aprendiz de padeiro.» É que Paris tem fome: devido à desordem e ao desemprego, os abastecimentos de trigo já não chegam em quantidade suficiente para alimentar a capital.

Eis a leitura:

A entidade estava no país francês nesses períodos em que arrancava o que é conhecido como a Revolução Francesa. Ali, reencontramos a entidade entre as mães de família que contribuíram para despertar no povo um ressentimento em relação ao poder. De seu nome Renée Wentwerth, a entidade ganhou e perdeu moralmente na experiência. Os seus ideais do direito universal ao trabalho, à assistência social e os seus objetivos eram bons. Mas, uma vez alcançados, isso tornou-se uma pedra de tropeço para a entidade, pois ela tornou-se tão ditatorial como aqueles cujo lugar tomara. Daí a necessidade, ao longo da sua vida atual, de receber ordens de outrem, bem como de dominar as suas tendências [autoritárias] que procuram exprimir-se. A entidade, como dissemos, é facilmente perturbada, mas saiba que ao desenvolver a paciência retomar a posse da sua alma. (Leitura 1971-1.)

Sabe-se que as vendedoras de peixe das *Halles* não mediam as palavras, e temiam-se estas mulheres fortes cuja designação de «*harengère*» (vendedora de arenque) roça a palavra «megeira»...!

Eis um outro tipo de mulher, do género que aproveita tudo para se safar:

[...] Ao tempo das revoluções no que é agora a França. A entidade foi daquelas que, nesta experiência de vida, foram sacudidas entre a política e a Igreja. Chamava-se Amélie, e vinha de uma família de oficiais da guarda do rei. A entidade interveio como agente de ligação entre diferentes associações ou grupos de patriotas e de revolucionários. Ali ganhou e perdeu moralmente. Ganhou enquanto manteve um ideal de serviço aos outros; perdeu quando

esqueceu esse ideal nos prazeres egoístas; mais exatamente, neste combate pela sobrevivência, a entidade perdeu de vista o seu ideal. Daí, atualmente, a sua combatividade — este combate interior contínuo entre as suas ideias, os seus objetivos, os seus projetos, os seus desejos. A entidade teve de ir a julgamento muitas vezes, interrogada sobre os seus proveitos materiais bem como sobre as suas relações diversas, sobre os meios que frequentava e as suas tentativas de permanecer independente. E, contudo, ela desertou o seu ideal. (Leitura 1733-2.)

Nas prisões revolucionárias, muitas mulheres só deveriam a sua salvação aos seus encantos, e a vida poupada às suas intrigas. Nestes tempos conturbados, não se era muito rigoroso nos princípios... Aqueles que se agarravam ao seu ideal arriscavam a guilhotina, como esta:

[...] Durante esse período em que Luís XVI em França provocou a tormenta que trouxe outras tormentas a outros povos — a muitos! No entanto, nesse período, emergiram princípios pelos quais a entidade agiu e se exprimiu na vida seguinte. A entidade esteve entre os revolucionários, era uma líder que dirigiu as atividades contra a rainha e as pessoas que detinham o poder. A entidade foi das primeiras do seu partido a ser decapitada pelas suas atividades de agitadora — chamava-se Celencentei [sic]. Presentemente, ela tem um desejo inato de conhecer um pouco mais sobre isso e, contudo, tudo isso está recalcado no fundo de si mesma com horror. No entanto, o princípio da liberdade das pessoas, a liberdade pessoal, permanece enraizado na entidade — e esses princípios inatos procuram manifestar-se, encontrar um meio de expressão nas suas atividades. (Leitura 852-12.)

A primeira parte da leitura acusa abertamente Luís XVI de ter provocado a Revolução, que depois ateará o fogo em toda a Europa: *When Louis the sixteenth in France made the turmoils*. É certo que Luís XVI, embora constantemente traído pelos seus irmãos, careceu constantemente de coragem e desiludiu as esperanças que nele se depositavam. Todos os bons espíritos do seu tempo o avisaram da urgência das reformas, da iminência de perigos. Ele escutava, hesitava, demitia os servidores demasiado francos... e passava dias na caça para esquecer. Maria Antonieta, por seu lado, atordoava-se nas festas.

Lamothe-Vaujon, nas suas *Memórias*, conta uma entrevista secreta que teria tido lugar entre Maria Antonieta e o Conde de Saint-Germain, em Versalhes. Este ter-lhe-ia anunciado antecipadamente tudo o que corria o

risco de acontecer, e ter-lhe-ia pedido para impedir a catástrofe, para demitir o ministro Maurepas. Este teria dissuadido o rei e a rainha de ouvirem Saint-Germain. Nunca se pôde provar se este relato era verdadeiro ou falso. Seja como for, já no tempo de Luís XV muita gente vira claro e expressara-o publicamente nos seus relatos e palavras. Luís XVI dispunha de uma potência ainda forte: a realeza era respeitada e os soberanos poderiam ter tomado o caminho estreito das reformas que poderiam ter feito aceitar.

A leitura evoca também o trauma duradouro — de uma vida para a outra — sofrido por aqueles que foram guilhotinados. Reviver o episódio doloroso permitir-lhes-ia compreendê-lo e libertarem-se dos traumas, mas, ao mesmo tempo, têm demasiado medo de descer novamente a esse pavor... Conheço uma mulher que sofreu toda a vida de dores de cabeça na zona da nuca. Nenhum médico conseguia tratá-la. Decidindo-se um dia a empreender uma regressão a vidas anteriores com um psiquiatra reencarnacionista, esta pessoa reviveu uma vida onde fora decapitada... Passada a emoção, sentiu-se libertada. Teve a coragem de enfrentar de frente esta recordação dolorosa e, agora, nunca mais tem dores de cabeça! Dessas «terapias pelo conhecimento das vidas anteriores», Cayce é, naturalmente, um dos grandes pioneiros. Ele abriu o caminho — e agora já não poderemos passar sem ele. A reencarnação será em breve integrada em todas as terapias... Já não se fará medicina ou psicologia sem ter em conta esta realidade fundamental.

Eis um grupo de leituras que evoca esse terrível período onde a prisão e a morte rondavam cada cidadão:

Reencontramo-lo durante a Revolução Francesa, nesse período em que a tempestade política encheu as prisões, e à época das primeiras tentativas de fuga das pessoas reais. (Pois os irmãos de Luís XVI conseguiram fugir, bem como as suas tias e muitos outros parentes da família real. O rei agiu demasiado tarde...) A entidade estava então entre os soldados. Não que estivesse contra o rei, mas foi compelido pela força das coisas, e pelas circunstâncias, a aparecer como estando de ambos os lados ao mesmo tempo. O seu nome era Éloid. A entidade perdeu e ganhou nesta experiência de vida — pois os dias eram longos nestes tempos conturbados — e nesse período em que os homens tiveram muitas vezes de adaptar as suas ideias e de mudar de vida. A entidade, no último período da sua existência, deu muito de si mesma difundindo entre o povo publicações escritas no interesse do público. Reuniu aqueles que estavam nos postos avançados em torno de um objetivo comum. Sob o Terror e no período de perturbações que se seguiu, a

entidade sofreu no seu corpo e no seu espírito. Daí, hoje, os seus combates interiores. (Leitura 311-1.)

Mas continuemos sobre as prisões:

Durante a Revolução Francesa, a entidade estava entre aqueles que estavam empregados na Casa do rei; era um dos guardiões daqueles que assistiam o rei durante o seu cativeiro. Chamado Jean Paula [finalmente um nome em francês ou quase!], ganhou e perdeu nesta experiência. Sendo um assistente, um servidor com quem o rei conversava frequentemente, fornecia uma grande parte das distrações [dos prisioneiros] bem como dos conselhos que teriam causado horror a muitos. A entidade ganhou e perdeu ao longo desta experiência, ganhando no serviço, perdendo ao cultivar os seus ressentimentos. Daí lhe vêm hoje estas influências hereditárias e familiares, bem como esta tendência para a música propícia a meditações místicas, algo tristes. (Leitura 933-1.)

O pior inimigo do Homem é o medo:

Na vida anterior, reencontramos a entidade não muito longe dali, no período em que o monarca detronado reinava sobre a França. [De facto, desde a morte de Luís XVI, o rei detronado era o pequeno Luís XVII.] A entidade era então um assistente, alguém colocado ali onde estava para ajudar os filhos das vítimas físicas [da Revolução]. A entidade ganhou moralmente, não sem sofrer. O medo do poder dos poderosos, que deveria ter sido atenuado pelo respeito devido às leis divinas, tornou-se inato na entidade — por causa do que ela sofreu durante esse período. O seu nome era Maithae. (Leitura 115-1.)

A alusão a **Madame Royale** e a **Luís XVII** é clara. Pois os filhos das outras vítimas físicas da Revolução não eram guardados como reféns. Deixavam-se as crianças nas famílias, ao cuidado dos que ficavam, ou então acabavam em orfanatos. Por vezes, eram encerrados com os pais. Mas os dois únicos que foram guardados neste ambiente de terror foram os dois pobres pequenos «Capet». Vagas de execuções dizimaram os seus guardiões sucessivos, sempre suspeitos de terem estado envolvidos numa tentativa de rapto (a começar pelo próprio Simon que foi guilhotinado). E quando se constatou que o rapto tivera sucesso, que o pequeno prisioneiro já não era o mesmo (o que está abundantemente provado hoje), o ambiente de terror redobrou entre o pessoal da torre do Templo.

Ainda assim, esta incrível criança de quem ninguém sabe de quem nasceu, de quem ninguém sabe onde e quando morreu... Não espantará saber que nasceu a 27 de março — o início de Carneiro para o zodíaco oficial, mas na verdade Peixes, feita a correção da precessão dos equinócios (*ayanamsa*). O mistério, o charme de Peixes, a prisão do zodíaco...

Eis uma personagem pouco apreciada:

Estava no país francês, durante esse período de Revolução em que as execuções se faziam no país. A entidade era então o carrasco, nesse período. Detestando-se e detestando o papel que desempenhava na situação. Perdeu-se ao desafiar aqueles que se revoltaram contra a Revolução. Presentemente, uma tendência para odiar, para denegrir, para perseguir, em particular os intelectuais que são capazes de criticar porque têm capacidades mentais. (Leitura 1728-2.)

O pobre diabo... Faz-se o que se pode para ganhar o pão quotidiano e, por vezes, não se tem escolha! Ele já tinha um passado bastante carregado, como soldado na guerra de Troia. Cayce diz: *again the soldier* (o que deixa entender que esse carrasco começara por ser soldado, antes de aceitar esse ofício pouco reluzente). Na vida troiana, tinha mau espírito:

Persuadida de que todos os que estavam no poder eram os opressores dos pobres, a entidade desenvolveu a tendência para denegrir sistematicamente os que detêm o poder político, os soberanos, os juízes, a polícia, etc. (Mesma leitura.)

Terá este niilista comum reencarnado em Sanson, que executou Luís XVI? Como havia muito que fazer nesse ofício, suponho que Sanson não fosse o único carrasco em funções — por isso, a leitura não dá detalhes suficientes para afirmar que se trata dele.

O Inca Marat

Finalmente, para terminar a Revolução, aquele que foi um dos seus símbolos, a figura de proa:

Nesse período em que a Revolução em França viu o levantamento do povo miúdo, a entidade estava então entre os que lutavam para defender a ideia de que o povo devia ter direito de fiscalização sobre as leis e os juízes. E o seu nome foi Marat. (Leitura 960-4.)

A partir daqui, a leitura está incompleta e, em parte, intraduzível; faltam palavras, há uma nota de Gladys Davis que pede desculpa dizendo que a estenógrafa falhou algumas palavras. Uma passagem mais clara diz que o que ele fez quebrou muitos entusiasmos, e a entidade perdeu moralmente durante essa parte da sua experiência de vida (mesma leitura).

É realmente pena que Marat tenha interessado tão pouco à secretária de Cayce! Mas o resto da leitura fornece, contudo, informações. Marat tinha um passado cármico carregado:

[Nos tempos bíblicos], quando se reconstruía a Cidade Santa [Jerusalém], a entidade foi dos que queriam nela restabelecer um culto; e, contudo, procedeu de tal maneira que atraiu a si os que pertenciam ao Mal. (Mesma leitura.)

A leitura fala de perseguições e diz que essa vida vinha do facto de ele não compreender a aplicação das coisas espirituais (mesma leitura).

Na vida anterior, reencontramo-lo quando os *Ohms* estavam nesse país conhecido como o Perú. [Olha: como a rainha Maria Antonieta, que também lá esteve! Ver atrás.] A entidade estava entre os soberanos desse período. Perdeu pelo seu egoísmo; e, brandindo como uma arma o poder e a alta posição que lhe tinham sido dados, fez deles mau uso. (Mesma leitura.)

Marat contribuiu muito para fazer condenar à morte Luís XVI e Maria Antonieta. Velha conta a ajustar datada das suas encarnações peruanas? É mais do que provável. Tenho diante dos olhos o retrato de Marat, pintado por Joseph Boze, que se pode ver no museu Carnavalet. Se lhe puséssemos um poncho nos ombros, um gorro de lã listado e multicolor na cabeça, tomá-lo-íamos realmente por um Quechua de gema. Nariz adunco pré-colombiano, tez morena, aspeto de condor, sobrancelhas em cordilheira, rosto acidentado à Machu Picchu, maçãs do rosto salientes como o Aconcágua... quero bem acreditar que ele chega diretamente de uma encarnação nos Andes! Cayce, generoso, não o condena. Diz apenas que, dessas encarnações, a entidade extrai o desejo de uma situação importante, a sede de poder, embora estando inibida por uma força de inércia. Que este espírito em curso de desenvolvimento seja guiado de tal sorte que encontre em si mesmo a força interior de realizar os seus desejos (mesma leitura).

Nas passagens difíceis de decifrar, devido às palavras em falta, noto, no entanto, várias vezes as palavras *inatividade* e *inação*. Como os termos das

leituras nunca são empregados ao acaso, isso indicaria o problema psicológico fundamental de Marat: um bloqueio ao nível da ação, que o teria levado a "exagerar" para sobrecompensar. O que o transformou nesse ativista fanático da nossa História. Os peruanos poderiam tê-lo guardado para eles, ao seu soberano...

Na análise astrológica que Cayce faz dele, sublinha esses bloqueios:

As forças inibidoras de Saturno e também o extremismo dos Uranianos [que só conhecem o tudo ou nada] trazem-lhe essas paixões, essa selvajaria violenta, que não podem ser domadas pela força, mas conquistadas, guiadas e canalizadas pelo amor. Um ser que, se for bem educado, poderá manifestar-se com sucesso em muitas vias, na justiça, na literatura... (Mesma leitura.)

Na vida anterior, Marat era médico. Escreveu também tratados científicos, jurídicos, políticos, etc., que lhe deram, na época, um certo renome. Hoje, diz Cayce, ele pensa nisso e quer ainda escrever. Entre a sua vida americana e a sua vida como Marat, ele seguramente melhorou nalgum lugar, porque Cayce diz:

Está atento aos outros e não deseja ver sofrer nada nem ninguém. Mas tem por vezes a ideia de trocar ou de se mostrar sarcástico, a maior parte do tempo contra os que queriam perseguir alguém. (Mesma leitura.)

Pelo que se vê, a reencarnação melhora até os loucos sanguinários. Não se deve desesperar de ninguém! A leitura foi dada para um rapaz de treze anos que (espero eu para a sua tranquilidade de espírito) partilhava a ignorância geral das pessoas de Virginia Beach pela História de França.

Interroguei-me igualmente sobre este facto estranho e tão raro nas leituras: uma passagem quase incompreensível, porque nela faltam várias palavras-chave que a secretária não anotou. Cayce repete incessantemente que temos um conhecimento inato das nossas vidas anteriores, não necessariamente consciente, mas esse conhecimento está, todavia, presente no fundo de nós mesmos.

Se a secretária de Cayce, ex-princesa real (em várias vidas, como vimos), que ainda dava muita importância aos seus privilégios "reais" quando a conheci, não conseguiu transcrever corretamente as leituras de Marat, é porque era demais para ela! Marat, o assassino do rei e da rainha... Algo nela

deve ter-se revoltado. Somos de tal modo condicionados pelos nossos reflexos nas nossas vidas anteriores!

E depois, finalmente, com esta questão pouco clara das vidas anteriores de Cayce em França — pelo menos três! — terá ele vivido em França sob a Revolução uma vida que não revelou? Com a sua secretária a encarnar cada vez com ele? Pode-se colocar a questão, pois os consultantes de Cayce são todos pessoas que o conheceram nas suas vidas anteriores, em particular nos períodos em que ele próprio encarnou.

Ora, para a Revolução Francesa, vimos o número importante de leituras que foram dadas (e ainda não as traduzi todas!). Teria Cayce encarnado nesse tempo? Senão, porquê tal quantidade de leituras? Cayce nunca disse que tinha revelado todas as suas vidas anteriores. Esperava provavelmente que lhe fizessem a pergunta... E depois, talvez não fosse desejável contar algumas das suas vidas. Os elementos das vidas francesas que ele deu, com esses detalhes frequentemente pouco coerentes entre si, sugerem que há ainda muitas outras coisas não ditas, e sobre as quais nos podemos interrogar!

Perguntaram-me se existia uma leitura especial sobre Napoleão nas leituras: não, não existe. Mas há ainda leituras apaixonantes sobre a França no século XIX, e sobre os Franceses na conquista do Novo Mundo: Canadá e Luisiana. Há sobre a Alsácia-Lorena e sobre a Suíça que traduzi no volume III (op. cit.) — e talvez possa continuar a traduzi-las num volume IV!

Contracapa

Dorothee Koechlin de Bizemont. É jornalista e especialista na filosofia cayciana. Trabalhou vários anos na Fundação Cayce, de onde trouxe documentos pouco conhecidos na Europa.

A quem devia Maria Antonieta o seu *look* pré-colombiano? Que Carma iam os cruzados liquidar na Palestina? Sabia que é possível curar à distância? Que o ritmo incantatório do Pai-Nosso faz dele o melhor dos mantras?

Admiravelmente decifradas por Dorothee Koechlin de Bizemont, as revelações de Edgar Cayce sobre as vidas anteriores dos grandes deste mundo abalam as ideias feitas e oferecem-nos uma interpretação inovadora da História de França. Do mesmo modo, ao desvendar os segredos da medicina holística, a autora tenta trazer a lume um saber desaparecido que ressurgue sob as formas mais inesperadas.

Um documento precioso, revelações perturbantes, uma resposta à pergunta universal: **quem somos nós?**